

A N R L

1936



AD LUCEM VERSUS

Revista da Academia Norte-ri- grandense de Letras

9

976

COMEMORATIVA DO 40º ANIVERSÁRIO DE FUNDAÇÃO



REVISTA DA ACADEMIA NORTE-RIO-GRANDENSE DE LETRAS. Natal

Editora Universitária, 1951 —

anual

Capa: ANDRÉ

Academia Norte-rio-grandense de Letras

Rua Mipibu, 443

59.000 — Natal — Rio Grande do Norte, Brasil.

REVISTA DA ACADEMIA NORTE-RIO-GRANDENSE DE LETRAS, v. 1 --

n.º 1 — 1951 —

Natal, Editora Universitária, 1951 —

V. 16 x 23 cm

CDU - 869.0(81):061.232(813.2)(05)



SUMÁRIO



A SEDE PRÓPRIA DA ACADEMIA	
Manoel Rodrigues de Mélo	15
EM MEMÓRIA DE ADERBAL DE FRANÇA	
Edgar Barbosa	25
APRECIACÃO LITERÁRIA DA POESIA DE SEGUNDO WANDERLEY	
Pe. Jorge O'Grady de Paiva	29
A PROPÓSITO DE LEITURAS	
Américo de Oliveira Costa	49
TRES POEMAS DE ESMERALDO SIQUEIRA	
Esmeraldo Siqueira	51
WALDEMAR DE ALMEIDA	
Onofre Lopes	55
AGRADECIMENTO	
Raimundo de Almeida	61
MACAÍBA HÁ UM SÉCULO — 12 DE SETEMBRO DE 1876 — NASCIMENTO DE AUTA DE SOUZA	
José Melquiades	63
O CLIENTE FALA DE MEDICINA	
Alvamar Furtado de Mendonça	73
LEMBRANÇA DE EDGAR BARBOSA	
Nilo Pereira	89
AGRADECIMENTO	
Elione Barbosa	101
DIÓCLÉCIO DUARTE	
Otto de Brito Guerra	103
PALAVRAS DE AGRADECIMENTO	
Moacyr Duarte	107
SAUDAÇÃO A MEIRA PIRES	
Nilo Pereira	113



ADHERBAL DE FRANÇA — O HOMEM
O JORNALISTA

Meira Pires	121
FLORIANO CAVALCANTI	
Otto de Brito Guerra	131
ALBIMAR MARINHO	
Diógenes da Cunha Lima	137
FLORIANO CAVALCANTI DE ALBUQUERQUE	
Luiz Rabelo	141
RETRATO DE UM IMORTAL	
Jaime dos G. Wanderley	161
AGRADECIMENTO	
Manoel Cavalcanti de Albuquerque	169
SAUDAÇÃO A RAIMUNDO NONATO FERNANDES	
Veríssimo de Melo	173
DAMASCENO BEZERRA, POETA E BOÊMIO	
Raimundo Nonato Fernandes	177
JUVENAL ANTUNES	
Edinor Avelino	185
SAUDAÇÃO A EDINOR AVELINO	
Veríssimo de Mélo	193
JUVENAL LAMARTINE, UM PIONEIRO	
Nilo Pereira	201
PALAVRAS DO REPRESENTANTE DE FAMÍLIA	
Oswaldo Lamartine de Faria	213
PALAVRAS DE AGRADECIMENTO	
Max de Azevedo	215
JUVENAL LAMARTINE — HOMEM DE PENSAMENTO E AÇÃO	
João Batista Cascudo Rodrigues	219

ACADEMIA NORTE-RIO-GRANDENSE DE LETRAS



PRIMEIRA DIRETORIA: 1936

Presidente — Henrique Castriciano

Secretário Geral — Luís da Câmara Cascudo

1.º Secretário — Edgar Barbosa

2.º Secretário — Adherbal de França

Tesoureiro — Clementino Câmara

Comissão de Contas — Ivo Filho, Virgílio Trindade e
Francisco Palma

Comissão da Revista — Juvenal Lamartine, Floriano Caval-
canti e Antonio Soares.

DIRETORIA ATUAL: 1976

Presidente — Onofre Lopes

Secretário Geral — Otto de Brito Guerra

1.º Secretário — Veríssimo de Mélo

2.º Secretário — Aderbal de França

Tesoureiro — Enélio Petrovich

Bibliotecário — Oswaldo de Souza

Comissão de Sindicância — Paulo Pinheiro de Viveiros —
Alvamar Furtado de Mendonça —
Américo de Oliveira Costa.

Comissão de Contas — D. Adelino Dantas, Diógenes da Cu-
nha Lima e Maria Eugênia Monte-
negro.

Comissão da Revista — João Medeiros Filho, Mariano Coe-
lho e José Melquiades de Macedo.

PATRONOS ACADÊMICOS

CADEIRA	PATRONO	ACADÊMICO
1	Padre Miguelinho	Raimundo Nonato da Silva
2	Nísia Floresta	Hélio Galvão
3	Conselheiro Brito Guerra	Otto Guerra
4	Lourival Açucena	Enélio Petrovich
5	Moreira Brandão	Vaga
6	Luis Carlos L. Wanderley	Vaga
7	Ferreira Nobre	Mariano Coelho
8	Isabel Gondim	Walter Wanderley
9	Almino Afonso	Peregrino Júnior
10	Elias Souto	Bruno Pereira
11	João Maria	Onofre Lopes
12	Amaro Cavalcante	Veríssimo de Mélo
13	Luis Fernandes	Luís da Câmara Cascudo
14	Joaquim Fagundes	Antonio Fagundes
15	Pedro Velho	Umberto Peregrino
16	Segundo Wanderley	Maria Eugênia Montenegro
17	Ribeiro Dantas	Aluizio Alves
18	Augusto Severo	D. Nivaldo Monte
19	Ferreira Itajubá	Nilo Pereira
20	Auta de Souza	Palmira Wanderley
21	Antonio Marinho	Luis Rabelo
22	Leão Fernandes	D. Adelino Dantas
23	Antônio Glicério	Jaime G. Wanderley
24	Gotardo Neto	Antônio Soares Filho
25	Ponciano Barbosa	Meira Pires
26	Manoel Dantas	Diógenes da Cunha Lima
27	Aurélio Pinheiro	Américo de Oliveira Costa
28	Padre João Manoel	Paulo Pinheiro de Viveiros
29	Armando Seabra	Esmeraldo Homem de Siqueira
30	Padre Augusto Franklin	Manoel Rodrigues de Melo
31	Padre Brito Guerra	José Melquíades de Macedo
32	Francisco Fausto	João Batista Cascudo Rodrigues
33	Tonheca Dantas	Oswaldo de Souza
34	José da Penha	Alvamar Furtado de Mendonça
35	Juvenal Antunes	Ednor Avelino
36	Benício Filho	João Medeiros Filho
37	Jorge Fernandes	Newton Navarro
38	Luís Antônio	José Tavares
39	Damasceno Bezerra	Raimundo Nonato Fernandes
40	Afonso Bezerra	Sanderson Negreiros

ESTE NÚMERO . . .

. . . da Revista da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras é, antes de tudo, a comemoração de uma vitória. Aqueles que, sob o comando de Luís da Câmara Cascudo, há quarenta anos, numa tarde de agosto, se reuniram para criar a Academia, não poderiam firmar-se no futuro com segurança de êxitos. Não que se escasseassem determinação e ideais. Não que a substância humana não fosse bastante para as glórias literárias. É que todo empreendimento tem as suas dúvidas, os seus receios e, às vezes, os seus denânimos. A primeira sessão, da fundação, em 14 de novembro de 1936, foi a definição de um pensamento, a manifestação de confiança no espírito criador da terra. Luís da Câmara Cascudo, Henrique Castriciano, Edgar Barbosa, Aderbal de França, Matias Maciel, José Augusto, Juvenal Lamartine, com outros de igual projeção, fizeram os alicerces da casa, cujas dimensões, no decorrer de quarenta anos, são a melhor moeda cunhada no valor cultural da Província.

Publicando mais um número de sua Revista — o número comemorativo da efeméride, — deseja-se fixar no tempo a vitória daqueles idealistas e exaltar a fidelidade das gerações que vieram. Quarenta anos de fundação da Academia e vinte e quatro da circulação desta Revista. Os vinte e cinco iniciadores da instituição foram, em verdade, conduzidos pela força de uma grande esperança. A esperança que não se desfez como as miragens. Viveu a Academia as dificuldades dos seus primeiros passos e fortificou-se na luta. Primeiro, funcionando no alpendre acolhedor de Câmara Cascudo, depois como inquilino gratuito do antigo Instituto de Música e, mais tarde, do Instituto Histórico e Geográfico. Agora, temos a nossa sede, graças à tenacidade e determinação de Manoel Rodrigues de Melo, presidente integral durante vinte anos.

A Revista circula, hoje, em comemoração a quarenta anos de trabalhos e de dedicação dos imortais da terra. É mensagem de fé e confiança. É o depoimento do passado, feito exemplo. É o ensinamento de que as forças telúricas e o espírito da nossa gente são forças valorizadoras do homem e da sua cultura.

ONOFRE LOPES

Presidente

UMA HOMENAGEM

No ano de 1951, circulava o primeiro número da Revista da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras. Presidida, então, os destinos de nossa instituição, o acadêmico Paulo Pinheiro de Viveiros e era diretor responsável da Revista o acadêmico Nestor Lima. De lá para cá, vinte e cinco anos passaram. A Academia prosseguiu, normalmente, nas suas atividades de centro máximo e polarizador da cultura do Rio Grande do Norte. Por seu lado, a Revista se foi tornando um repositório precioso e fecundo de estudos, ensaios, pesquisas e trabalhos de natureza vária, todos tendo como sentido e objetivo figuras, acontecimentos e coisas ligadas à vida intelectual do Estado. Os patronos das cadeiras acadêmicas e quantos as foram ocupando, sucessivamente, ou as ocupam ainda, ao longo dos quarenta anos de existência da Academia, se encontram, de modo geral, estudados nos milhares de páginas da Revista, nas condições de sua personalidade, nas suas atividades, nas suas obras, nas suas presenças, em suma, no cenário tanto cultural e social, como, por vezes, histórico e público da nossa terra. Verifica-se, igualmente, que nenhum fato desse período, envolvendo expressões e manifestações de inteligência e de arte norte-rio-grandense, deixou de nela figurar, em comentários ou referências.

O número especial com que agora circulamos, comemorativo dos quarenta anos da Academia, tem uma finalidade procíua. Registrar e lembrar, num gesto de homenagem, a nossa própria Revista, sempre atuante apesar das dificuldades inerentes à manutenção de uma publicação dessa espécie em ambiente provinciano. Essa homenagem abrange, evidentemente, seus diretores e responsáveis e seus colaboradores, desde o exemplar inicial, todos unidos no objetivo comum do serviço às letras e ao desenvolvimento cultural do Rio Grande do Norte.

LUÍS DA CÂMARA CASCUDO – O FUNDADOR

Na ata de fundação da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras, datada do dia 14 de novembro de 1936, Luís da Câmara Cascudo declarou que acabava de cumprir a missão que lhe delegara a Academia Carioca de Letras, para que fundasse em Natal uma instituição cultural congênere. Para tanto, sensibilizou e convocou as maiores expressões intelectuais da terra.

A partir daquele dia estava lançada a semente da instituição. Sua concretização no tempo resultou não só do esforço dos vinte fundadores, mas sobretudo do impulso inicial, da fé e do entusiasmo que ele soube instalar nos seus companheiros e continuadores.

Ao completar, no dia de hoje, quarenta anos de existência útil e radiosa, o seu fundador, Luís da Câmara Cascudo, desfruta a alegria de assistir à vitória de sua maior realização no campo das instituições que ajudou a criar e desenvolver no Rio Grande do Norte.

Seus companheiros de fundação, substitutos e continuadores se irmanam nesta data de júbilo da Academia e firmam o compromisso de levá-la adiante com os mesmos propósitos iniciais: o trabalho silencioso de valorização das letras norte-rio-grandenses, através do estudo e da pesquisa dos valores genuínos de nossa terra.

A Revista registra o acontecimento e saúda afetuosamente o seu grande fundador.

PRESIDENTE MANOEL RODRIGUES DE MELO

Manoel Rodrigues de Melo, após vinte anos de inexcedível dedicação, deixou a presidência da Academia. Iniciou e concluiu o edifício sede da instituição. Trabalho de vinte anos, contados todos os minutos de estafantes dificuldades. Sem recursos, usou o maior capital de todos os tempos, para qualquer realização: O desejo de querer fazer. Todos os obstáculos foram vencidos. Parte de sua vida misturou-a com os alicerces, as paredes, os salões, as dependências do prédio, numa espécie de desvario sagrado. Abandonou-se para viver somente para a Academia, incansável e ciumento. "A pé e sem relógio", como disse Veríssimo de Mélo e Nilo Pereira consagrou. Agora, está recolhido ao seu gabinete de escritor, pesquisando, lembrando o passado, homens e fatos; recordando e esquipando no seu cavalo de pau pelas várzeas do Açú; cascaveando restos de velhos jornais, ouvindo, falando pouco e, vez por outra, rindo gostosamente no "Grande Ponto", nas rodas de confrades escolhidos.

A Revista saúda e homenageia o seu velho presidente.

A BANDEIRA DA ACADEMIA

O nosso ilustre conterrâneo e membro correspondente desta Academia, Padre Jorge O'Grady de Paiva, em atendimento à solicitação que lhe fizera o ex-presidente Manoel Rodrigues de Melo, foi o autor do magnífico estudo de heráldica para dotar esta instituição de sua bandeira.

Homem de letras e de ciência, escritor primoroso, autor de livros de grande projeção como o monumental "DICIONÁRIO DE ASTRONOMIA E ASTRONÁUTICA", "NA SEARA DAS LETRAS, DA FÉ E DA CIÊNCIA", "VERDADE E VIDA" e outros, integrante da Academia Carioca de Letras, o Padre Jorge O'Grady é também um estudioso de heráldica. Não somente idealizou toda a simbologia da bandeira, mas zelosamente mandou confeccioná-la e fez a doação de todo o conjunto, constante de uma bandeira para a fachada, uma outra ricamente trabalhada em setim, com mastro, pedal e lança destinada às grandes solenidades, ofertando, também, o selo, timbres e clichês.

A bandeira consta:

Escudo francês, em campo blau, com a fachada da sede da Academia; no centro, ladeado por dois ramos de oliveira, entrelaçados na base. O edifício da Academia em prata, com portas e janelas ao natural, em sabre. Os ramos de oliveira em sinopla verde, cruzados no final, representam o símbolo do trabalho tranqüilo e contínuo, *pacifica scientiae*.

O conjunto, à guisa de coroa, é encimado pela data de fundação — 1936 — e sobre o qual se acham as iniciais da instituição: ANRL.

A fachada superior em azul, significando elevação, altitude, tem as iniciais e data de fundação em negro. A faixa inferior, branca, com o lema acadêmico: **Ad lucem versus** (em direção da luz). O branco é a cor votiva, não apenas da inocência, mas do devotamento, da fidelidade ao ideal, da grandeza dos sentimentos superiores do espírito.

Numa das suas últimas sessões solenes, com o comparecimento de grande número de intelectuais, autoridades e acadêmicos, foi exposta a bandeira da Academia, com a leitura da simbologia idealizada pelo acadêmico Jorge O'Grady de Paiva, merecendo os maiores aplausos da numerosa e seleta assistência. Na oportunidade, o presidente Onofre Lopes esclareceu que a Academia registrou o seu profundo reconhecimento ao autor do valioso trabalho de heráldica.

A BANDEIRA DA ACADEMIA

O novo livro consubstancia e membro correspondente da Academia, Padre Jorge O'Grady de Paiva, em atendimento à solicitação que lhe fez o ex-presidente Manoel Rodrigues de Sá, foi o autor do magnífico estudo de heráldica que hoje nos traz o título de sua bandeira.

Flora de letras e de ciências, escritor primoroso, autor de livros de grande importância como o monumental "DICIONÁRIO DE ASTRONOMIA E ASTRONAUTICA", "A SEARA DAS LETRAS DA FE E DA CIENCIA", "VERDADE E VIDA", e outros, integrante da Academia Carlos de Lacerda e Padre Jorge O'Grady de Paiva, também um estudioso de heráldica. Não somente idealizou toda a simbologia da bandeira, mas, extremamente minucioso, confeccionou e fez a descrição de todo o conjunto, constante de uma bandeira para a fachada, uma outra para o trabalho em geral, com mastro, pedestal e lança destinada às grandes solenidades, acrescentando, também, o selo, timbre e chancel.

A bandeira comum

Escudo francês, em campo d'azul, com a fachada da sede da Academia; no centro, labareda por dois ramos de oliveira, entrelaçados na base. O edifício da Academia em perfil, com portas e janelas ao natural, em azul. Os ramos de oliveira em simples verde, crissalados no listel, representam o símbolo do trabalho fructífero e continuo, pacifica ciência.

O conjunto, à guisa de coroa, é encimado pela data de fundação — 1936 — e sobre o qual se acham as iniciais da instituição: ANRL.

A SEDE PRÓPRIA DA ACADEMIA (*)

MANOEL RODRIGUES DE MELO

A Revista da Academia publicou dois longos relatórios. Um historiando a construção do Mausoléu de Nísia Floresta, na cidade do mesmo nome. Outro, inventariando os atos e fatos que culminaram na construção do Edifício que ora inauguramos.

Dispensamo-nos, por isso, de repetir aqui o que já fora dito nas páginas daqueles documentos, já por economia de tempo, já para poupar-vos de tão doloroso e enfadonho sacrifício.

Sabemos quanto é precioso o tempo do homem moderno, solicitado por tantos encargos de natureza profissional, envolto no aranhol do social, do político, do industrial, do comercial, do religioso, do cultural, de tantos outros ângulos que a técnica, o progresso e a civilização nos oferecem.

Por isso, dizíamos, não queremos tomar o vosso tempo, além dos limites impostos pela necessidade desta reunião.

Em 1955, recebemos a presidência da Academia das mãos do acadêmico Paulo Viveiros com um grande saldo de serviços prestados à cultura do Estado.

Funcionando àquela época no Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, a Academia apresentava um quadro de 30 cadeiras, patrocinadas e ocupadas por nomes representativos nas letras, nas artes e nas ciências do nosso querido Estado.

(*) Discurso pronunciado no dia 23 de janeiro de 1976, por ocasião da inauguração da sede da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras.

Em 1957, promovemos a reforma dos Estatutos e do seu Regimento Interno, aumentando para 40 o número de poltronas.

O crescimento da população da cidade, ao lado das transformações que se operavam logo após a segunda Guerra Mundial, exigiam essa ampliação nos quadros da Academia, preparando-a para receber mais tarde, em seu seio, as novas gerações de intelectuais que se formavam à margem da sua área, na imprensa, nas escolas, nos grêmios literários, nas mais diversas instituições que se moviam em torno da Academia.

A reforma dos Estatutos e do seu Regimento Interno tinha, assim, duas finalidades:

Primeira, dar oportunidade aos escritores jovens, que apresentassem condições de disputar uma cadeira na Academia;

Segunda, criar condições para construção da sede própria. Estes dois objetivos foram alcançados com pleno êxito.

A criação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, instituindo o ensino superior, entre nós, e ampliando a visão intelectual das novas gerações de nossa terra, mostrou, mais tarde, que tínhamos razão, quando, num gesto de otimismo e intuição, ampliávamos, de 30 para 40, o número de poltronas da mais alta instituição de letras do Estado.

A construção do prédio da Academia visava preferencialmente, duas coisas:

Primeira, criar condições para o trabalho mental dos intelectuais, na área da cultura desinteressada, abrangendo todos os campos da literatura e da arte;

Segunda, fazer da Academia um centro de interesse, na sua especialidade, que atraísse não só os seus membros mais diretos, mas todos quantos vissem, na literatura e na arte, um campo de curiosidade para aplicação das suas atividades artísticas e literárias.

Assim é que o projeto do Edifício obedeceu ao seguinte esquema:

Primeiro Andar:

a) Sala da Presidência;

b) Sala dos Acadêmicos;

c) Salão Nobre, destinado aos grandes atos da instituição, como sejam, posse de novos acadêmicos e outras solenidades desse tipo.

Andar Térreo:

Neste pavimento instalamos os seguintes serviços:

- a) Secretaria;
- b) Sala de Serviços Técnicos;
- c) Arquivo;
- d) Biblioteca;
- e) Sala de Leitura;
- f) Auditório.

O auditório destina-se ao **Cinema Educativo e Teatro Acadêmico**, duas grandes armas que possuímos em mãos, através das quais podemos realizar uma escola de civismo e de cultura no meio das novas gerações do Rio Grande do Norte.

Além desses dois campos de penetração na alma da gente potiguar, instruindo e educando, o Auditório poderá ainda servir para reuniões de natureza cultural e artística, como sejam conferências, simpósios, exposições de livros e artes plásticas, com grande proveito para a Academia e para a Cidade de Natal.

Feita esta ligeira exposição, pedimos permissão para dizer que, além do Mausoléu de Nísia Floresta e do Edifício da Academia, construídos no período de 1955 a 1976, conseguimos ainda, ajudados pelo Governo do Estado, Bancada Federal do Rio Grande do Norte, Prefeitura Municipal de Natal, Conselho Federal de Cultura, projetar e realizar outras iniciativas, de caráter eminentemente cultural, como sejam:

- a) publicação de nove números da Revista da Academia;
- b) publicação do livro "Patronos e Acadêmicos", do acadêmico Veríssimo de Mélo, em dois volumes, fazendo o levantamento biográfico e antológico de cento e vinte escritores vivos e mortos do Estado;
- c) publicação dos livros "Sínteses", de Edinor Avelino, "Ensaio, Contos e Crônicas", de Afonso Bezerra, "Quase Romance-Quase Memória", de Policarpo Feitosa, pseudônimo de Antônio de Souza, além de colaborar diretamente para a publicação do livro "Oiteiro", da escritora Maria Madalena Antunes Pereira, e indiretamente para a publicação do livro "Cachimbo de Barro", do contista José Pinto Júnior. Acrescente-se a esse trabalho, a confecção e inauguração do busto de Afonso Bezerra, na cidade do mesmo nome.

Isto sem falar no apoio que sempre demos a todas as iniciativas culturais da província, quer como presidente da Academia, quer como escritor, estimulando os novos escritores, prefaciando livros, nunca deixando de levar a nossa palavra de admiração e de afeto a quantos nos procuravam na área cultural e artística.

Na esfera administrativa da Academia, podemos dizer, sem modéstia, que deixamos a sede construída, a casa mobiliada, a biblioteca organizada, o arquivo em ordem, as atas em dia, as contas escrituradas em livros próprios, graças ao concurso da Técnica em Contabilidade, D. Severina de Souza Duarte, e das Técnicas em Biblioteconomia, Mere Alaíde de Souza e Hilda Bernadete de Oliveira, auxiliadas pelos jovens Antônio Potiguar de Castro Leiros, Glauce Maria Rodrigues da Silveira e Maria do Socorro Souza da Silva. Os serviços da biblioteca contaram ainda com a supervisão da Técnica em Biblioteconomia, Geísa Maria da Silveira Guerreiro.

Nesse longo período de vinte anos, diga-se de passagem, a Academia não esteve parada. Quando não era o trabalho externo, aquele que mais fere a vista do observador, era o trabalho interno, silencioso, obscuro, sem laivos de vaidade, que se realizava entre as quatro paredes da sede. Trabalho que só agora aparece, vinte anos depois da sua realização, por força de um ato próprio de inauguração.

Diga-se ainda, a bem da verdade, que as vagas abertas por morte de acadêmicos foram todas preenchidas e os seus titulares empossados, num trabalho persistente e contínuo de rotina acadêmica.

Quanto é penosa e cansativa a rotina! Mas quanto é proveitosa para as instituições que precisam viver ou mesmo sobreviver como é o caso da Academia. Milagrosa rotina que nos entregou de mão beijada, embora a poder de muitos sacrifícios, a sede própria, construída, instalada e organizada.

E a quem devemos tudo isso?

Ao Presidente? Aos acadêmicos? A essa diretoria que permaneceu nos cargos vinte anos ininterruptos, merecendo a confiança de toda a Academia? Sim e não. Sim, porque foram eles os intermediários, os interessados. Não, porque os acadêmicos não contribuem para os cofres da Entidade. Os membros da Academia deram o seu aval de confiança e essa diretoria. A diretoria deu o seu esforço, a sua capacidade de trabalho, a sua pertinácia, a sua dedicação diurna e noturna, muito mais ainda, o seu amor desmedido à obra que estava realizando. Mas, mesmo assim, a sede que hoje se inaugura, não é totalmente obra da diretoria. Sem o apoio do Governo do Estado, da Prefeitura de Natal, da Bancada Federal do Rio Grande do Norte, da Assembléia Legislativa do Estado, da Câmara Municipal de Natal, do Conselho Federal de Cultura, do Conselho Estadual de Cultura, do Comércio de Natal, da Coope-

rativa Central de Crédito Norte-Rio-Grandense Ltda., da Casa Bancária Norte-Rio-grandense Ltda., de tantas instituições e pessoas empenhadas nesse esforço e nesse sacrifício, de certo não estaríamos agora aqui inaugurando a sede da Academia Norte-Rio-grandense de Letras.

Seja-nos, pois, permitido, citar alguns nomes, embora correndo o risco da omissão involuntária.

Na área do Governo do Estado, citamos:

Sylvio Piza Pedroza, Dinarte de Medeiros Mariz, Aluizio Alves, Monsenhor Walfredo Gurgel, Professor José Cortez Pereira de Araújo e Dr. Tarcísio de Vasconcelos Maia.

Na área do governo do Município de Natal, lembramos:

Olavo João Galvão, Eliseu Leite e Djalma Maranhão.

Na área do Lgeislativo Municipal, aparecem Jessé Pinto Freire, João Alves de Santana, Luís de Barros, Felizardo Moura, Antônio Felix, além de outros.

A Bancada Federal do Rio Grande do Norte, na Câmara e no Senado, esteve sempre atenta aos nosos pedidos, colaborando na medida do possível para realização desta obra. Podemos citar: José Augusto, Dioclécio Duarte, Georgino Avelino, Dix-huit Rosado, Aluizio Alves, Tarcísio Maia, Teodorico Bezerra, João Galvão de Medeiros, Sérgio Marinho, Manoel Vilaça, Reginaldo Fernandes, Djalma Maranhão, Djalma Marinho, Vingt Rosado, Aristófanes Fernandes, Pedro Lucena, Grimaldi Ribeiro, Antônio Florêncio, Ulisses Potiguar, Duarte Filho, Jessé Pinto Freire, Álvaro Mota, Clóvis Mota, Henrique Eduardo Alves, Antônio Martins, Francisco Rocha, Agenor Maria, Wanderley Mariz.

No comércio bancário, podemos citar Aldo Fernandes Raposo de Melo e Ulisses Celestino de Góis.

No comércio de representações, destacam-se Sebastião Correia de Melo e Clodoaldo Xavier da Silva.

No comércio em grosso e a varejo, lembramos as firmas de Leonel Leite e Amaro Mesquita, fornecedores da Academia a longo prazo, sem jamais criarem problemas com o Presidente ou com os seus auxiliares.

Ao lado desses benfeitores da Academia, lembramos ainda dois nomes, sem os quais muita coisa teria deixado de ser feita.

São eles, um infelizmente morto, outro ainda vivo, gozando os resultados do seu trabalho, no seio da família: Paulo Paulino de Mesquita, meu amigo e meu vizinho, na Avenida Afonso Pena, e Luiz Eugênio Ferreira Veiga Filho, industrial e comerciante nesta praça. Eram eles os avalistas permanentes da Academia, ora na Caixa Rural, ora na Casa Bancária Norte-Rio-Grandense Ltda.

Mas, entre tantos benfeitores, avulta um nome que se destaca pela sua dedicação, pela sua competência, pela sua integridade moral, pelo seu valor profissional, pela presteza com que serviu

em todo o curso da construção desta obra, sem exigir compensação material.

Queremos nos referir ao Engenheiro Wilson de Oliveira Miranda, que acompanhou desinteressadamente a construção deste Edifício, dando de si todo esforço de criatividade e competência profissional. A ele cabe a honra de haver construído um dos mais belos edifícios da cidade, ligando o seu nome à história da Academia e, conseqüentemente, da Cultura no Rio Grande do Norte. Ao Engenheiro Wilson de Oliveira Miranda, externamos, nesta hora, os aplausos e a gratidão da Academia.

Ao lado de tantos nomes beneméritos, vem juntar-se o do Cônego Jorge O'Grady de Paiva, cientista de renome, sem deixar de ser, ao mesmo tempo, sacerdote de vida modelar e homem de letras, que, além de projetar os símbolos da Academia, mandou confeccioná-los em material de primeira qualidade, doando-os à Instituição, como prova do seu interesse e do seu devotamento à cultura do Estado. Ao Cônego Jorge O'Grady de Paiva, reiteramos publicamente os agradecimentos fraternos da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras.

Ao Acadêmico Raimundo Nonato da Silva, que reside no Rio de Janeiro, expressamos também os nossos agradecimentos pelos serviços gratuitos que prestou à Academia, em nossa gestão, com devotamento, presteza e dignidade.

Dizem que, nos Estados Unidos, as instituições sociais, sejam filantrópicas, educativas ou culturais são, na sua maioria, ou na sua totalidade, mantidas pelos particulares. Isto explica, de certo modo, a formação do povo americano e o seu extraordinário espírito de solidariedade.

Entre nós, o espírito de solidariedade existe, sem dúvida, faltando apenas quem o oriente e discipline, dando-lhe direções e rumos que venham fortalecer o espírito nacional.

A nossa formação ao longo de toda a vida nacional tem sido feita na base paternalista, quando não é na base individualista.

Vários mitos têm-se, por isso, criado ao longo dos séculos, na base paternalista e individualista, através de "slogans" como "O Imperador", "Meu Padrinho Cícero", "Ele Voltará" e muitos outros.

Isto explica a vocação governista do nosso povo, onde tudo é feito pelo governo ou com a colaboração do governo.

A construção da sede da Academia não poderia fugir a essa regra.

Durante todo o período da construção da sede própria, recebemos apenas quatro donativos particulares: três em dinheiro e um em material.

Esses donativos merecem um registro especial. Os dois primeiros, em dinheiro, foram oferecidos por Sebastião Correia de

Melo e Clodoaldo Xavier da Silva. O terceiro, em material, por Euclides Leite Ribeiro, já falecido.

E o quarto, em cheque, que nos deixou perplexo, dado sob a seguinte condição: não publicar o nome do doador.

Uma noite, depois de uma sessão solene, já na sede própria, um cavalheiro alto, bem vestido, maneiroso e delicado, aproximou-se do Presidente desta Casa, olhou a porta principal, o tecto, lançou a vista sobre a escada que leva ao primeiro andar e perguntou:

— Com que dinheiro você está fazendo esta obra tão bem construída?

A resposta veio rápida:

— Com os pequenos auxílios do Governo do Estado e da Bancada Federal, na Câmara e no Senado.

Dois dias depois, estava na Secretaria, quando vimos um carro parar no meio-fio da calçada fronteira.

Olhamos pelo vão da janela aberta e reconhecemos o cavalheiro da noite anterior. Levantamo-nos depressa, vestimos o paletó e marchamos para a porta principal. Era realmente o cavalheiro da noite da sessão solene. Feita a saudação protocolar, retirou do bolso um envelope e disse:

— Aqui está o meu auxílio para a construção da sede da Academia. E concluiu: apenas deseje que não seja publicado o meu nome.

Dito isto, despediu-se e saiu.

Acompanhamo-lo até o carro postado na calçada fronteira. De volta à Secretaria, abrimos o envelope, encontrando um cheque de cem cruzeiros.

Este cavalheiro, verdadeiro gentleman, que honra e enaltece as tradições gloriosas desta Cidade, é um grande médico, fundador de várias instituições sociais, entre nós, emparelhando-se nos gestos, na elegância, na bondade, aos mais nobres varões da República Velha, aos Januário Cicco, aos Juvino e Sinfrônio Barreto, aos Padre João Maria, aos Luiz Soares, a tantos outros em que Natal é pródiga pela sua vocação e pelo seu destino.

Pelos traços que esboçamos da sua figura e da sua ação apostolar entre nós, deveis saber o nome desse benemérito.

Não abriremos a boca para macular o seu nome. Queremos ser fiel ao seu pedido. Ele continua vivo, presidindo simbolicamente as instituições que fundara para aliviar as dores dos infelizes desta grande e maravilhosa cidade.

Voltamo-nos agora para dentro desta Casa e notamos a ausência de dois grandes companheiros que nos ajudaram nessa "via-crucis" pela construção da sede própria. Queremos nos referir a Rômulo Chaves Wanderley e Virgílio Galvão Bezerra da Trindade.

O primeiro, foi o nosso Secretário Geral até à morte. Leal, generoso, compreensivo, sempre esteve ao nosso lado nos momentos mais difíceis e delicados da nossa batalha.

Recordamo-lo agora com emoção, lamentando que não esteja vivo para sentir conosco as alegrias desta hora de confraternização.

Virgílio Galvão Bezerra da Trindade, temperando o seu ceticismo com o fino humor da sua verve à flor da pele, foi, durante toda a vida, o Tesoureiro desta Presidência, onde deu provas do seu caráter e da sua lealdade à toda prova.

Para tudo tinha sempre uma resposta oportuna e adequada.

Relembramo-lo, igualmente, nesta hora, em que inauguramos esta Casa que ele ajudou a construir com o seu devotamento e com o seu trabalho.

Senhores Acadêmicos:

Diz o adagio popular que todo louco tem a sua mania.

Santa mania que tem prestado tantos benefícios à humanidade. Sem nos considerarmos propriamente louco nem maniaco, entendemos um dia de ser útil à nossa terra e à nossa gente. E a forma mais simples de exteriorizarmos esses sentimentos foi pensarmos e pormos em prática a construção deste Edifício. Para quê? Para usufruirmos lucro na sua construção? Não. Para tirarmos proveito na sua utilização? Também não. Este Edifício foi feito para os intelectuais. Para os artistas, para os escritores, para os homens de pensamento e de cultura que acreditam na literatura e na arte. Para estes, sim, foi construída a sede própria da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras. Aqui poderão eles viver, reunir-se, discutir os seus problemas, escrever as suas obras, realizar as suas festas, promover congressos, simpósios, encontros, exposições, todos os movimentos relacionados com a cultura em geral. Cinema, teatro, literatura, artes plásticas, poesia, romance, conto, tudo isso tem seu lugar específico, determinado, dentro desta Academia. Queremos fazer desta Casa um centro de interesse do intelectual, qual quer que seja a sua tendência, a sua escola, o seu gênero literário.

Aos intelectuais, pois, de modo geral, fazemos entrega do Edifício que marcará para sempre uma nova fase na cultura norte-rio-grandense.

Senhor Governador:

Aceitando a presidência desta Academia em 1955, quando era Governador do Estado, o senhor Dinarte de Medeiros Mariz, tivemos uma idéia que nos acompanha até hoje, nas vésperas de passar a presidência a outro companheiro.

Sendo um homem de convicções profundas e inabaláveis, prometemos a nós mesmo consagrar-nos inteiramente ao ideal das letras e das artes, sem qualquer incursão no terreno da política partidária.

Esta posição não tem nada de oportunista, porque está sobretudo coerente com a missão de quem merece a confiança de um colegiado como este.

Nesse longo período de vinte anos, em que tivemos a honra de presidir a Academia Norte-Rio-Grandense de Letras, mantivemos relações de amizade e cortesia com todos os Governadores do Estado, todos os Deputados Federais e Senadores, todos os Deputados Estaduais, todos os Vereadores, todos os políticos, quer do Governo, quer da Oposição, e de todos só recebemos aplausos pela obra que vínhamos realizando.

A todos, pois, sem distinção de classe ou de partido, reiteramos a nossa gratidão, pelo apoio que deram à nossa iniciativa e pelo bem que fizeram à cultura do Estado, através da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras e da nossa humilde pessoa.

Ao Governador Tarcísio Maia, em particular, representado neste ato por Vossa Excelência, manifestamos a nossa gratidão, por tudo quanto fez pela Academia Norte-Rio-Grandense de Letras, quer como Deputado Federal, quer como Governador do Estado.

Devendo, em breve, deixar a Presidência desta Casa, para nos dedicarmos a outros afazeres profissionais, confessamos que o fazemos na convicção de que o nosso esforço não foi inútil, mas servirá, pelo contrário, para mostrar às novas gerações, o quanto pode a determinação do homem, na realização dos planos que Deus lhe confiou.

Aos nossos confrades de Academia, sem distinção de classe, pessoa ou posição social, renovamos, mais uma vez, os nossos agradecimentos, pela colaboração diurna e noturna que nos deram ao longo de vinte anos, na realização desta obra.

Aos homens de imprensa, do rádio e da televisão, sempre atentos ao nosso trabalho, com as suas críticas ou com os seus aplausos, o nosso especial agradecimento.

Finalmente, aos nossos amigos particulares, que nos incentivaram com as suas palavras, com o seu carinho, com a sua bondade, o nosso muito obrigado.

Devemos incluir neste número de pessoas, a minha mulher e os meus filhos, que, ao longo de vinte anos, viram o seu chefe empenhado numa batalha inteiramente voltada para o bem da comunidade norte-rio-grandense. Era o consentimento tácito de quem estava solidário, de quem não se sentia frustrado, de quem desejava realmente assistir a esta vitória que hoje presenciamos com alegria. A eles, de modo muito especial, a minha gratidão.

Deixamos a presidência para reassumir o nosso posto de Acadêmico. Não deixamos nem levamos ressentimentos. Os pequenos aborrecimentos, se os houve, diluíram-se no espaço como bolhas de sabão. São os espinhos da missão abroilhando entre as flores e as folhas da roseira. Maior, muito maior do que tudo isso, é o trabalho realizado com amor e com ternura. É o Edifício que ora inauguramos. É a Biblioteca organizada. É o grande acervo reunido em móveis e livros, para tornar cada vez maior a Academia e os seus instrumentos de trabalho.

Isto nos basta. Isto nos consola. Isto nos orgulha.

Declaramos ainda que somos responsáveis por todos os atos que praticamos como Presidente da Academia. Se alguma coisa estiver errada, consertem-na. Mantenham, porém, o que estiver certo: o patrimônio, o prédio, os móveis, os livros, tudo aquilo que foi feito com amor e com carinho.

Nada queremos para nós, nem honras, nem glórias.

O maior prêmio do lidador é justamente ter servido sem visar compensações de quaisquer espécies. E isto o fizemos com humildade e retidão.

Senhor Governador:

Desejamos que a última palavra deste ato de inauguração seja proferida pela mais alta autoridade do Estado.

Pedimos a Vossa Excelência que declare oficialmente inaugurada, em nome do Exmo. Sr. Dr. Tarcísio de Vasconcelos Maia, Governador do Estado, a sede da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras, com todos os seus departamentos.

EM MEMÓRIA DE ADERBAL DE FRANÇA (*)

EDGAR BARBOSA

A partir de 1974, ano em que o Presidente Manuel Rodrigues fez editar os dois volumes do "Patronos e Acadêmicos" de Veríssimo de Mélo, nenhuma história desta Academia será completa sem consulta a essa fiel Antologia e Biografia das letras norte-rio-grandenses. Acabei de verificar a exatidão deste asserto quando recapitulava instantes da vida de Aderbal de França, fundador da cadeira n.º 25, de que é patrono o poeta Ponciano Barbosa. Convivi com Aderbal em amizade sempre amena e constante, mais de quarenta anos. E o que Veríssimo disse dele, em três páginas precisas, nenhum contemporâneo talvez soubesse dizer com tanta singeleza e objetividade.

Ainda há pouco, abri as páginas de "Cigarra", a revista que Aderbal fundou em Natal em novembro de 1928, e que, durante cinco números, foi o instantâneo das artes, das letras e da vida social desta terra. Desde a fase instaurada por Alberto Maranhão, e da qual Otoniel Menezes nos deixou, em "O drama da vida de província" tão amargo retrato, não se inaugurará no Estado uma quadra mais propícia ao exercício da inteligência. Exemplos dessa renascença da década de 20 foram o "Flor do Sertão", de Policarpo Feitosa, o "Jardim Tropical", de Otoniel, a "Roseira Brava", de Palmira, uma reedição das "Poesias" de Itajubá e o "Dicionário" do desembargador Antônio Soares.

Além de "Cigarra", a temporada de conferências literárias de 1930 deve ser lembrada, como expressão de que o espírito pro-

(*) Discurso pronunciado na Academia Norte-Rio-Grandense de Letras, na noite de 06 de fevereiro de 1975.

vinciano não se fechava dentro de si mesmo, nem estava alheio ao surto renovador que, naquela época de futurismo, verde-amarelismo e reação nacionalista, agitava a literatura brasileira.

“A República” era o cenário onde estreavam os moços que sentiam a bela angústia da forma, e aqui estou empregando, em seu virgem significado, o vocabulário do tempo. Eles tinham unicamente a seu favor a ilusão da idade, não prostituída pela avidez nem pelo inferno de traficâncias e mesquinhas a que aludia o príncipe dos parnasianos.

Possuíam a graça jovem dos primeiros vôos, a leveza do pássaro ao experimentar, na árvore natal, o balanço do primeiro ramo. Aquelas tardes da “A República” se envolviam de uma doçura remansosa. A avenida faiscava, adormecida ao sol, e o rio, ali perto, lhes soprava a perfumada maresia das longas viagens que todos sonhavam realizar. Numa cidade obscura, vivia-se em êxtase, como se fosse em um palácio encantado.

Jornalistas, críticos, poetas se reuniam na sala do jornal ou na “Rotisserie”, Adauto da Câmara, Cristovam Dantas, Luís Torres, Hélio Câmara e Carolina, Palmira, Lourdes Cid, Stela Câmara, Damasceno Bezerra, Virgílio Trindade, Jaime Wanderley, Ivo Filho, João Maria Furtado, Robinson Silva, Antônio Bento de Araújo Lima, Jorge Fernandes, Otacílio Alecrim, escreviam quase diariamente.

* * *

Pois, naquele tempo — desculpem a insistência com que corro à locução bíblica — é permitido lembrar que “A República” era mais um jornal literário do que um órgão oficial. O Presidente Juvenal Lamartine anunciara o seu governo com uma plataforma que, passados 47 anos, ainda é um documento digno de exame pela sensatez, forma e objetividade ao encarar a geo-política nordestina. Os assuntos da região, os grandes temas da terra, o contato com o mundo que palpitava lá fora e que nos chegava no vôo prenunciador do pássaro de Ribeiro de Barros, eram questões abertas na redação da “A República”, visitada freqüentemente por Lamartine, a consultar livros, a fazer sugestões, a estimular com a sua cultura universitária a plêiade de rapazes que constituíram, sem dúvida, o mais brilhante florão do seu governo.

* * *

Dentre eles estava Aderbal de França, estudante de Medicina, com tirocínio na imprensa do Rio, chamado a secretariar a recém-criada Imprensa Oficial. Em 1926, Aderbal publicará “Vida Profana”, livro de crônicas que ele próprio considerou “um traçado ligeiro e inseguro de sua vida de imprensa”. Mas, o verdadeiro

Aderbal já estava ali, para vir a ser o “Danilo” que implantou entre nós, no mais claro e leve estilo, a crônica social e mundana, a maneira despreziosa de focalizar os acontecimentos e registrar sutilmente os fatos que merecem ser notícias. O cronista social é a testemunha compromissada da história, é ele quem manipula, no complexo laboratório citadino, os ácidos e os sais da vida fútil, da vaidade esplendorosa, e da glória efêmera. E também da beleza que passa, enquanto, como no poema de Zweig, “as horas bailam suaves, sobre o cabelo branco e raro” — e a áurea taça, sorvida, mostra o seu fundo claro”.

* * *

Agradeço à Academia se haver lembrado do meu nome para esta homenagem a Aderbal, quando é declarada aberta a vaga do companheiro que tanto nos ajudou, como Secretário das nossas ainda tímidas reuniões, fugindo do primeiro plano para animar os descrentes e contrafeitos.

Na verdade, numa Academia renovada e vitoriosa, hoje reencontramos Aderbal, ressurgido pela Poesia que era o seu alento. Diante do mar da Redinha, “onde se alongava, serpenteando para o oceano, a curva arenosa e branca. Uma capela nova, implantada no areal solto da ribanceira, tinha, na porta fechada e na cruz pobre, o mistério singular das casas de Deus”...

Ou então, à sombra das velhas cajazeiras do Quartel Federal, com “a palmeira esguia, frondejando no alto, numa tristeza pungente de criatura esquecida...”

* * *

Aderbal, velho amigo, como é exata a imagem de que a árvore é o retrato dos seres humanos! Foste um dos melhores homens que conheci. E tão perto de nós continuas, que o eterno anseio dos poetas, o de serem árvores, se concretiza toda vez em que, na contemplação do mundo, algum dos teus companheiros pretende voltar à sombra das velhas cajazeiras mortas.

Adaptar a estrutura do livro para a Teoria das Relações Internacionais. A obra não pode ser considerada apenas um tratado de doutrina, mas sim um instrumento de trabalho para os estudantes de Direito Internacional. O autor apresenta uma abordagem crítica e atualizada dos temas, abordando tanto aspectos teóricos quanto práticos. A obra é recomendada para leitura obrigatória em cursos de graduação e pós-graduação em Direito Internacional.

Esta obra é uma contribuição importante para o estudo do Direito Internacional. O autor aborda os temas de forma clara e objetiva, facilitando a compreensão dos conceitos e princípios fundamentais da disciplina. A obra é recomendada para leitura obrigatória em cursos de graduação e pós-graduação em Direito Internacional.

Em suma, esta obra é uma excelente referência para quem deseja aprofundar seus conhecimentos em Direito Internacional. O autor apresenta uma abordagem crítica e atualizada dos temas, abordando tanto aspectos teóricos quanto práticos. A obra é recomendada para leitura obrigatória em cursos de graduação e pós-graduação em Direito Internacional.

Esta obra é uma contribuição importante para o estudo do Direito Internacional. O autor aborda os temas de forma clara e objetiva, facilitando a compreensão dos conceitos e princípios fundamentais da disciplina. A obra é recomendada para leitura obrigatória em cursos de graduação e pós-graduação em Direito Internacional.

APRECIÇÃO LITERÁRIA DA POESIA DE SEGUNDO WANDERLEY

Pe. JORGE O'GRADY DE PAIVA

NOTA PRÉVIA

Por ocasião do centenário de nascimento de Segundo Wanderley, em 1960, programou a Academia Norte-Rio-Grandense de Letras série de conferências sobre o poeta e sua poesia, as quais foram publicadas em o n.º 6 da Revista.

Sugestivo e bem traçado roteiro sobre os estudos a fazer-se foi elaborado pelo presidente Manoel Rodrigues de Melo, muito embora parte dos trabalhos apresentados não tenha obedecido à desejada planificação ou bem ordenada sistemática.

Visa o presente trabalho à análise literária — ainda não intentada — da poesia do grande vate potiguar (através das composições mais significativas), situando-a em seu tempo e sob a influência das escolas que nela imprimiram sua marca. Sucinta e não exaustiva cremos, todavia, haver posto no devido relevo o aspecto formal e conteudístico da poética wanderleyana, que ocupa lugar ao sol no panorama da poesia brasileira.

Obs. Texto revisto e definitivo.

Quatro os períodos do romantismo brasileiro, contados em

décadas, de 1830 a 1870. Seguem-se-lhe: o parnasianismo, nos decênios de 70 a 90 e o simbolismo, nos de 90 a 1910.

Nascendo em 1860, quando se iniciava a última fase romântica e falecendo em 1909, às vésperas de expirar a primeira fase do simbolismo, era de esperar que a poesia de Segundo Wanderley apresentasse o cunho dessas 3 escolas (1).

Mas é o romantismo que nela predomina. De um lado, pelo lirismo intimista e amoroso e, do outro, pelo arrebatamento cívico e espírito de luta, caracterizados, estes últimos, pelo estilo **condoreiro**, da definição de Capistrano de Abreu.

Ser vate é ser profeta. Nunca, porém, foi o vate, no Brasil, tão profeta quanto na fase romântica da literatura nacional. Julgava-se o poeta, então, chamado, por seu estro, a colaborar nas reformas político-sociais e a influir na própria marcha da história. Visava, assim, o vôo condoreiro a levantar os ânimos e romper grilhões. E eram estes os da escravatura, não extinta com a independência do Brasil.

Foi Castro Alves a figura máxima do condoreirismo abolicionista. E o abolicionismo, segundo notou Machado de Assis, identificava-se com o "instinto da nacionalidade" (2), o que, equivalentemente, também assinalara Álvares de Azevedo, ao dizer: "Sem poesia nacional não pode haver nação" (3).

Segundo Wanderley que, na década de 80, se formou em medicina, na Bahia e, aí, clinicou, seguiu a trilha castralvina, não com a mesma força de estilo, mas com o mesmo alevantado ideal. Como verberava contra a escravidão! Como vergastava a **nódoa infamante!**

É este cancro terrível
Que causa dores estranhas
E rói as magras entranhas
À desgraçada nação!

É este sopro maldito
Que o negro inferno respira,
Que acende as lavas da ira
E apaga as lavas do amor.

É esta nódoa que infama
Os fastos da nossa história,
O brilho da nossa glória
As glórias do equador (4).

Escravo! Quem diz — escravo
Diz — tirania, opressão;
O servilismo é um torpedio
Na senda da ilustração.

Tombe o cruel barbarismo
Quebre-se a ímpia polé,
De cada escravo ressurja
Novo espartaco de pé (5).

E ainda, em mais contundentes redondilhas, assim clamou:

Rompam-se as ímpias cadeias
Dos pulsos da escravidão,
E delas façam-se escadas
P'ra o tempo da redenção.
Abata-se o preconceito,
Salve-se a honra, o direito,
A Consciência, o porvir,
E seja infame, precito,
Deste combate bendito,
Quem recuar, quem fugir (6).

Em festival abolicionista, celebrado na Bahia, em 1887, assim cantou, no metro das epopéias e em quadras:

Venho pedir que se desterre o monstro
Que a pura seiva do porvir consome,
Quer ele tenha de senzala a forma,
Quer ele tenha de Bastilha o nome (7).

É o romantismo mundo interior, emoção, paixão, liberdade — aquela liberdade que, segundo Alceu Amoroso Lima traduz, a um tempo, estética e sentimento (8). E como a nova conquista social provinha do tríptico da revolução francesa: Liberdade, Igualdade, Fraternidade, nada mais natural do que esse sentimento de rebeldia e beleza, típico do poeta romântico brasileiro, pretender libertar a pátria da opressão e tirania, as quais, sob a forma do escravagismo, ainda dominavam a terra de Santa Cruz.

Mas o épico não era cultivado, em Segundo Wanderley, com exclusividade. Também o dramático lhe inflamava o estro. E aí está a soberba descrição de dois naufrágios: o do “Solimões”, em estâncias heptassílabas e o do vapor “Bahia”, em impecáveis alexandrinos. Deste último recordemos 4 de suas 16 estrofes:

1a.

Corria a noite em meio; em plácida derrota
Ia um barco a vogar, qual célere gaivota,
Por sobre o dorso azul da vaga boreal;
Vênis bela ostentava a sideral grinalda,
Sorria, em baixo o mar — abismo de esmeralda,
Sorria, em cima o céu — abismo de cristal.

Observamos, aqui, que o texto acima consta da edição cearense de 1904, publicada em vida do poeta; nas 3 que vieram a lume em Natal — 1910, 1928 e 1955 — lê-se, no 4.º verso:

Vênus bela ostentava a sideral grinalda.

Se “corria a noite em meio” a versão correta é a 1a., já que a estrela vespertina se põe de 3 a 4 horas depois do sol. E não se pode atribuir ao poeta, homem douto e avisado, Vênus a brilhar à meia-noite.

6a.

Era impossível crer que a mão do fatalismo
Cavar pudesse, atroz, um pavoroso abismo
Para sorver, voraz, tão gratas ilusões;
Era incrível pensar que vagas tão serenas
Contivessem no seio a fúria das hienas,
Os ímpetos febris dos rápidos vulcões.

13a.

E quando o velho Isaac, o filho do oceano,
Esgotado supôs o esforço todo humano,
Cansado de lutar, descrente de vencer,
Fitou sereno o céu e, os braços sobre o peito,
Deixou-se, assim, morrer, da morte satisfeito,
Por ter até o fim, cumprido o seu dever.

16a.

Mais tarde, quando o Sol ergueu-se lentamente,
Bordando de setim as fimbrias do Oriente
E dos vales a flor abria-se a sorrir,
Viu-se um vulto ocultar na palidez das brumas:
Um navio de menos à tona das espumas,
Um espectro de mais à tona do porvir (9).

Observemos, também aqui, o que artibuímos a lapso tipográfico, repetido em todas as edições: é que não faz sentido, à análise lógica, dizer — “Viu-se um vulto ocultar”. O original devia ser — **Foi-se um vulto ocultar**, vulto que é tanto o do navio a menos como o do espectro a mais. E como poderia, na 1a. estrofe, ao que já aludimos, estar aquele “ostentava”, em vez de “ocultara”? Como o poeta, na última estrofe, repete o verbo **ocultar**, é de crer que o substituiu, para a 2a. edição, por termo ou expressão equi-

valente. Teria empregado **ostentar**, no mais-que-perfeito. De fato, no estudo de Câmara Cascudo, sobre o poeta, apenso à 3a. edição natalense das "Poesias", encontramos "Vênus bela ostentara a sideral grinalda". Alguém, que achou poder Vésper brilhar à meia-noite, trocou o **r** pelo **v** e, assim, veio passando, até hoje, em julgado...

Mas voltemos à análise literária do poema e perguntemos: por que composto em alexandrinos? Cremos que para favorecer o ritmo lento e suave — dada a pausa obrigatória dos hemistíquios — o que reproduz o estado tranqüilo e plácido do mar, por ocasião do naufrágio e põe no devido relevo, a atitude impassível e nobre do comandante, firme, até ao fim, em seu posto. Já no soçobro do "Solimões", que ocorreu em mar agitado, o metro é de 7 sílabas, cujo compasso é rápido, assim melhor ressaltando o intenso jogo das ondas.

Sintâmo-lo nesta estrofe:

Chegara a hora suprema,
Fugira a luz da razão;
A alma busca o infinito,
Busca a matéria o golfão.
Já nada vale a manobra,
A nau perdida soçobra
Às fúrias de vagas mil!
Terrível, duplo embaraço:
De um lado um túmulo de aço,
Do outro um antro de anil (10).

Some-se, agora, a essas características estruturais de ambas as composições (era o poeta lento de Física), o primor das imagens e a aura de profundo e dolorido sentimento que por elas perpassa e ter-se-á o motivo pelo qual todos lhes sentimos, instintivamente, a grandeza. E a escritora Raquel de Queiroz, numa de suas crônicas de "Última Página" de "O Cruzeiro", referindo-se ao "Naufrágio do Vapor Bahia", considerou esse poema dos mais belos que já leu e mais a impressionaram.

O romantismo, srs., não se aclimatou em lugar algum melhor do que no Brasil, onde o sentimento e colorido da linguagem, bem como o amor à mãe natura, quadram, magnificamente, com nossa índole. Daí a popularidade dos poetas românticos, de Gonçalves Dias e Álvares de Azevedo a Casimiro de Abreu e Fagundes Varela.

Mas não é só no épico e romântico que se alcantilou Segundo Wanderley. Foi, sobretudo, lírico. Épico e dramático, é o Castro Alves potiguar; lírico, o Gonçalves Dias norte-rio-grandense.

Encontrou Segundo, no parnasianismo-simbolista (interpenetram-se as escolas), inspiração para laborar o verso. Tudo, nele, é estesia, sentimento, elevação. Cuidou da forma com esmero. Sonetista exímio, poderia dizer, com o príncipe de nossos parnasianos:

Quero que a estrofe cristalina
Dobrada ao jeito
Do ourives, saia da oficina
Sem um defeito (11).

Lapidário do verso, digno do nome de parnásida, poderia, entretanto, dizer, melhor ainda, com o pai do simbolismo brasileiro:

O' formas alvas, brancas, formas claras
De luares, de neves, de neblinas...
Formas do amor, consteladamente puras...
Indefiníveis músicas supremas
Harmonias da cor e do perfume... (12).

Feição própria do simbolismo é, como se sabe, o elemento musical, o tom, o ritmo e a cor. Ora, tudo isso sobressai na poesia secundo-wanderleyana, máxime em seu dirismo, feito de arroubo, embriaguez, claridade, êxtase, sonho. Sua temática era, porisso, tudo que engrandece e causa admiração, bem como tudo que enleva. Assim — Deus, natureza, amor, pureza, pátria e ideal.

Eis a relação que fizemos dos termos por ele mais usados, característicos de sua poética:

Quanto a Deus — cruz, redenção, altar, culto, fé, milagre, incenso, prece, templo.

Quanto à natureza — oceano, mar, vaga, espuma, abismo, procela, turbilhão, escarcéu, rajada, flor, jardim, rosa, seiva.

Quanto ao amor — coração, saudade, seio, beijo, mãe, caridade.

Quanto à pureza — anjo, asa, neve, falena, virgem, lírio, açucena, aurora.

E quanto à pátria e ideal — nação, liberdade, igualdade, justiça, direito.

E a tônica de sua lírica? Elevação e pureza. Jamais a sensualidade lhe rebaixou o plectro. Mesmo ao poetar sobre tema erótico, qual o dos seios, onde outros, em que pese à perfeição da forma, são contundentes, segundo é sublime. Nada menos de 7 vezes versa o tema, sempre excelsamente. Ouçamos trechos seletos:

Falando a uma viagem, em sextilhas mistas:

Eu vi-te numa tarde de relento
A coma solta ao vento,
Como um manto de luz nos brancos ombros;
Trememente soluçava o nívoo seio,
Em palpitante anseio
Neste anseio que mata e causa assombros (13).

Em "Um sonho", no ritmo embalador do hendecassílabo:

As tranças sedosas caíam dormentes
Nas alvas espáduas de puro marfim.
E o colo de cisne tremia, ansiava,
Nas dobras macias do nívoo setim (14).

Em "Stela", no metro sáfico:

Ah, eu quisera, em divinais ternuras,
Tendo por manto teus cabelos bastos,
Dormir tranqüilo nos teus seios castos,
Qual borboleta na gentil bonina! (15).

Em "Um Seio", em nonas mistas:

Um seio como eu vi, da cor de neve,
Gentil, húmido, breve,
Oculto na cortina transparente
Da nítida cambraia,
Um seio que não fala, que não geme,
Mas um seio que estua, mas que treme,
Como o cristal ardente do rócio
No cálice mácio
Da rosa que desmaia (16).

E, no soneto "Seios", primor em decassílabos pela imagem pela rima e pelo ritmo vário:

Do virgíneo pudor místico asilo
Os seios da mulher, nívoo, olentes,
Tinham a cor das coisas inocentes
E a candidez das virgens de Murilo.

Mas um dia, do ebúrneo peristilo,
Incidindo nas polpas lactescentes,
Dois pedaços de aurora rubescentes
Mancham de púrpura o túrgido mamilo.

Logo ao rubro matiz, que os pomos tinge,
Corre a seiva mais quente e mais agreste,
Dos desejos acorda a ignota esfinge.

E quando Deus, numa manhã formosa,
Foi visitar o seu jardim celeste,
Viu que faltavam dois botões de rosa (17).

Se vos citei os mais belos e típicos versos do mastotropismo (niveo e tremente) de Segundo Wanderley, nem porisso outros trechos similares de sua lírica merecem menos, mesmo em composições com títulos de que se poderia suspeitar, tais como: “No banho”, “Coquete”, “Cortezã”. “O beijo” (18). Aqui e ali se permite o poeta pouco mais de liberdade, sem, todavia, descer ao realismo chocante, por certo lembrado de Eça de Queiroz que, “Sobre a nudez forte da verdade”, queria “o manto diáfano da fantasia...” (19).

Traduz o seio, de resto, escrínio, coração, amor.

Há, nele, maior conforto e proteção do que poderia parecer. É assim que falamos no seio da terra, no seio da família, no seio de Abraão, no seio de Deus...

Mas admiremos, srs., a lírica secundina em versos outros, de excepcional delicadeza e elevação de espírito. Só grande poeta lírico — e Segundo o foi — poderia versejar em torno de temas quais os seguintes, em extremo sentimentais: “O enterro do passarinho”, “A procissão das flores”, “A morte da rosa”, “O baile das flores” (20). Ouçamos os dois últimos:

A MORTE DA ROSA

Entre cr'oa de murtas, enfeitada
De ricas gemas, de belezas sumas,
Jaz, numa concha de nevadas brumas,
De uma rosa a corola desbotada.

Chora o salgueiro os prantos d'alvorada
E um colibri, saudoso, arranca as plumas
Para escrever, no album das espumas,
Hinos de angústia à sua terra amada.

Ouvem-se além, carpindo, as violetas
E do esquife, nas alças pequeninas,
Pegam tristes, cerúleas borboletas.

Paira o cortejo, enfim, d'um bosque ao meio
E vai depor as cinzas purpurinas
Na urna santa de virgíneo seio.

O BAILE DAS FLORES

D'um rouxinol aos trêmulos harpejos,
Da Casta Diva aos mórbidos palores,
Num setíneo vergel bailam as flores,
Ébrias de seiva e loucas de desejos.

Valsam rosas em lânguidos adejos.
Dos colibris nas asas multicores,
Borboletas de artísticos labores
Seguem sutis os mágicos festejos.

Depois, n'alfombra delicada e leve,
Uma abelha doirada serve a ceia:
Favos de mel e lágrimas de neve.

Termina o baile ao despontar d'aurora:
Toda a floresta de prazer pompeia,
Só a saudade, no silêncio, choral!

Creemos, porém, que a todos sobreleva "Vozes de um anjo",
poema em 17 quadras setissilábicas, cada qual mais terna e encan-
tadora. Não vos privarei das 7 seguintes:

Mamãe, enxuga o teu pranto,
Não chores porque morri,
Que eu vou escrever-te um canto
Nas asas de um colibri.

Meu berço é feito de aurora,
De estrelas meu cobertor,
Me embala Nossa Senhora,
Me beija Nosso Senhor!

Nós temos um par de asas
Para voarmos sem fim;
Os astros são nossas casas,
O firmamento — um jardim.

Queres saber o que eu faço
Depois que daí parti?
De dia brinco no espaço,
De noite rezo por ti.

Às vezes fitando a Lua,
Entre as cortinas do além,
Ao ver a saudade tua
Tenho saudade também.

— Que sentes, por que' stás triste ?

A Virgem pergunta, então...

— É que na terra inda existe
Parte do meu coração.

Se queres, porém, as dores

Do seio teu apagar,

Eu faço um carro de flores:

E vou, mamãe, te buscar ! (21).

Tinham esses versos endereço certo: destinavam-se à esposa do Capitão dos Portos de Natal, por demais pesarosa com a perda do filho pequenino. Mas encontrou consolo nessa mensagem do céu, na qual escutou e reconheceu, com certeza, a voz de seu anjinho — tanto se angelizara o poeta, ao traduzir a linguagem pura e cheia de fé dos inocentes.

Tempo é de assinalar a variedade de seus versos, de suas estrofes e de suas rimas. Os versos são de 7, 9, 10, 11 e 12 sílabas e as estrofes de 2, 3, 4, 6, 8, 9 e 10 versos. E observe-se que os versos de 9 sílabas, bem como as estrofes de 9 versos, são raros. Primou Segundo Wanderley pela redondilha maior ou verso de 7 sílabas (com predominância de acento na 4a. e 7a.) e, bem assim, pelo decassílabo, tanto heróico como sáfico e que é, como se sabe, o metro das espécies (aquele com acento na 6a. e 10a. sílaba e, este, na 4a., 8a. e 10a.). Cultivou, com aprumo, os alexandrinos ou de 12 sílabas, sempre fiel às exigências clássicas dos hemistíquios. E não enveredou pelos chamados versos bárbaros — de 13 e 14 sílabas — à imitação de Guerra Junqueiro, ou Olavo Bilac. Pouco se utilizou, por necessidade métrica, da chamada **liberdade poética**, o que é indício de bom gosto e amor à língua. Mensuralista acurado, não incorreu em cacometrias. Senhor da arte de versejar, variava de metro e ritmo, deste, às vezes, na mesma estrofe, preferindo à rigidez das normas o efeito mais harmonioso. É sua poética plurigênera, nela predominando, como se viu, o épico e o lírico. Do satírico e humorístico deixou-nos boas amostras em “Um pé” e em “Amor patológico” (22), chegando a ultrapassar, naquela, Bocage e Gregório de Matos, enquanto satiristas do nariz. No lirismo, além do elegíaco, deu-se à trova e ao madrigal. E quanto à consonância ou cadência final, não rimou à francesa (em paroxítonos alternados com oxítonos ou vice-versa) ao molde de Machado de Assis em “A Mosca Azul” (alexandrinos mistos) ou de Olavo Bilac, em “Baladas Românticas” (oitavas octossílabas). Fê-lo, sim, em versos hepta, deca e dodecassílabos. E não monorrimou, nem mesmo em ritmo agradável. É que propendia à rima rica e, por vezes, também preciosa. Por imperfeitas fugia, ainda, às rimas toantes e não fez versos soltos, muito embora já em voga, em seu tempo e

por grandes mestres da poesia. Suas rimas eram consoantes ou perfeitas e musicais. Usou-as de todos os tipos: emparelhadas, alternadas ou cruzadas, opostas ou interpoladas, encadeadas e aliteradas. Belas são as encadeadas, sejam ou não redundantes, como as das seguintes estrofes:

Por que me lanças esta luz maléfica?
Sê mais benéfica, dá-me olhar mais plácido,
Não me atormentes com o cruel flagício,
Calma o suplício de meu peito lácido! (23)

O brando arroio a deslizar na selva,
A selva verde onde a falena habita,
O lago azul onde se embala o cisne,
Cisne que um floco de neblina imita (24).

Não nos podemos furtar ao notável exemplo de aliteração — único que dele temos. Trata-se do soneto “Implacável”, modelado pelo “Violões que choram”, de Cruz e Souza.

Resvala o raio rútilo rasgando
Da imensidade a tela vaporosa;
Treme a terra terrível, tenebrosa,
Ao rugir dos trovões, de quando em quando.

Volve a vaga valente, vomitando
Alvos caixões de espuma procelosa;
Do firmamento a face fosforosa
Vai de chammas de nuvens inundando.

Nos sombrios sertões silva a serpente,
Aos furores rugindo das fagulhas,
Cede o cedro aos caprichos da corrente...

Só tu resistes da paixão nos mares
Desprezando, do trono em que te orgulhas,
Promessas, penas, prantos e pezares (35).

Aqui vemos a aliteração do **r**, do **t**, e **tr**, do **q**, do **v**, do **f**, do **c**, do **p** e **pr**, exatamente as de maior efeito onomatópico, recurso que Euclides da Cunha, em “Os Sertões” e Augusto dos Anjos, em o “Eu”, estilizariam para dar feição típica a essas obras.

Segundo Wanderley, srs., não poetou só em versos. Passa em suas peças dramáticas (era, também, dramaturgo) a aura da poesia, como é poesia, em prosa, o célebre “Paralelo entre o homem e a mulher”, que chegou a ser atribuído a Victor Hugo, não

só pela elevação dos conceitos como por serem vasados em antíteses. Hugo é, como se sabe, mestre da antítese. O "Paralelo" é, todavia, da autoria de Segundo, que sofreu a influência do grande líder do romantismo francês, genial poeta e teatrólogo, e a quem, assim, se refere no poema "Independência ou Morte":

Eu...
Que vejo Hugo no mesmo céu de Andrada
E a própria França em meu país natal (26).

Eis como Alceu Amoroso Lima assinala a influência hugoana no romantismo brasileiro: ... "é da França que nos veio, diretamente, a formação cultural, como de lá nos veio o roteiro para as sucessivas mutações literárias. É em Lamartine e Hugo que os românticos vão beber as suas inspirações poéticas" (27). Por onde se vê que Segundo Wanderley, leitor de ambos, não poderia deixar de ser romântico, da mesma forma que, vinculado, ainda, pelo parnasianismo e simbolismo, a Baudelaire, Mallarmé, Verlaine e Rimbaud, mais aprimorou e eterizou sua poesia.

Momento é já de apresentarmos algo do seu paralelismo antitético, tanto em verso quanto em prosa. Em verso, sirva de exemplo o poema "O livro e a Cruz", do qual extraímos os seguintes trechos:

O livro é um estardarte, a Cruz um diadema,
O livro faz o sábio, a Cruz faz os heróis.

O livro é Gutemberg iluminando um povo,
A Cruz é Monsabré glorificando o céu.

O livro quer dizer — a luta pela vida,
A Cruz nos representa — a luta pelo amor.

Em presença de um livro a fronte se descobre,
Em presença da Cruz o mundo se ajoelha (28).

E em prosa:

O homem é a mais elevada das criaturas
A mulher, o mais sublime dos ideais.

O homem é o cérebro, a mulher é o coração.

O homem é capaz de todos os heroísmos
A mulher, de todos os martírios

O homem está colcado onde termina a terra,
A mulher, onde começa o céu (29).

E, quanto ao "Livro e a Cruz", percebe-se que é inspirado, desde o título, em "O Livro e a América", de Castro Alves (30).
Senão, vejamos:

Diz Segundo:

O livro é um estandarte, o livro faz o sábio

E Castro Alves:

... na impaciência

Desta sêde de saber...

.....
As almas buscam bebem...

Segundo:

O livro é Gutemberg iluminando um povo

Castro Alves:

Por uma fatalidade
Dessas que descem do além,
O secl'o que viu Colombo,
Viu Gutemberg também.

Segundo:

O livro quer dizer — a luta pela vida

Castro Alves:

O livro — esse audaz guerreiro,
Que conquista o mundo inteiro
Sem nunca ter Waterloo...

Segundo:

Em presença do livro a fronte se descobre

Castro Alves:

Quando ante Deus vos mostrardes
Tereis um livro na mão

Aliás, sua predileção pela redondilha maior e o decassílabo em oitavas, décimas e estrofes mistas é, também, a do condor baiano. Igualmente, muitos dos temas de Segundo (31) e, até, algumas de suas metáforas se encontram, latentes ou em germe, no grande épico. Aquela, por exemplo,

Sorria, em baixo, o mar — abismo de esmeralda
Sorria, em cima, o céu — abismo de cristal (32).

vai ter a Castro Alves, quando disse:

Abaixo — via a terra — abismo em treva
Acima — via o firmamento — abismo em luz (33)

O belo soneto “O Baile das Flores”, já reproduzido, traz à mente “O Baile da Flor”, de Castro Alves, agradavelmente unirrimado e que diz assim:

Em lindos cardumes,
Sutis vagalumes
Acendem os lumes
P’ra o baile na flor.
E então — nas arcadas
Das pet’las doiradas
Os grilos em festa
Febris a tocar...
E as breves
Falenas
Vão leves,
Serenas,
Em bando,
Girando,
Valsando,
Voando
No ar!

Em Castro Alves é dos pirilampos a luz para o baile e, à orquestração dos grilos, valsam as falenas. Em Segundo Wanderley é do luar o reflexo que ilumina o baile e do rouxinol os harpejos que levam as rosas a valsar. E, além das borboletas, há beija-flores, abelhas, favos de mel e neve, em versos de maior inspiração e labor do que os do cantor baiano. Mas a este ainda está ligado nas saudações que fez a atrizes, na Bahia, nas noites de seus benefícios. Os nomes de Maria Francesi, Adélia Naghel, Alice Rebottaro encontram éo nos de Adelaide Amaral, Eugênia de Castro e outras que, no Recife, poeticamente, saudou Castro Alves. Deste só não seguiu

a lira iconoclasta... Jamais pôs o estro a serviço de causas que des-
toassem de sua fé religiosa. Exaltou, pelo contrário, Deus, Cristo,
Maria. Ouvi este

“CONSUMMATUM EST”

Era mister cumprir-se a profecia:
Mártir de Amor, Cordeiro Imaculado,
Das Oliveiras no jardim sagrado
Ora, silente, o Filho de Maria.

Banha-lhe a fronte, o orvalho da agonia,
Quando o beijo venal do renegado
Deixa, na face augusta, assinalado,
O estigma vil da torpe apostasia.

Mas, num rasgo de afeto onipotente
Ele perdoa a turba inconsciente
E expira, após, no trágico madeiro.

Lição de luz num lúgubre cenário:
A redenção surgindo do Calvário:
Um homem só salvando o mundo inteiro! (35).

Feição de seu caráter que desejamos, agora, enaltecer, era o
acendrado amor à família e que dele fez carinhoso filho, dedicado
irmão, esposo amantíssimo e extremoso pai. Várias de suas compo-
sições tributou-as aos familiares.

Srs.:

Todos vibramos de exaltação cívica ao sagrar-se o Brasil
tricampeão mundial de futebol. Muito se tem dito a respeito da
extraordinária conquista, atribuída ao espírito de equipe, preparo
físico e psicológico e virtuosismo individual dos jogadores. Mas não
se proclamou, ainda, toda a verdade. Que vantagem real levou o
Brasil sobre seus concorrentes europeus e sul-americanos? Foi, por
certo, a da raça tanto de sangue branco e negro como da fusão
de ambos (fusão, segundo Artur Ramos, de alto valor antropoló-
gico). E é assim que a abolição dos escravos, em vez de se opor ao
progresso do Brasil, dele se constituiu em fator positivo, favore-
cendo o caldeamento racial que contribuiria para integrar, com
elementos tão marcantes, a seleção nacional. O **drible**, imprescin-
dível ao esporte inglês, é mais eficiente no negro e no mestiço, pela
agilidade e malícia de que são dotados. O futebol arte — magia bra-
sileira — superou o futebol força — rígido, esquemático e frio.
Venceu, no altiplano azteca, a calitécnica, pela qual deixou o fu-

tebol de ser bretão para se tornar, agora, brasileiro. E, dito isso, perguntamos: que poema, hoje, não escreveria Segundo Wanderley em louvor do quadro nacional, ele que tanto cantou o negro e lhe defendeu o direito à liberdade? Mas essa vitória, srs., foi por ele celebrada, antecipadamente, em décima setissílaba, de 1893:

Nós somos um povo enorme
Como o destino fadou;
Nós somos um povo altivo,
Qual Tiradentes sonhou.
Nosso poder não se mede,
Ninguém, ninguém nos excede
Das nossas crenças no ardor...
São grandes nossas façanhas,
São livres nossas montanhas,
É imortal nosso amor (36).

A obra de Segundo Wanderley não passou com o tempo: ficou. É das que podem considerar-se, conforme o conceito de Alceu Amoroso Lima, “contemporânea nossa e não, exclusivamente, em sua posição cronológica” (37).

Filho do nordeste, tem Segundo Wanderley, consoante, ainda ao autor de “Introdução à literatura”, o **ardor das atitudes, o entusiasmo, a vibratibilidade, a exaltação**, pois “só o estilo forte e cantante das palavras quentes e coloridas, só o romantismo ou a oratória, podem satisfazer a alma rumorosa do filho do norte” (38).

A poesia de Segundo Wanderley é, assim, pela inspiração abolicionista e acento romântico, mais do que monumento literário regional. Ultrapassou as fronteiras da província. A ela se referiu, encomiasticamente, Rui Barbosa (39), tenha, embora, Esmeraldo Siqueira, por lisonjeiro e exagerado, o encômio de Rui (40).

Digno é Segundo de figurar na história da literatura brasileira, nas antologias nacionais e dicionários de literatura. Merece edição de suas obras completas — poesia, teatro e oratória — como nos parece justo que, além do nome já dado a ruas (em Natal e Salvador), seja, ainda, erguido em bronze, sobre a lápide que lhe cobre as cinzas.

Não é só a produção poética de Segundo Wanderley que permanece, em primorosos versos. É a poesia mesma, sobretudo, lírica, que não morre. Vem a pelo citar este belíssimo soneto por ele intitulado

TÚMULO DO VERSO

Não! não creio na amarga profecia
Dos arautos fatais do pessimismo
Que predizem, num vão filosofismo,
Da loura musa a próxima agonia.

Não sucumbe de vez a fantasia
Que se nutre da seiva do lirismo,
Nem da carne fremente o despotismo
Esmaga a flor que gera uma utopia.

Serpe doirada fascinando a presa
É debalde que açula a natureza
Dos gozos quentes o lascivo enxame.

Do gênio o áureo sonho se requinta
— Enquanto houver uma mulher que sinta
— Enquanto houver um coração que ame (14).

Tivestes, srs. acadêmicos, nesta “Apreciação literária da poesia de Segundo Wanderley”, como que prelúdio à comemoração que fará esta Casa ao centenário da morte de Castro Alves, em 1971. Entre o sexagenário da morte de Segundo Wanderley, ocorrido o ano passado e o centésimo aniversário do passamento do autor de “Espumas Flutuantes”, a ocorrer para o ano, e neste mesmo mês de julho, sirva esta palestra de introdução, a preludiar o épico e romântico em Castro Alves — o maior monumento poético — abolicionista do Brasil e de quem afirmou Segundo Wanderley, na Bahia, por ocasião do decenário de sua morte:

Se ele não foi poeta
Elias não foi profeta
Deixa o Cristo de ser Deus (42).

Srs.

Toda a pátria está em Antônio Castro Alves, como todo vibrou, com a pátria, Manuel Segundo Wanderley. Glorificou, em oitavas sáficas, a memória do Visc. do Rio Branco, autor da Lei do Ventre Livre (43) e, em soneto, a de José Bonifácio (44); exaltou, também, em soneto, o sacrifício de Tiradentes (45) e a morte de Silva Jardim (46); cantou, em décimas redondilhadas, o regime republicano (47) e o 2 de julho baiano (48); saudou, em poema de 8 estrofes, o embarque do 34.º Batalhão de Infantaria para Canudos (49) e, em 14 versos, sua volta do campo da luta (50), dedicando, ainda, outros 14 versos às viúvas e órfãos dos mártires, tombados no assalto à cidadela dos amotinados (51); reviveu a lembrança de frei Miguelinho, em sextilhas alexandrinas (52); e tornou altiloqüentes, em belo poema dramático, o grande Augusto Severo, utilizando o verso de 12 sílabas e a estância de 2 versos (53). E que grandiosas parelhas! Eis as finais:

Augusto, dominar a vastidão dos ares,
Meu trono construir da opala dos luares;

Roubar à estrela d'Alva o cetro adamantino,
Lançar aureos grilhões nos pulsos do Destino;

Suspensão do albatroz nas invencíveis garras,
Do progresso escutar as épicas fanfarras;

Sentir da tempestade os bruscos solavancos,
As águias, em cortejo, seguirem-me os flancos;

Chegar onde só chega a prece imaculada,
O perfume da crença e o riso da alvorada;

Ditar as minhas leis aos salmos dos trovões
E proclamar o céu a pátria dos balões!

Alma irmã de Castro Alves — alcandorada, patriótica, estética, sensível, cósmica. Muito tem em comum e reivindicamos, para o aedo potiguar, a condição de estrela-satélite ou companheiro do grande Sol baiano. Gira-lhe em torno e, por vezes, tão-próximo que se confundem no mesmo brilho. Neles vemos estrela binária, sistema duplo da constelação poético-abolicionista brasileira, fazendo par, ainda, no romantismo lírico que atingiu, em ambos, a mais alta expressão (54).

Patrono da cadeira n.º 18 da Academia Norte-rio-grandense de Letras, hoje ocupada por ilustre representante do mesmo trono genealógico — Rômulo Wanderley — presta-lhe a Federação das Academias de Letras do Brasil, por iniciativa do nobre presidente Horácio Almeida, nesta tarde do Rio Grande do Norte, de mãos dadas ao Rio Grande do Sul (55), o preito desta homenagem, em que lhe analisamos a musa condoreira e lírica — sublime, uma no altaneiro vôo e sublimada, a outra, em acordes de amavio eterno.

REFERÊNCIAS

- 1 — O fato não passou despercebido a Jaime G. Wanderley — Cf. Rev. da ANRL, n.º 6, págs. 136 a 140.
- 2 — “A Literatura no Brasil”, dir. Afrânio Coutinho, vol. II, página 31.
- 3 — Apud “Obras completas”, S. P. 1942.
- 4 — Da 4a., 3a. e 9a. estrofes do poema “Escravidão” (“Poesias”, ed. cearense, págs. 20 e 21).
- 5 — Da 11a. e 10a. estrofes do poema “O Eco da Liberdade” (“Poesias”, idem, pág. 59).
- 6 — 1a. estrofe do poema “A voz da Justiça” (“Poesias”, idem, página 27).

- 7 — Da 9a. estrofe do poema "Independência ou Morte" ("Poesia", idem, pág. 45).
- 8 — "Introdução à Literatura Brasileira", Agir. 1956, páginas 56 e 57.
- 9 — "Poesias", ed. cearense, págs. 41 a 44. Obs. Do naufrágio dá pormenorizada notícia. Octávio Pinto, em seu livro "Velhas histórias de Goiana" (Casa Ed. Vecchi, Ltda., Rio, 1968).
- 10 — "Poesias", 3a. ed., Galhardo, Natal, pág. 10.
- 11 — 9a. estrofe da "Profissão de fé" de Olavo Bilac ("Poesias", Liv. F. Alves, pág. 6).
- 12 — Da "Antifona" de Cruz e Souza, a seu livro "Broquéis".
- 13 — 2a. estrofe do poema "Eu vi-te" ("Poesias", ed. cearense, página 46).
- 14 — 3a. quadra ("Poesias", idem, pág. 66).
- 15 — 5a. quadra ("Poesias" idem pág. 75).
- 16 — 1a. estrofe ("Poesias", idem, pág. 85).
- 17 — "Poesias", idem, pág. 199.
- 18 — "Poesias", idem, págs. 108, 125, 130 e 80.
- 19 — No frontispício de "A Relíquia".
- 20 — "Poesias", ed. cearense, págs. 118, 112, 124 e 105.
- 21 — 1a., 2a., 10a., 13a., 14a., 15a. e 17a. ("Poesias", idem pág. 75).
- 22 — "Poesias, idem, págs. 37 e 50.
- 23 — 1a. estrofe de "Amor exdrúxulo" ("Poesias", idem, pág. 74). Obs. Crítica Leonardo Mota esse poema, por sua rima exdrúxula (pág. 122 de "No tempo de Lampião", Imp. Universitária — Ceará, 1967).
- 24 — 3a. estrofe de "Deus" ("Poesias", idem, pág. 33).
- 25 — "Poesias", idem, pág. 27.
- 26 — 9a. estrofe, "Poesias", idem, pág. 45.
- 27 — "Introdução à Literatura Brasileira", op. cit. pág. 118.
- 28 — Da 10a., 11a., 12a. e 13a. estrofes ("Poesias", ed. Galhardo, Natal, pág. 141).
- 29 — Do "Paralelo entre o homem e a mulher" ("Família Wanderley", de Walter Wanderley, Pongetti, Rio, 1966; págs. 310 e 301).
- 30 — "Espumas flutuantes", apud "Obra completa", Aguillar Ed. 2a. ed., pág. 89.
- 31 — Cf. Rev. ANRL, n.º 6, pág. 74 (artigo de Newton Navarro).
- 32 — As edições "post-mortem" do poeta dizem: Sorria, em baixo o mar — abismo de esmeralda, Sorria, em cima, o céu — espelho de cristal, o que foge do paralelismo original.
- 33 — Da 3a. estrofe de "O vôo do gênio", apud "Espumas flutuantes" (Aguillar Ed., Rio, pág. 109).
- 34 — Apud "Cachoeira de Paulo Afonso", pág. 275 da "Obra completa" cit.

- 35 — “Poesias”, ed. cearense, pág. 116.
- 36 — 3a. estrofe de “Pela República”, “Poesias”, 3a. ed. Galhardo Natal, pág. 12.
- 37 — “Introdução à Literatura Brasileira”, op. cit. pág. 118.
- 38 — Idem, págs. 161 e 162.
- 39 — Cf. Rev. ANRL, n.º 6, pág. 74 (artigo de Manoel Rodrigues de Melo).
- 40 — “Variações em prosa”, Esmeraldo Siqueira, Pongetti, Rio, página 104.
- 41 — “Poesias”, ed. cearense, pág. 119.
- 42 — Da 2a. estrofe do poema “Castro Alves”, “Poesias”, ed. cearense, pág. 82.
- 43 — Cf. pág. 48 “Poesias, idem.
- 44 — Cf. pág. 36, idem.
- 45 — Cf. pág. 133, idem.
- 46 — Cf. pág. 56, idem.
- 47 — Poema indicado em o n.º 37.
- 48 — Cf. pág. 69 de “Poesias”, ed. cearense.
- 49 — Cf. pág. 134 de “Poesias”, ed. Galhardo, Natal.
- 50 — Cf. pág. 157, idem.
- 51 — Cf. pág. 99, idem.
- 52 — Cf. pág. 146, idem.
- 53 — Cf. pág. 139, idem.
- 54 — Outros poetas nordestinos integram a galeria abolicionista, tendo, como centro, o grande astro baiano. Por ex., Paulo Leitão Loureiro de Albuquerque, pernambucano que se radicou no Rio Grande do Norte e cuja biografia ora foi publicada por Walter Wanderley (Pongetti, 1969) e o cearense Farias Brito, **doublé** de filósofo e poeta, cujo livro de poesias — Cantos Modernos — editado pouco antes da abolição, tem a musa impregnada pelo ideal da libertação dos escravos, à Castro Alves.
- 55 — A poetisa e professora gaúcha Ana Luíza Bueno Simas, convidada, leu as poesias citadas na conferência.

A PROPÓSITO DE LEITURAS

AMÉRICO DE OLIVEIRA COSTA

Cada dia que passa, o conselho de Flaubert, “ler lentamente”, encontra menos probabilidades de aceitação e execução.

Vivemos todos, neste século vertiginoso, em que a história é apenas e logicamente, desde que não podia ser de outro modo, um reflexo da trepidante existência humana, — vivemos todos, fomos escrevendo, sob o signo da pressa.

E essa agitação transpôs os próprios limites, os próprios recessos em que os indivíduos, ao tipo beneditino, podiam comprazer-se, em silêncio e vagar, na doce e consoladora convivência dos livros e dos autores. . .

Idade essencialmente de paixões e de lutas, de sofrimentos e de esperanças inquietas, — a produção intelectual do nosso tempo, que se desdobra numa progressão indemarcável, — a ficção como a filosofia, a história como a crítica, a sociologia como a poesia, — se acha intensamente penetrada da ardência, da aspereza e do mistério de múltiplos e urgentes problemas, decisivos para o destino das criaturas, todas simultaneamente neles envolvidas, neste fabuloso instante do seu itinerário na face da terra.

A capacidade de sugestão, a força de interesse que essa produção contém, é, assim, infinita e tentacular, e a nossa curiosidade e o nosso desejo de compreensão vivem permanentemente solicitados e provocados, na maioria das vezes, em fórmulas de legítimos debates públicos.

— Como, no caso, diante dessa plethora de obras que nos assalta e nos desafia, a aplicação do conselho, sem dúvida sensato, do criador de *Emma Bovary*? É desde que se tenha em vista, principalmente, que os livros do passado, remoto ou recente, aí estão também, com a sua parcela de vitalidade, beleza e grandeza eternas, com a sua sublime juventude de espírito, as suas lições e as suas experiências fecundas e perenes, a ser dignos da nossa atenção e do nosso amor, das nossas repetidas e sempre comovidas peregrinações às suas páginas imortais, que a patina do tempo não corrompeu e a injúria dos homens respeitou?

* * *

Há, por aí, uma série de regras curiosas e interessantes, para o exercício da leitura, e há, mesmo, até “artes de ler”, visando sistemas de método e equilíbrio.

— André Maurois, por exemplo, em determinado volume, sugere cinco pequenas regras, em verdade encantadoras, engenhosas e atraentes. Coisas assim desta espécie: “Bem escolher sua nutrição. A cada espírito convém alimentos que lhe são apropriados. Aprendamos a reconhecer aqueles que são os “nossos” autores. Eles serão muito diferentes dos de nossos amigos. Em literatura, como em amor, surpreendem-nos as escolhas dos outros. Sejamos fiéis ao que nos convém. Nisso, somos os melhores juízes”.

Ou ainda: “Vale melhor conhecer perfeitamente alguns escritores e alguns temas do que, superficialmente, um grande número de autores. As belezas de uma obra aparecem sempre mal na primeira leitura. É preciso, na mocidade, ir entre os livros como se vai pelo mundo, para aí procurar amigos, mas esses amigos encontrados, escolhidos, adotados, é preciso isolar-se com eles. Ser o familiar de Montaigne, de Saint-Simon, de Retz, de Balzac ou de Proust, basta para enriquecer uma vida”.

* * *

— Montaigne... “Não resistimos, a esta altura, à tentação de concluir com um conceito do mestre dos “*Essais*”: “A melhor maneira de polir o próprio cérebro é esfregá-lo nos dos outros”. Naturalmente, por intermédio dos livros e das leituras, porque o sábio de Bordeaux era um homem de boa paz...”

TRÊS POEMAS DE ESMERALDO SIQUEIRA

SONETO

Pondo em catorze versos o infinito
Nesta forma entre todas soberana,
Os poetas de raça nos têm dito
Os mais belos segredos da alma humana.

Seja na arte sagrada ou na profana,
Nada iguala o soneto mais bonito.
Nenhuma jóia estética se irmana
A esse primor minúsculo, inaudito.

Música, idéia, sentimento, plástica,
Desenho, cor, evocação fantástica,
Sabe tudo exprimir que nos persuade.

Retrata a vida e vence a própria morte,
Gravando para sempre a humana sorte
Nas estrofes de amor e de saudade.

QUARTETOS

Eu quis prender na música do verso
Os íntimos acordes de aminhalma,
Provar, neste cuidado, a quem me ouvisse
Não ter passado em vão pelo universo.

Aos detratores figadais da rima
Fiz pressentir o meu amor por ela.
Amor, e não paixão, pois, muitas vezes,
Versejei sem pensar no auxílio dela.

Mas, a rima oportuna eu sempre amei,
Rima de emprego natural, preciso.
Basta um exemplo aqui: escutem bem
O verso que rimando eu sonorizo. . .

Tenho também amado a orquestração
Dos versos nas estrofes, a harmonia
De uma justa cadência multiforme,
A fim de não causar monotonia.

Sei ainda o que dizem certos parvos
Dessa questão de ritmo. Esse problema
De ser ou não intrínseco resume
O ponto essencial do tal sistema.

A diferença é apenas um recurso
De aparência sutil, mas, em verdade,
Simples cavilação que dissimula
Dos maus poetas a mediocridade.

Alguns, bem raros, inegavelmente
Por menos tolos, apesar de tudo,
Nesses caprichos alcançaram fama,
Graças ao tom hermético e sisudo.

Como brilhantes suicidas da arte
Que se imolaram pela falsa glória,
A funérea lembrança dos seus nomes
De qualquer modo ficará na história. . .

P Á T R I A A M A D A

— Minha Pátria. . . Ao dizer a frase tão singela,
Sinto no coração um frêmito profundo.
O milagre do amor, então, se me revela
Como as fulgurações do sol do Novo Mundo.

— Brasil, Brasil... murmuro em êxtase, conrito,
E, presa de emoção, religiosamente,
Mal posso articular este nome bendito
Que tem algo de santo e brioso e valente.

Penso nos filhos teus, no labor incessante
Por toda a gleba imensa, ao Centro, ao Sul, ao Norte,
Com o vigor muscular, o cérebro possante,
Para seres feliz, sobranceiro e mais forte.

Nos teus campos sem fim, nas tuas oficinas,
Na fábrica, na escola, o trabalho sagrado
 Já transforma a esperança em messes peregrinas,
Honrando no presente as glórias do passado.

Quem poderá descrever do teu lindo futuro,
 Tu que ontem nasceste e tão grande já és!
Pátria, nume de amor, sou o teu filho obscuro.
Eis-me a adorar-te humilde, ajoelhado aos teus pés.

Não tinha aqui para fazer um estudo. De estudos não se faz por uma crônica, mas um trabalho que o tempo leva. De Almeida de Almeida, faz-se uma história, uma história cronológica, uma história de arte. De cartas pessoais só se pode falar de tribuna, não um plano alto, não porta das honras e das glórias. Depois de ler, não faças de Waldemar. Descubramos portanto, o que houve de sua memória. Quero apenas converter um pouco com o tempo, diante das suas antigas, das suas antigas, aqui vou dar a palavra, as Academias Novo-Rio-Grandense de Letras. Não quero fazer de um futuro trabalho, neste caso, a grande conclusão de um poema. Não é de lá que vem.

O desaparecimento de Waldemar trouxe a tristeza de que a morte sempre nos sempre e sempre. Implicava no seu trabalho, presente nas suas atividades. A vida e a morte de um grande homem que nos fez contemplar a história e o seu tempo. O trabalho e o trabalho não contêm uma vida e a história de um homem. A vida é uma história, e não se sabe se a morte é a morte. A grande conclusão entre o tempo e a vida, entre a força e a vida, e os caracteres que sustentam, então era que trabalhavam em trabalho e tempo, no tempo e se é a grande conclusão no trabalho. A grande conclusão, como razão, como expressão, como força, como a vida, não é um tempo do tempo, de trabalho e de tempo. O trabalho de vida e de tempo não é somente um trabalho e de tempo, mas de tempo e de tempo.

(3) Discurso pronunciado no dia 17 de julho de 1972.

Aos detratores figadais da rima
Fiz pressentir o meu amor por ela.
Amor, e não paixão, pois, muitas vezes,
Versejei sem pensar no auxílio dela.

Mas, a rima oportuna eu sempre amei,
Rima de emprego natural, preciso.
Basta um exemplo aqui: escutem bem
O verso que rimando eu sonorizo...

Tenho também amado a orquestração
Dos versos nas estrofes, a harmonia
De uma justa cadência multiforme,
A fim de não causar monotonia.

Sei ainda o que dizem certos parvos
Dessa questão de ritmo. Esse problema
De ser ou não intrínseco resume
O ponto essencial do tal sistema.

A diferença é apenas um recurso
De aparência sutil, mas, em verdade,
Simples cavilação que dissimula
Dos maus poetas a mediocridade.

Alguns, bem raros, inegavelmente
Por menos tolos, apesar de tudo,
Nesses caprichos alcançaram fama,
Graças ao tom hermético e sisudo.

Como brilhantes suicidas da arte
Que se imolaram pela falsa glória,
A funérea lembrança dos seus nomes
De qualquer modo ficará na história...

P Á T R I A A M A D A

— Minha Pátria... Ao dizer a frase tão singela,
Sinto no coração um frêmito profundo.
O milagre do amor, então, se me revela
Como as fulgurações do sol do Novo Mundo.

— Brasil, Brasil... murmuro em êxtase, contrito,
E, presa de emoção, religiosamente,
Mal posso articular este nome bendito
Que tem algo de santo e brioso e valente.

Penso nos filhos teus, no labor incessante
Por toda a gleba imensa, ao Centro, ao Sul, ao Norte,
Com o vigor muscular, o cérebro possante,
Para seres feliz, sobranceiro e mais forte.

Nos teus campos sem fim, nas tuas oficinas,
Na fábrica, na escola, o trabalho sagrado
Já transforma a esperança em messes peregrinas,
Honrando no presente as glórias do passado.

Quem poderá descrever do teu lindo futuro,
Tu que ontem nasceste e tão grande já és!
Pátria, nume de amor, sou o teu filho obscuro.
Eis-me a adorar-te humilde, ajoelhado aos teus pés.

Não estou aqui para fazer um elogio. Os elogios são feitos
para quem está morto, mas a pátria que a morte leva. De Waldemar
de Almeida, faz-se uma história, uma história verdadeira, uma
história de arte. Os elogios são feitos ao se pode falar de elogios, mas
um elogio não, mais para os brasileiros e das glórias. Distingue-se
isto, nos falares de Waldemar de Almeida, no momento de uma de
sua histórias. Quanto apenas escrever um poema como a história,
dante dos seus amigos, dos seus conhecidos, aqui muitos e muitos
na Academia Brasileira de Letras. Não deve ser, de
seu futuro trabalho, neste caso, a perda completa de um poema
bom e de um arte.

O desaparecimento de Waldemar trouxe a morte de um
a morte sempre nos corações e a alma. Imprescível na sua história,
purgante nos seus trabalhos. A vida e a morte são grandes histórias
que nos são contadas e o homem e o seu mundo. O mundo e o
realístico são contados, não existem a história do homem. A vida
um momento, e não se sabe se a morte é o fim, mas a morte
obstante entre o tempo e a vida, entre a força que nos dá a vida
que destrói, entre a vida que destrói, entre a vida que destrói, entre
entre a vida e a grande história no mundo. E a história, entre a vida,
como razão, como expressão, como força, entre a vida, entre a vida,
entre a vida, entre a felicidade e da vida. O mundo da vida e da
morte não é somente um e expressão, história, história, história.

1919

(*) Discorso pronunciado no dia 20 de julho de 1919.

WALDEMAR DE ALMEIDA (*)

ONOFRE LOPES

Não estou aqui para fazer um elogio. Os elogios são, sempre, uma exaltação, uma apologia que o tempo leva. De Waldemar de Almeida, faz-se uma história, uma história sentimental, uma história de arte. De certas pessoas só se pode falar de tribuna, assim em plano alto, mais perto das honrarias e das glórias. Dizendo melhor, não falarei de Waldemar. Descubro-me perante ele, diante da sua memória. Quero apenas conversar um pouco com a saudade, diante dos seus amigos, dos seus confrades, aqui unidos e reunidos, na Academia Norte-Rio-Grandense de Letras. Não desejo furtar do seu futuro sucessor, nesta casa, o estudo completo da sua personalidade e da sua obra.

O desaparecimento de Waldemar traz-nos a reflexão de que a morte sempre nos comove e assusta, implacável no seu fatalismo, pungente nas suas tristezas. A vida e a morte são a grande incógnita que nos faz contemplar o homem e o seu mundo. O material e o metafísico não contentam nem saciam a ânsia do espírito. A vida é um momento, e não se sabe se a morte é o termo final. A grande contenda entre o tempo e a vida, entre a força que cria e os elementos que destroem, ensina-nos que caminhamos em nebulosos rumos. Somente a fé é o grande consolo no vendaval. E o homem, como forma, como razão, como expressão, como força, pensa e sonha, luta e sofre em busca do amor, da felicidade e da paz. O destino da vida e da morte não é somente um crepúsculo intranquilo, quando muitos co-

(*) Discurso pronunciado no dia 17 de julho de 1975.

rações resmungam apenas uma oração aflita. E assim, ao abrigo da esperança, fazemos a caminhada. Assim vivemos, assim morremos, sempre nos interrogando, nos procurando dentro do nosso destino, da nossa origem, do nosso fim. É a condição humana. Corpo e alma identificam-se na qualidade da pessoa, no todo da sua personalidade. O material e o espiritual fazem o conteúdo humano. O corpo é extensão no espaço, sensível, concreta, convulsa de transformações, de oxidações, assimilação, desassimilação. É substância viva que se forma, cresce, renova-se, envelhece e destrói-se. A alma, impalpável, idêntica a si mesma, imutável na forma e na substância, alheia ao tempo, é o princípio que pensa, sente e quer. Um é o complexo de carbono e a fórmula das núcleo-proteínas; o outro é o imponderável, a energia vital, capaz de agir, de determinar-se independente, consciente. De um lado, a mecânica e a dinâmica celular, do outro, as forças da vida, da sensibilidade, da percepção consciente. Tudo se soma nessa unidade que reflete emoções, aspirações e ideais. É o indivíduo na sua perspectiva moral, ajustado ao princípio ético, capaz de julgar, deliberar e agir. É a pessoa humana, sociável, susceptível da medida dos impulsos, dos desejos, da fragilidade e das paixões. A natureza é um tumulto de ações e reações, regidas por leis físicas e biológicas, mas as fronteiras do homem se traçam pelas qualidades do seu espírito e pelos relevos das suas criações. As conquistas que acumula nascem das suas tendências íntimas. O progresso nas ciências, nas artes, nas letras é a soma do poder criador. A dinâmica social gera a harmonização das suas forças. A ação e a contemplação, o real e o irreal, a fé e a prova encontram no tempo o poder dos seus efeitos. Da luta, dos conflitos, do ser e o do não ser, da razão e da força, nasce sempre a verdade, o belo e o justo. Em todas as épocas, houve e haverá sempre a sombra dos temporais, dos enganos e das decepções, mas nunca deixará de prevalecer o bem e de clarearem manhãs de belas esperanças. As coisas e os fatos têm a sua própria fisionomia e o seu próprio significado, o significado que lhe damos, que o nosso espírito idealiza, cria e sente.

Cada um de nós faz o seu próprio mundo, diante do tempo e das circunstâncias. Nada em si é bom ou mau. E as cores da vida se ajustam aos moldes da sua psicologia, e da sábia direção da sua conceituação moral. O homem é sempre o agente e a causa. É nobre pela razão, infinito pelo pensamento, divino pela forma, pelo movimento, pela ação. O raciocínio, a moral e a emoção estética são componentes que as forças ancestrais diversificam e que o meio sensibiliza, fazendo, de cada um, expressão fiel das suas origens.

E Waldemar de Almeida foi dono dos melhores pensamentos, fez e viveu o seu mundo de amor e arte. A música foi o seu universo. Nasceu para ela, engrandeceu-se com ela. Foi a sua vida, vida feita de méritos e virtudes. A morte foi um desencontro fatal com as suas inspirações, mas realizou os seus sonhos e a sua obra, plantou muitas

árvores, escreveu muitos livros e deixou muitos filhos de virtuosidade e de afeto. Usou de combatividade audaciosa para implantar a música como educação necessária. Deu forma aos impulsos da sua biogênese e fez-se devoto dos seus destinos. Descobriu magnífico filão de ouro que o conduziu ao tesouro inesgotável da sua sensibilidade estética.

Tinha Waldemar cerca de oito anos, quando por força dos acontecimentos, bateu à porta do seu futuro. Seu pai, Cussi de Almeida, dono de uma casa de jogos recreativos, tinha no estabelecimento, para dar ambiente festivo aos seus fregueses, uma pianola, instrumento modesto, de poucos recursos sonoros. Cussi era homem austero e rigoroso. Proibia certas expansões e traquinadas dos filhos. Waldemar, vez por outra, aparecia, às escondidas, e atacava a pianola de qualquer jeito, sem saber música, e saíam, de ouvido, cantigas de todo o encanto popular. Isto fazia com que Antônio Braga, que era o gerente, sempre ficasse muito aflito quando o menino fazia essas investidas. Olho na pianola, olho na porta da rua, coração batendo forte, pedia a Deus que o traquinas desse o fora. Chegou o dia. O Sr. Cussi, ao entrar de mansinho, surpreendeu Waldemar solto na geringonça tocando a “Baratinha Yayá” e o “Bom Barquinho”. Braga apavorou-se, fez sinais frenéticos ao fedelho, mas o Sr. Cussi fez-lhe gesto com a mão e ocultou-se atrás de um reposteiro, e ouviu tudo. Resultado: comprou imediatamente um piano: era o respeito do homem inteligente à vocação do filho. Vieram aulas com o Prof. Alexandre Brandão, primeiro musicista que tocou Chopin em Natal. Estudou também com o Prof. Babine. Aos dez anos de idade participou de um concerto no então Teatro Carlos Gomes, quando tocou dois números, a “Sonata Patética” e “Ao Luar”, de Beethoven. Com o futuro traçado, vencendo dificuldades, seguiu para o Rio de Janeiro, onde, depois dos exames exigidos, ficou altamente classificado na seriação do Instituto Nacional de Música, onde estudou com brilho. Em seguida, foi aperfeiçoar-se na Alemanha. Viajou para Berlim aos cuidados de um amigo que o deveria receber no porto de Hamburgo. O sinal para ser identificado, no desembarque, seria agitar um lenço em torno da cabeça. Cansou e não apareceu ninguém. Saiu carregando a sua mala. De uma topada, a mala caiu, abrindo-se e derramando tudo. É acudido por pessoas, quando, também, atrasado, chega o tal amigo que o conduziu para o hotel. Foi o primeiro atropelo que, com outros, não pesaria na sua determinação. Após quatro anos de estudos com renomados mestres, transferiu-se para Paris, onde também permaneceu quatro anos. Formou, assim, o seu espírito nas melhores escolas do mundo, com o requinte da perfeição e da disciplina. Voltando ao Brasil, já decidido a fixar-se no Rio de Janeiro, veio a Natal rever a terra e a família, mas foi atraído pelo destino e ficou. O cenário da vida de menino o comoveu, com ele identifica-se e incorpora-se no espírito artístico da terra. Feito da mesma argila, representa e evoca o seu povo, as suas lendas, a sua poesia, as suas melo-

dias. Penetra nas entranhas da terra e ouve a canção dos seus bairros. Aprofunda-se na alma da gente para inspirar pautas bonitas e sentimentais. Vivendo o seu universo, leal a si próprio, convenceu-se de que a mocidade de sua terra lhe seria matéria-prima de que ele, como ourives, transformaria em jóias e sucessos. Ajudado por insistentes convites, resolveu ficar e fixar-se em Natal. Seria professor, modificaria o ambiente, que deixaria de ser uma tecla muda no concerto artístico do seu tempo. As forças da decisão e da fé foram os seus instrumentos de trabalho, trabalho de arte educativa, de transformação e disciplina mental. Todas as suas ações eram nobilitadas de puros propósitos. Foi rigorosamente um professor. Não um professor de classes. Era o professor de cada aluno individualmente, para melhor lhe transmitir a técnica, a arte e a emoção. Criou o Curso de Piano Waldemar de Almeida, onde nasceram e cresceram grandes revelações: Oriano de Almeida, admirável intérprete da literatura do piano, Tulio Tavares, Maria da Glória Sigaud, Dulce Cicco, Luiza Maria, que haveria de ser a sua sucessora na Escola de Música da Universidade. Criou o Conservatório de Música, o Instituto de Música, estimulou o ensino orfeônico nos estabelecimentos educacionais do Estado. Fez sentir, a todos os instantes, a sua didática intuitiva e os seus méritos de vocação. Regeu o Canto dos Pescadores, de Henrique Castriciano, a três vozes, no então Teatro Carlos Gomes, cantado por cento e cinqüenta elementos. Depois de ensinar por muitos anos e crescida a árvore que plantou, por motivos que lhe feriam o coração, mudou-se para Recife, onde manteve o seu Curso, foi Catedrático do Colégio Oficial e tornou-se presença do maior destaque. A convite da Universidade Federal do R. G. do Norte, que se criava e se ampliava, veio fundar a Escola de Música à qual deu organização e funcionamento dignos do seu nome. Mais uma vez, Waldemar foi a grande bandeira que imprimia confiança à sua terra.

Predominantemente professor, acumulando teoria e prática da mais alta qualificação, brilhava-lhe simultaneamente a força da inspiração. Sentia em profundidade o espírito da terra e a índole da sua gente. Em verdade, a música guarda o reflexo de cada região, fiel expressão de cada povo, vivendo a sua emoção; cada indivíduo vivendo a emoção da sua idade, a canção da sua terra, a vida simples e o sabor de cada coisa. A música marca os nossos passos, evoca o passado, volve ao paraíso perdido. Mais que qualquer outra arte, eterniza os sentimentos e emoções. Mais que os tipos humanos, que a linguagem, que as atitudes, fixa seus efeitos na memória. A permanência de Waldemar de Almeida no Velho Mundo não varreu do seu espírito a chama nativa, não o distanciou da terra, dos céus, da vida bucólica da sua cidade. A educação musical aprimora a forma, disciplina as tendências, exalta as vocações e conserva a expressão telúrica como base a essência das criações espirituais. Toda música, em qualquer tempo, a música da igreja e a do teatro, a música

sacra ou a música profana, a música romântica ou a lírica, a litúrgica ou a épica, a antiga ou a moderna trazem a linguagem emocional do espírito, sentida e tirada da funda intimidade do ser, da essência da alma. Waldemar tinha também essas fortunas. Foi um compositor. Tinha imaginação, espiritualidade, gosto estético e inspiração. Muitas das suas composições, eruditas e puras, são motivos nossos feitos canções, folclore com todo o sabor popular, deliciosas vozes do nosso povo, em trajes de luxo. Música clássica e música moderna, fiel ao espírito do tempo, música sem idade. O cantochão melódico e profundo não é esquecido nas sombras dos séculos. As produções renascentistas têm a sua eternidade. O barroco conquistou o tempo e o espaço e, mesmo depois de exatos, ainda reviveu no grand siècle com Bach e Handle. As valsas vienenses têm o seu divino encanto. O romantismo nostálgico de Chopin é de beleza inapagável. Disse o sempre mestre Cascudo que Waldemar “divulgando a música clássica, com dedicação e desvelo, amava a inspiração anônima e popular, o ritmo insistente dos Caboclinhos. Sempre desejou estilizar um álbum de Modinhas Tradicionais, aproveitando as melodias inesquecíveis dos violões”. Compôs a coleção Paisagem de Leque, Natalezas, Noturnos, Totaca de Clô, Cosmoramas, Invocação, Palma de Ressurreição, Minha Canção Auri-Verde, Canto da Raça, Canção Guerreira, Hino de Santana, Hino a São Judas Tadeu, músicas de grande expressão, beleza, feitas para o piano, para o violoncelle, para o violino, e canto.

O menino nascido em Macau, e que veio para Natal, estudou as primeira letras ao estilo do tempo, e no Atheneu fez os seus preparatórios. Bacharelou-se em Direito, mas não exerceu a advocacia. Foi essencialmente professor de música e compositor, e, ainda como refere Cascudo, nasceu professor, alto e nobre exemplo de fidelidade vocacional. Poliglota, falando fluentemente inglês, francês, alemão, italiano e espanhol, permaneceu sendo professor. Era o mestre, dando cumprimento à profecia do senhor Cussi que chamava “meu maestro” ao menino que, desde cedo, passou a usar cabelos compridos deramados pela nuca e gravata de pintor. Era Waldemar profundamente amigo dos seus amigos. Guardava a mística do apreço aos contemporâneos. Para ele, o refúgio no passado é a tendência dos que envelhecem, e os velhos amigos lhe são o convívio de emoções inconfundíveis. Também, com os moços identificava-se com os seus arrobos e os seus ideais. O seu desejo era ver o triunfo da arte musical, como musa criadora. Detestava aqueles que são devotos dos êxitos a qualquer preço, do poder em qualquer circunstância. Exaltava a austeridade dos costumes. Era um escravo da gratidão. Para ele, nunca havia pagamento de favor que recebesse. Conheci Waldemar por mais de 40 anos. Sempre estive à margem do caminho para ver passarem as suas glórias. A vida foi pequena demais para o seu espírito. Os seus ideais os soube transmitir à juventude. Para ele, o aluno que

se sobressaía, era a melhor forma de se lhe colocar um sorriso no coração. Teve pessoa e qualidade para ser um marco. Teve um bom cérebro para pensar, uma grande alma para as melhores emoções e habilidosas mãos para engrandecer a arte. Assim viveu para rir, amar e sonhar. O seu mundo foi um sonho, um destino, uma constante virtude na ânsia do ideal. Hoje, a sua terra é uma cidade soluçante. Para a cultura, para a arte e para as letras, uma lacuna triste. Nós, da Academia, sentindo-nos também da família, dizemos a você, Waldemar, que estamos sentindo a sua falta neste mundo. A dona Hilda, dona Bibi, Raimundo, Clóvis, Waldemar Júnior, Cussi, Ana Corinta, Otávio, Ilza, netos, sobrinhos e outros parentes, a Academia Norte-Rio-Grandense de Letras transmite o seu pesar nesta noite, neste encontro do adeus. Adeus a Waldemar que foi o exemplo e a lição fecunda. O exemplo que agora é patrimônio da arte. Ele partiu, mas estará sempre entre nós, na bonita lição da sua vida.

AGRADECIMENTO (*)

RAIMUNDO DE ALMEIDA

Profundamente emocionado nesta hora, cumpro o dever — que é praxe nesta Casa — de agradecer, em nome da família de Waldemar de Almeida, a homenagem póstuma desta noite.

Esta solenidade que sensibilizou todos nós, parentes, admiradores e Amigos do Maestro, revestiu-se de especial significação para mim. Foi Waldemar mais do que um irmão: O Amigo de todas as horas, o companheiro de todas as lutas, o incentivador de toda a minha vida.

Desde cedo aprendi a admirá-lo, pela retidão de sua conduta, pelo comportamento generoso do seu coração e pela capacidade inextinguível de dedicação aos ideais mais nobres.

Na ausência, por motivo de força maior, da viúva e dos filhos, se torna para mim um imperativo emocional, o agradecimento à última homenagem da Academia.

Esta homenagem acresce sua importância, por ter como orador do necrológico o Acadêmico Onofre Lopes, velho e querido Amigo de Waldemar de Almeida.

Ele, como Waldemar, cumpriu a determinação filosófica de que: “a vida só é digna de ser vivida, quando se pode fazer algo por uma vida em vida”. Irmanaram-se nos mesmos sonhos, confr-

(*) Palavras de agradecimento, pronunciadas em nome da família no dia 17 de julho de 1975.

ternizaram-se nos mesmos ideais da Universidade e de maneira tal que esta amizade, construída em vida, continua agora depois da morte.

Não cabe a quem agradece, em nome da família enlutada, querer percorrer os caminhos do orador; recorro, entretanto, o devotado amor que ligava Waldemar de Almeida ao Rio Grande do Norte, jamais por ele esquecido, evidenciado até no seu último desejo: O de repousar em sua terra natal; amor que floresceu, criou raízes e desabrochou em frutos, com a realização do seu sonho: a criação da Escola de Música. Conseguiu então fixar na terra as inteligências dedicadas á música, evitando, assim, o êxodo da juventude norte-rio-grandense, para centros musicais distantes.

A Academia de Letras foi seu outro amor. Mesmo distante, correspondia-se com freqüência, zelava pela sua imagem, interessava-se pelas eleições literárias, participava de suas decisões.

Era um homem sem subterfúgios, leal até a medida extrema, corajoso em suas atitudes, emocional até as lágrimas, amigo desde a tempestade das horas incertas até a claridade das alegrias.

Nesta hora, onde, como Guimarães Rosa, poderíamos dizer que os mortos se tornam encantados; divisando esta região de mistério, difícil de se efetivar o limite entre a realidade e o sonho, Waldemar de Almeida se torna presente afirmando: Em direção à luz, harmoniosamente, sempre viveu esta Academia, iluminada pela inteligência dos seus pares; destas luzes vivas me afasto agora para não mais voltar; deixo, entretanto, a mensagem do adeus, a serena presença da saudade que o tempo levanta em vez de destruir, nesta noite de claridade e de música das estrelas da recordação.

Velhos amigos, obrigado.

MACAÍBA HÁ UM SÉCULO 12 DE SETEMBRO DE 1876 NASCIMENTO DE AUTA DE SOUZA

JOSÉ MELQUIADES

(Palestra pronunciada em Macaíba, no dia 12 de setembro de 1976 e no Instituto Histórico em outubro do mesmo ano).

Doze de setembro de 1876. Povoação nascente, tranquila, bucólica e buliçosa. Cinco anos antes do nascimento de Auta, Henrique Pereira, então Presidente da Província, depois Barão de Lucena, dizia maldosamente ser Macaíba uma vila insignificante e atrasadíssima. Eloy de Souza, entretanto, em suas Memórias, só agora publicadas pela Fundação José Augusto, afirma que Macaíba, nessa época, era a capital política do Rio G. do Norte, centro das atividades e articulações do Partido Liberal, ponto de concentração comercial, base convergente entre o Seridó e o Agreste, Ceará Mirim e São José de Mipibu. Naquele ano de 1876, pertencia ainda ao município de São Gonçalo. Desde 1868 que mudara o nome de Coité para Macaíba, numa cerimônia assaz bizarra. Deve-se o topônimo à fulgurante imaginação do major Fabrício Pedroza, senhor dos Guarapes, que enfeitou aquela palmeira silvestre, reuniu convidados e chamou o vigário da freguesia para benzê-la. Sob as bençãos de Deus e a invocação da Santa Madre Igreja, operou-se o milagre, sem o incômodo das leis. Os navios da Inglaterra desciam o estuário do Potengi, na maré montante, e aportavam nos Guarapes, onde Fabrício Pedro era rei, o porto, um empório, e o pai de Auta exercia as funções de guarda-livro, na firma ali organizada. Dos Guarapes

aos arredores de Macaíba situava-se a zona açucareira, porto de embarque e escoadouro de produtos outros. Havia, entretanto, na Povoação nascente, poucas casas. Duas ruas principais bastavam à movimentação. Rodeavam esse povoado árvores frondosas e frutíferas, tais como cajueiros, goiabeiras, laranjeiras, saputizeiros e coitéis. Pássaros diversos saltitavam e cantavam em suas ramalheiras. A natureza vivia em festa. Possuía instrução pública desde 1865. Ferreira Nobre concluía as notas de sua Breve Notícia, publicada em 1877, quando Auta de Souza engatinhava. Engatinhava igualmente a História do Rio G. do Norte, no seu primeiro ensaio. O mesmo Nobre nos conta haver duas escolas primárias, com 76 alunos nelas matriculados. Eram professores Padre Bernadino de Sena Lustosa, d. Joana de Nazaré Barbosa e Francisco Lustosa Cabral. Pertencia ainda à freguesia de São Gonçalo, curada pelo vigário Manoel Fernandes de Lustosa Lima. Ferreiro Torto e Mangabeira firmavam-se como engenhos açucareiros pertencentes a senhores influentes e prestigiosos políticos. Construía-se a Igreja Matriz sob a invocação de N. S. da Conceição, cuja pedra fundamental fora lançada em 1858 pelo major Fabrício Pedroza, numa solenidade religiosa a que compareceram o vigário de Natal, padre Bartolomeu da Rocha Fagundes, o vigário de São Gonçalo, padre Paulo Monteiro de Lima e mais os padres Alexandre Ferreira Nobre e Francisco de Paula Soares. Nesse mesmo ano do nascimento de Auta de Souza se inaugurava a capela de São José, a crer nas informações do nosso primeiro historiador. Povoação pequena, todavia movimentada. A rua era de chão batido e por ela itineravam os escravos carregando, às costas, sacos de mantimentos. A rua que tem, hoje, o nome de Augusto Severo, naquele tempo chamava-se rua da Pátria e o Grupo Escolar Auta de Souza era a Casa Nova, onde nasceu a poetisa. Destacavam-se três importantes firmas comerciais: Paula, Eloi & Cia, formada pelos sócios Francisco de Paula Rodrigues, avô de Auta, o pai, Eloy Castriciano, e o coronel Tomás Pessoa de Melo. As outras duas pertenciam, uma, ao comendador Joaquim Inácio Pereira, outra, ao major Fabrício Gomes Pedroza. A firma Paula, Eloy & Cia., dá-lo Eloy de Souza, “era uma casa bancária, financiadora das safras de açúcar de grande parte dos municípios de Ceará Mirim, São José e do vale de Cajupiranga”. Prestavam assistência médica dois famosos homeopatas que se rivalizavam em garrafadas, emplastros, purgativos, depurativos, punções, cristés e xaropes. Operavam milagres em doses preparadas e ministradas aos pacientes em copos nunca acima de meio, cuja tisana se ingeria em colheres de sopa ou de chá, conforme a gravidade da moléstia. Esses dois curandeiros benfazejos chamavam-se José Francisco Areia Zamba e Manuel Laurentino Freire de Alustau Navarro, conhecido como Professor Manuel Navarro, residente em Parari, com uma fama espalhada numa redondeza de 20 léguas. Os divertimentos eram engraçadíssimos: dividiam-se em danças inocentes,

aquilo que Câmara Cascudo chamou de “assustados”, coreografadas ao som do piano e intercaladas de recitais. Não faltavam bons vinhos e a cerveja se refrigerava ao pé do pote ou sepultada em areia molhada. Nos dias de estiagem passeava-se a cavalo no melhor estilo dos prados. Os homens usavam culote, botas de couro, perneiras reluzentes, arreios caros e sela alcochoada. As mulheres montavam em silhão, de vestido comprido, estribo de um só lado, um arção semi-circular para apoio de uma perna. Feio seria uma mulher vestida de homem sentada numa sela com as pernas bifurcadas. Não sei se os pregadores do tempo ameaçavam as mulheres com a passagem do Deuteronômio que sentenciava: “a mulher vestida de homem é abominável diante de Deus”. Moisés gostava delas em roupas mais leves. Outros divertimentos freqüentes e usuais eram as novenas, festividades religiosas, procissões de santos votivos, as santas missões junto às capelas e cruzeiros, pregadas pelos frades barbadinhos sob ameaças de terríveis castigos celestiais, penitências duras, caso quebrassem os preceitos da “Santa Religião”. Nessas pregações faziam-se e refaziam-se casamentos, ministravam-se sacramentos outros reservados às desobrigas. Em meio a tudo isso, corria o bumba-meu-boi, dançavam-se congos, organizavam-se cavalhadas, espécie de justa de cavalaria adaptada ao Nordeste; não faltavam fandangos e vaquejadas. As vaquejadas não eram assim como as de hoje. Diz ainda Eloy de Souza que o boi se derrubava a ferrão e exigia mais coragem e mais destreza do vaqueiro e da esteira. Os santos mais festejados e lembrados eram S. Pedro, fundador da Igreja de Cristo, Santo Antônio, amigo das moças e protetor dos casamentos, São Bento que curava mordedura de cobras venenosas e São Braz, bispo, que desengasgava os gulosos que atravessavam a garganta com um osso de galinha gorda ou uma possante espinha de peixe. São Benedito ainda não estava em moda, tinha nicho na Matriz de S. Gonzalo e protegia os negros escravos. A iluminação se fazia a bico de candeeiro; toadas e modinhas enchiam as noites calmas. Havia umas casas mais sofisticadas que poderiam ser incluídas no mesmo ritmo da narrativa que aquele simplório piauiense fez, em carta, à mãe, sobre a primitiva iluminação de Parnaíba.

— “Mamãe. A luz aqui é feita de gazome. Não precisa pavio nem truçida de algodão mode acendê. É só distrocê uma tornera como quem tira cachaça de ancoreta e riscá um fosco que a luz accende biatamente e é tão culara que faiz inté gosto”. Macaíba tinha lá as suas idiossincrasias adaptadas ao seu tempo. Imagine-se que na Guerra de Secessão, na América do Norte, uns 14 ou 13 anos antes de nascer Auta de Souza (1861-1865), a povoação progrediu assutadoramente graças à alta do preço do algodão e do açúcar. A feira virou mercado persa, forum romano ou templo judaico. Agricultores e comerciantes multiplicaram seus haveres; aumentaram-se os lucros a centro por um e “passaram a gastar a mãos largas”. Importavam selas da Inglaterra,

botas da Rússia, sedas da China e usavam, nas montarias, arreios de prata. Viveu-se aquele período áureo que o próprio Eloy de Souza classificou “de ostentação transitória”, semelhante a Olinda ao tempo de Fernão Cardim, o que Mário Sétte descreveu como “um delírio de ostentação”.

Papai Noel ainda não visitara o Brasil, metido nas suas botas de sete léguas. Os encantos do natal emanavam da Mangedoura de Belém, na simplicidade do Presépio ou do Retábulo que Francisco de Assis introduziu numa gruta de Graccio nos idos de 1223 para celebrar a natividade do Menino Jesus e a adoração dos pastores. Nada de árvore simbólica decorada com falsa neve em tiras de algodão sanforizado, semelhante a algodão doce à espera das formigas. Dos nórdicos tinha-se a notícia de seus olhos azuis, rostos avermelhados e cabelos cor de fogo. Os presentes natalinos às crianças desciam do céu, distribuídos pela mão de Deus. Assim poetava o cearense Antônio Sales quando Auta estudava com as religiosas vicentinas: (Natal)

Noite de Natal, Tereza
Brincou, correu seca e moca
E enfim de cansaço presa
Foi dormir sua soneca

Quando acordou que surpresa
Vendo ao lado uma boneca
— Rosada como uma inglesa
— Loira como uma sueca

Vestiu-se de doudo afã
E em procura da manhã
De porta a fora correu . . .

E ao vê-la, disse Mãezinha
Olha essa bonequinha
Que Nosso Senhor me deu.

Poesia simples, ingênua, porém perspicaz e penetrante.

Castro Alves era a voz que clamava nas cidades, penetrava no sertão, ecoava no litoral; ouvia-se de norte a sul. Sua poesia patriótica e vibrante, à maneira de What Whitman, flutuava com as espumas, açoitava, como tufão, o convés e o tombadilho dos navios negreiros, penetrava nos mocambos, acompanhava o escravo Lucas no flanco da serra e descia com ele pela solitária ladeira, improvisando cantigas de uma ternura incomparável:

“Eu gosto dessas cantigas
Que me vêm lembrar a infância
São minhas velhas amigas
Por elas morro de amor...
Deixai ouvir a toada
Do cativo lenhador”.

Esta era uma voz que de certo, não clamava no deserto.

No ano seguinte ao nascimento de Auta (1877), Macaíba passou a município e ocupou a estreita faixa de terra que nascia nos Guarapes e morria em Serra Caiada. O homem mais respeitável do lugar, na opinião de Eloy de Souza, não era o major Fabrício Pedroza, mas, sim, o coronel João Batista de Vasconcelos, pela sua lealdade, sinceridade, disposição e coragem. Frei Serafim de Catânia, missionário de fé inabalável, o frei Damião da época, assombrava meio mundo e ai do vilarejo sobre o qual ele batesse o pé das alparcatas em sinal de desprezo. Certa vez, desentendeu-se com dirigentes de Utinga, excomungou uma gameleira onde se organizara uma feirinha, os feirantes debandaram assombrados e a feira acabou-se até hoje. O castigo empobreceu Utinga, mas dele beneficiou-se Macaíba, onde a feira local prosperou em gênero alimentício e número de frequentadores. Assim são às coisas desse mundo de meu Deus. A povoação de Macaíba embarcava, pelo seu porto, açúcar, algodão e couros salgados. Não se decretara, ainda, a lei estadual para fixar sua receita ou determinar sua despesa, segundo anotação de Ferreira Nobre. Ligava-se com Natal pelo transporte fluvial na crista da maré montante. Pelas águas plácidas, remanceadas, borbulhando nas margens, alagando os mangues sapateiros, deslisavam os botes de velas brancas, as barcaças Dona Silvinha e Henriqueta, o cúter Cacique de propriedade do pai de Auta. Apontavam-se os botes de João Biname e de João Grande, mestres habilidosíssimos, conhecedores dos mistérios do rio, donos dos segredos das rotas, destros no leme, na vara e na vela. Os homens dormiam de chambre e, as mulheres, de touca. Nessa paisagem tranquila e saudosa, serena e dolente, de casario baixo e esparsos, de chão batido e influência política, mergulhada ainda na tradição viva daquele sótão entre duas fazendas de gado pertencentes a José Coelho e José Álvares, iluminada pelos clarões da lua cheia e os revérbos do sol tropical, nesse ambiente de brisa fresca, imune de qualquer poluição, nasceu, no dia 12 de setembro de 1876, aquela que seria a poetisa do Horto. Nasceu Auta de Souza na Casa Nova, na rua do Comércio, casa construída por mestre Timóteo, velho amigo da família. Até 1875, seus pais moravam na casa do porto, na rua da Praia, às margens do rio Jundiá, onde nasceram Henrique Castriciano e Irineu. Batizou-se Auta 12 dias depois, possivelmente na Capela de S. José, sendo oficiante o padre Bernadino de Souza Ferreira Lustosa. Auta foi a única filha moça

do casal Eloy Castriciano de Souza e Henriqueta Leopoldina. Advinha-se a felicidade e a alegria que a menina trouxe àquele lar. Meiga, terna, frágil, cresceu tímida, instruída na tradição religiosa catolicamente concebida. Dividiu sua infância entre as memórias de Ferreiro Torto, Mangabeira, Guarapes. Viveu entre Utinga, Araçá e Jundiáí. Os anos vieram vindo e com eles as alegrias e decepções. Cedo perdeu os pais. A mãe morreu em Jundiáí, em 1879. O pai faleceu em Macaíba, em 1881. Ambos prematuramente, ela com 27 anos, ele aos 45. Auta foi criada pela avó materna, Silvinha de Paula Rodrigues, na intimidade, Didinha. Sua vida é marcada pela perda dos entes mais queridos da família. Aos 11 anos, testemunha lamentável tragédia doméstica: Vê o mano João Câncio morrer queimado numa explosão de candeeiro, aquilo que o irmão Henrique denominou de "noite de assombração". Depois de receber os primeiros rudimentos de português e aritmética, segue para Recife onde vai estudar no Colégio São Vicente de Paula com as religiosas francesas. Evitarei detalhes supérfluos. Veja-se a sua Vida Breve, biografada por Luís da Câmara Cascudo, decalcada nas Memórias de Eloy de Souza, enriquecida com anotações e observações pessoais, e viu-se tudo. Auta cresceu no espaçoso quintal de sua chácara entre árvores, arbustos, roseiras, lírios, canto de graúna, sabiá, xexéu. Não foi uma menina triste. Desenvolveu sua infância como todo ser humano, sadio e normal: buliçosa, travessa, curiosa. Os carinhos da avó e os confortos da religião complementaram o quadro emocional e místico de sua primeira infância. Atinge a adolescência, as mutações biológicas, as inquietudes da menina-moça. A tuberculose assaltou-a aos 14 anos e fê-la triste. Aos 15 versejava no melhor estilo lírico e sentimental. A poetisa vai evoluindo, a musa borbulhando em cânticos harmoniosos, inspirando as produções do espírito. Nascem as DÁLIAS no festim do seu Olimpio caseiro, perfumado pelo jasmineiro de estimação. Seu estro, ora doce, ora amargo, leva-a espontaneamente ao HORTO, como outrora lá ia Jesus contemplar as torrentes do Cedron e meditar, à sombra das oliveiras, sobre os mistérios da morte. Esta inspiração poética mereceu-lhe justas considerações dos melhores críticos: Nestor Vitor, Olavo Bilac, Jackson de Figueiredo, Tristão de Athaide. Cascudo lhe comentou os inéditos. Artur Pinto da Rocha, riograndense do sul, poeta e político, colega do irmão Eloy na constituinte de 1897, anotara-lhe carinhosamente os originais de o HORTO. Não analisarei, aqui, seus madrigais e cromos. Não nos sobre mais tempo nesta belíssima noite de recordações vivas e vividas. Direi apenas que sua poesia não é tão mística nem tão angélica ou tão virtuosa como se tem apregoadado. Tudo que se tem dito dela é merecido, mas sua inspiração foi mais ativa do que contemplativa. Talvez seja até exagero considerar essa poesia essencialmente católica. Sua poesia brota dos anseios da alma num coração que amou a vida e não a morte. E lá está no Evangelho que todo "aquele que aborrece sua vida, conser-

vá-la-á para a vida eterna". Esse desprezo às coisas terrenas, esse exa-gero meditativo, essa imolação resignada teve-a Santa Tereza e teve-a também o gênio desprendido que idealizou a Imitação de Cristo. Auta de Souza, não. E isso não constitui demérito algum. Se viveu nesse estado de graça, que lhe vem sendo atribuído, por que assinou poemas e sonetos com pseudônimo masculino? Sua poesia é amarga, sofrida, espiritual, sem dúvida, mas dentro da normalidade da mulher que desejava ser amada, ser correspondida nas suas aspirações femininas. Deixou uma mensagem maternal às crianças de sua terra e isso é meigo, terno, risonho, humano, enfim. Sublime e não divino. Todo poeta se assemelha, aqui e além, na inspiração, na ternura, nos eflúvios da alma, no compasso do coração, na cadência das emoções. Alphonsus de Guimarães, por exemplo, na pujança do seu estro, gabava-se de participar da intimidade de Deus mais do que, talvez, os jesuitas privem da Companhia de Jesus:

Ninguém anda com Deus mais do que ando
Ninguém segue seus passos como eu sigo
Não bendigo a ninguém e nem maldigo
Tudo é morte num peito miserando.

Fora essa prece mística recitada na sinagoga, nos tempos de Cristo, e não faltaria exegeta para compará-la à parábola do fariseu e do publicano. São inúmeros os poetas que se preocupam com as crianças, com esta e a outra vida, com a morte, com Deus, enfim. Jonathas Serrano cantou o riso, os olhos, a alma, a criança toda. Augusto dos Anjos, tão acusado de lúgubre e mórbido, tem esse raio de luz celeste iluminando os despojos do seu pai:

Madrugada de treze de janeiro
Rezo, sonhando, o ofício da agonia
Meu pai nessa hora junto a mim morria
Sem um gemido, assim como um cordeiro

E eu nem lhe ouvi o alento derradeiro.
Quando acordei, cuidei que ele dormia,
E disse à minha mãe que me dizia:
"Acorda-o"! deixa-o, mãe, dormir primeiro

E saí para ver a Natureza!
Em tudo o mesmo abismo de beleza,
Nem uma névoa no estrelado véu...

Mas pareceu-me, entre as estrelas flóreas,
Como Elias, num carro azul de glórias,
Ver a alma de meu pai subindo ao céu.

Não é essa composição essencialmente mística? De certo.
E Augusto dos Anjos nunca teve pretensões ao misticismo.
Auta era dotada de coração e sentimento, de alma, carne e

nervo. Jamais sonhou alcançar a beatificação do ano do seu centenário de nascimento. Auta amou e romanticamente sonhou. Aos 23 anos apaixonou-se pelo jovem João Leopoldo da Silva Loureiro que desceu da Paraíba para exercer, em Macaíba, o cargo de promotor público. O romance pouco durou porque o príncipe paraibano (e vez por outra alguém da Paraíba se faz príncipe no Rio Grande do Norte) detentor das leis e dos costumes, morreu ilegalmente na sua terra natal, três anos após o namoro, que também foi público como as suas funções de magistrado. Isso foi o bastante para que as DÁLIAS se metamorfoseassem no HORTO. Desse amor irremediavelmente perdido desabrocha esse desabafo, com o título de EXTINTO:

Não me perguntes se amei nem quanto
Meus pobres olhos hão por ti chorado
Ai! Não queiras saber se foste amado
Entre sorrisos, se dá dor no pranto

Não queiras não. Eu te adorava tanto,
Que o amor em tempo já passado
Maior era que o Mundo e tão sagrado
Como as ondas do mar sereno e santo

Hoje não te amo mais. Quero desfeito
Todo um passado que me trouxe ao peito
Entre eternas lágrimas sem fim

Quanto chorei por ti! Às vezes penso
Que além no azul talvez o Céu imenso
Em noites sem luar não chore assim.

Isso chamava-se, há 10 anos, na linguagem, aqui, da minha terra (não sei se ainda chamam) poeticamente “paixão recolhida”. Nada de misticismo piegas nem devoção de filha de Maria ou colóquios íntimos de Esposa de Jesus. Uma curiosidade a mais terminaremos a nossa contribuição no ano do centenário.

Vamos a ela, que as horas de prazer voam ligeiras, como poetava o não menos saudoso Bocage. Pois bem. Por que Auta de Souza assinou-se com o pseudônimo masculino de Hilário das Neves? Influência de Amadine Aurore Lucile Dudevant, conhecida literalmente por George Sand, a mulher que traiu Musset e destruiu Chopin? Não era Chopin ouvido ao piano nos saraus de família? Morria Aurora Dudevant no mesmo ano em que nascia Auta, mas sua obra teve grande repercussão quando Auta estudava com as freiras vicentinas, em Recife. Não fora George Sand, a inocente Aurora, nos seus anos de ternura, também educada com as irmãs agustinianas e por muito tempo não se deixara levar pelo misticismo religioso, até que perdeu a inocência e rompeu com os liames morais? Um dos seus amantes, com quem viveu 15 anos, Alexandre Manceau, pelo qual

verdadeiramente apaixonou-se, não morreu tuberculoso? Em carta a Flaubert, não mencionava Aurora Dudevant a "santidade da natureza"? Teria Auta de Souza conhecido os escritos daqueloutra mulher homem, Mary Anne Evans, romancista da era vitoriana, que se assinava George Elliot? Mary Anne ou George Elliot estreou com um conto meigo, aparentemente religioso, evocando as memórias da infância e com um título sugestivo de *As Desventuras do Reverendo Barton*. O irmão Eloy de Souza, nas *Memórias* da família, assegurava que Auta conhecia bem o inglês e o francês. De que lhe serviria o domínio desses idiomas se seus olhos não lobrigassem páginas mais ousadas do que a leitura medíocre de Vasco Lobeira? Será que ela só experimentava emoção naquela insípida História de Carlos Magno e os Doze Pares de França? Não creio. O seu colega de gênio, o poeta Antônio Gonçalves Dias, também se deliciava, na meninice, com esse Carlos Magno de meio de Feira. Coisas da meninice. Bem, o certo mesmo é que Auta escreveu versos com nome de homem e isso nos basta. De certo modo, passou ela essa vida como aquela poetisa americana, contemporânea de Bret Hart e Mark Twain, Emily Dickinson. Essa, Auta jamais conheceu e nem de seus versos fez ela idéia alguma. Entretanto, coincidentemente eram emocionalmente parecidas, pois ambas versejaram sem grandes preocupações de imortalidade ou glória futura. Emily Dickinson, que também frustrou-se no amor, escreveu o que ela chamou ou chamaram por ela *Toil of Love*; e para comparar esses dois temperamentos distantes e semelhantes, segue-se a tradução que tentei fazer num esforço de interpretação. Conservei, contudo, o mesmo ritmo e estilo para ser fiel à mulher de Massachusetts. Chamemos a essa compungida inspiração.

A DOR DO AMOR

Não tive tempo para odiar porque
Não me permitiria a sepultura,
Nem tão extensa a vida me seria
Para extinguir um ódio que perdura

Nem tive tempo para amar; porém,
Desde que deve haver um meio, enfim,
Achei que a pequenina dor do amor
Fosse demasiada para mim.

Do mesmo modo comportou-se a poetisa macaibense.

Auta de Souza morreu em Natal, na madrugada de 7 de fevereiro de 1901, com 24 anos, 4 meses e 26 dias. Existência breve, vida frágil, atormentada pela doença que a vitimou. Não dispôs de muito tempo para amar nem lhe sobrou instantes para odiar. Foi sepultada no cemitério do Alecrim. Em 1906, porém, seus despojos foram exumados e trasladados para a Matriz de Macaíba, colocados seus ossos no jazigo da família. A Academia Norte-Rio-Grandense

de Letras, por proposta do sócio Paulo Viveiros, dedicou-lhe uma lápide acompanhada de dois versos seus, que servem de epitáfio:

Longe da mágoa, enfim, no céu repousa
Quem sofreu muito e quem amou demais.

Amou o que ou a quem? Amou a vida nos poucos dias que Deus lhe reservou aqui na terra. É patrona da cadeira n.º 20, na qual empossou-se como fundadora a Poetisa Palmira Wanderley. Veríssimo de Melo lhe fez a competente justificativa na posse da cadeira. A Academia Norte-Rio-Grandense de Letras lhe prestou, em Macaíba, na minha pequena contribuição, em cerimônia acadêmica, presidida pelo confrade Onofre Lopes, justa homenagem. O Instituto Histórico sob a inovação de Enélio Petrovich repetiu essas sentidas evocações, essa eloquente manifestação de carinho. Há existências que são marcadas pelo sofrimento e pela desilusão. Auta de Souza foi uma delas. Sua vida parece marcada com aquele lamento magoado de Manuel Bandeira:

Sou bem nascido. Menino
Fui como os demais feliz
Depois veio o destino
E fez de mim o que quis.

Destino ingrato e irônico. Nas Baladas, de Belmiro Braga, atiramo-nos pela estrada da vida com acabrunhante desalento:

Do berço à tumba há um caminho
Que todos têm de transpor
De passo a passo um espinho
De légua em légua uma flor.

Auta de Souza, se molhou os pés no fresco orvalho da manhã, cedo os feriu nas urzes do caminho. Colheu, porém, algumas rosas rubras e "lírios rochos" com que ornamentou o jardim de suas inquietações, o seu canteiro nostálgico, irrigado com as lágrimas de seus próprios olhos.

Finalizando, invoquemos os cinamomos de Alphonsus de Guimarães para panteisticamente prantear, em ritmo de canção e oração, a saudade do morto querido.

Hão de chorar por ela os cinamomos
Murchando as flores no tombar do dia
Dos laranjais hão de cair os pomos
Lembrando-se daquela que os colhia.

(Palestra pronunciada em Macaíba, no dia 12 de setembro de 1976 e no Instituto Histórico em outubro do mesmo ano).

O CLIENTE FALA DE MEDICINA

ALVAMAR FURTADO DE MENDONÇA

A medicina, como assunto de conversa, leva-me a um mundo distante de recordações. Um mundo perdido na infância, de noites cheias de sobressaltos, de cuidados familiares, de quartos fechados, trescalando odores adocicados que me ficaram para sempre dos chás recomendados pela vizinhança, em que histórias de milagres ilustravam a persuasão materna, procurando, assim, vencer minhas resistências tantas vezes em lágrimas ou em náuseas que eu não podia controlar.

Mas, de tudo isso, ficou a impressão do primeiro médico, quando a febre não cedia, e os chás, em horas certas, não ajudavam a silenciar as tosses sufocantes.

Então, havia uma disposição de espera nos espíritos, na arrumação da casa. Tenho na memória a bacia de ágata em cima da mesa, acompanhada de uma toalha de cores berrantes e de um sabonete fortemente perfumado. As recriminações pelas supostas origens da gripe, atribuídas aos meus desmazelos, cessavam. Tudo se transformava pela expectativa da espera. As vozes de casa tomavam uma tonalidade educada. Os lençóis da cama eram mudados e se espalhavam no recinto do quarto confinado as essências de alfazema.

E tudo se completava com a presença de um homem sisudo, do indumentária correta, de fala paternal, movimentando-se num ambiente de respeitoso silêncio. E, à primeira interrogação profissional, tinha vez uma torrente de explicações diante do médico, que assumia ares de confessor. Depois, o estetoscópio. O termómetro sa-

culdo num ritmo enérgico, que deixava escapar o somido das abo-
toaduras douradas, contrastando com o branco imaculado dos pu-
vigília carinhosa.

Meus olhos pesados de febre espiavam o cerimoniai quase re-
ligioso das compressões abdominais, do exame da língua saburrosa,
os silêncios demorados que testemunhavam a escuta estetoscópica,
refletidos, em torno, nos semblantes cansados das longes noites de
vigília carinhosa.

E enfim, a caligrafia que minha gente — não entendia, letra
de médico, como se dizia, num papel tirado de uma gaveta, onde
tudo se arranjava de antemão, para nada faltar na hora das soli-
citações.

As cenas das mãos ensaboadas, depois dos exames médicos,
em ritmos de quase coreografia, quando a toalha enxugava as mãos
lavadas, respeitáveis e sábias. Ficou o gesto da despedida, paternal
quase carinhoso, do espalmar da mão perfumada na minha testa
febril.

Depois, na sala contígua, o murmúrio das recomendações so-
bre o remédio a ser tomado, a refeição dietética, a renovação do
ar pelas janelas parcialmente abertas. Meus olhos sonolentos guar-
davam visões quase irrealis que me ficaram para sempre das pro-
porções quase místicas do médico de família, amigo, conselheiral,
de compustura diferente do comum dos homens e dos entes que
me cercavam tão excessivos em carinhos e cuidados. Às vezes, esses
entes queridos me atormentavam falando, a cada instante, em tísica,
visando, com isso, controlar os impulsos de minha meninice inquieta.
As pancadas de vento, as frutas quentes, os respingos de chuva e as
comidas "carregadas" resumiam toda a etiologia médica das doenças.

O médico de família se apresentava como um poderoso senhor
das fórmulas que presidiam a vida e a morte. A sua importância
despertava um que de admiração mística.

Essas razões explicam minha resisitência, quando na infância,
em admitir que médicos morressem também.

Dáí me adveio uma vontade incontornável de ser médico,
de ser importante, de ter o respeito e a escuta silenciosa em torno
de minhas palavras, de curar quem estivesse com febre e abrir ja-
nelas de quartos fechados, de alivar a atmosfera pesada pelo cheiro
enjoativo dos xaropes tomados em noites insones e sofridas.

Por muito tempo, vivi dessa vontade que não se realizou.
Lembro-me que, apenas uma vez, essa aspiração foi substituída pela
vontade de ser pistonista, de solar em meio de grandes orquestras
de jazz, à maneira de Harry James ou Louis Armstrong. São essas
as minhas duas frustrações vocacionais.

Há entre nós o hábito de se perguntar ao menino o que
quer ser quando for grande. A essa pergunta, respondia, muitas
vezes: Vou ser médico.

Mário de Andrade, na apresentação de seus ensaios — “Namoros com a Medicina” — fala nisso, naquela linguagem que marcou o estilo dos modernistas de 1922. Diz ele: “Era menino, e apenas nos poucos momentos em que largava da meninice, achava bonito, desejava, confesso, desejava ser homem grande, tomar bonde, fumar, andar com dinheiro no bolso. Vou ser médico...”

Quando homem feito, prossegue, senti uma certa hesitação diante das fichas dos hotéis, quando declarava a profissão. Pianista? Professor? Jornalista? Crítico de arte? Folklorista? Dizia-se arrependido de não ter sido médico por causa das fichas dos hotéis. Sentia-se vaiado a vida inteira devido àquela resposta em menino. Declarou-se, afinal, um médico às avessas. Um doente mais ou menos imaginário.

Ficou-lhe a predileção pelas leituras médicas, que justificaram seus excelentes ensaios sobre a terapêutica musical e a medicina dos excretos.

Exalta o valor da música em certos tratamentos e conclui que “toda a História da Medicina contra as tentativas de empregar a música como elemento terapêutico, para curar tanto as moléstias nervosas como quaisquer outras”.

Cita a esse respeito uma pitoresca recomendação de certo doutor Gordon Y Arosta, do século XVIII repassada de gostosa charlatanice, que se preocupou com a farmacopéia dos instrumentos: “O violino e o violoncelo conviriam aos hipocondríacos e aos melancólicos; o contrabaixo garantidamente atuaria contra as atonias nervosas; a harpa seria aconselhável nos casos de histerismo; a flauta contra a tuberculose em primeiro grau; o oboé é tônico geral; o trombone contra a surdez; o órgão contra os irascíveis; o piano contra certas formas de história; o tambor contra as moléstias nervosas, principalmente acompanhadas de perturbações locomotrices; a trompa contra as manias de perseguição, etc.”

Dá-nos Mário de Andrade, assim, de suas frustrações de menino, através de sua vivacidade intelectual, do seu senso de pesquisa, excelentes trabalhos sobre assuntos médicos, sem faltar a graça, o curioso, que não lhe tiram a seriedade do estudo e das informações preciosas filtradas do folclore, das experiências e conclusões tantas vezes ingênuas, mas encontradiças na alma do povo.

Há poucos dias, lendo um trabalho de Mira Y Lopes sobre “As Vocações e como descobri-las”, deparei-me com um assunto de excelente oportunidade.

Aborda a falta de preparo da grande maioria dos candidatos às Faculdades de Medicina, que vem criando grandes problemas aos seus diretores.

Nesse seu estudo, indica um artigo do Doutor Felix Marti Ibañez, na revista MD, sob o título — “To be a Doctor”, que observa

depende a missão do médico de quatro atividades: saber, organizar, curar e prevenir.

De acordo com a raiz "med", que significa pensar ou meditar, o médico, evidentemente, não pode fugir à meditação, a propósito da natureza, isto é, da realidade vital e física que o cerca. Se não lhe basta pensar, tem que agir, experimentar, para conseguir da natureza os seus segredos, o que, por sua vez, implica em capacidade de organização, o que se torna imprescindível às conclusões do pensamento. E como terceira atividade: sanar, curar. A mais específica atividade, sem dúvida. Diz o Doutor Ibañez que, nessa atuação, o médico se coloca como intermediário entre o Homem e Deus.

E, afinal, a quarta atividade, a que mais se acentua na medicina moderna: prevenir. A higiene e a profilaxia tornam a vida humana mais saudável.

Não adianta "ter ciência sem consciência". Valores éticos, então, são exigidos do profissional pois a ele são confiadas não só vidas humanas, mas também honras.

Nessa altura, Mira Y Lopes lamenta que não seja investigado nos exames vestibulares o retrato moral do candidato à Faculdade de Medicina. Há, afirma ele, os que desejam ser médicos por conveniência de família, querem desfrutar da importância social da profissão. Outros assim preferem porque são duros, não empalidecem quando vêem sangue, são realistas e acham graça quando se fala da morte. Então, vem o pai e proclama vaidoso: Meu filho dá para médico! Quando não são os atemorizados com a idéia da morte, o pavor da doença em si mesmo ou em uma pessoa querida. Mira Y Lopes exalta, por fim, os jovens que têm em si o amor da humanidade, o desejo de servir o próximo. Esses são os candidatos "galenos", como ele os chama, "apaixonados pelas formas vivas e sadias da natureza, sensíveis ao encanto da harmônica combinação de seus ritmos, paisagens e criaturas".

Concluindo, diz que a atitude generosa ou egoísta depende mais da maneira como cada ser humano enfrentou ou superou suas primitivas frustrações e determinou suas metas na vida.

Face à mais moderna escola de medicina que pretende orientar e dirigir o pensamento contemporâneo — a escola psicanalista — proclama-se a necessidade de que a terapêutica se transforme numa fria e objetiva aplicação nesse mundo complexo e imediatista. Sugere ele, então, a necessidade de se reajustar o mundo no culto do bem-estar coletivo, na solidariedade humana, na paz e no desenvolvimento justo, não pelo predomínio dos mais fortes, mas dos melhores.

As palavras desse ilustre médico, que tanto honrou a ciência brasileira com a sua presença em nosso país até a sua morte, sugerem uma revisão na estrutura da organização universitária brasileira,

desvinculando-a da ultrapassada tradição de armazenar fatos, adaptando-a ao processo de investigação científica, que a torne funcionalmente aceitável as exigências de nosso tempo. Logicamente, sem perder o contato com o homem no seu conjunto existencial, isto é, biológico, social e econômico.

Em nossa época tremendamente técnico-científica, torna-se necessário a escolha vocacional no limiar da Universidade. Acabou-se, há muito tempo, a graduação universitária por simples conveniência pessoal ou familiar, isso não tem vez com o advento da Revolução Industrial.

O pensador católico Alceu Amoroso Lima sempre proclamou suas preocupações em conciliar as exigências de nossa época com os imperativos intemporais dos princípios que regem o bem e o mal, a virtude e o vício, a verdade e o erro.

As grandes, as imensas transformações de nosso tempo surgiram com a Revolução Industrial inglesa dos séculos XVII e XVIII e o renovado ímpeto que lhe imprimiu o século XIX, atuando de impacto numa sociedade que vivera mergulhada em profundos preconceitos de ordem moral e adotando preceitos de sentido filosófico que fugiam à mais simples experiência.

As Universidades medievais detinham todo o saber, do tempo, uma súpula de conhecimentos conservados e divulgados, repetidamente, através de séculos.

Era possível, então, ensinar nos limites culturais de pouca complexidade, permitindo a um homem só deter todo o saber de sua época. Era o humanista, o enciclopedista, encontrados ainda mesmo nos dias do Renascimento.

Era essa uma cultura sedimentada, dogmática, preestabelecida que a Revolução Industrial deixou em xequê.

O sistema Universitário para os nossos dias então reagiu contra impedernidos preconceitos e obrigou, pelos novos horizontes que se abriram ao conhecimento humano, a procura de uma outra forma de ensino.

Destruía-se, assim, o dualismo grego entre o conhecimento empírico ou prático e o conhecimento racional ou intelectual, como afirma Anísio Teixeira em lúcido ensaio: "Escola era a oficina do conhecimento racional. A oficina era a escola do conhecimento prático. Uma não conhecia a outra. Dois mundos à parte. Podiam se admirar ou se odiar, mas não se compreendiam nem podiam se compreender".

A ciência experimental aproximou esses dois mundos. Galileu constrói seu telescópio e com ele confirma Copérnico. E dessa forma, foi responsável pela revolução nos métodos de conhecimento.

Em seu ensaio "Educação para uma civilização em mudança", W. H. Kilpatrick, professor por longos anos do Teachers College,

da Universidade de Colúmbia, discernindo o que se entende por mundo moderno, aponta o pensamento baseado na experimentação. E nos leva a presença de Galileu deixando, dramaticamente, cair da torre inclinada de Pisa uma bola de cinco libras e outra de uma libra. Ambas caíram, ao mesmo tempo, no chão.

Aristóteles ensinara teoricamente que a de cinco libras cairia cinco vezes mais depressa. Era o que se repetia, se ensinava, como verdade indiscutível, durante muitos séculos.

Galileu, dessa forma, perante a Universidade de Pisa descortinou novas perspectivas ao pensamento humano, que “precisa ser comprovado em suas conseqüências práticas”. Declarava-se uma nova fase para a Universidade, a da investigação científica.

Para Josué de Castro, três são as missões da Universidade: a da investigação criadora, a do ensino e a da vigilância e defesa da cultura.

Hoje não seria mais possível um Aristóteles ou um Leibnitz açambarcando, enciclopedicamente, toda a cultura de nosso tempo.

A máquina destruiu os velhos mitos e os fantasmas de um mundo que se sepultara na estática dos documentos.

Com o advento do cientificismo, do predomínio multifacetado da técnica, criaram-se outros mitos.

O homem egocentrou-se, agigantou-se na luta contra os segredos da natureza, que lhe iam sendo decifrados, passo a passo.

Apareceram os primeiros automóveis em 1893 e, em 1894, nasceu o cinema. A técnica acelerava a História. Mais tarde, desperitava a energia atômica e criava a automação, que enquacionaram os nossos grandes e contemporâneos problemas.

Diante dessa nova visão do mundo, Alceu Amoroso Lima, esse jovem de oitenta anos, clama pela reumanização da ciência do ensino universitário, em que devem predominar “a liberdade, o equilíbrio, a calma, a moderação, a sabedoria”, qualidades preconizadas pelo Cardeal Newman.

A essas condições, Josué de Castro soma a tolerância, para que novas formas de fanatismo científico ou ideológico não deturpem a prevalência da cultura na sua luta contra o obscuratismo.

Justificando seu ponto de vista, o autor de “**Ensaio de Biologia Social**” recorda o caso do holandês Cristian Eijkman, que observou pela primeira vez, em Java, o beriberi como moléstia carencial, quando a medicina da época o considerava como moléstia infecciosa. De nada adiantou a sua experiência com a alimentação de aves que positivava as suas conclusões.

Quarenta anos depois, quando milhões de seres humanos já haviam morrido no Oriente, vitimados por essa moléstia tropical, chegaram à conclusão de que ele tinha razão. Quando lhe foi conferido o Prêmio Nobel de Medicina, já não podia mais recebê-lo, encontrava-se às portas da morte.

O poeta anglo-americano T. S. Eliot afirma que as condições proporcionadas pela cultura são naturais aos seres humanos e, embora reconhecendo que poucos possam fazer por onde estimular essas condições, admite que tudo podemos fazer para combater os erros intelectuais e os preconceitos.

E se torna essencial ao desenvolvimento da cultura, dentro dessas condições naturais em que se situa o homem, vincular a sua noção ao desenvolvimento de um indivíduo, de um grupo ou classe ou de toda uma sociedade. Equacionando sua tese, o admirável poeta de **The Waste Land** diz que a cultura do indivíduo depende da cultura de um grupo ou de uma classe, e de que a cultura de um grupo ou de uma classe depende da cultura de toda a sociedade, sendo esta a cultura fundamental.

Daí a razão que justifica a integração da Universidade no meio social, identificando suas finalidades com o aprimoramento do espírito humano, fazendo-a uma luta comum e clarividente na conquista de melhores padrões da existência.

Como diz o Professor Josué de Castro, a Universidade tem a missão de olhar o homem na sua concepção total e atender, sem rodeios e obstáculos, as suas mais justas aspirações. É preciso compreender a cultura a serviço da humanidade, usando seus sistemas educacionais, científicos e técnicos.

Citando Taine, advoga a necessidade da Filosofia no trabalho e na reflexão do sábio ou do técnico para que situe a humanidade intuitivamente, ajustada ao consenso universal, seja qual for a sua interpretação.

A esse consenso universal chama-se cultura, que representa em si mesma todas as manifestações sensíveis e racionais do humano: a beleza artística, a verdade científica, o conceito filosófico, a estrutura política, a fé religiosa, constituindo um organismo presidido pela solidariedade das partes na manutenção do todo.

O espetacular domínio sobre a natureza, nos seus mais profundos segredos, através da técnica e da ciência, tornou o homem um egoísta, exaltou-o, permitiu que, ora poucos gerações, as fantasias oitocentistas de Júlio Verne se tornassem realidades ultrapassadas.

A mentalidade humana reformou-se celeremente, desenvolvendo ao máximo o seu senso de oportunidade, sua faculdade inventiva, o sentido utilitarista de sua existência. A vida tornou-se fácil de ser vivida, desfrutadas em suas imensas possibilidades materiais, marcadamente pelos homens das civilizações desenvolvidas, em contraste com as que não se desenvolveram e subsistem como simples fornecedoras de matérias-primas para a voracidade dos centros industriais.

Grandes cidades surgiram, dando a essa civilização um cunho acentuadamente urbano. Tornaram a vida febricitante, inquieta,

trazendo-lhe entre as novas condições existenciais, o "surmenage" como o grande responsável pelo lucrativo mercado dos tranquilizantes.

Aí, sim, paramos meio atordoados face ao drama social do nosso tempo e perguntamos, no limiar da Universidade, aos que vão viver o mundo novo, de horizontes imprevisíveis, aproveitando o título brasileiro de um romance de Hans Falada — E agora, seu moço?

Que nos resta de uma geração como a nossa, que sentiu em seus dias a grande, a enorme transição, que lhe foi dado testemunhar ante sua inevitável perplexidade. Mesmo assim, nos julgamos uma geração privilegiada, que sentiu, viveu e experimentou o conflito desses dois mundos em suas concepções mais profundas.

O extraordinário progresso da ciência e da técnica criou uma civilização de especialistas a que Ortega Y Gasset chamou de "novos bárbaros".

A moda dos especialistas dominou os espíritos de tal forma que se perdeu a perspectiva do homem na sua visão de conjunto. Observa-se facilmente que a física, a química, as matemáticas tiveram empolgante desenvolvimento, o que, em nenhuma hipótese, em igual período, foi experimentado pelas ciências biológicas.

Não nos parece possível comparar o progresso da aviação, do fim da primeira guerra mundial a esta data, das conquistas no campo da astronáutica, da eletrônica, às conquistas do homem na luta contra as doenças, a fome, com seu grotesco cortejo de sintomas carenciais.

As grandes empresas, nas suas lutas no campo das competições econômicas, oferecem aos pesquisadores, aos sábios, aos técnicos, condições salariais e vantagens que os institutos biológicos não podem atender. A esse propósito, informa-se que, em 1940, "The Imperial — Chemical Industrial" possuía a seu serviço, em seus laboratórios de química, mais pesquisadores do que os que, em todo o Império Britânico, se dedicavam aos estudos biológicos.

É verdade que não podemos chegar ao pessimismo do doutor Abel Parente, num trecho de carta ao "Jornal do Comércio", em 1896, o que muito impressionou Machado de Assis, segundo nos informa Valdemar Berardinelli, em seu livro "**Medicina e Médicos**": "Desde os tempos de Hipócrates até os nossos dias, a medicina só se ufana de três remédios verdadeiramente eficazes e específicos — o mercúrio contra a sífilis, o quinino contra a malária, o salicilato de sódio contra o reumatismo articular".

A partir dos começos do século XIX, tivemos apenas um Darwin, um Claude Bernard, um Kock, um Pavlov. Em tantos anos de sofrimentos humanos, de indagações angustiadas contra a morte prematura, o nosso século deu apenas um Fleming. Enquanto Pasteur morreu pobre, apenas rico da gratidão humana, Marconi, ilus-

tre sábio italiano, notável por suas invenções no âmbito da física, viveu em excelentes condições financeiras. Esse é, realmente, um dramático sintoma de nossa civilização utilitária e imediatista.

Sente-se, assim, a necessidade de se prestigiar as ciências biológicas, na área de suas pesquisas, alimentadas pela noção humanista de sua problemática.

Ainda a propósito das novas formas trazidas ao comportamento profissional pela nossa era tecnológica, que nos levou, inevitavelmente, ao domínio das especializações, tive algumas experiências curiosas quando visitei algumas Universidades norte-americanas. Andava procurando obter informações sobre problemas literários, quando me deparei com Mr. M. W. Crittenden, um simpático professor de literatura inglesa do século XVIII, da **University of Southern California**, que dissertou longa e competentemente sobre a sua especialidade. Não se aventurou, entretanto, a discutir Truman Capote ou John dos Passos. A mesma coisa aconteceu com o Professor James D. Hart, do Departamento de Literatura Inglesa da "University of California", em Berkeley. Era um proficiente mestre da literatura do século XIX. Não soube ser muito objetivo, quando lhe perguntei sobre as causas que pudessem explicar o ressurgimento de Scott Fitzgerald, recém-saído de um esquecimento injusto.

Gertrude Stein, famosa escritora americana radicada em Paris, o considerava a maior vocação literária da "lost generation". Apesar disso, após a década dos vinte, desapareceu do interesse público, ao qual retornou anos depois de sua morte, por motivos que estão a estimular a curiosidade de quem se preocupa com assuntos literários.

Entretanto, Mr. Hart não foi claro em sua resposta. Seria eficiente, por certo, se se discutíssemos as teses sobre a baleia branca de "Moby Dick", de Melville, escritor do século XIX.

Conheci outro professor ilustre da Universidade da Virginia, que me foi apresentado como uma grande autoridade em literatura. Após certo silêncio diante de minha curiosidade um tanto loquaz, esclareceu que não podia me atender, na área do meu interesse na ocasião. Era um pesquisador literário, descobridor de manuscritos. Nesse ponto era inexcedível. Que belos originais me mostrou de vários escritores americanos, incluindo William Faulkner que havia sido professor residente dessa Universidade fundada por Thomas Jefferson.

Não obstante esses senões, que notáveis institutos possuem essas Universidades! Lembro-me de minha visita à Universidade de Houward, para estudantes de cor, quando visitei, no meu encantamento de visitante, o Departamento de Biologia, onde um estudante negro e um professor branco haviam, num trabalho de equipe, feito notáveis descobertas sobre importante etapa na evolução do

câncer, a que eles atribuíam uma alta significação no caminho difícil de sua cura.

Esse assunto fascina. É preciso parar. Mas, à primeira vista, esse excesso de especializações nos deixa pensar num certo fordismo cultural.

Mas, é preciso que se diga que essas Universidades promovem um reencontro do estudante com o humanismo através das artes. Surpreendi, em todas as Universidades, a importância atribuída ao teatro universitário. Daí não ter sido de espantar, quando constatei representações de peças de Shakspeare pelos estudantes na Universidade de Houward.

Presenciei mais de vinte mil pessoas, jovens predominantemente, pararem, de momento, os músculos mastigadores que devoravam sandwiches, pipocas, sorviam torrentes de coca-cola; adolescentes aos pares, em suas roupas coloridas, faziam uma pausa nas maneiras de sua afeição, e ficaram todos em êxtase no decorrer de um concerto em **Robin Hood Dell**, em Filadelfia, num anfiteatro ao ar livre, imenso, de evocação ateniense, com seus verdejantes declives cercados de bosques de inesquecível beleza.

O mesmo espetáculo repetiu-se no **Hollywood Bowl**, diante do virtuosismo de André Previn, num auditório integrado por uma alta percentagem de jovens. O mesmo interesse artístico da juventude eu vi na "National Gallery of Art.", de Washington, e na Galeria de Arte de Filadélfia, em Pensilvânia, no Museu de Arte Moderna a de New York, numa convivência estuante de mocidade de interesse visível diante das mais famosas criações da sensibilidade e do espírito humano.

Ouvi queixas, é bem verdade, de um professor da Califórnia que a juventude da costa do Pacífico, na sua opinião, não acorria de forma apreciável aos seus cursos de literatura, pois preferia, em massa, os cursos de eletrônica e de técnica de aviação. Com certa melancolia prosseguiu: os que têm tendências literárias vão para as grandes cidades da costa do Atlântico, onde estão as maiores editoras e as maiores chances aos que querem viver da literatura.

Mas, pode-se compreender que essa juventude atende, dessa forma, ao grande desafio de sua época — a luta pela conquista do espaço, onde se nota o predomínio da técnica aliada a uma ciência altamente especializada, numa luta que se desenvolve entre dois mundos que se defrontam na fronteira do imprevisível.

Forçosamente, esse clima teria que sensibilizar os sistemas de ensino contemporâneo.

Sidney Hook, em seu ensaio **A Educação para o Homem Moderno**, afirma, entre outras verdades, que "O surto de interesse de após-guerra em educação atingiu o auge quando a União Soviética enviou o primeiro Sputnik ao espaço — criando para a opinião pública americana uma onda de tremor e de descrença. Não

seria exagerado dizer, que Antes do Sputnik e Depois do Sputnik marcam duas eras distintas no pensamento popular americano a respeito da educação”.

Salienta que esse episódio despertou o orgulho, a auto-confiança, o espírito pioneiro do povo americano, lançando-o à luta pela conquista da nova fronteira. Assim, o estudo intensivo de matemática e ciências físicas invadiu todas as áreas do ensino. De princípio, num ritmo acelerado sob o descontrole do pânico. Chegara ao fim a cultura de moldes tradicionais, que se chocara violentamente com o impacto do progresso tecnológico e científico.

Outros conceitos surgiram exigindo novos rumos à mocidade. O homem atordoara-se com seus próprios êxitos e, no seu orgulho exacerbado, esqueceu sua condição natural.

A medicina de nosso tempo, conseqüentemente, tornou-se então um reflexo desse estado de espírito. O clínico geral cedeu o primeiro plano ao especialista. A vinculação psicológica entre o médico e seu cliente atenuou-se. A confiança que se nutria de calor humano, de interesse pessoal, cedeu lugar às consultas de equipe, aos exames sucessivos, de contatos parcelados com diversos especialistas que, um de cada vez, preenche uma ficha, catalogando resultados de exames de laboratórios, de chapas radiográficas, que se acumulam, afinal, nas mãos do clínico-chefe que já recebe o paciente de diagnóstico firmado com precisão mecânica e fria como se fosse o resultado da compreensão de um computador eletrônico.

Evidentemente, não podemos fugir dessa contingência. Precisamos, isso sim, reencontrar o homem, não na exaltação de seu orgulho, mas na sua condição de criatura que vive a grande aventura da existência, advertido da precariedade de sua formação orgânica, humilde e vitimado, tantas vezes, na sua imponência diante dos problemas da dor e da morte.

Essa consciência do humano, da solidariedade e do respeito ao próximo deve ser encontrada na vida universitária.

Como bem diz Alceu Amoroso Lima, a Universidade deve procurar, acima de tudo, alargar os espíritos, abrir janelas, estabelecer contatos com o mundo exterior e com outras culturas, afastadas no tempo e no espaço.

Em “**Espírito Universitário**”, continua Amoroso Lima: “A vida universitária não é mera coexistência e muito menos simples paralelismo de escolas, professores e estudantes. Deve ter uma existência orgânica. Deve ser uma comunidade de estudantes e professores, de ciência, de filosofia, de tecnologia e de belas artes. Deve ser, ao mesmo tempo, especulativa e prática, científica e literária, especializada e de cultura geral, dedicada tanto à pesquisa como ao ensino, à transmissão do passado e à procura do futuro, ao espírito crítico e ao espírito criador, autônoma e, ao mesmo tempo,

integrada na vida do povo, dentro e fora das fronteiras. Deve ser, em suma, essencialmente comunitária”.

Um bacharel atrevido falar sobre problemas de medicina e, o pior, para médicos ou quase médicos! É estranho! Garanto que parte do auditório veio até aqui por curiosidade, no intuito de saber o que poderia sair de uma arenga dessa natureza. Evidentemente, não poderia dizer nada mais, nada menos do que isso. Quer-se uma comunidade de espírito entre Faculdade em que possamos conversar, esclarecer, abordar certos assuntos que têm um ponto de interesse geral e comum.

Há pouco, por intermédio de Ovídio Montenegro, cheguei às mãos um excelente livro em que se associam a História e a Medicina — “**As doenças Através dos Séculos**”, de A. de Almeida Prado, clínico e professor ilustre da Universidade de São Paulo. Um admirável humanista, de formação cultural e científica que já começa a rarear nesse nosso mundo de tendências utilitaristas. É um livro que, pelas suas proporções, pelo espírito de pesquisa que o presidiu, pelos conhecimentos de História, pelo mérito profissional de seu autor, a gente lê com prazer e interesse.

Quando digo a gente lê e enfrento esses assuntos, gostaria de usar o pitoresco título já citado de Mário de Andrade que deu a dois de seus ensaios “**Namoros com a Medicina**”, e o faço com aquele intuito de quem vê em nossa formação profissional e nos estudos médicos um objetivo comum, qual seja o de vislumbrar o homem como uma relevante medida das preocupações científicas.

Afrânio Peixoto, médico, romancista, humanista, conquistou uma vida profissional de notável destaque, embora eu nunca pudesse aceitar o seu conceito de literatura como sendo o “sorriso da sociedade”, prefaciou o livro do Professor Almeida Prado, onde invoca Anatole France troçando de nossa era de especialistas como o exemplo do sábio que só entendia, no museu, a sua vitrine, a vizinha era com o seu colega. É o que ele chama de sábio a prestações.

E conclui: “Graças a Deus, a Medicina, para cumprir o seu mister, precisa conhencer todo o Homem, isto é, tudo ou quase tudo. Tem especialidades, sei, mas não será grande médico se não tiver cultura geral, conhecimento geral do homem, e da Patologia, ou das doenças, embora adquira especiais conhecimentos”.

Deplora esse médico brasileiro que se tenha estabelecido uma fronteira psicológica entre as carreiras, que se enclausuraram em suas órbitas de conhecimento. Assim procedem os historiadores, geógrafos, políticos, engenheiros, militares, sociólogos, industriais, artistas. Doenças é com a medicina, com os médicos.

Então relaciona significativos episódios constatados na história, resultando tantos equívocos que tem marcado a crônica das relações humanas.

Os bolivianos mal perceberam que a grande derrota de seus exércitos na guerra do Chaco, decorria de perturbações metabólicas e da respiração, que incapacitavam os homens de altiplano para lutar na planície.

Por que hoje os papas são italianos, quando ontem eram europeus? Por que o pontífice estrangeiro não resistia à infecção palustre, enquanto o italiano resistia mais? Era este um impaludado crônico, e as medidas de medicina sanitária não haviam ainda sido adotadas.

De Lessep, um herói, um obstinado engenheiro que construiu o canal de Suez, fracassou lamentavelmente na construção do canal do Panamá. Os seus operários eram dizimados pelas doenças tropicais. Foi a engenharia sanitária que, permitiu condições suportáveis para os homens que construíram o canal, que liga os dois oceanos, sem perdas de vida e sem desperdício de dinheiro.

Quando os franceses, na sua expansão colonialista, invadiram Madagáscar, sem prover normas de medicina sanitária, tiveram baixas que atingiram a mais de 15.000 soldados, graças à estratégia inesperada do General Tagô, o que significa paludismo na língua malgache. O que seria do Rio de Janeiro sem Osvaldo Cruz?

O livro do Professor Almeida Prado nos leva pelo longo itinerário da humanidade, desde a pré-História, quando o homem se contamina das doenças dos animais e das plantas e zranjo, dessa forma, a trágica narrativa de seus infortúnios milenares.

A História, as artes plásticas, os poemas de Homero e de Luís de Camões, transmitem, no épico de suas narrativas, o clamor desafortunado do homem nas guerras, nas conquistas de novos mundos, na sua difícil e acidentada marcha sobre a terra, em toda sua amplitude ecumênica.

A Egiptologia, por exemplo, está aí para nos mostrar no segredo de suas múmias todas as infecções específicas, parasitoses, deformidades e deformidades, males constitucionais, degenerativos, diatésicos e distróficos, tumores, lesões traumáticas e cirúrgicas e doenças profissionais.

À sua leitura, ficamos a meditar sobre o destino de tantos povos às vezes desviados de sua rota ascencional para as decadências irremediáveis.

Ficaram marcadas nas páginas admiráveis de Tucídides a devastação pestilencial de Atenas, no tempo de Péricles, sua grande e lamentada vítima.

Vagas epidêmicas se reproduziram periodicamente com os Antoninos e no século III de nossa era. A medicina de hoje não pode identificá-las, medidas sanitárias deve tê-las abolido, evidentemente. O pavor das longas viagens marítimas — o escorbuto erradicou-se com o uso das vitaminas necessárias à alimentação.

A peste negra e a bubônica quase destruíram a humanidade na Idade Média. A gripe do após guerra de 1918 foi o último surto epidêmico que desfalcou a humanidade no Ocidente, o que vem confirmar o grande valor da Medicina preventiva na proteção dos povos, afastando o aspecto apocalíptico das pestes em épocas remotas.

O homem, no dia de hoje, sem dúvida, ainda tem sérios problemas de saúde com as poucas doenças que ainda restam aos meios terapêuticos empregados, mas é desnecessário lembrar o visível aumento da média da vida humana nas regiões desenvolvidas da terra, embora ainda permaneça baixa acusadoramente baixa, em certas áreas pobres, que lutam, na explosão de seu espírito nacionalista, estimuladas pelo despertar de uma consciência coletiva, pela libertação da miséria, da fome e do analfabetismo.

A humanidade livrou-se das incidências pestilenciais através de conhecimentos de ordem geral e específica sobre fatores cósmicos: diferenças de pressões, precipitação, baixa temperatura; fatores sociais — emigrações, guerras, fome, grandes aglomerações; fatores biológicos, como o grau de receptividade mórbida das populações e da virulência do germe, ou seja “a interreação entre o vírus e os agrupamentos humanos”. Foi a ampliação de seus conhecimentos e a competência de seus especialistas que tornaram possível a adoção de normas higiênicas que permitiram essa grande vitória contra a morte.

E se isso acontece por um lado, pelo outro, vê-se o aumento da média da vida humana exigindo o aproveitamento da capacidade inativa, mais saudáveis condições de existência e o respeito à dignidade da última etapa da vida, impondo novas especializações médicas, como a geriatria e a gerontologia. É preciso cuidar da saúde dos velhos, dissociá-los da idéia de doença e da marginalidade social.

Albert Schweitzer, alsaciano, filósofo, musicista, humanista, sobretudo médico, detentor do prêmio Nobel de Paz, morreu aos 92 anos de idade, dos quais consumiu 52 nas florestas equatoriais africanas, numa pequena comunidade — Lambarene, no Gabão, que ele arrancou da ignorância do homens e projetou na consciência universal. Aí ele, sozinho, lutou contra a morte, fundando hospitais, debelando epidemias, tratando de leprosos, conquistando a confiança e o amor das populações negras, salvando vidas com as suas intervenções cirúrgicas. Mas, mesmo nesse isolamento a que se submeteu num raro gesto de abnegação, nunca esqueceu os problemas de nossos dias nem se omitiu na luta da humanidade pela sua sobrevivência. A sua ação foi também contra as armas nucleares, advogando a sua proscrição. Nas dimensões dessa existência, não faltava tempo para um concerto de Bach, sobre o qual escreveu notáveis estudos e tornou-se um dos seus grandes intérpretes.

Esse registro não é apenas uma homenagem ao seu nome. Ele serve para apontá-lo como o tipo clássico do médico humanista, que quase não tem vez nesta época de avassalante utilitarismo.

Na outra face do problema, está a tendência da medicina moderna, de missão menos romântica, mas de eficiência mais ampla na sua aplicação social.

Haja vista o novo sistema adotado de seguro-médico na Suécia, Noruega, Dinamarca e Filândia, onde a assistência às populações se processa desde a consulta individual até à hospitalização, alcançando, na eficiência de seus métodos e processos, todos os indivíduos, e respeitando o que vem sendo a pedra de toque da medicina socializada — o direito de opção do paciente na escolha do médico. Associam-se assim o interesse individual do médico e o do paciente aos de toda comunidade. Não oferece esse padrão de medicina moderna, no plano de sua administração e eficiência, a frieza e a mecanicidade das coisas sem alma.

Há em tudo isso, uma grandeza de comovente generosidade na profissão do médico, um sentido de poesia que revitaliza a luta diária e dedicada à supremacia dos melhores instantes da existência.

Os médicos de nossa infância não existem mais. Isso me faz lembrar aquela famosa anedota alemã, contada num tom gutural da imitação, quando um jovem ao atingir a maioridade, ouve, perplexo, dos pais contrafeitos e emocionados, a revelação de uma melancólica certeza da vida: Papai Noel não existe!...

Aqueles homens circunspectos, solícitos, conselheiros, afetuosos, participantes da vida em família nos seus mais íntimos segredos, de gestos comedidos e rítmicos, de voz paternal e confiante, saíram de cena. As novas técnicas não os permitem mais. A ciência criou novas concepções, empurrou-os para os frios ambientes dos laboratórios e dos gabinetes radiológicos.

Mas, pouco importa que o paciente se transforme em fichas e em números nas referências hospitalares, e os diagnósticos saiam precisos como resultados de funcionamento de dispositivos eletrônicos, se ainda é possível recuperar a visão humanística do problema.

Eu não quero terminar esta longa arenga sem invocar as palavras de Bertrand Russell aos que sentem em si mesmos a força da vocação:

“Devem entregar-se à procura duma visão, à captura e fixação de alguma coisa que ele viu por um momento, e que o impressionou de tal forma que, diante dela, todas as alegrias deste mundo empalidecem. A grande arte e a grande ciência nascem do desejo de materializar a sombra de um fantasma — uma beleza que afasta os homens da segurança e da comodidade para um glorioso tormento. Os homens em quem esta paixão existe não devem ser tolhidos pelos grilhões da filosofia utilitária, pois que é ao seu ardor que devemos tudo quando temos de grande na humanidade”.

Esse desejo de materializar a sombra desse fantasma nasce da força da vocação, da honestidade profissional do sentimento de humanidade, da competência, da conquista de um direito que nos assiste a todos, qual seja o de viver saudável e esportivamente, no duro e milenar empenho que até hoje não cessou — o de fazer a sobrevivência do espírito tornar impossível a supremacia da morte.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA:

- | | |
|---------------------|---|
| W. H. Kilpatrick | Educação para uma Civilização em Mudança — Edições Melhoramentos. |
| T. S. Eliot | Nota para a Definição de Cultura — Zahar Editores. |
| Louis G. Geiger | Educação Superior e Democracia — Zahar Editores. |
| Alceu Amoroso Lima | A Segunda Revolução Industrial — Livraria AGIR Editora. |
| Alceu Amoroso Lima | O Espírito Universitário — Livraria AGIR Editora. |
| Bertrand Russell | Educação e Vida Perfeita — Companhia Editora Nacional |
| Mário de Andrade | Namoros com a Medicina — Livraria do Globo (1939). |
| Sidney Hook | Educação Para o Homem Moderno — Zahar Editores. |
| Josué de Castro | Ensaio de Biologia Social — Editora Brasiliense. |
| A. do Almeida Prado | As Doenças através dos Séculos — Edição de Anhambi. |
| W. Berardinelli | Medicina e Médicos, Livraria José Olímpio Editora. |
| Joaquim Pimenta | Enciclopédia de Cultura — Livraria Freitas Bastos S. A. |
| Myra Y Lopes | As vocações e como Descobri-las — Tecno-print Gráfica S. A. |
| Anísio Teixeira | A Educação não é Privilégio — José Olímpio Editora. |
| DIVERSOS | Panorama da Educação Moderna — Editora Fundo de Cultura. |

LEMBRANÇA DE EDGARD BARBOSA

NILO PEREIRA

A Academia Norte-Rio-Grandense de Letras está reunida para celebrar a memória de um dos seus mais eminentes acadêmicos: — Edgar Barbosa, de quem se pode dizer que foi um dos mais completos humanistas brasileiros do nosso tempo.

Dizendo que ele foi um humanista, isto é, um homem de alta e fiel formação intelectual, pluralizada em tantos saberes no vasto campo da interpretação do Espírito diante do mundo moderno, acredito que se possa oferecer com isso o retrato ideal da sua personalidade.

Edgar Barbosa, o humanista. Eis tudo. Virá daí a gama de conhecimentos que fazem dele uma expressão inconfundível da nossa cultura e da nossa sensibilidade.

Desde cedo esse humanismo, tomado no sentido mais amplo da ciência do Homem, capaz, assim, de fazer face aos excessos da exaltação tecnológica em prejuízo da visão integral do ser humano, repontou no escritor, no jornalista, no professor, no ensaísta que ele foi logo aos primeiros artigos publicados e na primeira cátedra que ocupou.

Vindo do Ceará-Mirim, como eu também, à procura de meios e de ambiente para estudar os então chamados preparatórios, Edgar Barbosa se iniciou no jornalismo, escrevendo n' "A República". Valia isso por uma consagração ao seu talento, logo descoberto por homens da categoria de Juvenal Lamartine, Cristóvão Dantas, Adauto da Câmara, além de José Augusto Bezerra de Medeiros, que a ele, como a mim, tanto estimulou e ajudou quando a jornada, que se abria, não parecia fácil.

Daquela velha cidade, que sabe tão profundamente marcar o nosso coração, e que é uma doação bíblica aos herdeiros da Promissão, trazia Edgar a imagem física e romântica da beleza edênica. Essa paisagem é uma volutuosidade dos olhos do menino deslumbrado, que apenas guarda as tintas impressionistas do vale que parece ter sido criado para o repouso idílico da cidade; depois é que se incorpora ao nosso mundo interior e passa a ser um universo de sonhos e devaneios, aos quais não se poupava a nossa juventude, até que a maturidade viesse disciplinar as impressões tumultuadas e criar a ordem estética ao lado da ordem moral.

Edgar Barbosa trazia essa herança sentimental, que jamais recusou ostentar. Mas a vida foi exigindo outras conotações e outros roteiros. O jornalismo foi nele o primeiro caminho. Aderbal de França viu nele a fina inteligência do criador de ilusões, que estava já patente no seu estilo de escritor. E lhe abriu as novas perspectivas para o vôo sereno do espírito, animado pela visão humana do mundo em transição.

A NOVA HISTÓRIA

Só hoje é que compreendemos que estávamos diante duma nova história. Por sinal — veja-se bem — pela História, em sua complexidade universal — é que Edgar Barbosa ia começar a sua análise do mundo contemporâneo, publicando, em 1929, com vinte anos de idade, o seu livro intitulado SÍNTESE HISTÓRICA. Era sintomático que ele demorasse a sua inteligência no espetáculo ecumênico do mundo criado, ao qual os homens iam dando a sua feição dramática e contraditória.

A nova história, que marca a transição, estava sendo escrita em Natal. Não adivinhávamos esse privilégio. Era a época dos primeiros aviões e do voto feminino. O pioneirismo fazia de Natal um palco do mundo em mudança. O presidente Juvenal Lamartine, um pioneiro, talvez não se apercebesse de que estava escrevendo, ele próprio, esse capítulo novo, surpreendente, da vida humana. Este é um mistério da História: não permite que tenhamos a dimensão do tempo, a não ser quando ele passa e se prepara para ser um juízo de valor nas categorias do Espírito humano em sua angústia pascaliana de compreender a nossa fragilidade. O fato de sermos sempre incompletos é a nossa maior tragédia. E, contudo, a inteligência, que não se cansa, é o instrumento fiel dessa busca incessante — a perfeição das coisas, no que elas têm de mais ilusórias e também de mais necessárias.

Edgar foi um esteta. Por isso, o estilo é nele a marca essencial da sua maneira de ser. A medida da sua sensibilidade aguçada pelo mistério da Vida. Mesmo como jornalista, parecendo tratar só do trivial e das coisas cotidianas, ele criava o seu mundo como estilista e como pensador, vivendo a época transitiva que foi a nossa, em ci-

dade que, parecendo apenas provinciana, já ia ganhando as dimensões mundiais que a Segunda Guerra do século viria consagrar.

Era de ver, nessa época, o entusiasmo com que escrevia. O jornal lhe valeu o sacrifício do trabalho desinteressado, que tinha na expansão da sua inteligência a melhor recompensa. Quem atentar bem para os seus artigos terá de sentir que havia nele um jovem que sabia pensar e refletir. Direi que a reflexão e o poder de síntese foram as marcas da sua personalidade como escritor ensaísta, realizado nas lides diárias do jornal. Não escrevia por escrever. Escrevia pensando e sentindo, como se estivesse debruçado sobre o mundo, auscultando os passos incertos da humanidade.

A história seria nova também pela metodologia já sociológica — nada historizante, portanto, — que Edgar Barbosa, mestre aos vinte anos, empregou no seu livro SÍNTESE HISTÓRICA. Gostaria muito de me deter nessa sua contribuição, que ele modestamente chama “folheto” e na dedicatória que me faz, sempre modesto, diz ser apenas uma “apostila”. Nada disso. Um livro avançado para a época. Para a compreensão da História viva, e não morta, sepultada em documentos frios e museus austeros, ou em linguagem convencional de cronistas que guardam a superstição do fato consumado sem indagar das figuras que compõem o tecido misterioso do tempo.

Inspirado em Henri Berr e Foustel de Coulanges, entre outros, tem do primeiro o privilégio de apanhar num quadro rápido e lúcido o complexo das civilizações, que Toynbee sempre considerou como uma cultura posta à prova; e do segundo, o sabor das coisas veneráveis, revividas num estilo comunicante e belo, que povoa as ruínas de fantasmas coloquiais, pois falam sem fazer medo e dão o testemunho dos povos no curso das idades. De Volney teria Edgar o que como que lírico das ruínas. Mas nunca — é preciso assinalar — o amor ao que passou só pelo aspecto legendário das coisas mortas. Sua visão do mundo contemporâneo é otimista. Antecipa nesse admirável livro, que bem podia ser reeditado, a interpretação atual das mudanças que marcam as gerações que chegaram depois.

O capítulo final do seu livro é duma beleza a toda prova. O historiador, que se dirige aos que estudam e vão fazer os seus exames de acordo com os programas do Colégio Pedro II, é u'a mensagem de fé no Novo Mundo, ainda hoje penetrante, irresistível pela força criadora do nosso espírito, questionado pela sua evidência e inserido na própria conjuntura internacional. Finaliza Edgar com estas palavras de algum modo proféticas, de grande beleza estilística: — “Aqui na América a liberdade levantou um acampamento definitivo que tem sido até agora respeitado e venerado. Continente jovem, a nossa função é de paz e a nossa vida é de trabalho. Parece que a Europa guiar-se-á pelo nosso exemplo, e ao ritmo novo dessa harmonia os homens esquecerão fronteiras, ódios e maldades, para vibrarem no

mesmo sentimento de concórdia que o divino platão sonhou em suas altruísticas instituições celestes”.

Essa linguagem não é apenas de quem compõe um compêndio para estudantes: — é a de um escritor na pujança do seu talento de vidente. Muitos outros trechos podiam ilustrar essa vidência histórica de quem sentia o drama do mundo, num ano transitivo, que marcava singularmente a nossa vida e criava perspectivas impensadas. Edgar imaginava uma humanidade mais feliz. Um dos seus ressentimentos — que tantas vezes me comunicou em cartas, as cartas inimitáveis que escreveu e que podem ser o retrato mais completo de sua alma sonhadora — era o de ver o desentendimento duma civilização tecnológica, a civilização do conforto, como chamou Chesterton, sem poder conciliar os interesses da vida por estar esvaziada do humano. Era por esse humano que Edgar lutava.

Foi por esse humano tão tragicamente desumanizado que ele batalhou como magistrado e como professor universitário. A Justiça, que, em memorável ensaio, analisou no reino de D. Quixote, foi para ele a Lei justa e benéfica, o encontro da equidade com o Direito, como queriam os romanos; e a cátedra, que tanto honrou, foi a lição cotidiana do humanismo jurídico, que o levou a apontar aos seus alunos — inclusive em orações de paraninfo, que são modelares — os caminhos da conciliação entre a máquina e o homem, já que este é o criador e aquela a coisa criada. Não se pode compreender que a criação não obedeça ao criador. A rebelião é demiúrgica, escapa à escatologia da História e à axiologia do Direito. Ele lutou pela ordem natural das coisas. E se, por vezes, se decepcionou com as reformas, isso não o levou a desistir do apostolado que exerceu como mestre, que é mais do que o professor, pois este vive o seu momento nas aulas, aquele se prolonga no tempo e no espaço e ensina a vida toda.

UMA CIDADE MORTA

Ele fala de uma cidade morta, na revista CIGARRA, março de 1929, editada em Natal por Aderbal de França, renovador dos nossos estilos literários no gênero específico da crônica social. Não diz o nome dessa cidade, como ao traçar o perfil moribundo de velho engenho também não diz como se chama. Quem não sabe que cidade é essa?

Escreve como um poeta, que foi em prosa e talvez em versos: — “Quando te encontro assim minúscula e humilde, escondida nos escaninhos da memória, minha querida cidade morta, parece-me uma paisagem que a morte levou, lentamente, suavemente, entre um crepúsculo uma noite, para o nunca mais”.

A crônica é belíssima. Edgar põe na sua lembrança e na exaltação da cidade morta o que ele mais deseja, isto é, que ela seja sem-

pre morta, sempre quieta, sempre lírica, sempre suave, sempre lenta, invocada como uma deusa que nunca saísse do seu templo.

Nessa cidade que lhe parece morta — o Ceará-Mirim — entrávamos todos os anos juntos, olhando a paisagem infinita, que ondeia ao sopro da poesia nos canaviais onde cantam gênios invisíveis a beleza primitiva da terra. Diante da cidade — sempre morta, mesmo progressista e renovada — dizíamos juntos o verso de Camões, como uma insubstituível saudação: — *“Esta é a ditosa pátria minha amada”*. E éramos meninos de volta. Naquele ano de 1929, aos vinte anos de idade, embora escrevesse na mesma revista CIGARRA sobre a inutilidade da glória, já o seu talento de escritor esplendia nos jornais e revistas. Ele se debruçava sobre as coisas mais avançadas do tempo sem deixar de amar a sua cidade morta. E esse era um traço da sua personalidade: — a infância, que tem o mágico poder de imobilizar a paisagem para que da lembrança fiel e litúrgica saia, luminosa, a visão lírica do tempo perdido.

Esta Academia, Sr. presidente e Srs. Acadêmicos, conheceu de perto o comportamento romântico de Edgar Barbosa, a invariável moldura do seu sentimento e do seu amor. Talvez isso causasse certo ressentimento que não podemos afastar da sua personalidade, sem que tenhamos de esquecer as injustiças que sofreu. O mundo não o tomou de assalto. Não o deformou. Sempre havia lugar para aquele “homem sentimental” que, em famoso ensaio, identificou na Idade-Média como influência próxima na gestação do Quixote, que luta como um alucinado pela Justiça e sai em peregrinação deslumbrada à procura dum reino ideal.

Não seria possível esconder, agora, a saudade com que o evoco diante da sua, da minha cidade morta. Tudo parecia parar para que nós, vindos da escola primária de Adele de Oliveira, pudéssemos sentir o feitiço camoneano da nossa navegação lírica, quando lá em frente o canal se estende como um mar antigo onde os velhos engenhos são naus povoadas de solidão, à espera dos mesmos descobridores, que nunca se cansam de seguir os mesmos roteiros e de consultar os mesmos mapas duma geografia sentimental.

UMA TEMPORADA LITERÁRIA

Em 1930, Edgar Barbosa é um nome da maior significação em Natal, ao lado de Otacílio Alecrim, Antônio Bento, Luiz Torres, Aderbal de França, Damasceno Bezerra, João Maria Furtado e outros.

Não sentíamos a ebulição política que havia no País nem muito menos a proximidade duma revolução que se gerava na ânsia das reformas e no que tanto se chamava o saneamento do voto.

Aderbal de França — o inesquecível Danilo de tantas crônicas natalenses — lançava a Temporada Literária de 1930, com nomes como os de Eloy de Sousa, Jayme dos Guimarães Wanderley,

Lauro Pinto, Virgílio Trindade. Edgar seria um dos mais aplaudidos conferencistas da temporada. Fiz, então, minha primeira conferência de público sobre o “Espírito das Lendas”, numa tentativa de interpretação do mistério da criatividade antiga, a seu modo mística e divinatória.

Foi um ano decisivo, esse de 1930. O Brasil entrava numa fase nova de mudanças. Terminava o mecenato de Juvenal Lamartine. Edgar se aproximava do término do seu curso de Direito, no Recife, março de 1932. Preparava-se para ser o magistrado que deixou a tradição da elevação e da dignidade da judicatura. O juiz de Direito compunha nele a figura do homem sereno e justo, que prezava e engrandecia a toga.

Na carta “A um Sobrinho que ingressa na Magistratura”, datada de Natal, abril de 1965, dirigida a Sábato Barbosa d’ Andrea, suas considerações sobre a missão de julgar são de uma penetração quase mágica no espírito de quantos têm na vida essa quase divina predestinação. Ainda é o exemplo de D. Quixote que lembra ao sobrinho ilustre: — o cavaleiro persegue o seu ideal, luta pela justiça, defende os fracos e oprimidos. E um dado momento dessa Carta, que devia ser conhecida em todo o Brasil, lembrado de que o sentido da ação humana é a própria vida na sua essência mais pura, escreve que “não é melhor a fama do juiz rigoroso do que a do compassivo”. A carta é autobiográfica: — nela o autor se mostra na inteireza do seu caráter e na beleza com que encarnou os grandes momentos da missão judicante.

Continuaria jornalista, que essa foi uma de suas vocações na multiplicidade de tantos caminhos que se abriram à fascinação da sua inteligência. Jornalista não apenas de artigos literários, mas também políticos e polêmicos, como atesta a sua HISTÓRIA DE UMA CAMPANHA, livro que considero episódico, porque não refletiu um estado d’alma permanente. Na verdade, a política jamais seduziu Edgar. E quando sentiu os seus efeitos não foi senão para sofrer decepções e amarguras, que nunca se transformaram em ódio nem rancor mas foram sempre o capítulo que se fechou com um triste julgamento dos homens.

Os artigos que ele deixou na imprensa natalense, n’A REPÚBLICA, ou no DIÁRIO DE NATAL, dariam, se reunidos em livro, como deviam ser, a alta dimensão do seu espírito e serviriam de modelo para o jornalismo do nosso tempo. Jornalismo também é um gênero literário, proclama Alceu Amoroso Lima. E ninguém o reafirma melhor e mais alto do que Edgar Barbosa, escrevendo em jornais algumas obras-primas da literatura brasileira, à altura dos seus ensaios. Lembra Veríssimo de Mélo — que, a respeito de Edgar, escreveu magistral artigo, que é um retrato psicológico, além de literário — que esses ensaios e artigos deviam ser enfiados em livro:

— idéia excelente, que virá mostrar quanto havia no companheiro que perdemos de profundo e nobre como estilo e pensamento.

Os artigos enfeixados em **IMAGENS DO TEMPO** são já uma seleção feita pelo próprio autor. Chamei-os em Notas que publiquei no **JORNAL DO COMMÉRCIO** do Recife vitrais de uma catedral antiga. Creio justa a expressão, pois que esses vitrais são painés de luz e cor que lembram cenas e figuras da Hagiologia da Igreja, numa comunicação misteriosa e eterna.

A Temporada Literária de 1930 revelou em Edgar Barbosa o esteta, o estilista, o humanista — o que ele ia ser a vida toda, serenamente, sabiamente.

Começaram as mutações do tempo. O professor de Português do Atheneu se preparava para ser mestre universitário de Direito constitucional, o doutrinário, o guia de gerações, admirado por alunos e colegas. E em tudo — na cátedra, na imprensa, no livro era o estilista que valorizou a palavra até fazer dela um hino triunfal da Beleza, a harmonia interior do Espírito que encontra o seu altar na contemplação mística do devoto da forma como expressão duma liturgia intelectual e estética, que nele foi o culto soberano da alma humana na sua ânsia incontida de dizer bem o que se pensa bem, e se sente e vive como inquietação criadora que tem no estilo o seu modelo de perfeição e de magia.

Em tudo isso ele guardava um ar de humildade, um recato, um pudor, que somente os sábios têm. A impressão que me dava era quase monástica. Vivia num recolhimento espiritual que poderia parecer isolamento, distância, e era apenas a sua ascética solidão, a sua conventual disciplina do Espírito, abismado nos livros. Não era por isso homem dos que podemos chamar dinâmicos. Seria antes um estático, capaz de contemplar uma estrela ou um crepúsculo, madrugador de manhãs tropicalmente natalenses, cuja atividade era interior, sem deixar um pensador à maneira de Thomas Merton, que afirmou: — “O silêncio é o pai da palavra”.

Ninguém dele se queixou senão talvez do aparente isolamento; nunca, porém, da sua presença incômoda em qualquer situação ou competição. Nunca foi competitivo. Deixava o caminho livre à passagem de qualquer transeunte. Admirava os talentos novos. É possível que deles não se aproximasse; mas louvava a ânsia da nova geração diante do mundo moderno e via nisso uma inquietação pascaliana a que não faltava algo das imprecações de um Léon Bloy, um peregrino do Absoluto.

Nunca foi cortejado em governos dinâmicos, como o de Juvenal Lamartine, que tanto apreciou a sua inteligência, como um jovem que se atirasse à aventura do progresso, ainda não chamado de desenvolvimento. A admiração que ele suscitava era a que podemos ter por um lago, que jamais se enfurece, e que, por isso mesmo, é capaz de guardar, mais do que o mar, a imagem serena da Beleza, da paz

interior. Daí o seu romantismo; mas — repare-se bem — não o choque com as novas formas de cultura e de civilização. Tinha o sentimento do mundo. Sentia em muita coisa — humanista que era — a influência do humanismo do Renascimento, que estudou como mestres no ensaio sobre Leonardo da Vinci, publicado nas suas **IMAGENS DO TEMPO** — uma página que é das maiores, em síntese, escritas em qualquer parte sobre o artista que encheu o seu século.

Acredito que a gênese do seu pensamento pode ser situada no ano decisivo de 1930. Fixou-se, então, o rumo da sua fina e envolvente inteligência. E o caminho foi retilíneo e claro, até o fim.

O ELOGIO DA JUSTIÇA

Parece que não se estudou ainda o magistrado que foi Edgar Barbosa. Este é um aspecto singular da sua vida. A Carta ao sobrinho-Juiz de Direito, já referida, é um testemunho da sua preocupação com a Justiça. Mas, esse sentimento do justo e do humano, misturados no ato de julgar, espande no excelente ensaio publicado na Revista **TEMPO UNIVERSITÁRIO**, Natal, vol I, n.º 1, editada pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte, e intitulado “Alguns aspectos da livre Convicção”.

Nesse ensaio, tão poderoso quanto outros, inclusive os **TRÊS ENSAIOS**, editados no Recife, Coleção Concórdia, graças à sensibilidade do então Diretor da Imprensa Oficial, acadêmico Cleophas de Oliveira, Edgar reflete de certo modo o seu drama íntimo: — o drama do Juiz, do homem que tem diante de si um processo que não se compõe apenas de peças reclamadas pela ordenação dos Códigos, mas também de conflitos que os postulantes trazem à consideração e à sentença do julgador.

Estudando “A Questão Religiosa como Questão Jurídica”, à base do processo instaurado com infringência de dispositivos legais tive oportunidade de dizer que o processo é uma vida, um destino. Edgar Barbosa, nesse ensaio, expõe isso de maneira autobiográfica, como se, ao escrever esse trabalho, fosse procurar no seu saber não só de ciência mas de experiência feito a fonte do conhecimento e do raciocínio que fundamentam a sentença.

Em trabalhos como esse ele punha a sua grande alma. Insistia sempre no tom humano do ato de julgar. A lei esgota o Direito. Os Códigos e os Tribunais são órgãos Institucionais da Justiça e da Equidade, mas o Juiz — é o pensamento de Edgar — deve sentir com o postulante, que acredita digno do julgamento favorável, a confiança com que ele recorre ao Juiz.

Há nisso uma grandeza interior que ele deixa como um legado a quantos têm a missão que ele teve, e da qual se desincumbiu tão

serena e imparcialmente que, como assinala Veríssimo de Mélo no artigo já referido, podia retirar-se da comarca sem que ninguém soltasse um foguetão de regozijo.

CONFLITO DO NOSSO TEMPO

Já disse, desde o começo, que Edgar foi por excelência um humanista. Nas Edições “Cadernos Culturais”, que Aluizio Furtado de Mendonça vem publicando no Recife, Edgar divulgou o seu excelente discurso ao paranimfar os concluintes da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, em 1974.

“Humanismo e Tecnologia” é o título dessa contribuição à própria compreensão do homem, neste século um tanto contraditório: — um século que é vertiginoso pelo progresso científico e tecnológico — o século da Cibernética e da Automação — e, contudo, se desvaira em pecados mortais contra o Homem, como assinala o filósofo francês Gabriel Marcel.

Edgar se ajusta, como mestre universitário e como pensador, ao panorama do mundo moderno: — um mundo desarticulado, “le monde cassé” da peça ontológica de Gabriel Marcel. O tema é fascinante para um humanista desse porte. O conflito entre o Homem e a Técnica, que Nicolau Berdiaeff põe em relevo quase no mesmo momento em que Oswaldo Spengler anunciava a decadência do Ocidente, tem hoje a mesma repercussão. Os humanistas, que ainda existem, temem a absorção do humano pelo tecnicismo. E erguer-se por toda parte um brado de alarma, que é a consciência do valor essencial sobre o valor circunstancial.

Esse brado está na palavra lúcida e penetrante de Edgar Barbosa. Sempre lutou pelo primado do Espírito. E bem que se aproxima de Jacques Maritain ao defender o humanismo integral. Saint-Exupéry diz que, um dia, a máquina será uma pecadora arrependida. Mas até que chegue esse dia, essa redenção, quanto sofrimento, quanta frustração!

Reconhece Edgar que vai passando o tempo dos mágicos em proveito dos lógicos. Os cantores já não cantam. Cantam por eles os ruídos do mundo em convulsão. Mas, a essência do homem há de ser preservada. E é por essa preservação que ele luta. Essa oração de paraninfo precisa ser meditada por todos quantos deixam a Universidade e são lançados à vida prática, porque se o fazem animados só da idéia e do sentimento do êxito, então o que há de mais belo no Homem — a sua individualidade ao mesmo tempo singular e plural como ser composto de corpo e alma — estará sacrificada à renegação dantesca dos nossos fins, em benefício dos meios. Triunfará Maquiavel, nessa hora. Mas, se a História é, como dizia Hegel, o juízo final, e se podemos aplicar essa definição à teologia da Redenção, o homem

será condenado pelo próprio homem nos tribunais da consciência por ter mentido ao seu destino, ao que Deus mandou que ele fosse e fizesse.

Sr. Presidente, Srs. Acadêmicos:

A personalidade de Edgar Barbosa é irresistível. Não pode caber num elogio acadêmico. Seria preciso um estudo amplo, de maiores proporções, para a sua compreensão múltipla, que certamente será feito, porque acredito que as novas gerações despertarão agora para ele e no seu silêncio irão buscar a mensagem do humanista, do mestre, do estilista, do jornalista, do escritor, de tudo quanto ele foi e agora, com a morte, revive para o feitiço e o encantamento da nossa inteligência, já debruçada sobre o ano 2.000, que irá decidir entre o Homem e a Técnica, entre o peregrino de Deus e o falso guia que esconde as estrelas para procurar os planetas.

A RUA DO SILÊNCIO

Dir-vos-ei, Sr. Presidente, Srs. Acadêmicos, que, relendo vagarosamente a obra de Edgar Barbosa, aquela que anda esparsa em jornais, descobri que havia nele o sentimento da morte.

Na revista CIGARRA, de abril de 1929, Edgar Barbosa publica um artigo de puro e elevado pensamento, intitulado "A inutilidade da Glória irônica". Vê-se que é uma página de reflexão, o que sempre ocorreu ao escritor, ao lado da obra de artesanato literário, que era o encantamento do seu estilo. Diz Edgar, aos vinte anos de idade: — "A morte é quem redime tudo é, quem perdoa tudo, é quem alivia tudo: tem a magia paradoxal dos guindastes invisíveis".

A morte — é ele quem nos leva a essa conclusão — eleva tudo, sublima tudo, transfigura tudo.

Na explicação do seu livro IMAGENS DO TEMPO, ao referir-se aos companheiros de viagem, como os chamou Alceu Amoroso Lima, que militaram na imprensa natalense, assinala desse modo o seu pensamento, à medida que a jornada vai acabando: — "E mais leve se torna o passo na estrada, e o rosto dos companheiros mortos nos sorriem, dentro da névoa, como se também voltassem para escrever a crônica de suas misteriosas viagens".

Sempre essa "constante": — a morte, a viagem sem retorno, a Ladra contra a qual não podemos quando pratica o roubo ante os nossos olhos chorosos e as nossas mãos inúteis.

Mas é ainda na CIGARRA, dezembro de 1929, que Edgar escreve a crônica intitulada "Minha Rua", que eu chamaria premonitória: — a poesia pura invade as suas palavras e a rua silenciosa e mística encerra o ciclo dos sonhos vividos. O cronista visualiza a sua saída da rua onde mora para outra rua onde vai repousar, um dia, desta vida descontente, como diz o poeta.

Pela beleza da crônica, que é um poema, talvez o mais belo poema de quem não quis ser poeta em versos, aqui vai transcrita na

íntegra como um modelo de síntese — o seu grande segredo literário: — como a reflexão solitária a que somos homem convidados, quando ele se mudou.

Eis a bela página:

“Minha rua, à hora em que a tarde é leve como uma pluma, corada qual um morango, estremece preguiçosa pelas calçadas e cai naquela monotonia de todos os recantos desertos.

“Nenhum palpitar de folha morta que esvoaça e se dissolve na aragem. . . Minha rua é triste como se a saudade habitasse em todas as suas casas. . .

“Mas. . . eu hei de sair de minha rua. Não para ir morar na intensidade buliçosa de uma avenida moderna; não para ir ver de um arranha-céu o tumultuar de interesses e mesquinharia humanas. . . O que eu procuro é a saudade. . . Eu não te fujo doce saudade, linda e boa e suave como a tristeza. . . A outra rua. . . A outra minha rua, que não tem calçadas, mas possui somente vivendas muito brancas, enfeitadas por uma cruz. A outra rua, a rua mais silenciosa do mundo, a rua que é uma lágrima serena a cair dolorosamente de uns olhos que a desventura machucou sem piedade” . . .

Nessa rua é que ele está agora, na sua viagem de volta, como disse Paulo de Viveiros, à beira do túmulo de Edgar, no chão sagrado de Ceará-Mirim, ao bafejo lírico do hálito verde do vale, que foi um dos encantos dos seus olhos, uma das fixações da sua nostalgia.

Manuel Bandeira disse: — “Eu faço versos como quem morre”. Posso dizer que escrevi esta pobre oração como quem morre. Morrer não é apenas perder a vida: é ter uma saudade para sempre. É saber que já não vive tanto como já viveu. É que há uma rua silenciosa, onde tudo acaba e tudo se transfigura. A rua onde ele dorme, o nosso querido Edgar Barbosa, o companheiro que se foi e que é, agora, nesta homenagem acadêmica, a morte do nosso caminho, a solidão de uma rua morta, mas também a glorificação do talento, a exaltação da grandeza e da humildade da inteligência diante do mundo, pobre e efêmero. Um homem assim dignifica o nosso tempo, e é tão superior à contingência humana que povoa a solidão das ruas desertas com o que deixa de alto e nobre às gerações que ouvem os seus passos, cada vez que ele revive nos cânticos da imortalidade.

Esta noite de hoje também é a sua viagem de volta.

AGRADECIMENTO

ELIONE BARBOSA

Se meu querido pai tivesse que agradecer alguma homenagem que lhe fosse prestada, parece que estou a vê-lo, entre tímido e relutante, declarar que não merecia e que havia muito de generosidade na lembrança. Agora, todavia, que seu corpo não se faz presente, e sua alma silente não pode articular nenhuma palavra ou gesto de agradecimento, é por meu intermédio, que o seu reconhecimento se torna público. Ouso dizer que sinto em mim mesma, grande identificação para com ele. Falta-me — é bem verdade — para que a identificação seja completa, que eu tivesse sido dotada daquele estuante espírito de intelectual, que mais de uma vez o seu dileto amigo Dr. Nilo Pereira soube nele divisar e que se frustou em mim, muito cedo, por conta das minhas atividades domésticas. Isto é a vida...

A homenagem que a Academia Norte-Rio-Grandense de Letras presta ao meu pai, aqui e agora, com as palavras do bellissimo discurso que o Acadêmico Dr. Nilo Pereira escreveu, sensibiliza à minha Mãe, à mim, e aos meus irmãos, os quais represento, nesta magna solenidade, estendendo-se aos nossos familiares.

A primorosa oração do Acadêmico Dr. Nilo Pereira, põe em destaque o jornalista, o historiador, o mestre, o humanista, o escritor-ensaísta, o romântico Edgar Barbosa. Ninguém melhor que o Professor Dr. Nilo Pereira se desincumbiria da missão. É que havia entre ambos uma corrente de afetividade que os uniu desde meninos e que a distância, nem o tempo conseguiram separar, porque a continuidade da correspondência epistolar se tornou elo inquebrantável a selar a amizade, sem intermitências e sem hiatos pela vida toda.

Seria impertinente de minha parte se aqui viesse improficua-mente tentar algum acréscimo ao que foi dito na oração de lembrança e saudade. Ao contrário, penso que foi dito tudo e da maneira melhor. A única ajuda que posso oferecer nesta reunião em que se louva um homem que se foi, na sua multifacética atividade, é dizer que sou testemunha de que foi um pai excelente, um incomum chefe de família. Nisto mais que testemunha, sou protagonista e fruto dessa bondade, que era o seu apanágio. O meu querido pai era um homem bom. E a minha palavra não terá a condição de solo, mas a ampliação de coro, que me impede de dizer mais e de agradecer de outra maneira.

DIOCLÉCIO DUARTE

Otto de Brito Guerra

Tão vivo é, no homem, o desejo, o senso da imortalidade, que ele multiplica atitudes altamente significativas. Desde os povos mais primitivos, aí estão os túmulos, singeloso ou grandioso, tentando varar os tempos. Nem faltam colegiados, como as Academias, em que se procura cultivar a memória de quantos confrades vão deixando a companhia dos que continuam a jornada.

Para os que têm fé, a morte significa, de fato, uma passagem, uma transferência do Tempo para a Eternidade. Já São Paulo perguntava onde a vitória da morte e dizia que a vida não é arrebatada, mas transformada.

Fazem muito bem, portanto, as Academias, a nossa inclusive, em dedicar uma sessão em homenagem aos companheiros que se partem desta vida, recordando o convívio agradável, que nos proporcionaram, durante um certo espaço de tempo.

Dioclécio Dantas Duarte, o companheiro que nesta noite homenageamos, é daqueles que trouxeram uma contribuição valiosa para o patrimônio cultural da terra comum, desde muito cedo, ainda ginásiano.

Foram 80 anos bem vividos, ao serviço deste Rio Grande do Norte, que nunca esquecia, ao serviço do Brasil.

Ele trazia do berço a marca da terra, descendente, que era, daquela aristocracia rural de outros tempos, que Oliveira Viana, Câmara Cascudo, Gilberto Freyre, descrevem com tanta maestria, que até parecem redivivos. Gente que acordava antes do sol, saía pelos campos a distribuir tarefas, eles próprios também desempenhando as suas. E que na política eram chefes de valia ímpar, conservadores ou

liberais, naquela gangorra sustentada, afinal, pelo próprio Imperador, desejoso de contentar ora a uns, ora a outros, todos em geral aspirando às boas graças do trono.

Os Ribeiro Dantas e os Duarte, dos quais descendia, eram gente da melhor estirpe, com as mesmas virtudes e os mesmos vícios dos outros chefes, o que levava alguém a dizer, com fina ironia, analisando os partidos do Império: nada mais parecido com um liberal do que um conservador.

Características que se prolongariam na República, com os novos partidos constituídos, a influência dos coronéis, que só a marcha do tempo, a evolução dos costumes, o aperfeiçoamento da legislação eleitoral vem corrigindo a pouco e pouco.

Nascido e criado em semelhante ambiente, numa dinastia de senhores de engenho, professores, padres, políticos, na expressão de Câmara Cascudo, recebera Dioclécio Duarte, com o cheiro da terra, o arrastamento pela política, e isto mesmo confirmava em longa entrevista concedida ao "Diário de Natal", aos 77 anos, quando afirmava: "Trago o vírus da política desde os antepassados".

Recebeu, sem dúvida, outras influências, e não foi pequena aquela que lhe trouxe a velha Faculdade de Direito do Recife, tendo, entre os os colegas, Barbosa Lima Sobrinho e militando no jornalismo, ao lado de Andrade Bezerra, Joaquim Pimenta, Raul Azede e Hercílio de Souza, Agamemnon Magalhães e tantos outros, privando da intimidade do erudito e meticuloso Oliveira Lima.

Matriculara-se na Faculdade aos 16 anos, formando-se em 1917. Como prova do seu valor, foi escolhido orador da turma.

Ainda estudante, já dirigia a Imprensa Oficial do Estado de Pernambuco, a convite do Governador Manoel Borba e também, antes de formado, é deputado estadual pelo Rio Grande do Norte.

A primeira lembrança que me vem de Dioclécio Duarte data do meu tempo de estudante do velho Ateneu Norte-Rio-grandense, situado, como se sabe, à Avenida Junqueira Aires, como também a própria Assembléia Estadual. Sempre que havia oportunidade, alguns estudantes escapuliam até o salão das sessões da Assembléia, para apreciar os debates dos deputados. Um desses parlamentares se destacava logo, e era Dioclécio Dantas Duarte. Baixo, meio gordo, mas elegante, fraseado cuidado, sóbrio na gesticulação, encantava-nos, sem dúvida.

Esta impressão que me ficou recordei, faz alguns anos, na presença do próprio Dioclécio Duarte, quando, em sessão do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, lhe era prestada merecida homenagem, de que fui intérprete. Pois bem. Agora, depois de sua morte, o professor Nilo Pereira, tão nosso, dono daquele estilo primoroso, que todos admiramos, descreve, numa de suas "Notas Avulsas" do Jornal do Comércio do Recife, impressão idêntica que lhe causara o então jovem deputado. Assim depõe Nilo Pereira: "Estu-

dantes, íamos ver Dioclécio falar na Assembléia. Parecia-nos que ele, aos nossos olhos iniciantes, resumia o modelo perfeito do orador político hábil, inteligente, dialético”.

Depois deste encontro, muitos anos se passariam, sem outro contacto com aquele brilhante deputado. Que prosseguiria em sua rota de êxitos, deputado federal, membro do Gabinete dos Ministros da Marinha e da Justiça, Cônsul do Brasil em Bremem, Alemanha, membro do Conselho Consultivo das Conferências Interparlamentares, além de Interventor Federal no Estado, interinamente.

Em declarações feitas ao jornal “A República”, de 7 de novembro de 1945, dizia Dioclécio Duarte considerar a tolerância a maior virtude do seu caráter político e que, em toda a sua vida de homem público, jamais desistira de trabalhar pela harmonia da família norte-rio-grandense, muito embora habituado, desde muito jovem, a combater e a ser combatido.

Do seu espírito conciliador tive uma prova evidente. Era eu um dos redatores do diário católico “A Ordem”, de Natal, e ele exercia, salvo engano, uma Secretaria de Estado. Em certa paróquia do interior (estávamos bem longe do espírito ecumênico dos tempos atuais) houve sério desentendimento entre o vigário local e um pastor protestante. Havia receio de choques maiores entre pessoas. A Ordem tomou posição e houve uma certa ameaça de censura ao jornal, da parte do Chefe de Polícia, tornando a situação meio tensa. A horas tantas, irrompeu pela redação do jornal Dioclécio Duarte, sorridente, com uma solução que a todos contentou. E foi logo exclamando: “Meus amigos, trago-lhes a paz”.

Talvez daí tenha nascido uma aproximação maior sua com o grupo católico que liderava o cooperativismo no Estado, tendo à frente o incansável e inimitável professor Ulisses Celestino de Góis. O fato é que foi constituído pelo Governo uma Comissão de Assistência ao Cooperativismo, ligada ao Departamento de Agricultura, que era dirigido pelo mesmo Dioclécio, que ainda fez instalar no Departamento uma Seção de Cooperativas, entregue ao professor Francisco Veras Bezerra, também do grupo liderado por Ulisses de Góis.

Foi uma época de grande expansão do cooperativismo no Estado, chegando a se fundarem 24 cooperativas, embora nem todas tenham entrado em funcionamento regular.

Dioclécio Duarte, por vezes, participava dessas viagens ao interior, em fundação de Cooperativas. De uma feita, lembro-me bem, viajamos pela zona Oeste, até Martins e Pau dos Ferros, tendo chegado, em lombo de animal, à cidade de Port’Alegre, galgando a serra de acesso, que ainda não tinha estrada de rodagem. Foram dias de agradável convivência, revelando-se Dioclécio excelente companheiro, sempre de bom humor, de palestra viva e agradável.

Conta o Diário de Natal que o ex-ministro do Trabalho e deputado, sr. Marcondes Filho, costumava dizer-lhe: “Dioclécio, seu

grande mal foi ter nascido no Rio Grande do Norte. Se você fosse de Minas, São Paulo ou mesmo Pernambuco, hoje era um nome nacional”.

O fato é que, mesmo sendo do Rio Grande do Norte chegou a dirigir o “Diário de Notícias”, do Rio, o Instituto Nacional do Sal, a receber três comendas; a de Cavaleiro da Ordem do Libertador, homenagem da Venezuela, a do Mérito Naval, brasileira e a da Legião de Honra, francesa.

Além de jornalista competente, deixou vários livros, entre os quais “Para os que ficam” “Problemas Contemporâneos” (1930), A Indústria Extrativa do Sal e sua Importância na Economia do Brasil” (duas edições), a par de um sem número de conferências e reportagens de viagens.

Numa entrevista, ele declarou não guardar mágoas da política. Mas, sem dúvida chegaram até ele, como a qualquer homem público, setas da ingratidão e da maldade, a par das muitas compensações.

Em documento publicado no jornal “A República” explicava as razões de sua tolerância: “Quando os homens se me apresentam ingratos e dominados por idéias malsãs, para conter os ímpetos naturais, recorro-me de minhas leituras da “Imitação de Cristo”. Faço um exame de consciência e resolvo perdoar as piores ofensas. Assim me fortaleço para continuar a doutrina de servir, esquecido de recompensas imediatas aos homens egoístas, levianos, apressados na conquista dos bens deste mundo materialista e odioso. Devo a essas leituras a tolerância política que adquiri e cultivo”.

Foi este, srs. e sras., o homem que nos deixou. Mas cuja lembrança permanece e será conservada nos seus descendentes e pelos serviços que prestou.

PALAVRAS DE AGRADECIMENTO (*)

MOACYR DUARTE

Tenho a impressão de que a última pessoa a ser chamada a falar, nesta solenidade, a respeito do homem de letras, do político, do jornalista, do diplomata por vocação e do potiguar e patriota por amor e paixão, que foi Dioclécio Duarte, seria justamente talvez o maior depositário de um legado emocional em torno da vida e da obra desse homem, como é o meu caso pessoal em relação ao homenageado de hoje.

Há os vínculos de sangue, os laços familiares, as estranhas compulsões do bem-querer, as afinidades eletivas de que falava Goethe, mas há, sobretudo, o poder mágico e místico da admiração que exerce sobre nós o fascínio e a sedução das personalidades marcantes e ricas de vida espiritual, e a cujo mistério ficamos rendidos para sempre.

Sou um deslumbrado pela inteligência, pela obra, pelo valor e sobretudo, pela humildade de Dioclécio Duarte, homem-símbolo de uma geração, de uma época e de um estágio da cultura e do desenvolvimento do Rio Grande do Norte.

O que mais me assusta e perturba na personalidade do homenageado desta noite é justamente a sua humildade que, em relação ao seu valor, se mede com uma distância solar. Dioclécio quanto mais crescia em prestígio e poder mais se recolhia em humildade e amor, em compreensão e solidariedade com o próximo.

(*) Agradecimento às homenagens prestadas ao Acadêmico Dioclécio Dantas Duarte.

A grande virtude do homem público e que tanto se rarefaz nos tempos contemporâneos é justamente a humildade que Heinrich Heine lembrava, desesperadamente, no seu lapidar discurso, ao receber o prêmio Nobel de literatura, quando dizia: "Nós, que temos tanta facilidade para humilhar os outros, falta-nos um requisito: a humildade, que não deve ser confundida com subserviência, obediência ou omissão. Queremos sempre submeter e conquistar, e isso não pode causar espanto dentro de uma civilização cuja primeira leitura em língua estrangeira foi, durante muito tempo, o DE BELLUM GALLICUM, de Júlio Cesar".

Não nos cabe, na singeleza de um agradecimento em nome da família, analisar ou comentar todos os ângulos e as formas desse misterioso território humano que é a vida de cada um de nós, e principalmente daqueles que, como Dioclécio Duarte, foram vocacionados para uma missão a serviço do seu povo e da sua terra. O seu perfil singular e invulgar foi magistralmente gizado pelo talento e erudição do Professor Otto de Brito Guerra, mestre da difícil arte de dizer e autoridade respeitável no mundo dos problemas sociais, econômicos, religiosos e políticos que tipificam a nossa comunidade.

O Professor Otto Guerra, com sua visão de jurista e sociólogo, pertencente à geração dos eleitos dessa legião de honra da cultura e da literatura a que Dioclécio Duarte se alistara como voluntário desde o amanhecer acadêmico, conhecedor profundo dos problemas que empolgavam a ambos, compreendeu o homenageado e situou com precisão e propriedade o homem político no seu tempo e espaço, e, sobretudo, na perspectiva histórica.

Sobre ele muito ainda se terá a registrar, pois foi uma figura rica de seiva humana, plétórica e generosa como a natureza, no dizer de Walt Whitman, e, como tal, para ser lembrada, comentada cotejada, criticada, elogiada e satirizada, mas sempre revivida por sua extraordinária capacidade de ação, de reação, de comunicação e de inspiração que foram as paralelas de sua exuberante existência. Muito leu, muito falou, muito escreveu e muito descreveu, muito viu e muito sentiu, muito conviveu e muito viveu, nunca será malsinado por omissão, participante que foi de todos os eventos políticos, literários, associativos e sociais de sua época.

Arrancado de uma imortalidade para outra, da imortalidade do espírito para a da alma, pelas mãos infalíveis das Parcas que cortam os fios da eternidade, Dioclécio Duarte deixou principalmente uma cadeira vazia no Parlamento Nacional, onde se notabilizara pela sua presença constante, permanente, insistente, persistente, exaustiva, vibrante e insinuante, na defesa dos temas do Nordeste, dos princípios partidários, das conquistas do espírito, dos problemas da agricultura e da educação, a quem sempre ofereceu a contribuição inestimável de sua inteligência pesquisadora e cria-

tiva, de seu talento fértil e imaginoso. No Legislativo e no Executivo, como deputado ou como administrador, tendo chegado a exercer o governo interventorial de nosso Estado, em todos os postos deixou o rastro luminoso de sua passagem, como o marco de uma obra feita, de uma reforma procedida, de uma atitude criadora. Por ser um homem de ação, personalidade positiva e afirmativa, foi sempre o alvo de seus adversários para o combate violento e até para a ironia apelativa, pois derrotava o inimigo pelo argumento, pela inteligência, pela estratégia, pelo cansaço, pela vigilância e pela exaustão.

Na tribuna parlamentar era invencível e à sua inteligência erudição e paciência recorriam os líderes do Congresso Nacional quando desejavam pulverizar, irritar e confundir os adversários. Era um mestre na arte de polemizar e usava as técnicas do argumento com uma habilidade incomum, capaz de dissecar um tema horas a fio, de esmiunçar um assunto em todas as latitudes e longitudes, com uma cultura humanística e científica de causar espanto e surpresa aos seus próprios pares. Na República Velha, o líder do Governo na Câmara Federal, Deputado Manoel Vilaboim, tinha uma afeição e admiração especiais por Dioclécio Duarte, a cujo poder oratório apelava freqüentemente para confundir os adversários, pois Dioclécio esgotava todos os horários regimentais digressionando com brilho e argúcia sobre os temas que interessavam à sua bancada e não interessavam aos que lhe faziam oposição.

No parlamento e na imprensa era conhecido como a "potente mentalidade do Norte", como o definiu, em 1930, o jornalista Hamilton Barata. Seus pronunciamentos na Câmara, registrados nos anais parlamentares, esquadriham os mais variados assuntos, todos eles de vital e profundo interesse social e político. Temas como o banditismo no Nordeste, a aproximação continental pela Marinha Mercante, a indústria de tecidos no Brasil, o problema do transporte e a indústria extrativa do sal, o imperialismo econômico do petróleo, a necessidade de criar a indústria brasileira de aviação, o ensino técnico e a orientação profissional, a política do café, o direito político da mulher brasileira, figuram no índice de um dos volumes, contendo discursos parlamentares. Pela variedade dos temas, pela magnitude e importância dos assuntos, pela sua intemporalidade, pelos ângulos de enfoque, pela problemática sugerida, vemos o porte e o pulso do esgrimista literário que Dioclécio Duarte sempre foi, encouraçado por uma sólida cultura humanística que era motivo de espanto para os seus amigos, pois não se podia conceber como um lidador de ação tão vasta e horizontal, pudesse penetrar verticalmente no universo do saber cultivado, estilizado e especializado. Poliglota, há trabalhos seus proferidos em vários idiomas, tendo participado de muitas missões culturais e até

servido em consulados e embaixadas no exterior, representando a nossa Pátria.

Era um homem sem fanatismos, sem preconceitos, sem ortodoxias, sem demagogias. Capitalismo e socialismo conhecia a fundo, como estudioso das doutrinas econômicas. Não se filiava a nenhum ismo, a não ser o patriotismo, e gostava sempre de citar um diálogo travado entre Thiers e Luzzatti, quando este respondendo a uma interpelação sobre quais eram os seus princípios e doutrinas, declarou: "O grande Goethe indagado sobre sua fé religiosa respondeu: no instante em que desejo invocar as suaves lembranças da antigüidade, sou pagão; sou panteísta quando quero exprimir a comunhão do homem com a natureza; sou deísta quando me concentro na vida interior e nos problemas morais; e necessito de todas essas doutrinas para me exprimir inteiramente". Parece que está aí uma autodefinição, um auto-retrato, a confissão espontâneo do Eu.

Peço perdão por estar me alongando mais do que o devido e o formal. Mas afinal quem diz estas palavras traz no sangue e no coração o hálito, o sopro, o exemplo e a inspiração do homenageado. E o que poderia fazer em troca de tanta honra, da excelsa honraria de estar entre vós, neste cenáculo e nesta fornalha de onde se irradia o calor e a luz da inteligência potiguar, senão abrir não apenas meu coração mas também a minha alma?

Dioclécio, o intelectual, o político, será tema para muito estudo, pesquisa, comentário, debate e conferência. A sua filosofia política sempre em perene mutação para se adequar à evolução nacional, à natureza do seu povo e ao caráter de sua gente, da gente e do povo que ele amou em vida, mais do que se pode imaginar, amor que só pode ser medido e dimensionado pelas lamentações dos que em casa clamavam sempre por sua presença permanente, subtraída das afeições domésticas pelo grande, imensurável, contagiante e irradiante amor das multidões, das praças e das assembléias, sua paixão e seu holocausto.

Sobre a missão do homem público, a arte de governar, o papel dos políticos, ele gostava de lembrar Volney, citado por Bolívar, no Congresso da Venezuela, palavras que se encontram na dedicatória das "Ruínas de Palmyra", e que são: "Aos povos dos centros das Índias Castelhanas, aos chefes generosos que os guiam à liberdade, que os erros e infortúnios do mundo antigo ensinem a sabedoria e a felicidade ao mundo novo. Que não esqueçam, pois, as lições da experiência e que as escolas da Grécia, Roma, França, Inglaterra e América nos instruem na difícil ciência de criar e conservar as Nações com leis próprias, legítimas, e, sobretudo, úteis, não esquecendo nunca que a excelência de um governo não consiste em sua teoria, nem em seu mecanismo, mas em ser apropriado à natureza e ao caráter da Nação para que se institui".

Esta transcrição consta do discurso proferido por Dioclécio Duarte, na Câmara dos Deputados, na sessão de 16 de outubro de 1928. Jornalista, escritor, orador, político, tradutor, e tradutor do hermético, fantástico e alucinante Edgard Allan Poe, Dioclécio Duzrte fez de sua cultura, de sua arte, de sua erudição, do dom da palavra, do seu estilo, de sua verve, de seus gestos e de todo o seu contingente humano, uma força viva, telúrica, ambulante e itinerante, em defesa dos ideais de grandeza e desenvolvimento do Rio Grande do Norte. Era um político cosmopolita, ecumênico, aberto a todas as solicitações da terra e do povo. Não fez de suas aptidões, de sua arte e de seu espírito uma torre de marfim para se acastelar no gozo dionisíaco do deleite literário.

Agregou à sua arte de dizer os condimentos e ingredientes telúricos que a natureza lhe apontou. Colocou em sua vida e em sua arte o sal que lhe conserva, o sol que vivifica, a chuva que fecunda, o aboio que encanta, tudo a serviço da coletividade no seio da qual viveu, engajando-se na luta pela redenção do Estado que tanto amou. Ele poderia dizer como Pablo Neruda, falando sobre sua poesia: "Escolhi o caminho difícil de uma responsabilidade compartilhada e antes do que repetir o culto do indivíduo como sol central do sistema, preferi oferecer humildemente meus serviços a um vasto exército que pode, vez por outra, cometer enganos, mas que progride incansavelmente a cada dia, enfrentando tanto os recalcitrantes anacrônicos como os teimosos impacientes. Porque acredito que as minhas obrigações de poeta não somente me indicavam a fraternidade com a rosa e a simetria, com amor exaltado e a infinita saudade, mas também com ásperas tarefas humanas que incorporei em minha poesia".

Foi isso que Dioclécio fez: incorporou o sal, o suor, a lágrima, a seca, a enchente, o mar, o penhasco, o chão, os rios, as serras, o pranto, a dor, o sonho e a esperança ao seu Verbo, iluminado e candente, para apontar nos céus da Pátria a estrela-símbolo de nossa ressurreição sempre adiada.

Recordando Neruda e invocando Rimbaud podemos dizer que somente com paciência ardente poderemos conquistar a cidade esplendorosa que dará luz, justiça e dignidade a todos os homens, sonho maior da vida de Dioclécio Dantas Duarte, cuja presença rísica nesta Casa está contida na impossibilidade da resposta fatal do Corvo de Poe, que ele traduziu com genialidade: "NEVER MORE". Nunca mais ouviremos sua voz, mas a sua lição, o seu exemplo, a evocação de suas lutas e de suas glórias, ficará para sempre na memória dos vindouros, enquanto os homens mantiverem pelo espírito a crença nos valores eternos da inteligência e da verdade, do saber e do bem, de que é reflexo edificante a reunião

desta noite, nesta Academia de Letras, cenáculo maior de nossa cultura e nossa perenidade.

Em nome da família de Dioclécio Dantas Duarte, de sua viúva, de suas filhas, genros, netos e bisnetos, irmã, sobrinhos e amigos mais chegados e íntimos, o preito de nossa maior gratidão, respeito e estima a todos quantos nesta Casa dignificam a cultura norte-rio-grandense e honram as virtudes e o talento humano, galardões maiores e brasões mais altos da verdadeira e imortal heráldica que é a do saber e do espírito.

Minhas desculpas e meu agradecimento.

SAUDAÇÃO A MEIRA PIRES (*)

NILO PEREIRA

Chegais à Casa de Henrique Castriciano, Sr. Meira Pires, quando já faz um ano do falecimento de Aderbal de França. Permitti, Sr. Acadêmico, que evoque, em palavras breves, a figura desse nosso querido companheiro, hoje cronista-mor de verdades eternas.

Aderbal é um marco da cultura norte-rio-grandense. Não me cabe ir além disso, que da sua obra de escritor e de jornalista vos ocupastes com o mesmo conhecimento e sensibilidade com que revestestes Ponciano Barbosa, que pertenceu a uma geração romântica e desprevenida, para a qual uma filosofia idílica da vida nem sempre refletia — antes talvez até escondesse — as dificuldades e os desencantos do mundo exterior.

A crônica social era em Aderbal de França uma solidão do espírito. Uma fuga para o seu mundo interior, sob a aparência de uma identificação com o trivial e o efêmero, quando, bem analisada a sua obra literária, continha a ânsia do espírito diante da vida social em transição. Principalmente essa transição é que caracteriza o jornalismo de Aderbal de França. Ele encerrava a década de 20, sem presentir a revolução de 1930, mas atento, na crônica mundana d'A REPÚBLICA ou na sua revista a CIGARRA, às mudanças pioneiras do governo Juvenal Lamartine.

A Temporada Literária de 1930 foi o marco mais vivo da sua presença na literatura e na vida cultural do Rio Grande do Norte. Deu, inclusive, oportunidade a que jovens da época — Edgar Barbosa e eu — surgíssemos como conferencista — Edgar já mestre do estilo, escritor da mais alta qualidade; enquanto eu, o pobre de mim, simples aprendiz malogrado, como ainda hoje.

(*) — Pronunciada na sessão de 5 de junho de 1975.

Aderbal de França tem aqui, nestas breves palavras iniciais, minha evocação e minha saudade. Por último, já sem sair de casa, debruçado como um “caniço pensante”, que é o homem pascalino, sobre a sua máquina de escrever, era, como sempre, o cronista amoroso de Natal, o historiador do nosso cotidiano o escritor de VIDA PROFANA além do próprio limite do profano e do contingente, um poeta solitário da vida interior, cujas crônicas, escritas já à distância das exterioridades do tempo, eram poemas de um devoto, para quem nunca faltou a lâmpada votiva no altar sagrado.

Nunca esqueço a ternura com que Aderbal de França se queixou, certa vez, quando de uma de minhas visitas a Natal, de não me ver. Chegou a dizer que eu havia sido seqüestrado. O seqüestrador principal era Sílvio Pedroza. Ele queria lembrar comigo tempos idos e vívidos, o movimento literário que o governo Juvenal Lamartine permitia e incentivava. Fui, assim, na crônica enternecida de Aderbal, sem me aperceber, o pioneiro do seqüestro sentimental, o único que não exige resgate nem impõe leis internacionais de segurança.

x x x

Esta noite de vossa posse, Sr. Meira Pires, é para mim, antes de tudo, uma noite do Ceará-Mirim. É impossível fugir a esse cenário de infância, “o traço todo da vida” para quem é capaz de guardar no coração a sua Massangana, o idílio do homem com a terra. Eu, por exemplo, sempre me senti aquele “menino antigo”, de que fala o poeta Carlos Drummond de Andrade. Vós também tendes esse destino, pois que não é impunemente que se nasce no Ceará-Mirim.

O que fazemos não é mais do que refazer essa viagem sentimental. Esta é uma noite de pirilampos do vale, que iluminam como meteoros um paraíso adormecido. Noite de encantamentos místicos. Noite de velhos engenhos, sejam eles o Verde-Nasce, onde verdenasci, ou Guaporé, ou Jericó. Noite de silêncios interiores para que só as vozes do mistério se façam ouvir. Porque de lá da terra prometida, é que partimos. E de lá é que estamos chegando.

Nascestes à rua de S. José, a rua de maior trânsito sentimental no meu livresco “Imagens do Ceará-Mirim”, valorizado pelo Prefácio de mestre Edgar Barbosa, outro que se extraviou em aventuras do espírito sem nunca perder a imagem antiga.

Ali, à rua de S. José, tivestes a vossa primeira lição de bons costumes: a pureza maternal, vigilante e terna como a dos anjos, vos punha no fundo do quintal, quando “Cambraia”, figura popular da vossa recordação, passava esvaindo-se em nomes feios. Esse precursor do palavrão, que seria, hoje, um espírito moderno e avançado, antecipou-se às generalizações eróticas da civilização e vos fechou os ouvidos à intemperança da frase.

Mas, se isso foi a lembrança pervertida do estilo, bastava, para restabelecer a harmonia das palavras e dos sons, a música das moedas do Jericó: — o bagaço da cana é a imolação da doçura à mecânica fatal do artesanato açucareiro, ao qual os MEIRA, da vossa estirpe, estão incorporados. Aristocracia também, e principalmente, do espírito, pois o vosso bisavô, o eminente humanista e jurista DR. OLYNTHO JOSÉ MEIRA, educou todos os filhos e formou-os para o ingresso nas Faculdades. Foi o pai a única escola que conheceu essa “inclia geração”. Dela procedeis e aqui chegais, nesta noite ceará-mirinense, com todas as galas da tradição intelectual e humana, que é um dos vossos privilégios.

X X X

O que vos traz, principalmente, à consagração acadêmica, Sr. Meira Pires, é a vossa obra teatral, na qual vos iniciastes logo cedo. No Questionário que submeti à vossa diligente resposta, para melhor assinalar a espontaneidade da vossa personalidade e do vosso temperamento, lá está como sentistes o despertar da vossa vocação: “Fazendo circos”, no quintal de minha casa, em Natal, depois exibições no Colégio Marista e Nóbrega”. E nem era preciso mais para caracterizar um itinerário certo, quase mágico. Depois, veio vossa atuação em grupos amadoristas, principalmente o Teatro da Mocidade e o Teatro de Bairro. Não seria ao acaso que a vossa primeira peça se chamaria DESTINO. Pois o destino — não tomado como fatalidade, mas como a própria vida na sua irresistível essência humana — vos tem aberto clareiras que vieram da infância, dos primeiros “alumbra-mentos” teatrais.

Que é preciso para que haja teatro? Diz Lope da Vega: — “Para que haja teatro dêem-me dois atores, um tablado e uma paixão”. Definição magnífica. O teatro é uma representação passional. Essa arte é dramática. Vós tivestes — desde o vosso cenário no quintal e nos Colégios onde estudastes — o vosso tablado e a vossa paixão; ou a paixão que infundistes nas vossas personagens, que não vêm apenas ao palco, porque são a vida na sua autêntica representação cênica. Se não fosse assim, não teríeis merecido os elogios de Renato Viana — a quem considerais vosso mestre — nem de Luís da Câmara Cascudo, Joracy Camargo, Guilherme Figueiredo, Valdemar de Oliveira, Hermilo Borba Filho. Nem seríeis por mais de vinte e três anos diretor e superintendente do Teatro “ALBERTO MARANHÃO”, que o vosso lar artístico; nem teríeis chegado à direção do Serviço Nacional do Teatro, onde o vosso Plano Nacional de Popularização do Teatro, só por si, bastaria para assinalar uma administração.

Não apenas dirigis o Teatro ALBERTO MARANHÃO por todo esse tempo, que é longo e afanoso, mas lhe destes o nome certo, através da vossa pertinaz campanha. E fizestes mais: — restaurastes

o Teatro em toda a sua dignidade artística e cultural. Casa de espetáculos, o Teatro ALBERTO MARANHÃO é como o SANTA ISABEL, do Recife, um “foyer” da inteligência e da sensibilidade. Nada pior do que degradar monumentos como esses.

Nessa Casa restaurada pela vossa consciência da missão do Teatro, a Sociedade Brasileira de Autores Teatrais (SBAT) vos ergueu um busto com esta inscrição, que honra o Rio Grande do Norte: — “Ao Teatrólogo Meira Pires, primeiro filho do Nordeste a ocupar o cargo de Diretor do Serviço Nacional de Teatro, onde lançou o Plano Nacional de Popularização do Teatro, hmenagem da sociedade Brasileira de Autores Teatrais (SBAT).

Além disso, várias placas em bronze assinalam a vossa atividade fabulosa em benefício da cultura teatral, em particular, e da cultura em geral, ligada a interesses da mais profunda e consciente Brasilidade.

Alberto Maranhão, um príncipe da Renascença, teve em vós, Sr. Meira Pires, o biógrafo amoroso e o conservador da Casa que lhe tem o nome, como uma legenda dos tempos.

Sabeis, assim, administrar ao mesmo tempo que guardar a tradição, que as novas gerações devem apreciar pelo conhecimento objetivo e mágico do que essa tradição — palavra da qual não devemos ter medo — representa como testemunho válido para o presente e para o futuro.

Uma singularidade deve ser lembrada na vossa vida: — sois técnico em Administração de nível superior e fazeis jus ao título, porque se dirigis uma cena também sabeis administrar uma casa de espetáculos. Por tudo isso, que é um testemunho de heroísmo e de fidelidade, em reconhecimento aos vossos serviços, a Câmara Municipal de Natal vos deu o título de cidadão natalense. E tantos outros títulos honoríficos merecestes, enchendo o vosso “curriculum” duma riqueza pessoal criada pelo apostolado da vossa arte.

Assinale-se que sois o primeiro teatrólogo nascido no Ceará-Mirim. Temos tido atores, dentre eles Antônio Potengy, a quem lembrais. Mas sois vós, Sr. Meira Pires, o primeiro ceará-mirinense a fazer do teatro uma vocação literária. Na vossa peça — ainda inédita — O HOMEM É O LOBO DO HOMEM — a evocação do Ceará-Mirim está presente no diálogo de Bento e Dorinha, lembrando o boeiro do engenho Jericó, a Igreja de torres compridas, a Virgem da Conceição — talvez, como reconheceis na resposta ao Questionário, como algo de autobiográfico — o menino da rua de S. José, “praticamente criado no Jericó”, voltando às origens, depois de ter sido Diretor do Serviço Nacional do Teatro.

Aos 19 anos de idade ocorria o lançamento da vossa comédia O BONITÃO DA FAMÍLIA, por Procópio Ferreira, cujo nariz, como o de Cleópatra, um por excesso, outro por escassês, muda a cena. De então por diante outra coisa não tendes feito, Sr. Meira Pires,

senão abrir e fechar cortinas do palco para os aplausos dos espectadores que admiram o vosso talento.

Para falar em linguagem teatral, vosso elenco de obras é toda uma vida da qual a cena é o retrato público do Autor em busca de personagens. Mencionei algumas das vossas peças, que têm sido êxito de representação, tais como: — O BIRIBA CHEGOU, comédia em três atos; LÁGRIMAS DE FOGO, alta comédia em três atos; CRIME E PECADO, alta comédia em três atos, representadas pela Phoenix Dramática “Segundo Wanderley” e Teatro da Mocidade; AS MULHERES ME PERTENCEM, comédia em três atos, representada pelo Teatro do Bairro; NASCIDOS DO AMOR, alta comédia em três atos, inédita. E ainda mais: — A MULHER DE PRETO, monólogo em três atos representado pelo autor e ator Ítalo Cúrcio em todo o Brasil, editado com aprovação dos escritores Valdemar de Oliveira e Antônio Pinto de Medeiros; UM RESTO DE HOMEM, tragédia moderna, com apreciações de Luís da Câmara Cascudo e Joracy Camargo e elogios de Procópio e Bibi Ferreira; RUMOS, alta comédia em três atos; JOÃO FARRAPO, peça em três atos e TERRAS DE ARISCO, em três atos, encenada pelo Teatro Escola de Natal (TENAT), com Prefácio de Hermilo Borba Filho; TEATRO ELIZABETANO, estudo inédito; TEATRO QUE APRENDI (Coletânea de crônicas, ensaios e estudos) inédito; CABEÇA DO MUNDO, peça em três atos, que serviu para estudos e pesquisas de atividade da Dramaturgia, no Ciclo de Estudos sobre Teatro do Nordeste, na Guanabara, e com a qual Procópio disse querer encerrar a sua carreira artística, conforme depoimento de Luís da Câmara Cascudo do seu livro NA RONDA DO TEMPO (Imprensa Universitária, Natal, 1970).

Sois ainda autor da HISTÓRIA DO TEATRO “ALBERTO MARANHÃO”, da biografia desse grande Mecenas da Arte e da Cultura, cuja medalha de mérito muito bem vos assenta. Escrevestes ainda TENAT — UM PROJETO CULTURAL, discurso editado pela Fundação “José Augusto”, conferências cívicas — notadamente uma sobre Caxias — e artigos e crônicas e ensaios publicados em jornais de Natal e do Recife. Vosso estudo de viabilidade UMA POLÍTICA DE TEATRO NO DESENVOLVIMENTO DO NORDESTE, bem como o TEATRO INFANTIL NA ESCOLA vos levaram a ter aprovada a proposta de doutoramento pela Escola de Teatro da Federação das Escolas Federais Isoladas da Guanabara: — o Ministério da Educação e Cultura as considerou “documentos de alto valor sociológico e cultural”.

Tendes sido incansável na vossa atividade marcante, que fugiu sempre à rotina. Sois um renovador e um antecipador.

Basta que se registre — e com toda a ênfase — que sois pioneiro dos festivais e congressos de teatro amadorista do Brasil. E quem diz isso, diz muito: — vossa tarefa foi a de desenvolver uma consci-

ência da vocação teatral, que é, segundo vosso depoimento no Questionário já citado, arte e educação.

Nesse sentido, que é singular como pioneirismo, o Teatro de Cultura de Natal, iniciativa vossa, assinala uma presença dinamizadora na Teatrolgia brasileira de modo a que tenhais de ser lembrado e exaltado onde quer que se trate do assunto.

Em tudo isso, o que sois? Um valorizador do Teatro como linguagem, literatura e comunicação. O apóstolo que tenho apontado como artista; e a arte que não é apostolado, que não é missão, escapa, certamente, não ao conceito intrínseco, ao qual tanto se apegou Taine, mas às repercussões exteriores de um juízo de valor.

Ora, o que é tudo isso? Uma vida inteira a serviço duma causa. A prova de que um lutador realizou a sua luta com engenho e arte.

Cascudo vos chamou, Sr. Meira Pires, Ventania do Nordeste. Creio que levais as folhas secas, para que na estrada, às vezes áspera, revesdesçam as árvores do idealismo sempre posto à prova. Mais do que Ventania, acontece que às vezes desabais como furacão. Podemos sentir à distância os prenúncios da tempestade. Se ainda houvesse camelos no deserto, eles bem saberiam para onde conduzir os beduínos e as caravanas: — vindes em caminho, armado com as armas do Quixote, cavaleiro andante do sonho nunca atingido.

x x x

Em carta de 3 de maio deste ano, disse-me Edgar Barbosa: — “Meira sempre me pareceu um inspirado, alguém possuído por um demônio bom e dominando esse demônio pela absoluta convicção desse sonho”.

Se bem vos entendo, Sr. Acadêmico Meira Pires, não precisais de exorcismo, pois o vosso demônio é bom. Retirado do vosso universo, algo estaria mutilado na vossa personalidade demiúrgica. Ouso dizer que sois um homem, um idealista em permanente conflito interior. Um conflito entre a imaginação e a realidade, entre o ser e o vir-a-ser. E nisso, por vezes, vos mostrais um tanto inseguro do meio exterior, isto é, das repercussões da vossa fama de autêntico homem de teatro, de escritor realizado em cena aberta ou de homem tenaz, obstinado, para quem, ao meu ver, dois mundos sugerem a vossa arte e o vosso devaneio literário: — Pirandelo, como um caminho por onde vêm personagens que buscam o autor; e Molière, como um incitamento à comédia humana na espantosa caracterização do seu teatro de crise, da transição que vai de Luiz XIV até à Revolução Francesa.

Vossa oração acadêmica demonstra que acreditais nas Academias e que até vos propondes — e assim será sempre onde estiverdes — a uma tarefa de rejuvenescimento, que, na Casa de Hen-

rique Castriciano e de Luís da Câmara Cascudo, tem sido, sem favor o que Rodrigues de Melo aqui tem feito, "a pé e sem relógio", como diz Veríssimo de Melo: — por sinal que um, construindo esta sede magnífica, outro escrevendo com o livro em dois volumes PATRONOS E ACADÊMICOS a história desta Academia, cujo renome tem ressonâncias nacionais. São construtores de dois monumentos: a casa e o livro.

Por esta crença na Academia, Sr. Meira Pires, que é a vossa confissão de amor e o evangelho do vosso trabalho — sede, bem-vindo a esta Casa, que vos recebe jubilosa.

Das Academias não se dirá que não recolhem valores ou que se põem apenas a registrar nas suas Atas os devaneios literários, num mundo como este, tecnológico e "cassé", desarticulado, como o da grande peça metafísica de Gabriel Marcel. O mundo está ao alcance das nossas mãos. Somos também os seus artífices. É possível que as Academias tenham sido, como as viu Eça de Queiroz, aquelas venerandas senhoras, por vezes rabujentas, que liam Marmontel e La Harpe. A verdade é que, hoje, se inserem no processo da vida cotidiana. Preservam a cultura. São organismos vivos duma situação emergente, que é o mundo moderno cheio de desafios. Também podemos e devemos responder às interrogações deste fim-de-século, já dramaticamente 2.000. Já culturalmente XXI. Tomamos as nossas posições nas mudanças que fazem deste século um palco imprevisível.

As Academias de Letras são o Humanismo desafiado. O Homem vencerá a máquina, esta pecadora arrependida, como Jiz Saint-Exupéry. E tudo será conforme o espírito, que flutua sobre as águas.

Hoje, Sr. Meira Pires, lançais esta Academia no palco da vossa vida, que é uma agitação permanente. Ao invés da peça — "Está lá fora um Inspetor" — podemos dizer, em boa paz a boa segurança, que um agitador está aqui dentro. Mas um bom agitador, um homem de incansável luta e de intermináveis planos, um visionário incessante.

Correrão bem os ventos do Nordeste, que vos impulsionam a ação neste outro cenário que agora se abre à vossa inquietação construtiva, quase lúcida.

Sede bem-vindo. E que ao se abrirem as cortinas desta Casa, que não é nenhum teatro, mas é um permanente espetáculo da cultura e da sensibilidade, todos sejamos o que temos sido — oficiais do mesmo ofício, idealistas do mesmo ideal, sonhadores da mesma utopia, zelosos dos tesouros da inteligência, para que ela sirva cada vez mais à alma humana, na sua ascensão para a Beleza, que Deus tornou infinita na ansiedade do espírito, sempre pronto a fazer da Arte cântico de Amor e até, se for preciso, uma estrela solitária.

... (faint text) ...

ADHERBAL DE FRANÇA — O HOMEM E O JORNALISTA

MEIRA FIRES

Não posso e não tenho como esconder o meu contentamento, negar o meu orgulho humilde e a minha vaidade sem narcisismo, no instante de passar a pertencer à Academia Norte-Rio-Grandense de Letras. Sempre mantive o maior respeito por essa tradicional e nobre instituição e pelos nomes importantes que ela congrega, todos, com relevantes e indiscutíveis serviços prestados às letras da Província. Sempre exaltei o incansável trabalho cultural desenvolvido pela Academia que, hoje, bondosamente me acolhe. Trabalho silencioso, modesto, mas, sem a menor dúvida, dos mais objetivos, porque eficiente e profícuo, em favor da afirmação intelectual, sempre crescente, da nossa comunidade.

Viana Moog, que Peregrino Junior, no seu "Roteiro de uma Ilha Cultural", escrito para o volume II, do livro de Mestre Veríssimo de Mélo, "Patronos e Acadêmicos", chama de "navegador afortunado", identifica o Brasil como "um arquipélago cultural, cujas ilhas, todas elas, viviam isoladas uma das outras, incomunicáveis, ignorando-se entre si", para chegar à conclusão de que "coube às Academias de Letras Estaduais o generoso papel de construir pontes entre as ilhas do arquipélago, facilitando-lhes comunicação e aproximação, ligando-se eficazmente umas às outras". Por aí, é fácil concluir que a exist-

(*) — Discurso pronunciado no dia 5 de junho de 1975, em sessão solene da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras.

tência dessas Academias é, sobretudo, benéfica à cultura brasileira pelo intercâmbio que estabelece, com a conseqüente troca de informações valiosas que conduz à revelação e conhecimento de hábitos, usos e costumes de irmãos de uma mesma raça, separados, apenas, pela nossa extensão territorial, que, como afirma, ainda, o imortal norte-riograndense da Academia Brasileira de Letras, no trabalho já citado, “atenuaram, sem dúvida, a solidão perturbadora dessas ínsulas culturais” porque — também no seu modo de entender — “as ilhas adoráveis de Viana Moog são afinal de contas as nossas províncias. Sem elas o continente não existiria”.

Há, infelizmente, muita gente que se compraz em apoucar e desvirtuar a função salutar das Academias, desfocando-lhes a imagem. Alguns que nada produziram, ou que produziram única e tão somente um pequeno e inconsistente texto dito literário, sem a menor expressão, ou que participam das engraçadas e curiosas chamadas igrejinhas que transformam os incapazes em gênios e os gênios em incapazes, dizem-se desinteressados de alcançar ou tentar alcançar a imortalidade acadêmica, por considerarem que isto é coisa ultrapassada. Esquecem-se, todavia, que os imortais que tanto denigrem, condenam e debocham, vivem atentos e vigilantes para tudo quanto se relaciona à cultura legítima e sabem, exatamente por causa disto, fazer as necessárias distinções, não admitindo o convívio dos que não dispuserem dos requisitos essenciais. Por isto, é que o homem de espírito pode se considerar um privilegiado ao ingressar nessas ainda pouco compreendidas Casas de Cultura. Sou dos que pensam que as Academias são o coroamento singelo da jornada de quem como persistência, devotamento, seriedade e mérito, conseguiu realizar uma obra à altura de ser assim considerada. É um prêmio, dos mais significativos, à sensibilidade dos que acreditam ser a cultura o início, o meio e o fim das coisas mais puras e belas da existência humana.

Chego nesta Casa imbuído dessa inabalável convicção sobre a finalidade das Academias. Tenho certeza de que não modificarei esta minha maneira de pensar, pois, não sou de me desfazer dos meus pontos de vista como num passe de mágica. Toda posição que adoto é muito bem amadurecida para evitar os recuos usuais a certos e determinados temperamentos de cuja fraqueza tenho uma profunda e muito cristã piedade. Chego para ocupar a Cadeira n. 25, patroneada por Ponciano Barbosa, poeta, jornalista, magistrado, político e homem de teatro, fervoroso crente da prática do bem e criador de muitas entidades filantrópicas na cidade. Nasceu Ponciano de Moraes Barbosa, no dia 19 de novembro de 1889. Era filho de Apolinário Joaquim Barbosa e d. Maria de Moraes Barbosa. Formou-se em Direito pela Faculdade de Direito do Recife, no ano de 1913, exercendo, então, diversos cargos públicos como secretário da Escola Normal de Natal,

fiscal do Governo Federal, junto ao Ateneu Norte-Rio-Grandense, onde havia concluído os preparatórios para ingressar na Faculdade, Promotor Público e 1.º Juiz Distrital. Com Henrique Castriciano e Luiz Soares, foi um dos fundadores da Associação de Escoteiros do Rio Grande do Norte e, por causa disto, manteve constante correspondência com Olavo Bilac. Integrou a Liga de Defesa Nacional, como membro do Diretório Regional. Fundou em 1915, a Sociedade de Proteção aos Animais e a Sociedade “Nova Cruzada”, através da qual trabalhou, com entusiasmo sempre renovado, pelas letras potiguares. Presidiu o Centro Operário, sendo eleito deputado estadual como representante da classe. Presidiu, também, o Círculo de Operários Católicos, o Ateneu Futebol Club e o Natal-Club, quando esta sociedade era o ponto de convergência e de referência da elite social natalense. Foi um dos entusiastas dos festejos populares, na época em que as lapinhas estavam no apogeu.

A produção literária de Ponciano Barbosa começa a surgir intensa, em jornais como “O DIA”, “O POTIGUAR”, “DIÁRIO DE NOTÍCIAS”, “JORNAL DA MANHÃ” e, por fim, em “A REPÚBLICA”, onde manteve a secção com o título de “Clarecuros”. Seu gênero era variado pois fazia poesia e prosa, crônicas e comentários, registrando os acontecimentos diários de Natal daquele tempo.

Primava pela elegância e era orador fluente. Tido como bom conversador, algumas vezes humorístico, o poeta parece que guardava, no íntimo, algo que o atormentava e que nunca a ninguém revelou. Faço esta dedução por conta do que afirma Mestre Luís da Câmara Cascudo, no estudo crítico que escreveu a seu respeito: “Toda a impressão colhida por Ponciano é triste, suavemente melancólica, docemente nostálgica. . .” Vários dos seus versos foram musicados e muitos deles são ainda lembrados nas serestas do presente.

Fora a sua atuação na imprensa, espalhada em inúmeros jornais, notadamente em “A REPÚBLICA”. Ponciano Barbosa publicou: “DÚVIDA”, poesias, em 1915. “LIVRO HUMILDE”, em 1916. Deixou inédito “VAS SPIRITUALE”, reunindo poesias. Como teatrólogo produziu: “AVE-MARIA”, em versos, “SONHO”, em um ato. “MÁSCARAS”, rápida passagem cênica e “PERFEIÇÃO”, peça de mais forte conteúdo e mais arrojada densidade dramática. “PADRE JOÃO MARIA — Notícia Histórica de sua vida, seu Trabalho Apostólico e Benemérito” — foi o tema escolhido de sua última conferência e, também a sua derradeira produção literária, proferida no Círculo de Operários Católicos, em Natal, no dia 10 de outubro de 1918. Ponciano Barbosa, faleceu a 12 de janeiro de 1919, com apenas 30 anos de idade o que concorreu para que não nos legasse uma obra literária de maior vulto. Foi casado com d. Izaura Seabra

de Melo Barbosa e deixou um filho póstumo, o saudoso Geraldo de Morais Barbosa, poeta como o pai, autor do livro "Poesia do meu Caminho", publicado em 1970.

Mas, o melhor e mais terno tributo de admiração e apreço que se pode prestar à memória de um poeta, não é desenhar, exaustivamente, o seu perfil, detalhar a sua vida e a sua obra, projetar-lhe os mais diminutos instantes de atividade existencial. O melhor tributo, o mais expressivo e emocional, é lembrar-lhe os versos. Não há cântico de louvor mais bonito para bem definir a alma de alguém que fez da poesia a sua razão de viver e da sua razão de viver a poesia. Lembro, portanto, contrito, com o melhor carinho e como numa prece, o "RIO INFELIZ" do meu Patrono, inspirado soneto, angustiado e atormentado, mas de exuberante beleza telúrica, no ponto culminante desta minha evocativa exaltação à sua personalidade certo de que, assim, ter-lhe-ei feito justiça e o elogio merecidos e Jesperado a nova geração para o que ele representa no contexto do nosso panorama intelectual:

Este é o trevoso rio do tormento,
O rio dos infindos dissabores . . .
E tu, Alma, por onde quer que fores
Irás de vaga em vaga ao sofrimento.

Nele não se reflete o firmamento,
Nas suas ribas não rebentam flores.
Tenho pena de ti, rio das dores,
Das queixas, do fatal padecimento . . .

Ó rio amargo das desesperanças,
Feito das iras todas deste mundo,
Sem brandas vagas e sem vagas mansas.

Não devastes atroz a flor dos sonhos.
Ó rio do tormento mais profundo,
Ó pélago dos pélagos medonhos . . .

Chego, também, desvanecido e honrado, com a incumbência, afetiva e sentimental, de focalizar a figura singular e simples do fundador não somente da Cadeira que agora me pertence, na qualidade de seu primeiro substituto, mas da própria Academia. Convocado por Luís da Câmara Cascudo, inquestionável fundador desta Casa, naquela tarde inesquecível e histórica de um domingo, 9 de Agosto de 1936, Adherbal de França com ele analisou discutiu e escreveu nomes dos futuros imortais e seus patronos. A respeito do assunto, informa na palestra "Como se fundou a Academia", escrita

para solenizar o 13.^o aniversário de sua instalação: "E quando as sombras da noite nos advertiram do tempo consumido na primeira conversa, a instituição virtualmente estava lançada sobre a base de vinte e cinco nomes".

Adherbal de França, não desejou ser na vida nada mais do que jornalista. Nascido no dia 5 de janeiro de 1895, iniciou a atividade jornalística como revisor em "A REPÚBLICA", no Governo de Alberto Maranhão, o Governador da Inteligência, sendo, sucessivamente, repórter, redator, secretário e diretor de 1944 a 1945, na interventoria do General Antonio Fernandes Dantas, além de correspondente da Agência Nacional no decorrer da segunda guerra.

Depois de concluídos os preparatórios no Colégio Diocesano Santo Antonio e Ateneu Norte-rio-grandense, em 1916, faz, no ano seguinte, o vestibular de medicina para a Faculdade de Medicina da Bahia, onde cursou os dois primeiros anos. Por motivos particulares, interrompe os estudos e regressa a Natal, para, alguns anos depois, prosseguir-los, no Rio, fazendo o 3.^o e 4.^o anos, matriculando-se no 5.^o que nem chega a terminar por falta absoluta de tempo, todo ele consumido pela exaustiva atuação na imprensa carioca, onde colaborou nos mais variados jornais e revistas como, "GAZETA DE NOTÍCIAS", "RIO-JORNAL", "A PÁTRIA", "REVISTA MUSICAL", "O NORTE", tendo sido, ainda, o fundador do seminário "MUNDO MÉDICO" que circulou de 1926 a 1927. Presumo que tenha sido nessa fase que se agigantou, naquele corpo pequenino e frágil, a vocação já declarada e incontrolável que deu relevo e encantou todos os seus dias porque nunca mais pensou em titular-se em medicina, passando, então, a cumprir o seu destino de homem de jornal, com inabalável coerência. Essa fidelidade à carreira escolhida ele robustece não aceitando o convite do Presidente Juvenal Lamartine para dirigir a Imprensa Oficial do Rio Grande do Norte "por não ser político" como costumava justificar a recusa. Preferiu ficar como secretário de "A REPÚBLICA", que era editado por esse órgão estadual, indicando o nome de Cristóvão Dantas para o cargo que lhe fora oferecido. Nesse posto permaneceu até 1930, demitindo-se com a Revolução.

Foi no período em que secretariava "A REPÚBLICA" que esse homem, dotado de invejável critério, jovial, sincero, bom e isento de maldade, começa a sua famosa coluna, exatamente no dia 8 de junho de 1928, escrevendo tópicos literários e passando logo a seguir ao registro dos acontecimentos da sociedade natalense, sob o pseudônimo consagrador e perene de DANILO.

Não tenho receio de afirmar que a coluna de Adherbal de França, pode ser considerada como a nossa primeira escola de jorna-

lismo sadio. Seu maravilhoso poder de síntese e sua incomparável técnica, sua ternura na abordagem dos problemas, sua elegância e sobriedade na crítica, são exemplos edificantes de como um jornal e um jornalista podem se desincumbir da superior tarefa de informar sem necessidade de humilhar pessoas e organizações, negando-lhes o que realmente representam ou de distorcer os fatos para gerar a confusão e implantar o caos. Não é essa a finalidade da boa imprensa, que, como veículo poderoso de comunicação, tem o elementar dever de saber orientar a opinião pública, impedindo que ela se deixe envolver, emaranhando-se no torvelinho do que não traduz a verdade. Adherbal de França, foi por demais afinado com esses princípios, seguindo-os sem vacilações e com perfeita retidão. Daí o motivo pelo qual a sua palavra era ouvida e acatada. Os reparos aos erros, que porventura julgasse necessários fazer, eram sutis e construtivos. Os atingidos se sentiam no irrecusável dever de corrigi-los e ainda agradeciam a delicadeza com que eles foram apontados. O respeito que soube imprimir ao seu trabalho, respeito que todo profissional correto deve conquistar, contribuiu para que uma ligeira referência na sua coluna, fosse logo transformada em regosijo por parte de quem a recebeu. Era demonstração de prestígio ser distinguido por quem nunca se aproveitou do seu canto de página para ferir pelo gosto de ferir, aplaudir para se tornar agradável, obter vantagens materiais, alcançar posições ou autopromover-se Adherbal de França, o aplaudido e jamais esquecido DANILO de tantas gerações, não criou apenas um estilo jornalístico. Ele foi o estilo de sua criação, sua Cátedra e o seu Mestre.

Espírito altruísta, estimulou, com a sua palavra meiga e cordial, as boas e sérias iniciativas que objetivavam o desenvolvimento da nossa terra, nos seus mais variados aspectos. Possuído desse louvável propósito, lança a revista "CIGARRA", no ano de 1928, quando a sua participação na imprensa era das mais destacadas e a sua projeção no Estado um fato consumado. Deixa bem clara a grandeza e finalidade do seu empreendimento na apresentação que escreve para o primeiro número, que circulou em novembro daquele ano: "Aqui está, nas mãos do leitor, uma revista mundana, que tem também outros aspectos e outros fins. Trata de literatura, de economia, de música, de desportos, de tudo quanto queiram e possa ser lido. É uma revista que não pretende grandes coisas, mas seguirá o traçado para a conquista de um thesouro, que não é difficil nem fácil de ser conquistado — a symphatia de todos que nesta terra não tinham até agora uma revista para distrahir os olhos". Com estas expressões, Adherbal de França, impõe e dá continuidade à sua conduta de jornalista, ainda hoje sem seguidores. Desejava a simpatia geral, mas através do tratamento honesto dos assuntos de interesse da cidade e dos seus habitantes. Na realidade, a "CIGARRA" foi um marco do

seu comportamento como biógrafo primoroso do nosso melhor cotidiano. Nela, colaboraram os nossos mais destacados intelectuais e as suas páginas recolhem invulgar subsídio da nossa vida social e literária. São o espelho de cristal, sem jaça, de um tempo adorável, ameno, gostosamente nostálgico, das melindrosas e dos almofadinhas, dos ditos chistosos, ingênuos e românticos, do parnasianismo fluente, do convívio cordial. Adherbal de França retrata esse delicioso estágio numa crônica publicada, também, no primeiro número de sua revista, comentando um acontecimento social: "Quem foi que não gostou do baile de Júlia Barbosa, no Natal Club? Certamente quem lá não foi, nem ao menos ao sereno. Porque o sereno esteve bom... Houve quem chegasse tarde demais e gostou. Conheço um que apareceu depois da meia noite e ainda teve tempo de escutar junto de si a voz encantadora de uma encantadora convidada e olhar, com um ciuemezinho atrevido, os passos ligeiros de formosa amiga em um fox-trot magnífico"... Da "CIGARRA" circularam, apenas, cinco numeros e foi a única revista, no gênero, que se manteve em Natal por mais de um ano. Várias dificuldades interromperam sua publicação, inclusive aquelas criadas pelo serviço de clichê que era feito no Recife e no Rio.

Adherbal de França, era filho de Luiz Ferreira de França e d. Joaquina Cordeiro de França. Em 1936, casou-se com d. Eunice Alves de França, ficando viúvo em 1965. São seus filhos: Luiz Augusto e Luciano, Maria Lígia, Lúcia Cleide e Liane Clea.

A 18 de setembro de 1939, fundou com Waldemar Araújo, Djalma Maranhão e Rivaldo Pinheiro Borges o vespertino "O DIÁRIO" para divulgar, principalmente, o noticiário da guerra. Sua coluna, que no princípio se chamava "Vida Social", transfere-se para o novo jornal com o nome de "Crônica Social", que não seria mais substituído e mantém a mesma linha. Quatro anos depois, o vespertino passa ao controle de Ruy Moreira Paiva e Djalma Maranhão para a seguir ser adquirido pelos "Diários Associados", já então com o nome que ainda hoje conserva: "DIÁRIO DE NATAL". A coluna do infatigável e brilhante jornalista permanece e é escrita, sem interrupção, dentro da mesma diretriz, até o dia 07 de abril de 1972 quando publica a sua última crônica, sem título, não pressentindo o fim inapelável que se aproxima.

O tema do adeus de DANILO é a melhoria do serviço postal-telegráfico em todo o país que, no seu entender, "pedia misericórdia" e a transferência do Diretor Regional da Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos, Rodolfo Alexandre. Fala no mensageiro humilde, afirmando que ele "continua contribuindo para a elevação social e política do mundo" e conclui dizendo que a saída do Diretor não

deve ter sido agradável para a cidade porque “ele acabou com a siseudez que comprimia o trabalho, abrindo distâncias entre chefes e funcionários, deu novas acomodações ao serviço, modificou aspectos, enfim conseguiu retribuir a confiança que lhe fora dada”.

Doente e cansado, mas sem se maldizer ou se arrepender de ter ajudado tanta gente sem exigir retribuições, pois sempre achou que cumpriu a sua sina, sobrevive com um irrisório estipêndio de funcionário estadual, para cujo quadro entrara no ano de 1932 como 2.º Oficial do Departamento de Estatística do Estado do qual foi secretário em 1935, chegando, finalmente, a Diretor Geral, cargo em que se aposentou e com o pequeno provento pago pelo seu jornal. Antes de 1955 a 1957, foi Delegado do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

Fui amigo pessoal de Adherbal de França, com ele trabalhando em “A REPÚBLICA”, o que me ensejou a oportunidade de uma convivência diária e estreita. Depois, no “O DIÁRIO”, como revisor e repórter. Por fim, no “DIÁRIO DE NATAL” onde fui titular, durante vários anos, de uma coluna especializada em teatro. Dele, recebi vigoroso incentivo à minha carreira artística e cultural, guardando, como o mais devotado afeto e gratidão, as numerosas crônicas com que me distinguiu. Recordo-me, com tristeza, da sua penosa “Viagem de Ulisses” pelos dolorosos caminhos da velhice, praticamente desamparada, deplorando o abandono a que foi relegado pelos que estavam no dever de assisti-lo, por se constituir um dos patrimônios maiores das nossas letras e uma das mais autênticas reservas da dignidade norte-rio-grandense.

Até o momento de dar por concluída a sua presença física na imprensa, Adherbal de França era visto na redação duas vezes por dia. Uma, para entregar a sua “matéria” e, outra, para fazer-lhe a revisão. Mais velhos e mais chegados companheiros seus todavia, asseguram que esse procedimento estava intimamente relacionado com a desconfiança que sempre teve dos revisores. Penso, no entanto, o contrário, achando que essa atitude refletia o seu amor ao jornal, o hábito da redação, o prazer do convívio com os colegas, o gosto de ouvir o barulho característico das linotipos, de sentir o cheiro da tinta e de ver a impressora “virando” as edições. Aquele era o seu mundo e dentro dele se realizava. Foi uma espécie de Romeu do jornalismo, querendo-o com todas as resistências do seu coração. A prova mais evidente desta assertiva está no único livro que publicou, “VIDA PROFANA”, no ano de 1926, no Rio, uma coletânea de crônicas, como que para não incorrer no pecado da infidelidade e, ainda, de somente ter interrompido essa sólida união no ano de 1970, depois de impossibilitado de caminhar, em consequência de uma queda que

paralizou a articulação do fêmur. Mandava, no entanto, diariamente, a sua colaboração, mantendo o vínculo. Escreveu outro livro, "HISTÓRIA DE UM JORNAL", resumo da sua experiência num destacado periódico carioca, "DIÁRIO DA MANHÃ", que teve vida brevíssima, apesar de ter surgido como uma potência, mas não o publicou. Como se vê, ele insistia em proclamar mais e mais essa paixão que nem a poesia conseguiu desfazer. Rapazola, "cometeu alguns versos", como gostava de dizer, mas, ouvindo os prudentes conselhos do poeta Gotardo Neto, desiste, por completa falta de propensão. Em revistas, publicou numerosas conferências, ensaios e alguns contos. A crônica, todavia, como já está fartamente esclarecido, foi a sua predileção, e, por seu intermédio, fixou-se, para sempre, como uma legenda de cultura, posto a serviço do nosso Estado.

Adherbal de França, faleceu no dia 27 de maio de 1974, contando 79 anos de idade e completamente pobre, embora não represente desdouro para ninguém morrer honestamente rico.

Lamento que os limites de um discurso acadêmico, não me permitam fazer uma análise mais circunstanciada sobre a marca inapagável que Adherbal de França deixou na imprensa natalense, nestes últimos quarenta anos. Disse, quero crer, o que se me afigurou bastante como preito de saudade e enaltecimento protocolar. Um dia, talvez, faça a tentativa de estudá-lo com maior profundidade, apesar de supor que essa tarefa muito mais se ajusta aos sociólogos, antropólogos, historiadores e estudiosos dos fenômenos de nossa vida social, artística e cultural porque estou seguro de que a sua coluna será, indefinidamente, uma fonte inesgotável de consulta para dirimir dúvidas de um passado esplendoroso e esclarecê-las. Resta apelar e acreditar que o Poder Público, em particular os órgãos responsáveis por sua política cultural, mande enfeixar, em livro, com a devida urgência, tudo quanto ele escreveu para que esse depoimentos, fragmentado e disperso como se encontra, não se perca na voragem do tempo.

Aqui chego possuído do incontido desejo de servir à Academia. Chego pela porta por que não me agradaria chegar pela janela. Disputei a vaga e a preferência, conseguindo-as, sob o patrocínio do Acadêmico Onofre Lopes, fundador da Universidade Federal do Rio Grande do Norte e de mais dezoito amigos Acadêmicos de igual estatura, que decidiram reconhecer o meu trabalho e me fizeram ultrapassar a infinita lei da imortalidade literária. Chego e sou recebido por Mestre Nilo Pereira, meu amigo e nascido, também, na mesma cidade abençoada e encantadora. É o melhor presente que a sorte me podia reservar para esta noite que, como ele mesmo me disse, em carta recente, e com o que eu concordo enternecido, é "uma noite do Ceará

Mirim. Noite dos pirilampos do vale. Da solidão lírica do Guaporé. Do canto em surdina do rio da Água Azul sob um céu de estrelas bilaqueanas. Noite feiticeira da flauta de Macuca. Noite da chegada súbita da luz elétrica, exilando o acendedor de lampiões o velho Boca de Uruá”.

Homem de temperamento forjado nas lutas as mais variadas e increpantes, não me sentiria bem em ingressar no que insisto em chamar de Casa de Luís da Câmara Cascudo, coberto pelo manto do consenso geral, até porque sou dos que entendem que toda unanimidade é suspeita. Mas, chego sem ressentimentos ou mágoas de qualquer espécie, apesar das cicatrizes que sempre ficam como símbolos de todas as batalhas. Minha candidatura contribuiu para movimentar esta instituição e suscitar proveitoso e oportuno debate sobre a figura que hoje substituo e até o momento de também partir para a eternidade. Não fiz e não tenho adversários dentre os que deixaram de votar no meu nome. Sou de todos amigo e amigo de todos. Mas, se ressentimentos ou mágoas eu guardasse como candidato, esta seria bem a hora do Acadêmico repetir o Rei de França que perdoou as ofensas recebidas quando era Conde de Orleans. Como nada existe, não tenho porque imitá-lo na grandeza do gesto.

Gostaria, já no crepúsculo do que escrevi para assinalar a minha presença entre vós, eminentes confrades, de alertar-vos sobre a imensa responsabilidade da Academia nos dias que correm. Ninguém ignora que o mundo evoluiu e, logicamente, toda evolução impõe mudanças. A finalidade desta Casa deve ser dilatada, não ficando adstrita à eleição e posse de novos imortais, à publicação da sua Revista e às esporádicas reuniões rotineiras. Os perigos inerentes à transição social que sacode o universo, e no desfecho da qual não sabemos se as relações entre os homens e os países serão melhores, reclamam discussão e estudo de nossa parte para evitar possíveis e desagradáveis surpresas. Há uma injusta alteração dos valores reconhecidos e aceitos como bons e isto não pode deixar de causar apreensão a todos e a cada um de nós, a menos que seja mais cômodo acreditar que num mundo de loucos o alienado é o único são, apesar de sabido que o de Itaguaí, do pequeno conto de Machado de Assis, era pessoa irrepreensivelmente sadia... Reflitam bem, eminentes confrades, sobre estes conceitos que aparentemente nada podem valer, mas que possuem, na sua tessitura interior, um significado transcendental e aceitem a minha sugestão como o primeiro passo da ajuda que me proponho dar à Academia para que ela, rejuvenescendo-se, possa acompanhar de perto a realidade contemporânea e suas oscilações, dando um sentido mais largo e ainda mais alto às suas atribuições tradicionais, fascinantes e eternas.

FLORIANO CAVALCANTI (*)

OTTO GUERRA

Incumbiu-me o sr. Presidente desta Casa de fazer o necrológico do nosso companheiro, acadêmico Floriano Cavalcanti de Albuquerque, falecido em Natal, aos 7 de outubro de 1973.

Por mais de uma ocasião, foi-me dado privar da sua companhia, apreciando-lhe, de perto, a cultura aprimorada e as grandes qualidades pessoais.

Pela vez primeira, ainda quando aluno do velho Ateneu Norte-Rio-grandense, em 1925. Ele foi meu professor de História Universal, como então se dizia. Recordo-me perfeitamente da sua elegância, apuro de linguagem, vasto conhecimento, a par do bom gosto e da elegância no trajar.

Todas aquelas civilizações do passado eram revividas por sua palavra fluente, clara, timbre de voz excelente, em lições de extrema vivacidade. Pena que não tenha sido meu professor, senão por poucos meses. Creio que por ter sido convocado pela política, como deputado estadual.

O segundo encontro foi mais demorado. Era ele juiz de Direito da Primeira Vara da Comarca de Natal. Fora eu, em fins de 1935, nomeado 2.º Promotor Público da mesma Comarca. Pude testemunhar o cuidado, a austeridade com que conduzia uma audiência. E as sentenças lançadas nos autos, com sua letra miúda, mas bem legível, demonstravam a competência e a erudição do magistrado.

(*) — Discurso pronunciado na sessão de 16 de dezembro de 1974.

Vale recordar um episódio. Chegara a nossas mãos processo volumoso e também rumoroso. Conhecido engenheiro agrônomo fora assassinado por tiro, em sua própria fazenda, por um grupo da Polícia Militar do Estado, apesar de, supondo que iam prendê-lo, exhibir um *habeas corpus* preventivo. Sua viúva pedia, por via judicial uma reparação civil do Estado do Rio Grande do Norte. Coube-me assumir a defesa do Estado, em substituição. O caso, do ponto de vista jurídico, desafiava os estudiosos, pelas teses a que dava margem. Mas tinha, sobretudo, reflexos de natureza política, pois mal tínhamos saído de quadra extremamente agitada nosso particular.

Recordo-me bem como juiz e advogados, nos esforçamos para a elucidação objetiva dos fatos, embasamento doutrinário, pondo à margem os aspectos políticos. Lembro-me da incessante busca que fez o juiz do livro clássico de Amaro Cavalcanti sobre a Responsabilidade Civil do Estado. Livro cuja leitura também me pareceu necessária, para melhor habilitar-me ao desempenho da missão que me fora confiada. Como havia testemunhas a ouvir no Recife, por precatória, aproveitei a viagem e recorri à biblioteca da Faculdade de Direito daquela Capital, tomando muitas notas. O juiz conseguira não apenas Amaro Cavalcanti, como outros autores, cuja leitura me facilitou, sem jamais externar o seu ponto de vista.

A sentença do juiz e as razões do advogado do Estado estão impressa num mesmo folheto e testemunham o esforço de ambos. O julgador denegava o pedido, por diversas razões, e havia lei federal recente, que eximia da responsabilidade civil o Poder Público, se provado que o funcionário público, ao cometer a falta, não estava ao exercício da função. No caso, os policiais da sinistra empreitada, dizia o advogado, não estavam no exercício de sua missão, porquanto pertenciam a Distrito Policial com outros limites geográficos. Haviam portanto exorbitado, até mesmo territorialmente, os seus poderes. Era de notar, ainda, que o Interventor Federal em exercício, dr. Antônio José de Melo e Souza, (algum tempo antes por sinal em face de uma carta insuspeita de facciosismo, a mim dirigida, do interior do Estado, e que eu lhe apresentara, denunciando arbitrariedades da Polícia) baixara enérgica Portaria, proibindo buscas que os policiais andavam realizando em fazendas de adversários políticos do partido governista, a pretexto de procura e apreensão de armas. Portaria que o Interventor Federal Mário Câmara, ao chegar do Rio, não revogara.

O Tribunal de Justiça do Rio Grande do Norte confirmou a longa sentença. Foi impetrado pela Autora Recurso Extraordinário, e o Supremo Tribunal Federal reformou a sentença, entendendo haver, ainda assim, responsabilidade civil do Estado, por ato de subordinados seus, membros que eram da Polícia Militar.

Por acordo, fizeram as partes liquidação da sentença. Que todos na ação se mantiveram no estrito cumprimento do dever, tenho prova com a oferta das razões do recurso, pelo saudoso dr. Francisco

Ivo Cavalcanti, que assim dizia: “A Otto, o adversário leal”. Leal e desaparecido fora também a sentença do juiz.

Hoje, mortos os principais personagens daqueles tempos terrivelmente agitados, venho trazer à baila dois fatos, como contribuição para a história. Era eu, à época do crime, Chefe do Gabinete do Interventor Federal, dr. Mário Leopoldo Pereira da Câmara. Encontrava-me na então Vila Cincinato, residência dos governadores do Estado; por sinal, num dia em que a cidade estava sem água e luz, por causa de uma greve dos trabalhadores da Companhia Força e Luz Nordeste do Brasil. De repente, era de tarde, chega, abrupta, a notícia do absurdo assassinato.

Sentando num sofá, cabeça entre as mãos, meio baixa, ouviram os poucos circunstantes o desabafo do Interventor:

— Isto é um absurdo! Se pensam ajudar o Governo praticando atos desta natureza, estão muito enganados. E tem mais. Podem escrever. Mário Câmara não será governador do Rio Grande do Norte. Essa morte vai desencadear uma terrível exploração, aqui e lá fora, contra o meu governo e a minha pessoa!

O outro fato é o seguinte. Muitos anos depois, encontrando-me no exercício da advocacia, tratava eu da delimitação amigável das terras da Usina Estivas. Entre os confinantes a assinarem a escritura estava, aqui em Natal, na Praia do Meio, o ex-tenente Oscar Mateus Rangel, comandante da escolta policial naquele dia fatídico da morte do dr. Otávio Lamartine. Ouvi de Rangel palavras que a memória procura recompor, mais ou menos as seguintes:

— Doutor, estou tuberculoso, acho que não vou durar muito. Mas juro ao sr. que nem atirei, nem dei ordem para a escolta atirar.

São segredos da história, que nunca se elucidarão. O certo é que o tiro partiu de alguém da escolta.

Mas voltemos ao assunto principal, que centraliza nossa atenção, o juiz de Direito Floriano Cavalcanti de Albuquerque.

Nos intervalos das audiências, nunca deixávamos de conversar sobre os assuntos mais diferentes, inclusive os de natureza religiosa. A esse tempo, assim me parece, ele estava em plena evolução para o cristianismo, ainda se dizendo um eclético, com uma religião tirada de vários componentes.

No seu discurso de posse em nossa Academia, a 23 de março de 1950, a conversão já está concluída. Ouçamo-lo: “o materialismo, diz ele, é estéril e cansativo. Como toda filosofia negativa, termina não satisfazendo a inteligência. Sobrevém o desengano e o decepcionado, sentindo a irreprimível força do absoluto, renega da matéria e eleva o pensamento para Deus. Assim sucedeu com Jackson de Figueiredo e, por que não dizê-lo, comigo também”!

E no ensaio sobre “Antonio Marinho e seu Tempo” descrevo sua lenta evolução espiritual. Assinala o papel decisivo de Kant, em particular bendiz a “Crítica da Razão Prática”, que marca o começo

de sua “reviravolta”. Ela o “livro do abismo materialista”, estabelecendo os postulados da liberdade, da imortalidade da alma e da existência de Deus, como condições necessárias à moralidade, aperfeiçoamento da virtude e segurança da união da felicidade com a virtude”. E então acrescenta: “Mudei de atitude. Haeckel perdera parte do seu fascínio, considerando-o agora apenas como cientista, pois o meu espírito não se coadunava com a sua filosofia. Prosseguindo, li “A Evolução Criadora”, de Bergson, a “Ética”, de Spinoza, “Finalidade do Mundo”, “A Base Física do Espírito” e o “Mundo Interior”, de Farias Brito... e, insensivelmente, caí nos Evangelhos, em o “Sermão da Montanha”, onde, recuperando a fé perdida, encontrei a orientação de que carecia. Esse o meu drama psíquico”!

Sei que o Sermão da Montanha se tornou sua leitura predileta, sua reflexão preferida, até os últimos dias de sua existência.

Tive ainda um terceiro encontro com o desembargador Floriano Cavalcanti de Albuquerque, tornando-nos ambos professores da Faculdade de Direito de Natal, de que ele seria, antes da instalação, o primeiro diretor. Mais tarde, por muitos anos, seria eu o diretor da mesma Faculdade.

Ele ministrava suas aulas diariamente, de Introdução à Ciência do Direito, com uma pontualidade exemplar, logo às 7 horas da manhã. Aulas proficientes, ricas de doutrina, naquela mesma pronúncia clara e alta já minha conhecida, esclarecendo dúvidas de alunos, corrigindo provas, realizando exames finais. Jamais escondeu suas convicções religiosas, quando as circunstâncias eram chegadas, mas sem qualquer sectarismo.

No seu discurso de paraninfo da 5a. turma de bacharéis da Faculdade de Direito, a chamada “Turma da Paz”, do ano de 1963, assim descrevia o roteiro dos seus ensinamentos. Dizia ele: “ministreiros, primeiramente, noções gerais de ciência e de filosofia, para entrar, então, no estudo das escolas clássicas do direito. E, por intensificar o interesse, pus-vos em contacto com os seus principais juristas e filósofos. Assim, tomei por temas especiais o racionalismo de Kant, a dialética de Hegel, o materialismo econômico de Marx, o teleologismo de Ibering, o voluntarismo de Windscheid, o realismo de Duguit, o criticismo de Stammler, o culturalismo de Radbruch, o idealismo de del Vecchio, o direito puro de Kelsen, a fenomenologia das essências de Husserl e Reinach, a axiologia ou teoria dos valores de Scheler e Hartmann”.

Apezar do grande coração, ele não deixava de reprovar os ignorantes de sua matéria, contingência que lhe custava um pouco, sobretudo enquanto sua matéria foi considerada eliminatória, ou pré-requisito, como hoje se dirá.

De uma feita, certa aluna sua, ou por nervosismo, ou por desconhecimento da matéria, não respondera, até então, a qualquer das perguntas, no exame final. Disposto a livrá-la da reprovação, o

desembargador lançou mão de um último recurso, que lhe parecia salvador:

— Vou lhe fazer a última pergunta; se a sua resposta for certa, não a reprovarei. Se errar, não terei outra alternativa.

E lançou, meio sorridente, uma pergunta cuja resposta era praticamente óbvia:

— Diga-me uma coisa, qual foi a obra capital de Carlos Marx?

Por incrível que pareça, a examinada continuou calada, vindo a reprovação.

As bancas de exame eram compostas, então, por três docentes, um dos quais o professor da matéria. Fiz parte, muitas vezes, da banca de Introdução à Ciência do Direito, matéria do professor Floriano Cavalcanti. Notava como ele, por vezes, se empolgava pelo tema e a certa altura, insensivelmente, tomava por completo a palavra do examinando, passando a fazer brilhante dissertação, que o aluno escutava, feliz por aquela interrupção.

Na hora da nota, quando acontecia fazer parte da banca o professor Câmara Cascudo, ao ser este consultado sobre o seu julgamento, a resposta era infalível: dez para o professor; agora para o aluno, apenas tanto.

Nas reuniões da Congregação dos Professores, seu voto era sempre escutado com atenção, sensato, brilhante. Por vezes, raras, se exaltava. Mas era fogo de palha. Logo depois pedia desculpas, com delicadeza e até arrependido.

Ao deixar a cátedra, por implemento de idade, foi mui justamente laureado pela Universidade com o título de professor emérito.

Já desembargador, cedeu às ingratas tentações da política, que o atraía na mocidade. Aposentando-se em 31 de outubro de 1946, ei-lo candidato a governador do Estado, pelas Oposições Coligadas. Quem o conhecesse, viria logo a sua dificuldade. Um intelectual, um erudito, um homem de gabinete, às voltas com as tricas da política, tão cheias de manhas e de surpresas. Perdeu a eleição, ao meu ver para sorte sua.

Pôde, assim, reverter à atividade do Tribunal de Justiça, em 29 de janeiro de 1951, sendo seu presidente em 1955 e continuar calmamente suas aulas.

Sua grande paixão sempre foi o estudo, e Câmara Cascudo, no discurso de sua recepção à nossa Academia, assim o descreve: “É o tipo do letrado, o enamorado das horas serenas de estudo, adorando o silêncio da biblioteca, as longas alegrias calmas da meditação, a volúpia casta dos descobrimentos intelectuais, a vida no mundo invisível da Cultura”.

No seu discurso de paraninfo, já referido, aos bacharéis de 1963, Floriano Cavalcanti faz uma declaração humilde: “De mim vos digo que quanto mais estudo, mais me convenço de que mui pouco sei”.

É de salientar-se, também, seu grande apego à família, quase à antiga, como seu centro vital.

Casado com a sra. Dulce Arimá da Câmara Cavalcanti, nasceram os seguintes filhos: dr. Emanuel Wundt da Câmara Cavalcanti de Albuquerque, bacharel em direito; dra, Myrian Ângela da Câmara Cavalcanti de Albuquerque, dentista; d. Marlúcia Lucimar Cavalcanti de Souza, esposa do oficial da Aeronáutica, José Geraldo de Souza; dr. José Valério da Câmara Cavalcanti de Albuquerque, médico; dr. Marco Aurélio da Câmara Cavalcanti, engenheiro civil; dr. Antonino Pio da Câmara Cavalcanti de Albuquerque, bacharel em direito; Adria; no Augusto da Câmara Cavalcanti de Albuquerque, bancário e Paulo Deodato da Câmara Cavalcanti de Albuquerque, estudante secundarista.

De sua obra literária, densa, numerosa, dirá melhor o seu futuro sucessor nesta Academia. Pena é que não tenha deixado uma Introdução à Ciência do Direto, como tanto desejava; nem um depoimento mais longo sobre a história de sua conversão, de que nos deixou traços valiosos, aqui recordados.

Dentre os seus trabalhos publicados, afora sentenças e acórdãos em revistas especializadas, citam-se “O Pessimismo sob o Conceito Universal”, “Antonio Marinho e seu Tempo”, “Rui Barbosa e a necessidade do Culto Cívico”, “Silvio Romero, o Crítico, o Sociólogo e o Jurista”, “A Conceção Filosófica da História”, “Juizes e Advogados”, “Da Responsabilidade Civil do Estado”, “O Juiz e a importância de sua Missão”, “Amaro Cavalcanti, o Homem e o Jurista”, “Clóvis Beviláqua e sua concepção Jurídico-Filosófica”, “A Nacionalização da Justiça”, “Discurso de Paraninfo”, “Caxias, o Estadista — Soldado”.

Na verdade, a apreciação mais adequada de sua pessoa encontra-se nesta frase feliz do nosso companheiro Veríssimo de Mélo:

“Como pessoa humana, Floriano Cavalcanti de Albuquerque é um padrão de bondade, fina educação, simplicidade encantadora, pai de família amantíssimo, capaz de ir às lágrimas, só ao falar em seus entes queridos”.

Foi este, sr. Presidente, srs. Acadêmicos, sras. e srs., o companheiro que perdemos. Deve animar-nos, contudo, a voz da Igreja, num dos seus Prefácios da missa dos defuntos: “aos que a certeza da morte entristece, a promessa da imortalidade consola”.

ALBIMAR MARINHO

Diogenes da Cunha Lima

O nome, referenciado com passagens inteligentes e líricas, já soava para mim como palavras mágicas. Com fortes sugestões: ao claro, estelar, falsa origem árabe, aceânico. Conhecí-o calado, poucas palavras, nenhuma reveladora de sua alma ou de sua imagem popular. Fisicamente, não atraía a atenção: baixinho, gordo, óculos escuros, completando a moldura do rosto como bigode ralo. A voz denunciava as noites seguidas na vigília.

Novamente o encontro com Newton Navarro. Sem que se esperasse, a frase viva, aguda, bem humorada, o *non sense* posto a serviço do momento e de uma certa lógica formal.

Hoje é, talvez, o mito natalense mais atuante. As suas "histórias" são gostosamente contadas, ampliadas, glosadas, tomando as feições da preferência do narrador, multiplicadas as versões, sobretudo nos bares, em função dos ouvintes.

Albimar viveu a vida que quis, que lhe ditou o coração boêmio. Teve duas predileções muito especiais: a linguagem jurídica e os aparatos da morte. Na realidade, as expressões tabelioas, algumas palavras latinas, tomavam conta da sua conversa cotidiana. Andava com um exemplar da Constituição Federal no bolso. A qualquer pretexto a exibia. Vejamos o que diz a nossa Carta Magna, a lei maior. Por outro lado, as idéias e símbolos da morte, cemitérios e velórios, estavam no seu interesse. Informava-se e participava das conversas políticas do interior.

Contava-se que muitas vezes ficava aguardando um sepultamento qualquer na porta do cemitério. E, então, a pergunta séria e infalível:

— O *de cujus* é da UDN ou do PSD?

Queria a informação para saber se devia ou não chorar o morto. Se fosse da UDN, tinha choro certo. . .

Eu tinha uma amiga que morava próximo ao cemitério público do Alecrim. Albimar freqüentava um bar próximo, vizinho ao Instituto Padre Miguelinho. Num fim de tarde, um homem entra de portão a dentro, arranca do jardim uma flor amarela e sai rapidamente. A dona da casa, contrariada, dá um ei-psiu.

— O senhor deseja alguma coisa?

Albimar vira-se, marcial, segurando fortemente com a mão direita o talo da flor, à altura do peito. E responde calmo, definitivo:

— Isto aqui é para evitar um naufrágio. Diogenes sabe o porquê.

Não sabia. Adivinhava um certo naufrágio no bar ou abandono dele por força incoercível do lirismo.

Certa vez, Albimar Marinho madrugava numa festa na Santa-Cruz-da-Bica. Voltava molhado de chuva e pressente um velório próximo.

— Boa noite, boas noites! Quem é o *de cujos*? Ninguém respondeu, todos olhavam o morto, muitos choravam baixinho ao redor das velas e do caixão escuro. Ninguém prestou atenção no poeta nem na sua vontade de consolar. Não havia comida nem bebida. Albimar sobe a ladeira da Rua Santo Antônio e encontra outro velório já próximo ao Convento.

— Boa noite, boas noites! Quem é o *de cujos*?

— Oh! Albimar, é o nosso amigo Terto. Começaram os abraços de solidariedade. Consolo maior para a viúva. Lágrimas tão naturais. Albimar, aceita um copo de conhaque? Pouco depois, novo oferecimento. Outro cálice de Macieira?

— Não, não. Um momentinho, Albimar desce a ladeira, quase correndo volta ao primeiro velório. E com gesto característico, a palma da mão esquerda sobre o braço direito que subia de mão fechada, vai dizendo:

— Boa noite, boa noite! E sem nenhuma resposta:

— TAQUI PRO DEFUNTO DE VOCÊS.

A um desembargador que dele se aproximou num bar, ofereceu um copo de cerveja:

— Beba, amigo, isto é direito, líquido e certo.

Contou-me Veríssimo de Mélo que, com Newton Navarro, foi visitá-lo num hospital. A gase e o esparadrapo deixavam ver olhos, nariz e boca. A mãe de Albimar lamentava o acidente. Tenho fé em Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, no Santo Padre João Maria que meu filho não vai mais beber. Juro por Deus que ele não bebe mais. Albimar, lentamente, responde:

— Mamãe! Não se comprometa com os santos. Não se comprometa com os santos, mamãe.

Severino da Costa Belmont, Costinha, era candidato, pelo PSD a prefeito de São José de Campestre. Anunciava a vitória esmagadora em todo o município. Vem a Natal após a apuração que lhe fez derrotado em cada urna aberta. Costinha reclamava a Albimar. A fraude eleitoral, as traições, o desajuste do processo. O silêncio compungido de Albimar é quebrado com o gesto. Passando uma mão sobre a outra, espalmadas para baixo, em abertura rápida, soluçiona. Com muita ênfase:

— Tá tudo resolvido, tudo resolvido, Costinha: Trumann vai assumir o poder.

Estas são lembranças de um homem que se comunicava com um elefante triste, que fazia rir sem rir, que viveu eternamente, responsável para consigo mesmo no que acreditasse, que foi reconhecido santo-de-casa, e que teria morrido, no Baldo, ao tentar abraçar um ônibus que vinha em alta velocidade.

Natal, setembro/76.

FLORIANO CAVALCANTI DE ALBUQUERQUE

LUIZ RABELO (*)

As próprias palavras de meu antecessor nesta Cadeira, no seu trabalho "Antônio Marinho e o seu tempo (esboço biográfico e crítico)", servem-me de oportuno intróito neste meu discurso de posse. Diz ele, iniciando o seu magnífico estudo sobre o Patrono desta Cadeira: "Como conduzir-me num meio diferente, onde se rebusca a frase e se requinta o estilo? Elevar-me-ia ao nível dos meus pares ou confirmaria, com o rançoso linguajar forense, o episódio do sapateiro de Apeles? Esse o meu medo".

Se Floriano Cavalcanti de Albuquerque, o jurisconsulto eminente, o professor emérito, o sociólogo, o conferencista brilhante, o autor das famosíssimas sentenças no campo da jurisprudência criminal, o orador vibrante, o estudioso arguto da filosofia kantista, o polígrafo de valiosas obras, todas abordando assuntos os mais relevantes, assim se pronuncia, o que posso eu dizer que a mim próprio sobreexceda, eu o poeta menor, o menos bafejado das musas, o mais desabituaado e até infenso ao manejo da prosa de quantos aqui enobrecem esta Academia? Que palmas solherei neste gênero? Consola-me, entretanto, um exemplo, que não justifica, aliás, a pobreza de meu estilo: o de Emílio de Menezes, ao pretender tomar assento na Academia Brasileira de Letras, sucedendo a Lúcio de Mendonça, o que não o fez, morrendo quatro anos após sua eleição. Sabe-se, do seu discurso de posse, que não chegou a pronunciar, que foi uma pobre peça de erudição, tendo Coelho Neto, ao lê-lo segundo o testemunho de Medeiros e Albuquerque, então Presidente

da Academia, chegando a afirmar, com tristeza: "E dizer que isso é obra de um homem de espírito!" É que o famoso autor dos "Poemas da Morte", dos sonetos lúgubres da "Marcha Fúnebre", o parnasiano admirável, jamais fora um prosador e sim um poeta. A sua linguagem, escorreita, limpa, sonora, ora de profundo lirismo, ora de contundente sátira, derivava de sua portentosa inspiração, haurida da fonte cristalina das Hipocrenides. Salvava-o, portanto, a poesia. A mim, porém, creio, nada me salva. E me sinto como um naufrago, jogado no atlântico caudaloso da nossa lexicografia lúcia, sem a possibilidade de maiores remédios, impulsionado apenas pela grave responsabilidade, embora honrosa, de um dever a cumprir: este que agora intento realizar, panegirista inábil, de louvar a uma das expressões culturais maiores desta terra. E é meu lema, na arriscada empresa, em que me fico a escarafunchar os gravetos de minha pobreza estilística, a lição de meu amigo e confrade desta Academia, o vigoroso poeta e também latinista Mariano Coelho, consubstanciada neste dístico salvador: UM DEO EAMMUS.

Sim, vamos com Deus, digo entre mim, imbuído de minha pequenez, cômico dessa certeza de que outra coisa não cabe à criação humana senão reconhecer sua própria fragilidade diante do Todo Poderoso e de que é vã e efêmera toda glória terrena.

Ditas estas palavras, à guisa de intróito, penetro o "suntuoso delubro", no dizer do poeta Manoel de Moura Rabelo, o mundo fascinante das idéias dessa figura ímpar de homem culto e probo que foi Floriano Cavalcanti de Albuquerque.

Fora melhor, talvez, quem sabe, que sobre ele eu nada dissesse e que só a voz do silêncio, feita saudade em meu coração, fosse a única linguagem reverenciadora à sua augusta memória.

Escolheu-me o destino, entretanto, para a honrosa tarefa de ressurgir-lo daquele "fluir de água tombando da bacia para aquele outro lado da eternidade", de que nos fala o mestre Rui Barbosa, no seu famoso discurso ao pé do túmulo de Machado de Assis.

Devo acrescentar, porém, de início, que procurarei evitar, no que me for possível, cair no círculo vicioso das repetições e dos cotejamentos desnecessários dos que já lhe fizeram o merecido panegírico.

Ater-me-ei, também, em alguns casos, a fatos possivelmente não escritos em suas obras, fruto de palestras que mantivemos aqui e acolá, ora no Banco do Rio Grande do Norte, onde recebia os seus proventos, ora na sua prazível casa da praia de Pirangi, ora na sua mansão de Petrópolis.

Naturalmente, vez em vez, terei de abeberar-me em fonte alheia. É dessa forma, portanto, justa praxe acadêmica, que passo a ler seu honroso currículo, extraído de espicilégio próprio, existente na Egrégia Corte de Justiça deste Estado.

FLORIANO CAVALCANTI DE ALBUQUERQUE — filho do Capitão do Exército Pedro Cavalcanti de Albuquerque e D. Eulália Cavalcanti de Albuquerque. Nasceu em Belém do Pará, a 10 de dezembro de 1895. Curso primário: cursou o Colégio Americano e o Colégio Diocesano de Santo Antônio, em Natal; Curso Secundário: Ateneu Norte-rio-grandense; Curso Superior: Escola de Engenharia (1.º ano) e Faculdade de Direito do Recife, colando grau no dia 20 de janeiro de 1919. Por título de 18 de fevereiro de 1919, foi nomeado para reger interinamente a Cadeira de Filosofia, Psicologia e Lógica, do Ateneu Norte-rio-grandense, assumindo o exercício no dia imediato e nele permanecendo até 23 de dezembro do mesmo ano. A 24 de dezembro do citado ano de 1919, foi efetivado na Cadeira de História Universal do referido estabelecimento, em virtude de concurso, e nela permanecendo até 17 de janeiro de 1930, quando a 18 do mesmo mês e ano assumiu o exercício do cargo de Juiz de Direito da Comarca de Pau dos Ferros, para o qual foi nomeado por ato do Presidente do Estado, datado de 7 de dezembro de 1929, sendo removido da Comarca de Pau dos Ferros para a de Canguaretama por ato de 5 de fevereiro de 1931, assumindo o novo exercício a 21 de março do mesmo ano; a 18 de setembro de 1934, assumiu o exercício da 1.ª Vara desta Capital, por ter sido removido por ato do dia anterior do então Interventor Federal do Estado, ato que tomou o n.º 738; por Decreto n.º 924, de 4 de junho de 1941, foi promovido, por merecimento, ao cargo de Desembargador, tendo tomado posse no dia 14 do aludido mês e ano; a 12 de junho de 1945, instalou o Tribunal Regional Eleitoral, assumindo a sua presidência a 7 de novembro e dirigindo o pleito estadual de 2 de dezembro do mesmo ano; por decreto de 31 de outubro de 1946, do então Interventor Federal, foi-lhe concedida aposentadoria, por contar mais de 30 anos de serviço; por Decreto de 29 de janeiro de 1951, foi revertido a atividade para o preenchimento da vaga ocorrida com a aposentadoria compulsória do Desembargador Regulo da Fonseca Tinôco (Art. 38, do Decreto-Lei n.º 123, de 28 de outubro de 1941); foi Vice-Presidente do Tribunal de Justiça em 1952 e Presidente em 1954; foi duas vezes eleito para representar o Tribunal de Justiça do Estado, a primeira, à II Conferência de Desembargadores instalada em Curitiba, de 8 a 16 de dezembro de 1953; a segunda, à II Conferência Nacional de Desembargadores, em Salvador, de 15 a 24 de maio de 1962; foi aposentado por Decreto de 27 de dezembro de 1965. Exerceu ainda as funções de Diretor da Escola de Aprendizes Artífices (atual Escola Técnica Federal do RN), de Professor titular da Cadeira de Introdução à Ciência do Direito na Faculdade da UFRN, de onde foi também diretor; foi Juiz do Estado de Sítio de novembro de 1935 a março de 1936; chefio o Partido Republicano Federal, elegendo-se deputado à Constituinte

de 1926; recebeu o título de Professor Emérito, concedido pela UFRN; foi distinguido com o título de Cidadão Natalense; foi membro fundador, a convite de Henrique Castriciano, da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras, na Cadeira n.º 21, patronímica de Antônio Marinho, tomando posse no dia 23 de março de 1950 e sendo saudado pelo eminente Acadêmico Luís da Câmara Cascudo; foi proclamado candidato ao cargo de Governador do Estado pelas Oposições Coligadas em 21 de outubro de 1946; foi Deputado Estadual no triênio de 1923-1925; foi Diretor da Revista do Tribunal de Justiça dez anos, de 1956 a 1966; em 1964 representou o Tribunal Eleitoral na reunião dos Presidentes dos Tribunais Eleitorais em Brasília.

* * *

De seu único consórcio, com D. Dulce Arimá da Câmara Cavalcanti, em 1927, deixou os seguintes filhos: Emanuel Wundt, advogado; Miriam Ângela, odontóloga; Marlúcia Lucimar, casada com o Cel. José Geraldo de Souza, da Aeronáutica; José Valério, médico; Marco Aurélio, Engenheiro Civil; Antônio Pio, advogado; Adriano Augusto, bancário; e Paulo Deodato, estudante, todos dignos rebentos, honrando a memória do progenitor e enobrecendo o Estado e a Pátria. Sobrevivem-lhe os irmãos Kerginaldo, consultor jurídico aposentado, Sandoval, General da Arma de Cavalaria, atualmente na reserva, e Wellington, médico.

A EVOLUÇÃO MENTAL DE FLORIANO CAVALCANTI

Convém-me dizer que, obviamente, não me é possível, pela exigüidade de tempo, estender-me exaustivamente sobre a evolução mental de meu ilustre antecessor nesta Cadeira, sobre o seu admirável conhecimento filosófico, desde o poeta trágico e também filósofo Agatão, que acreditamos que conheceu, e a seu **impossível metafísico**, citado por Aristóteles (“somente isto é mesmo a Deus vedado o não fazer sucedida quanta coisa haja neste mundo acontecido”), e o Logos, you, heraclítico (“para as psiquai é morrer tornarem-se água; para a água tornar-se terra. Da terra provém a água, e da água, a terra”), provavelmente a origem das teorias transformistas e evolucionistas posteriores, até Kant da Crítica da Razão Pura e da Crítica da Razão Prática, sem esquecer o monismo haeckeleano acima entrevisto e passando pela filosofia aristotélico-tomista da Idade Média e pelas teorias de Vogt, Buchaer, Darwin, Lamarck, Huxley, Le Bon (“as pessoas reunidas fazer sempre o que cada uma isoladamente não faria”), Tannery (“a noção do infinito não é um mistério em matemática; reduz-se a isto: depois de cada nú-

mero inteiro há outro”), Spencer (“a supremacia do império sobre si mesmo, é uma das maiores perfeições do homem ideal”) e Augusto Comte (“por princípio o amor, a ordem por base; o processo por fim”) banindo as noções a priori e os conceitos universais absolutos.

Naturalmente, tornar-se-ia enfadonha a repetição aqui do que já foi enunciado pelo próprio Floriano Cavalcanti, no seu magnífico discurso de posse nesta Casa. No mencionado discurso, Floriano dá-nos a visão universalista de sua filosofia, visão superior e meticolosamente estudada pelo mestre Câmara Cascudo, na sua saudação ao recipiendário, proclamando-o “filósofo pela vida real da função filosófica, que viveu **in anima nobile** as próprias finalidades superiores da Filosofia, não apenas aprendendo a morrer, mas aprendendo a conquistar a vida eterna, a bastar-se espiritualmente, integrando-se na comunidade que nasceu, sob a benção de Jesus Cristo, no Sermão da Montanha”.

Referentemente à saudação de Cascudo, creio vir a propósito, a título de curiosidade, a seguinte observação: lendo-se os dois trabalhos, o discurso de Floriano, esplêndido relato de sua evolução intelectual e filosófica, e o discurso de Cascudo, ambos afinando num mesmo tom, num mesmo diapasão, ambos fazendo, inclusive, a mesma citação de Renouvier, Zuruck zu Kant, voltemos a Kant, tem-se a impressão de que os dois trabalhos foram escritos sincronizadamente, de antecipado conhecimento de um e de outro. Isto, porém, não importa. Importa, sobremaneira, entretanto, e honra-me afirmá-lo, o fato do reconhecimento unânime dos maiores de nossa terra acerca da cerebração privilegiada dessa figura extraordinária que em vida se chamou Floriano Cavalcanti de Albuquerque, sobre quem, por ser um homem que sabia falar, e mais que falar, ouvir, e mais que ouvir, pensar, cabem, por inteiro e com justiça esses versos de Hesíodo, citados por Aristóteles, na sua ÉTICA, na parte referente a “Falar bem”:

“Ótimo é aquele que por si tudo entenda,
Sábio é também aquele que obediente oiça
Quem bem fala; mas quem por si não pense
Nem ouvindo outrem sinta o coração desperto,
Este é, em verdade, um homem inútil”.

Floriano Cavalcanti foi um homem útil, e bom, e sábio. Soube sempre viver dentro daquela conceituação metafísica superior, exposta por Thomas F. Woodlock, do “ir além das aparências à cata das realidades que elas ocultam”. Esse ir além das aparências, porém, não chegou a levá-lo à posição dos existencialistas perante o problema do Ser e da Existência Humana, quando, com Sartre, proclamam que “a vida é caracterizada pela náusea”, ou que, como

diz Camus, "a Vida é o absurdo; o absurdo não está no homem, nem no mundo, mas na relação entre ambos". É que a filosofia de Floriano era a da bondade e da tolerância, a do otimismo sadio e cristão, a mais rica de todas as filosofias, estreme do materialismo dialético de Spengels e Marx.

* * *

Como a maioria dos estudiosos brasileiros de filosofia do primeiro quartel deste século, Floriano Cavalcanti de Albuquerque deixou-se também empolgar pelas idéias de transformismo e evolucionismo em voga na época, e tão bem expostas pelo gênio de Ernesto Haeckel. As suas duas primeiras teses *A CRIAÇÃO NA TERRA* e *APLICAÇÃO TRANSFORMISTA*, apresentadas num congresso de estudantes, na Faculdade de Direito do Recife, em 1917, denotam essa influência. Esses dois trabalhos não representam só o natural efervescer da mocidade ao contato desses superiores conhecimentos científico-filosóficos, mas uma extraordinária segurança no exame desse citados problemas, e obtiveram, com absoluta justiça, a maior repercussão na época. Anos depois, num diálogo comigo, acredito que ainda se referia a essas duas teses, quando de maneira inteligente, mas desprezenciosa, apresentou-me o argumento irrespondível, fruto de observação sua, de que o homem possui um alto índice de percentagem de água no organismo, do que se pode deduzir a idéia favorável da protocélula, a hipótese da célula *mater*, oriunda de um oceano nebuloso, no início da criação.

De outra feita, Floriano deu-me a demonstrar o seu grande interesse pelos assuntos relacionados com fenômenos físicos e fez-me a seguinte citação: "Quando se observa um fenômeno, de todas as explicações que ele possa ter, deve preferir-se a mais simples". (Flammarion — a Vida nos Astros). A seguir, passou à observação de que o Universo é regido por leis físicas e leis morais. Os corpos celestes, acrescentou, são membros de uma mesma família — o Universo. Quando um corpo celeste quebra a harmonia de uma dessas leis físicas, instantaneamente leis disciplinadoras restabelecem o equilíbrio da harmonia universal, deduzindo-se daí, por conseguinte, que um corpo pode convulsionar-se no espaço, sem que disto resulte a conflagração total do Diâmetro do Universo. Em consequência, concluiu, as leis físicas são uma decorrência das leis morais, o que não impede sejam harmônicas entre si.

Essa observação, que julgamos da maior importância, referente a um possível "diâmetro do Universo", leva-nos à conclusão de que, como Einstein, Floriano aceitava a teoria da finitude do Universo, de um espaço curvo e finito.

Mas, a existência de Deus? Será talvez o caso de repetir-se aqui o conhecidíssimo aforismo de Pascal de que "Deus é um círculo cujo centro está em toda parte e cuja circunstância em nenhuma"? Será que esse enunciado responde de maneira satisfatória às indagações modernas acerca de um Ser Superior fora do Espaço? Um Deus energético será a resposta? E a origem do Universo? E nós, criaturas humanas, vida de que somos vida? Ocorre-me, a esta altura, procurando tornar este assunto mais ameno, ler-vos o notável poema de A. J. Pereira da Silva, o extraordinário paraibano, ao tomar posse na Academia Brasileira de Letras, na cadeira de Luiz Carlos, o fundador do "Titanismo", escola de curta duração, mas à qual chegou a pertencer o maravilhoso poeta hoje infelizmente quase esquecido, Moacir de Almeida, autor da "Gritos Bárbaros". Pereira da Silva, o poeta de "Solitudes", "Beatitudes", "Pó das Sandálias", "Senhora da Melancolia" e outros livros marcantes de sua personalidade de escritor de rara eleição, iniciou seu discurso no mais alto cenáculo de letras do País, com este poema de extraordinária beleza, cuja leitura achamos por de mais oportuna nos dias que correm, de tão desalentadora incredulidade:

"Creio,

Senhores,

Na imortalidade.

Ninguém me desengana
De que é divina passionalidade
Da dor humana.

O que é pó volta ao pó, mas a certeza
Desse destino igual
É condição da própria Natureza
E a minha crença é sobrenatural.

Pois se tivesse os mesmos fundamentos
Da razão positiva
Não se tornava cada vez mais viva
Nas horas dos soluços mais violentos.

Nas horas em que a morte prematura
Sem causa e sem razão
Priva os que ficam da melhor criatura
Que nossos olhos nunca mais verão.

Sim, creio em Deus! Em Deus, única origem
E único fim e minha fé radiante
Aumenta a cada instante,
Em que a dor e os meus erros mais me afligem.

Talvez fosse por mero prazer
Que Hamlet chegasse àquela argúcia extrema
Do célebre dilema
Em que duvida do seu próprio Ser.

O coração também tem seus motivos:
Fé, Esperança, Amor,
Saudade — íntimo espelho refletor,
Dos seres mortos e dos seres vivos.

Creio no eterno espírito Onisciente,
Senhor do Bem, dominador do Mal,
— Numa que a Fé, por ser divina, sente,
E não vê a Razão por ser mortal”.

E não vê a Razão por ser mortal. Sim, meus senhores, por ser mortal, e efêmera, e dela às vezes nem sequer ficarem aquilo que um dia alguém chamou de “palavras, palavras, palavras...” É que não são as muitas palavras que trazem as luzes. É que o “Fiat” da vida, às vezes, pode estar apenas numa palavra. É que

Para entender-se a harmonia
Divina da Criação,
Não basta sabedoria,
É preciso coração...

É pelo coração, pois, o que equivale a dizer pela intuição, irmã da Fé, mais do que pela sabedoria das palavras, que eu aceito também que Parmênides estava certo, em parte, em sua teoria, não admitindo sequer a hipótese do Não Ser, e sim apenas a do Ser, Único, absoluto, eterno e imutável, teoria à qual se aproxima Fichte, o eloqüente professor de Iéna, Erlanger e Berlim, na sua Doutrina da Ciência, em que explica o **eu** e o **não eu**. Fora do **eu** nada existe, senão a título do limite do **eu**, limite determinado pelo próprio **eu**; o **eu** é tudo, por conseguinte. Identicamente, concordo com Ventura de Raulica quando diz, no seu livro “A Filosofia Cristã”, tomo I, edição francesa de 1865, raridade bibliográfica que tenho o privilégio de possuir, que “Le vrai savoir consiste dans la verité et l'importance des doctrines, plus dans les avantages du style et la richesse de L'érudition”. Na mesma linha de pensamento, admito que Platão, o discípulo amado de Sócrates, tenha dito que “a verdadeira sabedoria é a que nos conserva o meio termo entre a sabedoria e a ignorância”. Daí poder-se dizer que o mundo complexo e convulsionado do mestre de Koenisberg, sua ciência transcendental da Crítica da Razão Pura, da Crítica da Razão Prática e Crítica do Juízo e do Fundamento da Metafísica dos Costumes, seus julga-

mentos analíticos e sintéticos suas antinomias, seus paralogismos, em síntese, seu “imperativo categórico”, haurido dos ENSAIOS, de Montaigne, diga-se de passagem, de tão nobre indagação filosófica, tanto quanto a do sábio efésio, restrição à sua teoria ignífera, e finalmente o deícola Farias Brito, com os seus FINALIDADE DO MUNDO, FÍSICA DO ESPÍRITO e MUNDO INTERIOR, obras básicas à interpretação espiritualista da vida, em contraposição ao materialismo estéril; todo esse mundo de muitas palavras, repito, terminou por levar Floriano Cavalcanti, de enunciado a enunciado, insatisfeito dos resultados negativistas, a uma revisão de suas idéias, rumo ao Sermão da Montanha, o mais belo poema cristão que se conhece, a mais perfeita síntese filosófica, moral, espiritual e religiosa de todos os tempos. Floriano Cavalcanti, por fim, convicto de que a única filosofia que não entra em conflito com a consciência humana é a filosofia do Cristo, chegara ao término de sua busca de sua luta por um ideal de Verdade e Justiça. Como o próprio Kant, terminara por concluir, também, pela lei do dever, pela existência de Deus e pela imortalidade da alma.

Senhor Presidente
Senhores Acadêmicos

Li, em Damião Berge, no livro “O Logos Heraclítico”, volume que conquistei, entre outros, pela minha vitória num concurso de trovas promovido pelo Instituto Nacional do Livro, em 1969, obra que veio acompanhada de honroso diploma assinado pelo General Umberto Peregrino, nosso confrade desta Academia, à época Presidente daquela instituição, que o platônico e mártir S. Justino, que viveu por volta de 155 de nossa era, qualificou Heráclito e Sócrates de cristãos, porque “ambos teriam vivido no Logos, isto é, no próprio Cristo”. Acerca de Floriano poder-se-ia dizer o mesmo. Floriano Cavalcanti, não temo afirmar, era da estirpe desses grandes homens para os quais a nobreza da filosofia está no que ela pode idealmente proporcionar de útil, e belo, e sábio a si mesmo, em sua evolução e transformação próprias, no caminho de seu próprio superior conhecimento acerca do Único, de Plótino e do poeta persa Hafiz, ou do Um heraclítico, que se consubstância num sumo bem: a Verdade.

FLORIANO CAVALCANTI, O BELETRISTA TORTURADO DA FORMA

Entretanto a falar-vos de tão agradável assunto, dir-vos-ei que o fim da arte não é só fazer mera literatura, e sim inspirar amor. Dentro dessa conceituação e de que também a “verdadeira arte é

um sorriso de Deus, e onde quer que floresça o belo, aí espande inefavelmente a divindade”, na expressão lapidar de Dom Aquino Correia, o poeta maior de Cuiabá, êmulo de dois outros Correia, o Raimundo e o Leôncio, este último já tão pouco lembrado, foi que o meu antecessor nesta Cadeira, inobstante suas afirmações em contrário, escreveu páginas de imorredoura beleza, reveladoras de talento invulgar. O seu “Antônio Marinho e o seu tempo (esboço biográfico e crítico)”, por exemplo, publicado na revista desta Academia, é antológico, escrito num primor de estilo, de concisão e também de adequação filosófica admirável. É trabalho tão completo que me exime inteiramente da responsabilidade de ocupar-me do Patrono desta Cadeira, o notável crítico e pensador natalense do fim do século passado. Há, entretanto, um aspecto na obra de Floriano Cavalcanti que ainda não foi devidamente estudado. Chegando a este ponto, porém, antes de prosseguir, permitam-me que eu diga, a título de ilustração, e como argumento ao que pretendo enunciar, que, não raro, o prosador é um poeta, que Sainte-Beuve considerava Calvino, Rabelais e Montaigne os três grandes prosadores do século XVI. Mas acrescentava: “Montaigne e Rabelais, aliás eu os tenho como poetas acima de tudo”. Cito o crítico francês para poder, a cavaleiro, referir-me ao fato, inusitado, talvez, para alguns, de que Floriano era um poeta da prosa. Mais ainda: um estudioso da poesia. Pode-se observar isto na sua conferência, proferida a convite de um grupo de estudantes, por ocasião da instalação do Grêmio Literário “Sebastião Fernandes”, em 1954, nesta Academia de Letras. Na citada conferência ele assim se pronuncia: “A poesia é uma só: ritmo e harmonia, vibração e sentimento. O que procuramos ver é o poeta, quer se chame Victor Hugo, Lamartine, Byron ou Musset, quer seja Castro Alves, Gonçalves Dias, Casimiro de Abreu ou Álvares de Azevedo, que todos são criadores de beleza e irradiadores de emoções. Ó Anacreonte, ó Píndaro, quem vos pensou sepultados no Letes do tempo, certamente não se advertiu que haviéis herdado a lira imortal de Orfeu!” Mais adiante, acrescenta: “Que lirismo delicioso esse que enleva o espírito e faz chorar, como o poeta, a dor da saudade! É a poesia verdadeira, que penetra a alma como acorde de violino, e vara o coração como dado de amor”.

Noutro seu trabalho, o último que escreveria, um prefácio ao livro “Memórias de um Homem de Fé”, do poeta e pintor Manoel de Moura Rabelo, seu amigo de infância, lemos o seguinte: “Como é delicioso recordar! Eu, que fui seu companheiro de infância, me sinto transportado àquela época feliz, em que, juntamente com o meu irmão Kerginaldo e o irmão dele Rodolfo, tomamos parte em muitas das peraltices. E, assim, retorno ao passado, revendo a Natal de minha meninice, a cidade de apenas 12.000 habitantes, com seus atrativos de antanho: do Baldo e seu balneário, que ele reconsti-

tuiu mais tarde, em 1932, numa das suas mais belas telas; do Jardim da Praça Augusto Severo, com a cabana, o coreto e as retretas dos domingos; do Paço da Pátria, com a feirinha aos sábados, de grudes, alfinins e louças; do Bar da Potiguarânia, onde se jogava bilhar e se comentava a vida social”.

No mesmo prefácio, linhas adiante, o sentimento poético é ainda mais forte, porque mais espontâneo, mais autêntico, fazendo-nos sentir, inclusive, a presença do admirável autor das “Primaveras”, o lírico fluminense lido por todos nós na infância, ao mesmo tempo em que nos faz lembrar, proustianamente, o maravilhoso autor de “Em Busca do Tempo Perdido”. Mas não nos privemos por mais tempo de sua leitura tão agradavelmente poética. Diz-nos Floriano: “Entretanto, recordar a paisagem dos tempos idos é mais agradável, não que sejamos aferrados ao passado, mas porque, como já se disse, é viver outra vez, é voltar à infância querida “que os anos não trazem mais”, e, principalmente, à juventude perdida que jamais se recupera, sentindo as ilusões sonhadas, as doçuras do amor que não se esquece nunca, enfim, os dias venturosos que se foram”. (...) “realmente, quem não teve os seus idílios e romances? Quem não se sente enlevado ao recordá-los, experimentando novamente as sensações do primeiro beijo da namorada que se apateceu a ainda se quer? É o que sugere o capítulo X, despertando no subconsciente alguma Eulina, que deve ter existido com outro nome...”

Aí está, senhores acadêmicos, a presença de Floriano Cavalcanti no panorama da poesia do Estado, em apenas poucos exemplos, que outros sobejam, confirmando plenamente a assertiva feita acima e dando-nos a convicção de que só quando se é poeta, mesmo na prosa, é que se atinge, verdadeiramente, as culminâncias do estilo, é que se consegue desvendar todos os mistérios de um idioma, todos os arcanos melódicos de uma língua.

Isto leva-me a lembrar, também, que Floriano era um cultor fervoroso do nosso idioma, escrevendo com a paixão classicista de um Camilo Castelo Branco, de um Garrett, de um Rebelo da Silva ou de um Rui Barbosa páginas de valor inimaginável, de riqueza vocabular insuperável, cujos exemplos, pelas dimensões deste trabalho, não podemos enumerar.

A par disso, Floriano era um escritor de admirável veracidade, fazendo justiça ao clássico *nulla dies sine linea*, nem um só dia sem uma linha, numa atividade invejável que lhe permitiu deixar as seguintes obras de vulto: “O Pessimismo sob o conceito universal”, “Rui Barbosa e a necessidade do culto cívico”, “Sívio Romero, o crítico, o filósofo e o jurista”, “A concepção filosófica da História”, “Juizes e advogados”, “Caxias — Estadista-Soldado”, “O Juiz e a importância de sua missão”, “Amaro Cavalcanti, o homem e o jurista”, “Clovis Beviláqua e sua concepção jurídico-filosófica”, “A nacionalização da Justiça”, “Discurso de paraninfo”, etc., tendo dei-

xado inéditos “Tobias Barrêto e a Escola do Recife” e “Farias Brito e sua influência espiritualista”, além de uma “Introdução à Ciência do Direito”, que não chegou a concluir.

Sabemos, também, que Floriano era um torturado da forma, retocando e refundindo, incansavelmente, seus escritos literários. Qual o escritor, porém, que não foi ou não é um torturado da forma? E quem isto ignora? Que homem de mediana cultura desconhece este fato? Diz-se de Emílio Zola, por exemplo, o gênio de realismo francês, que tanto refundia os seus trabalhos que, vezes sem conta, páginas escritas para determinada obra, eram postas de lado e aproveitadas posteriormente, com novas modificações, em outras obras. Malherbe, o autor da ode consagrada à morte da filha de Perier

“Elle ne vécu que ce que vivent les roses,
L'espace d'un matin”,

pela sua muita severidade no trato da harmonia, foi cognominado o “tirano das palavras e das sílabas”. Flaubert foi chamado o Cristo da Literatura. Matava-se em procurar “le mot propre”, a palavra exata à idéia, insubstituível na função definidora do pensamento. La Fontaine, o inimitável estilista, começou a escrever as suas imortais fábulas aos 47 anos de idade. O nosso Hermes Fontes, o poeta de “Apoteoses”, de tal modo era rigoroso na composição de seus versos, que chegou a receber de seus contemporâneos o epíteto de “rigorista”. Augusto dos Anjos, em soneto célebre, diz que a idéia “cai de incógnitas criptas misteriosas” e esbarra “no mulambo da língua paralítica”. Machado de Assis, o extraordinário memorialista de “Braz Cubas”, o príncipe dos nossos prosadores, diariamente refundia os seus notáveis escritos, depois de passados pelo crivo crítico da própria esposa. E Raimundo Correia, e Alberto de Oliveira, e Olavo Bilac, para só citar essa tríade famosa do parnasianismo brasileiro? Os exemplos são inumeráveis, por conseguinte, e a Floriano Cavalcanti somente honra o poder enfileirar-se ao lado desses gloriosos nomes da literatura de todos os tempos, desses imortais torturados da forma.

Quanto a outros aspectos da atividade de Floriano Cavalcanti, como homem de letras, de invejáveis méritos, serão estudados em outra ocasião, de maneira mais minuciosa, que este capítulo, como não podia deixar de ser, representa apenas uma síntese do muito que produziu o eminente e saudoso mestre, orgulho e glória inobscurecível desta Academia.

Uma última palavra, porém: apesar de não ser inimigo declarado do modernismo, mais de uma vez Floriano se referiu, na minha presença, de maneira desaprovadora ao que ele chamava de “anarquia formal, de desvairamento da forma”, nos dias de hoje,

tanto na poesia como na prosa, resultado do surgimento dos chamados **futurismo** e **concretismo**, que por sua vez são filhos diletos e direitos do modernismo...

FLORIANO, O FILATELISTA

No seu "Patronos e Acadêmicos" (Vol. II, Editora Pongetti, 1974), Veríssimo de Mélo, destacando uma das facetas pouco conhecidas de Floriano Cavalcanti, diz ter sido ele colecionador de selos desde os tempos de Ateneu, "sendo hoje um dos nossos maiores filatelistas". Sobre esse fato, possuo o testemunho de um dos seus filhos, o Dr. Emanuel Wundt, que me assegurou, inclusive, ter sido Floriano um colecionador sério, sem jamais dar ao filatellismo aquele caráter de passatempo que muitos, emprestam aos que se dedicam à difícil arte de colecionar selos. Também dou meu testemunho pessoal. Lembro-me de que certa vez comuniquei a Floriano o recebimento das normas de um concurso em Nova Lisboa, Angola, referente a apontamentos sobre colecionismo. Pedi-lhe para participar com um trabalho seu sobre filatelia. Isto foi no fim de agosto ou princípio de setembro de 1973. Alegou-me Floriano a impossibilidade de participar do mencionado concurso, por se encontrar com a saúde bastante abalada. De fato, pouco tempo depois viria a falecer, não sem antes de escrever, diga-se de passagem, o seu último trabalho, um prefácio ao livro "Memórias de um Homem de Fé", do amigo de infância poeta e pintor Moura Rabelo, obra editada em 1973, no Rio de Janeiro. A amizade então foi superior aos percalços da doença e da idade. Mas, continuemos. Não obstante não poder participar do concurso, de âmbito internacional, que requeria trabalho mais demorado, Floriano Cavalcanti, entretanto, teceu os maiores encômios à idéia, chegando a lamentar que no Brasil não se realizassem iniciativas idênticas de caráter permanente, abrangendo toda a vasta gama do colecionismo em geral: filatelia, numismática, medalhística, ex-librismo, aeromodelismo, ferreomodelismo, etc. Transmiti essas palavras, em carta, a Serafim Molar, encarregado do referido concurso e Presidente da Câmara Municipal de Nova Lisboa. Infelizmente, o Sr. Serafim Molar apenas transcreveu, da mencionada carta, tempos depois, na revista Huambo, o trecho relacionado com a sessão solene realizada no Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, quando recebi das mãos do Vice-Cônsul de Portugal, Sr. Manoel Augusto Alves Afonso, o diploma de primeiro colocado no concurso paralelo de trovas, também de âmbito internacional, realizado na referida cidade de Nova Lisboa. Por esse fato aqui registrado, fica patenteada a relevância que Floriano dava ao colecionismo em geral e não somente à filatelia em particular, o que vem corroborar o que Veríssimo de Mélo afirma em seu oportuno trabalho.

Cumpro o dever de acrescentar, também, que tive a honra de ouvir, em gravação de fita magnética, um depoimento do próprio Floriano Cavalcanti, no qual se toma conhecimento de que era ele possuidor de quase toda a coleção brasileira e de muitos milhares de selos estrangeiros, sem falar em cinco coleções extras presenteadas a cinco dos seus filhos.

A gravação em apreço, cerca de uma hora de entrevista concedida ao jovem Benito Maia, representa o canto de cisne de um dos grandes vultos da nossa terra, pois ao final da mesma, Floriano entrou em colapso, sofrendo derrame cerebral e vindo a falecer sete dias depois, sem recobrar a consciência. Trata-se, portanto, das últimas palavras de Floriano Cavalcanti, um relato vivo da sua vida, mas, sobretudo, um documento impressionante de fé na nossa mocidade e no futuro da nossa pátria.

FLORIANO, O IMPREVISÍVEL

Contam-se às centenas as respostas surpreendentes de Floriano Cavalcanti, em ocasiões as mais diversas e da maneira mais imprevisível possível, revelando sempre notável cultura, sabedoria vasta e um espírito arguto e sensato. De erudição enciclopédica (e por empregar esse termo, ocorre-me que Floriano era fervoroso admirador dos enciclopedistas franceses, tendo em Diderot, Buffen e D'Alembert seus filósofos preferidos). Dele quase que se pode dizer, sem exagero, o que um repórter novaiorquino disse do sábio bahiano no Congresso de Haia: "Tão vasta é a sua cultura que parece precisar da eternidade para esgotá-la".

O seu afastamento da vida política, o seu retraimento quase que ascético junto da família, em meio dos seus livros, de sua biblioteca, uma das maiores do Estado, cercou-o ainda mais de um halo de admiração e respeito por parte dos coestaduanos. Certa vez, a uma pergunta minha sobre um pleito realizado no Estado, fez-me a seguinte inopinada citação de Montaigne, copiada por mim na mesma ocasião: "Quanto a essa nova virtude da trapaça e da dissimulação, tão do gosto da época, eu a odeio capitalmente; e entre todos os vícios não descubro outro que revele tanta covardia e tanta baixeza de alma".

Sabendo-se que Floriano era um espírito combativo, embora profundamente humano, é dispensável acrescentar-se algo mais, por desnecessário, a não ser que "essa nova virtude da trapaça e da dissimulação", não é tão nova, que é de todas as épocas, e, mais acentuadamente, parece-nos, da em que vivemos, destes dias que correm...

E por falar-vos em trapaça e dissimulação, em ódios e invejas, concedei-me, senhores acadêmicos, que eu vos tome o precioso

tempo lendo-vos um poema de minha autoria, sob o título "O Rio", que se encontra no livro "Os símbolos inúteis", obra que obteve o 1.º lugar no Concurso "Câmara Cascudo", em 1969, certame que teve o patrocínio, como ocorre anualmente, do Departamento de Cultura da Secretaria de Educação e Cultura do Município de Natal.

Leio-o por um motivo especial: Floriano Cavalcanti tinha indisfarsável preferência por ele, dentre os outros poemas de citado livro. Também a sua inclusão neste discurso, representa uma homenagem a mais que presto à sua memória. Outros motivos relevantes também existem, que não são necessários revelar. Basta que eu diga, apenas, que um dia procurei Floriano Cavalcanti e pedi-lhe ajuda e conselho. E ele, tomando conhecimento da injustiça de que eu estava sendo vítima, em determinado concurso literário, deu-me sua inteira solidariedade, dizendo-me estas palavras: "Estou de seu lado, estou pronto a defendê-lo, na justiça, se for necessário". E acrescentou: "Não por você ser irmão do meu compa-
nheiro de infância mas porque está com a razão".

Mas, vamos ao poema:

O RIO

Um rio tem tudo o que quer.
O homem não tem nada.
Um rio sonha, vive, ama,
tem seu nascimento e morte
de rio
e é consciente disso.
O homem não sabe isso.
Um rio canta por entre pedras,
o homem chora por entre flores.
A diferença é grande.
O homem é que não sabe saber
essa diferença.
Quem já viu um rio
fútil, hipócrita, venal,
tomando de respeitos humanos,
acomodado em seu leito de lama?
E a verdade é que os rios
não procuram saber
esta verdade.
Também de nada adiantaria.
Para que serviria a um rio
a verdade?
É fácil também saber-se
quando um rio ama
e é amado.

Basta ver-se
como as flores debruçam
sobre as suas
margens,
esteja cristalino
o rio
ou humanamente
sombrio.
Por que não falamos, também,
sobre os peixes,
diletos filhos dos rios?
Eles sabem, mais do que nós,
o que seja um rio.
Sabem, por exemplo,
que um rio não é tributável
de outro rio,
que um rio,
não explora outro rio.
Entretanto guardam a sua verdade.
Não a impõem a ninguém.
Só os homens impõem
a sua discutível verdade,
e por amor dela
matam, roubam, espoliam,
encarceram, torturam,
humilham, ultrajam,
aviltam,
dividem irmãos,
são racistas,
armamentistas,
forjam revoluções,
fomentam a guerra,
inventam a bomba atômica.
(A bomba atômica, meu Deus!)
Os rios só sabem da bomba atômica
que ela não foi inventada
pelos peixes.
Não sabem também que houve
Hiroschima,
nem Nagasaka.
Ademais não é novidade
que os rios
ignoram os crimes humanos.
Ignoram igualmente
nossos tratados filosóficos,
nossos códigos

e religiões.

E para que necessitaria um rio
de filosofias, religiões
ou códigos?

O rio é simples como um rio.

O homem é que é complicado
como um homem.

Chega a pensar-se que o homem
jamais poderá ser
afluente do rio.

Um rio canta por entre pedras,
o homem chora por entre flores.

Um rio é sábio sem segredos
para os naufragos.

Os naufragos conhecem
o segredo dos rios.

Só os naufragos conhecem
o silencioso e antigo segredo
dos rios...

FLORIANO CAVALCANTI, O HUMANISTA DO DIREITO

Cícero afirmava que “a verdadeira lei é a reta razão em concordância com a natureza”. E acrescentava: “É de aplicação universal, inalterável e duradoura; compele ao cumprimento do dever pelos seus mandamentos e abstém dos erros pelas suas proibições. Não haverá leis diferentes em Roma ou em Atenas ou leis diversas no presente e no futuro, mas sim uma lei eterna e imutável, válida para todas as nações em todos os tempos”.

Posso afirmar, feliz por fazê-lo, que Floriano Cavalcanti, em toda a sua vida ilustre de magistrado íntegro, sempre soube, honrado e honrando, seguir esse mandamento jurídico de aplicação universal. No rol de suas sentenças famosas, vamos encontrar, dentro daquele espírito ciceroniano de respeito à dignidade humana e de severa e justa coibição aos erros, pronunciamentos luminosos, tais como CRIME PRETER-INTENCIONAL, escrito na cidade de Pedro Velho e publicado com especial destaque no ARQUIVO DE JURISPRUDÊNCIA CRIMINAL, uma outra sobre DELITO SEXUAL, em Canguaretama, outra sobre A RESPONSABILIDADE CIVIL DO ESTADO, em Natal, que Cascudo considera “peça clássica de erudição e lógica”, INADIMPLEMENTO DE CLÁUSULA CONTRATUAL, abordando os múltiplos aspectos da rescisão contratual, e entre muitos dos seus acordãos no Tribunal, AVARIA GROSSA, numa apelação de Areia Branca, que Cascudo também cita como “documento de cultura invulgar pela complexidade das questões interdependentes e luminosamente decididas”.

Falei acima naquele seu sentido de respeito à dignidade humana. Cabe-me comprovar. Para tanto, nada mais oportuno do que as próprias palavras do eminente e saudoso mestre.

Estudando a figura de Sebastião Fernandes, em conferência pronunciada em 1954, nesta Academia, Floriano faz inserir trecho de seu discurso publicado na "A República", quando por ocasião de sua investidura no cargo de Desembargador, em 1941. Diz Floriano, no citado discurso, trabalho que representa, na opinião de muitos, a essência de seu pensamento acerca do caráter de especulação e sociologia criminal do direito: "Sebastião Fernandes era um especulativo da ciência do direito, um estudioso de patologia social, um entusiasta da nova escola penal italiana. Discípulo de Lombroso, Ferri e Garófalo, tinha a sua atenção voltada mais para o delinqüente do que para a pena. E convencido de que o criminoso é um ser psicicamente defeituoso, vítima de uma falha cerebral e por isso mesmo retardado na evolução normal da espécie, propugnava pela instituição de penitenciárias, ou melhor, de reformatórios ou estabelecimentos de regeneração, como soía chamar, em que o delinqüente pudesse receber, simplesmente, o tratamento apropriado à cura da insanidade psíquica, a educação necessária à readaptação social, aprendendo, também, a trabalhar para prover à subsistência e tornar-se útil à coletividade, da qual fora por algum tempo afastado. Era, assim, entre nós, o mais brilhante intérprete da sociologia criminal de Ferri. Aceitando os postulados da escola positiva, combateu a escola clássica desde o livro arbítrio, a grande ilusão subjetiva, que acreditava desmentida pela fisiopsicologia, até o critério punitivo das penalidades prefixadas sem nenhum substratum científico ou resultado prático. Durante quarenta anos bateu-se pela adoção das reformas preconizadas na escola antropológica. Havia nisso um grande fundo humanitário. É que ele se revoltava contra os processos da escola clássica, que deixava piorar, envilecendo cada vez mais nas prisões o delinqüente, quando, por meio de assistência adequada, seria possível reintegrá-lo ao convívio social. Em lugar do estigma da infâmia, reclamava para o pobre retardado a reeducação ou readaptação social; ao invés do castigo cego, o tratamento da nevrose que o impelira ao crime; em suma a profilaxia da diátese ou predisposição e da terapêutica da neurose ou moléstia de que são portadores os delinqüentes, de preferência à punição irracional a que são submetidos".

Aí está, senhores acadêmicos, o retrato de corpo inteiro de Floriano Cavalcanti de Albuquerque, o humanista do direito. Chamo-o assim, porque ele próprio empregou o termo "humanitário", aplicando-o a Sebastião Fernandes.

Convém registrar-se, também, como digno de nota, a ênfase dada por Floriano ao texto acima transcrito, reproduzindo-o anos depois, por inteiro, em conferência por ele pronunciada nesta Aca-

demia, o que me leva ao pressuposto de que os conceitos ali expedidos e repetidos com insistência, representam o substratum do seu pensamento acerca do problema penitenciário no Brasil, problema que, ao que tudo indica, continua insolúvel, pelo menos em parte, conforme nos dá a conhecer recente pronunciamento de comissão governamental, que concluiu pela superlotação desses presídios.

Mas passemos por alto, senhores acadêmicos, sobre esse problema ou outros que possivelmente emperrem a máquina judiciária. Perdoai-me a digressão, ou melhor, a intromissão, e que eu me fique aqui na apreciação desses assuntos, bem como acerca da atividade de jurisperito dessa extraordinária figura que se chamou Floriano Cavalcanti de Albuquerque. Não devo e não me cabe ir além. Não quero fazer o triste papel do sapateiro de Apeles, embora certos sapateiros façam melhor seus sapatos do que muita gente ilustre expõe suas idéias. Esta assertiva, entretanto, que muito me anima e conforta, na presente conjuntura, não me autoriza a ser prolixo onde não cabe a perluxidade, a me aventurar no adentramento de uma difícil e árdua ciência para a qual não nasci, nem tenho engenho e arte. Em que pese tudo isto, porém, ainda tenho ânimo para citar, por exemplo, o mestre da Universidade de Viena, o Dr. Stricker, autor de uma "Fisiologia do Direito", livro de critério científico, que estuda a formação do direito pelo desdobramento da força. Diz ele, tentando edificar doutrina: "O meu direito significa a liberdade que me concede um determinado círculo de homens para fazer valer minha vontade em determinado caso". Deixo a apreciação do mérito ou demérito desse enunciado aos mestres da jurisprudência. Tenho a lembrar, apenas, que foram teorias como essa e filosofias como a de Nietzsche que levaram a Alemanha à hecatombe da segunda guerra mundial. Com mais simpatia, cito o grande psicólogo e sociólogo do início deste século, o notável mestre da sofrida terra argentina Ramon Melgar, que afirma no seu magnífico ensaio "A Virtude do Silêncio", obra traduzida por Haeckel de Lemos, que "a palavra de razão e de justiça deve ressoar prepotente para combater preconceitos e erros, e muito mais quando do silêncio pode resultar prejuízos para terceiros ou para a coletividade", acrescentando: "Isto, entretanto, não autoriza a invadir a consciência alheia, com modos de conquista, por qualquer divergência, com a estulta pretensão de impor um critério".

Floriano Cavalcanti, porém, jamais se omitiu ou impôs um critério seu, pessoal de uso particular. Foi sempre um homem altivo e digno. Seu código era o da honra; sua lei a da justiça e do direito Era-lhe imperioso sempre o dever de cumprir com escrupulo a sua missão dentro dos princípios da verdade. Seu exemplo de correção, de dignidade, de austeridade, dentro do Tribunal de Jus-

tiça do Estado, continua sendo seguido e respeitado, porque Floriano continua representando, para todos os que o conhecem, aquilo que Martins Fontes disse a cerca de Anibal Teófilo: era a lealdade, a dedicação, o arrojo, a intuição inspirada, a inteligência rutilante e por vezes genial, a piedade, o desprendimento, a valência, o tipo do homem incapaz de ter um pensamento que não pudesse tornar público, porque viva às claras; de ter um sentimento que o não sobreexcelesse, porque sempre soube viver para outrem.

Esse o homem que ocupava esta Cadeira, paradigma de altas virtudes, sob cuja égide tenho a subida honra de ingressar nesta Academia.

RETRATO DE UM IMORTAL

JAIME DOS G. WANDERLY

Podeis entrar, ilustre acadêmico Luís de Carvalho Rabelo.

Podeis entrar e ocupar o nicho que vos foi reservado, no altar profano deste cenáculo de cultura, engajando-vos no cômputo dos acadêmicos vossos confrades e honrando a galeria dos nossos imortais.

Podeis entrar, eleito de Calíope, que esta mansão é o vosso templo e vós, o sacerdote que acabais de celebrar a primeira missa, recebendo, das mãos do Presidente desta assembléia de letras, as insignias, com as quais vos credenciais à immortalidade.

Exmo. Sr. Vice-Governador Genivaldo de Barros, Digníssimo representante do Sr. Governador do Estado.

Exmo. Sr. Dr. Manoel Rodrigues de Melo, Digníssimo Presidente da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras.

Digníssimas autoridades civis, militares e eclesiásticas, presentes e representadas.

Exmas. Senhoras, Senhores.

Luís de Carvalho Rabelo nasceu poeta. Trouxe do berço, como uma herança de família, o condão das rimas, a sonoridade dos hemistíquios, a precisão das cesuras, a beleza das estrofes, que engrinaldam e enchem de esplendor a fecundidade de seu estro privilegiado.

O brilhante aedo, a quem me coube a honra de saudar, foi, é e será sempre, na dimensão de sua existência, quase inteiramente dedicada à poesia, um sonhador, um bardo, um menessinger, um inconvertível amoroso.

Saudação ao Acadêmico Luís de Carvalho Rabelo.

Sonhou as aleluias de um sonho bom, de conquista, com o mágico sabor de vitórias.

Cantou, com a garganta afinada pelo diapasão dos deuses, música deliciosamente enleante, semelhante àqueles divinos trenos com os quais Santa Cecília embevecia os anjos, para que esquecessem as saudades da terra.

Amou, devotamente, as mulheres, que fizeram pousada no seu coração, na sua nomadia romântica, pelos caminhos da vida.

É agora, Luís de Carvalho Rabelo aqui está para receber o galardão consagrador da imortalidade, o aplauso dos seus amigos, os louvores dos seus confrades e de todos quantos o admiram e, com alma, o acompanham na brilhante e gloriosa jornada, que o conduz à fecunda Canaã das artes.

ARTE É SENTIR PARA VIVER

A arte, senhoras e senhores, é filha do Espírito e da Cultura.

Desse conúbio admirável, que revolucionou a mitologia cultural, nasceram e se concretizaram as realizações maiores dos engenhos anímicos dantanho, que encandearam o mundo com o fulgor de sua imaginação e com os irradiantes lampejos que se fundiram, para o parto, fecundo, das concepções dos sábios e dos gênios.

A arte é antiga como a vida; é imaginária como o sonho; é perpétua como a imortalidade; é empolgante e sugestiva como o amor.

Egressa do Paleolítico, há milhões de anos da História humana, engajou-se no período dos metais, labirintando temas bizarros e criando formas originais, que se polarizaram na imaginação bárbara dos clãs, em formação, para dar, ao mundo, os preceitos iniciais, que levaram a humanidade a atingir a culminância a que se destina, na sua inquietante e vitoriosa romaria para a perfeição.

Oscar Wilde, o mago dos paradoxos, o elegante estilista da "Rosa Branca", o codaquizador minudente do "Retrato de Dorian Gray", o laureado autor do "Leque de Madame Windermere", o sofrido enclausurado do "Cárcere de Reeding", escreveu: — "A Arte é o alimento do amor".

Definiu-a com acerto e exatidão o fecundo mestre irlandês, pois sentiu que a grandeza imensurável da arte, corria parelha com a imensurável grandeza do amor, que é justamente o maior dos sentimentos com que Deus premiou o gênero humano, nas suas manifestações emocionais, na incomparável pureza de sua real significação sensitiva.

Tudo o que se encaminha para o belo, que promana dos séssamos encantados que se guardam no espírito humano, quando não é flor é fruto, que brota da fecunda árvore da arte, a cujo pés ge-

nufletem, em contemplativa devoção, os que mereceram do céu, a graça de viver para o espírito, pelo espírito e, deste, para a perfeição.

Renan já preceituava que “tudo o que é do espírito é sagrado” . . .

E tudo que se origina da arte, cuja fonte emana do espírito e se projeta na concepção do homem, é luz na treva, é lampejo na escuridão, é estrela na tempestade. É grito que não se perdeu na vastidão dos comuns, porque a percussão do seu eco o vai levando, de longe em longe, com a mesma vibração sonora e contagiante, até os confins do infinito.

Arte é, pois, emoção, é trabalho espiritual, é esforço realizador, é interesse abnegado, é visão esclarecida, é pensamento buscando a escalada para o inatingível, é querer para realizar, é sentir para viver.

PERSISTÊNCIA E VITÓRIA

A Academia Norte-Rio-Grandense de Letras, assembléia de cultura, cenáculo de artes, ninho de intelectuais, que o escritor e acadêmico Nilo Pereira, desta mesma tribuna, classificou de “foyer” de inteligências, recebe, nesta oportunidade, o acadêmico Luís de Carvalho Rabelo, o laureado embaixador da trova popular, consagrado internacionalmente, pela fecundidade de seu espírito de seleção e pela brilhante joalheria que esconde na sua invulgar imaginação.

É uma alegria e uma honra para os que completam a galeria de nossos imortais, recebê-lo, nesta solenidade, na qual a “finesse” natalense se faz presente, por suas expressões mais expressivas, prestigiando esse memorável reencontro social.

Esta casa, senhores, que eu chamaria a Casa da Cultura, (para não se homenagearem nomes de vivos ou de mortos) é um eloqüente testemunho do idealismo, do esforço abnegado, da persistência sem paralelos, da realização construtiva, desse inimitável Manoel Rodrigues de Melo que, depois de tão brilhantes combates, na sua irrecuável batalha de dezenove anos, conseguiu hastear, no frontal deste magestoso edifício-sede, a bandeira vitoriosa de uma realização que, agora, definitivamente concluída, a entrega à cidade, como um patrimônio de honra, como um troféu de cultura.

Manoel Rodrigues de Melo construiu o prédio da Academia, “a pé, sem relógio e sem dinheiro”, contando apenas com o contingente coragem, esforço, tenacidade, energia e vontade.

As ajudas para custeio da feitura da obra, de grande beleza arquitetônica, foram conseguidas por sua amizade, com deputados estaduais e federais, que, a seu pedido, incluíram verbas nos orçamentos e, com auxílio dos governos que, entusiasmados com as proporções da obra, não esconderam o seu apoio material,

Não seria justo silenciarmos sobre os eficientes incentivos e auxílios com os quais, constantemente, vem dotando a Academia, o Conselho Federal de Cultura, cuja visão patriótica e nobreza de atitudes, se vêm demonstrando, através dos gestos altos e nobres dos seus ilustres membros diretores.

Foi, assim, lutando sozinho, derramando lágrimas, suor e sangue (para não torcer a significação do prólogo) sem auxiliares, sem assessores e sem ajudantes que não fossem os operários, empenhados nos serviços, que Manoel Rodrigues de Melo idealizou, alicerçou e construiu o monumento de arte que hoje embeleza a paisagem urbanística da cidade e enche de orgulho os imortais que o povoam.

E agora, coroada dos melhores êxitos, elegante, magestosa e imponente, aí está a obra de um homem só, dentro da alegria, do envaidecimento e do prazer de haver construído este trabalho, que perpetuará, na posteridade, o valor do seu abnegado idealismo e do seu grande espírito empreendedor, os quais ficarão impercíveis, como um exemplo de bravura, de denodo, de coragem e de vontade, na dimensão das épocas, na perpetuidade dos séculos.

CAMINHO DO DESTINO

Luís de Carvalho Rabelo abriu os olhos para as surpresas da vida, para os encantos do mundo, na noite friorenta de 4 do mês de março de 1921, quando a lua, brincando de esconder, através de nuvens peçadas de chuva, não deixava se perceber o esplendor de sua irradiante luminescência.

Abençoado pelo gáudio, pelos cuidados e desvelos dos genitores, João Batista Ferreira Rabelo e de sua esposa D. Hercília de Carvalho Rabelo, o garoto cresceu, enchendo de alegria e de prazeres o lar modesto onde articulou os primeiros passos e balbiciou os primeiros tautossilabismos.

Ainda no verdor dos anos, recebeu ensinamentos escolares, tendo completado seu curso de humanidades do Ateneu Norte-Rio-grandense, ninho de velhas e de inesquecíveis tradições.

Jovem e cheio de ilusões e confiança no seu futuro, que se prenunciava alvissareiro, Luís de Carvalho Rabelo entrou para servir à Polícia Militar do Estado, onde se distinguiu por sua capacidade de trabalho, disciplina e compreensão exata dos seus deveres militares, atingindo, por sua ilibada conduta, o cargo de tenente, chegando a chefiar a secção do Rádio Oficial do Estado.

Reformou-se com todas as honras cabíveis ao cargo, que desempenhou com muito zelo, muito patriotismo e marcante dedicação.

Deixando as lides militares, dedicou-se à literatura, colaborando em diversos jornais e revistas nacionais e estrangeiras, tendo

mantido, em "A Ordem", um jornal católico que se editou em Natal, uma secção dominical, dedicada à arte trovadoresca, que foi o passo inicial para a fundação do Clube de Trovas de Natal, hoje transformado em Academia de Trovas do Rio Grande do Norte, entidade da qual foi ele o primeiro Presidente.

O ilustre recipiendário é portador de 66 prêmios, obtidos em concursos de trovas e Jogos Florais, no Brasil, em Portugal e Angola, tendo sido agraciado com diversas medalhas, troféus em bronze e placas de prata, conquistados com merecidos destaques nos referidos certames.

Prove-me, estudando detidamente a obra literária de Luís Rabelo, sentir que, pela fluência de sua inspiração e pelos galardões de que se faz mensageiro, ele não é um desses vulgares caçadores de aventuras literárias, um desses quichotescos intelectuais que infestam as estradas das letras sem encontrar pouso para sua desordenada nomadia.

O talentoso poeta é um intelectual de imensurável sensibilidade de larga e franca imaginação, e um trovador, cujas credenciais o tornam merecedor da fama envaidecente que lhe aureola o nome, já sobejamente firmado nos círculos culturais do país.

BIBLIOGRAFIA

Luís de Carvalho Rabelo, minhas senhoras e meus senhores, é um poeta de fina estirpe, de fluente estro, um fiel e inconvertível apóstolo de Calíope.

Conquistou cedo, a láurea de intelectual, publicando numerosos livros, em verso e prosa, em moldes de poemas; entre eles, "Meditações", "Último Canto", "Rumos", "Caminho dos mortos", "Troval Potiguar", "Símbolos Inúteis" e outros, tendo este último obtido o primeiro lugar no Concurso Câmara Cascudo, instituído pela Prefeitura de Natal, em 1969.

O renomado aedo, sobre quem me reporto, é ainda, autor de quatro livros de trovas, subordinados ao título: — "Trovas que a vida me deu", que andam espalhados por esses Brasil, com francos elogios da crítica e agrado dos leitores.

O brilhante vate natalense pertence a numerosas entidades culturais! Academia de Trovas do Rio Grande do Norte, União Brasileira de Trovadores, União Brasileira de Escritores, Academia de Filgueiras, em Portugal, Clube de Poesia de Natal, Academia Diocésia e agora a Academia Norte-Rio-Grandense de Letras.

Colaborou, assiduamente, em diversos jornais do Rio de Janeiro, São Paulo, Belo Horizonte e Recife, tendo o seu nome figurado em antologias, como "Panorama da Poesia Norte-Rio-grandense", de Rômulo Wanderley e "Trovadores do Brasil", de Aparício Fernandes.

Conta com alguns poemas, de sua autoria, traduzidos para o espanhol e para o inglês.

Em 1972, representou o Rio Grande do Norte, no 3.º Congresso Nacional de Trovadores, realizado em Salvador, sendo-lhe confiado o encargo de relator da “Declaração de Princípios”, naquele memorável certame.

Tem ainda Luís de Carvalho Rabelo a publicar “Poemas em louvor de Deus”, “O Livro de Dorinha”, “Mulheres em Tecnicolor”, além de um livro de contos em preparo.

EM LOUVOR DO SEU ESTRO

Não quero nem devo deixar passar despercebido, sem um louvor, a obra poética de Luís Rabelo, pois o insigne e renomado bardo potiguar é mansageiro de lindas e vibrantes trovas, poemas e sonetos que honram a galeria das obras de projeção editadas nesta capital.

Como testemunho desta minha afirmação, trago-vos a trova com a qual o poeta obteve 1.º lugar nos Jogos Floriais Internacionais de Nova Lisboa, tornando-se, deste modo, o primeiro trovador brasileiro a ser distinguido com essa láurea, fora dos quadrantes nacionais.

Quando a palavra não pode,
traduzir a dor da gente,
então a lágrima acode
e diz tudo quanto sente.

Escutemos, a seguir, outro trabalho trovadoresco do imaginoso poeta, vencedor do 1.º lugar, entre 20 mil trovas concorrentes, no Concurso promovido pela Casa do Poeta de São Paulo:

Quando eu morrer, algum dia,
leia-se em meu mausoléu:
— Todo seu bem foi Maria.
Foi ver Maria no céu.

Trazemos ainda uma trova detentora de 1.º lugar, nos Jogos Floriais Internacionais da UBT, secção de Niterói:

Alarga teus horizontes,
crê na Energia . . . na Luz.
Procura a Fonte das fontes,
o ser dos seres . . . Jesus.

O famoso trovador é também autor de uma trova magistral, que não participou de nenhum concurso trovadoresco, porém, pelo seu conteúdo e beleza filosófica, anda divulgada por numerosos jornais e revistas nacionais e internacionais:

O Mártir da Galiléa,
esta verdade traduz:
Não morre nunca uma idéia,
mesmo pregada na cruz.

E esta outra, que conseguiu também, 1.º lugar no Concurso Jubileu, da União de Trovadores Brasileiros:

Tenho a certeza, Jesus:
— Quem perdoa a ingratidão,
aumenta os degraus da luz,
na escada da perfeição.

Pesquisando-se a obra de Luís Rabelo, chega-se à conclusão de que as suas rimas têm uma acentuada tendência para o misticismo, pois, em grande número, as suas trovas se encaminham, com freqüência em direção ao céu, a Deus, a Maria e a Jesus. E faz muito bem o querido troveiro, pois uma cantiga popular, muito em voga, afirma: — “Quem anda com Jesus Cristo não tem medo de as-sombração” . . .

NA ENCRUZILHADA DA ARTE

Mas, senhores, deixemos a trova, setor principal da arte do mestre, para penetrarmos em outra faceta, percorrendo outra encruzilhada artística, no campo ubertoso do soneto, no qual Luís Rabelo não se sente menor nem menos imaginoso.

Trago-vos, Senhoras e senhores, para amostra, entre outros de igual valor e de igual beleza, o bem elaborado soneto, que ele intitulou —

NOTURNO EM PONTA NEGRA

Desertas, praias, solidões marinhas,
póidas pelos anos e os segredos
de morras sombras, de fatias penedos,
cantando, ao mar, estranhas ladainhas . . .

Desertas praias, de naufrágios tredos,
túmulos da silentes andorinhas,
jazendo, além, nas divisórias linhas,
onde hipocampos ressucitam medos. . .

Orlas do mundo, pouso dos sargaços.
Gritos de brancas luas, nos espaços,
onde as noites são lívidas rainhas.

Dunas de bronze, choro das areias,
eterno soluçar de marés cheias,
desertas praias, solidões marinhas.

SAUDAÇÃO E LOUVOR

Acadêmico Luís de Carvalho Rabelo: A Academia Norte-Rio-Grandense de Letras cumulou-me com a honra da escolha do meu nome para recepcionar-vos e saudar-vos nesta memorável noite de vossa posse, na Cadeira n.º 25, que tinha como ocupante, o ilustre e saudoso imortal Floriano Cavalcanti de Albuquerque que, em vida foi, sem dúvida, um escafandrista mágico das profundezas da alma humana e viveu, convertendo em belezas, as fecundas florações de cultura que lhe engrinaldavam o espírito e o tornaram credenciado a merecer novas palmas de acanto para ornamentarem a sua consagrada coroa, já tão brilhantemente enriquecida, com os grandes triunfos conquistados, no campo amplo e claro dos seus doutos pronunciamentos jurídicos, na Colênda Corte de Justiça do nosso Estado.

É, pois, com a maior emoção e o mais justificado envaidecimento, que me desincumbo desta enobrecente outorga, que é tanto maior e mais honrosa, quanto sabemos que, na vossa pessoa, saudamos um dos mais brilhantes intelectuais de vossa vitoriosa e pujante geração.

AGRADECIMENTO (*)

Manoel Cavalcanti de Albuquerque

Sinto-me sobejamente honrado em ocupar pela primeira vez a tribuna desta entidade cultural de nossa terra, onde tenho muitas vezes assistido e ouvido conferências e discursos de ilustres intelectuais conterrâneos.

Honra-me, nesta hora, ser o intérprete de agradecimento da família do meu primo e amigo, Desembargador Floriano Cavalcanti de Albuquerque, nesta homenagem póstuma que lhe é prestada com especial carinho.

Quando foi bondosamente convidado pelo meu prezado primo Emmanuel para proferir este agradecimento, embora me faltando predicados necessários, não pude fugir e logo aceitei a incumbência, porque senti que mais alto que tudo falava a amizade e a confiança em mim depositadas, por parte de seus dignos familiares.

A família aqui presente, unvida de um profundo sentimento de gratidão, agradece genuflexa, através de minhas palavras, ao ilustre orador, Dr. Otto de Brito Guerra, à Direção desta Casa de cultura e a todos os seus dignos membros, tão brilhante homenagem prestada à memória daquele que foi seu grande chefe e que a todos deixou um exemplo perfeito de dignidade na mais legítima expressão da palavra.

(*) — Discurso pronunciado por ocasião da homenagem ao Acadêmico Floriano Cavalcanti de Albuquerque, na Academia Norte-Rio-grandense de Letras, na sessão de 16 de dezembro de 1974.

Embora a minha missão seja de agradecer, não posso deixar de tecer mais alguns comentários em torno da vida do inolvidável desaparecido.

Fora ele paraninfo da 5.^a turma de bacharéis da Faculdade de Direito da Universidade do Rio Grande do Norte, conforme já dissera o orador (Turma da Paz), tendo proferido um brilhante discurso.

Desde os nove anos de idade se tornara um verdadeiro apaixonado pela Filatelia.

Como todo homem, ele tivera um destino a cumprir. Seu legítimo itinerário seria Belém-Natal. Sua vida, desde a juventude, fora inteiramente dedicada à nossa querida cidade onde formara o seu caráter e a cuja terra tanto amara e servira. Aqui iniciara os seus estudos. Aqui ensinara, julgara e espalhara as luzes do seu elevado espírito, de sua privilegiada inteligência, e os frutos da cultura que possuía, como brilhante e estudioso que era.

Toda sua vida fora pautada numa filosofia sadia e pura cuja reafirmação saíra de seus próprios lábios em ligeira entrevista que concedera ao jovem Benito Maia Barros, minutos antes de ser acometido do derrame que o levaria à morte.

Merece louvor esse jovem que teve a magnífica idéia de entrevistá-lo. Para os que crêem na imortalidade, existe apenas uma transição da vida material para a espiritual e divina. Estou certo, fundamentado no que li, que os que já passaram desaparecendo do nosso convívio, estão sempre a nos olhar e proteger.

Devo esclarecer que vi in-loco a biblioteca de Floriano Cavalcanti de Albuquerque, com mais de dez mil volumes, quase todos encadernados, sendo cerca de 25% desses volumes em língua francesa. São 22 estantes grandes de assuntos diversos, assim discriminados:

Direito	— 4 estantes
Filosofia	— 2 "
Romances	— 2 "
Sociologia	— 1 estante
Economia	— 1 "
Pedagogia	— 1 "
História	— 1 "
Religião	— 1 "
Medicina	— 1 "
Brasiliana	— 1 "
Biografias	— 1 "
Crítica Literária	— 1 "
Estatística	— 1 "
Didática	— 1 "
Política	— 1 "

Coleções de Selos — Mais de 100.000 selos distribuídos em 26 álbuns grandes. Doze caixas de duplicatas, abrangendo a coleção de selos, brasileiros, coleção quase completa e Selos universais (comuns, comemorativos e temáticos).

Arquivo — Quatro pastas grossas, contendo discursos, inclusive da campanha política de 1946 a 1947.

— Três trabalhos, em pastas grossas, inéditos.

— Duas pastas contendo cartas familiares.

— Duas pastas contendo mensagens de pesar.

— Uma pasta contendo necrológio (com notícias de sua morte).

— Quatro pastas contendo reportagens.

— Três álbuns contendo fotografias suas e um livro de assinaturas de pessoas que compareceram ao sepultamento e ofícios fúnebres 7.º e 30.º dias e 1.º aniversário de sua morte).

— Três pastas grossas com escrituras, pagamentos de impostos prediais, imposto de renda, título e certidões.

Devo ressaltar na oportunidade, a colaboração prestada pela sua querida filha Miriam, para que assim satisfizesse os seus desejos e desse a tudo uma boa organização.

Depois deste relato feito perante esta seleta assistência, venho agora, finalizando em nome da família, agradecer a todos que vieram abrilhantar com as suas presenças esta solenidade, bem assim render, com especial estima, o mais sincero preito de admiração e respeito à memória do ilustre magistrado.

Aos dignos membros desta Academia, a confiança e a certeza de que eles saberão sempre manter os firmes propósitos de reviver, entre nós, a memória dos nossos maiores, aqueles que tanto souberam amar e servir a esta terra e ao nosso querido Brasil.

SAUDAÇÃO A RAIMUNDO NONATO FERNANDES

VERÍSSIMO DE MELO

Regozija-se a Academia Norte-Rio-Grandense de Letras com a posse, nesta noite, do acadêmico Raimundo Nonato Fernandes.

Faz alguns anos, quando a instituição deliberou ampliar o número de trinta para quarenta cadeiras, padronizando-se à sua congênera nacional, o nome de Raimundo Nonato Fernandes foi espontaneamente lembrado e arrolado entre os dez novos acadêmicos escolhidos pela própria Academia. Ele não se candidatou. Jamais insinuou o seu possível ingresso nesta Casa. A Academia é que foi lá fora selecioná-lo, entre os nomes que poderiam dignificar a instituição. Cremos que só este fato seria suficiente para dar a medida do alto conceito que o novo acadêmico desfruta neste cenáculo, onde os seus méritos já foram reconhecidos e proclamados unanimemente. Aceitando a escolha, — e por ser uma nova cadeira, — ele próprio indicou o seu patrono, fixando-se no nome de Damasceno Bezerra, excelente poeta e jornalista do passado, com o qual conviveu durante a sua temporada como redator de “A República”.

Há dois aspectos igualmente importantes na formação e afirmação de Raimundo Nonato Fernandes na vida cultural da Província. Em primeiro lugar, o crítico literário, que surgiu auspiciosamente através das páginas de “A República”, apesar de sua juventude. Posteriormente, o advogado, o professor universitário, o jurista, o procurador jurídico do Estado, toda uma linha de atividades vinculadas ao estudo do Direito e à prática elevada da distribuição da Justiça entre nós.

Inicia-se na vida pública de nossa terra ainda ao tempo em

que era estudante de Direito no Recife. Como redator de "A república", Raimundo Nonato Fernandes publica uma série de artigos e ensaios sobre temas literários e sociológicos. Analisando penetrantemente a personagem de Conrad, Lord Jim, por exemplo, -- ou discorrendo com proficiência sobre a atualidade da obra máxima de Euclides da Cunha, "OS SERTÕES", num e noutro ensaios ele já se destaca e brilha como escritor e crítico, debatendo idéias e firmando-se em face de pontos de vista lúcidos e corajosos. Ao mesmo tempo em que se enriquecia culturalmente, exercia trabalho seletivo de idéias que mais tarde se consolidariam no advogado e jurista de hoje. A prática da literatura, o manuseio de autores consagrados, as observações críticas em torno de escritores europeus que aqui nos chegavam, em traduções, pela primeira vez, foram atividades paralelas de incontestável relevância na formação do estudante Raimundo Nonato Fernandes.

O que ele fazia àquela época, por intuição e inteligência, é o que hoje se convencionou chamar de atividade de extensão universitária, incursionando sobre outras áreas do conhecimento, visando conquistar horizonte cultural bem mais vasto do que aquele que poderia obter apenas com a conclusão do seu curso de Direito.

Permitimo-nos, aqui, oferecer depoimento sobre trabalhos jurídicos de Raimundo Nonato Fernandes que jamais chegaram ou chegarão ao domínio público, — suas petições iniciais, contestações, embargos, — porque constaram ou constam apenas de processos, surgindo e desaparecendo com eles na poeira dos arquivos dos cartórios. Como modesto juiz municipal de Natal, durante mais de dez anos, tivemos o privilégio de ler e estudar várias petições e razões redigidas por Raimundo Nonato Fernandes. Todas elas estavam elaboradas no melhor vernáculo, sempre a boa forma literária, revestindo o conteúdo jurídico ao lado do fato que defendia ou refutava com argumentação segura, face a mais autorizada jurisprudência. O aprendizado do jovem jornalista foi assim instrumento salutar e do maior proveito ao futuro jurista. Aliás, o jornalismo como escola, — sabem todos, — tem revelado a maioria dos valores intelectuais de nossa terra, muitos deles integrando hoje a Academia Norte-Rio-Grandense de Letras.

Concluído o seu curso jurídico no Recife, em 1944, Raimundo Nonato Fernandes desenvolve atividades em múltiplos setores da vida pública, ganhando experiência e aperfeiçoamento conhecimentos. Adjunto de Promotor no Ceará-Mirim, Assistente-Chefe do Serviço de Reeducação e Assistência Social do Estado, Procurador Judicial de várias instituições, vereador à Câmara Municipal de Natal, Secretário de Negócios Internos e Jurídicos da Prefeitura de Natal, 1.º Consultor Jurídico do Estado, chefe do sub-gabinete da Presidência da República também no Estado, membro do Conselho Penitenciário, todas essas atividades se alternavam com as funções de professor de português e de direito na Escola Normal, na Escola de Serviço Social, e

mais tarde nas cátedras de Teoria Geral do Estado, Ciência das Finanças, Direito Constitucional e Introdução à Ciência do Direito na Faculdade de Direito da nossa Universidade. Somem-se àqueles trabalhos o atendimento diuturno em seu escritório de advocacia, a vivência no Forum e nos tribunais, ainda lhe sobrando tempo para concluir o curso de inglês na Sociedade Cultural Brasil-Estados Unidos e o curso superior de francês através da Aliança Francesa de Natal.

A repercussão de parte dos trabalhos jurídicos de Raimundo Nonato Fernandes não se limitou, contudo, ao círculo restrito da vida forense norte-rio-grandense. Ecoou nos tribunais mais altos do país, sendo acatados e louvados muitos dos seus pontos de vista em decisões da maior significação no plano das discussões jurídicas nacionais. Sendo hoje uma das nossas competências em direito administrativo, ele não se descurou de outros campos do Direito, onde também se afirma autoridade respeitável entre os cultores da ciência jurídica no país.

Alguns dos seus trabalhos publicados, entre conferências e ensaios, atestam, pelos próprios títulos, suas preocupações intelectuais mais agudas, como "AMARO CAVALCANTI E OS PROBLEMAS DO DIREITO E DA POLÍTICA"; "OS ALCOÓLATRAS EM FÁCE DO DIREITO PENAL"; "OS SERTÕES E A QUESTÃO SOCIAL"; "AS TRANSFORMAÇÕES DO DIREITO NO ÚLTIMO SÉCULO"; "ASPECTOS DA EDUCAÇÃO DA MULHER NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA"; "AS NOVAS TÉCNICAS DO DIREITO PÚBLICO"; "CONTROLE JURISDICIONAL DO PODER LEGISLATIVO"; "O PROBLEMA DA SIMPLIFICAÇÃO DO PROCESSO LEGISLATIVO"; "A FUNÇÃO MILITAR E A VIDA CIVIL"; "JUSTIÇA E IDEOLOGIA", "CLÁUSULA PENAL" e muitos outros.

Modesto sempre, recatado, alheio às futilidades da vida social, — presente contudo aos nossos estádios de futebol e até mesmo dando a sua parcela de trabalho ao tribunal esportivo, — Raimundo Nonato Fernandes é o que se pode chamar, sem favor, um homem de sua família e do seu mundo de trabalho. Ele constrói uma obra, no dia a dia de sua dura tarefa de advogado e professor. Ele edifica uma existência exemplar, nobre pelas finalidades que tem atingido e persegue até agora, — singela, simples, descontraída pela sua maneira de ser, sua filosofia de vida.

A quem tanto tem pleiteado Justiça para os outros, a Academia prestou o seu reconhecimento público e lhe fez também justiça, elegendo-o espontaneamente para o seu quadro. As instituições não valem apenas pelos objetivos que pretendem atingir, por mais puros que eles sejam, mas igualmente pelos homens que as integram, animam e valorizam sua vida associativa. Com uma única exceção, pela sua fragilidade, já se vê, — aqui estiveram e estão homens de pensamento e de ação que têm dado contribuição ponderável à vida inte-

lectual ou política do Rio Grande do Norte. Não apenas jornalistas, escritores ou poetas, mas ainda valores de outras áreas humanas também relevantes em termos de comunidade, como o músico, o artista plástico, o médico, o professor, o militar, o sacerdote, o chefe político, o estadista, o advogado. A Academia há — de ser sempre uma constelação de valores da terra, ou dos que aqui viveram ou vivem e nos trouxeram a sua generosa parcela de serviços.

Pedimos vênia para lembrar irreverente revelação do romanista José Lins do Rego, que tem estreitas relações, no bom sentido, com a posse, esta noite, do acadêmico Raimundo Nonato Fernandes. Ao empossar-se a 15 de dezembro de 1956 em sua cadeira na Academia Brasileira de Letras, o escritor José Lins do Rego quebrou o protocolo e não pronunciou o elogio de praxe do seu antecessor dr. Ataulfo de Paiva. Sobre ele disse apenas estas palavras: “Chegou ao Supremo Tribunal Federal sem ter sido um juiz sábio, e à Academia sem nunca ter gostado de um poema”. Do acadêmico Raimundo Nonato Fernandes pode afirmar-se exatamente o contrário: Ele tem chegado inúmeras vezes ao Supremo Tribunal Federal como sábio advogado, pelas suas teses ali apreciadas e julgadas favoravelmente por unanimidade. E demonstra que sempre gostou de poemas, — o que é prova de bom gosto e sensibilidade, — ao escolher como seu patrono um poeta da categoria de Damasceno Bezerra, do qual nos fez o notável elogio que acabamos de ouvir.

Na noite festiva de sua posse na cadeira n.º 39, queremos saudar efusivamente no antigo redator de redação de “A República”, o hoje eminente jurista e professor universitário, acadêmico Raimundo Nonato Fernandes, expressão de cultura do mais alto nível e que honra não apenas esta Academia, mas ao Rio Grande do Norte e ao Brasil dos nossos dias.

Bem-vindo seja à nossa Casa, Acadêmico Raimundo Nonato Fernandes.

(Natal, 30.6.1976)

DAMASCENO BEZERRA, POETA E BOÊMIO

RAIMUNDO NONATO FERNANDES

A 1.º de janeiro de 1937, com 19 anos de idade, ingressava eu, como repórter-revisor, na redação do jornal “A República”, então, como ainda hoje, editado conjuntamente com o “Diário Oficial” do Estado. O velho jornal, a essa época dirigido pelo grande jornalista e escritor EDGAR BARBOSA, membro desta Academia, continuava a ser, como o fora até então e ainda o seria por muitos anos adiante, o mais importante centro de formação cultural da Capital do Estado, como escola de jornalismo e veículo de divulgação literária. Foi, sem dúvida, através dele, mais do que do trabalho de editoras, que a literatura da terra veio a público, e para isso aquele ilustre diretor destinava, regularmente, uma de suas páginas dominicais. Não se desconhee, evidentemente, a contribuição de outros periódicos, mas nenhum deles teve a regularidade e a continuidade de “A República”.

Ali fui encontrar, durante essa minha curta experiência jornalística, terminada sob a direção do velho jornalista ELOY DE SOUZA, em junho de 1939, alguns jovens da minha geração: Rivaldo Pinheiro, João Augusto Seabra de Melo, Paulo Pereira da Luz, Rômulo Wanderley, José Batista Emerenciano, Jessé Pinto Freire, Manoel Onofre de Souza. Na secretaria do jornal, poucos anos à frente de nós, o jornalista Waldemar Araújo, iniciador de várias gerações de “focas” que por ali passaram. A todos ele ensinou, com objetividade e senso prático, a técnica bem jornalística de dizer muito em poucas palavras, com a linguagem direta e simples recomendada por LA BRUYÈRE, em frase que tantas vezes

ouvi do jornalista ANIBAL FERNANDES, meu professor de literatura no Ginásio Pernambucano: "Si vous voulez dire il pleut, dites seulement il pleut".

Assinale-se, de passagem, que, a esse tempo, havia da parte dos jovens um certo interesse por assuntos de literatura e arte. Tinha-se, então, mais do que hoje, o salutar hábito de ler, embora o acesso ao livro fosse muito mais difícil, seja pela ausência de bibliotecas públicas, seja porque o dinheiro era escasso para sua aquisição, privilégio de uns poucos. Recorria-se, por isso, à permuta e ao empréstimo entre amigos. Recordo-me, por exemplo, de que foi por esse processo que consegui ler, graças ao meu falecido e saudoso amigo Francisco Pignataro Filho, os seis primeiros volumes das histórias de Tarzan, o rei das selvas, conhecida criação de EDGAR RICE BORROUGHS. Lia-se de tudo e desordenadamente: desde as revistas "O Malho", "A Careta" e "O Tico-Tico" (esta, já então, com histórias em quadrinhos), até as histórias policiais de CONAN DOYLE, EDGAR WALLACE e NICK CARTER, as aventuras marítimas narradas por JACK LONDON, EMILIO SALGARI e ROBERT LOUIS STEVENSON, a ficção científica de JÚLIO VERNE, as histórias de terror de EDGAR POE, os romances naturalistas de ZOLA, BALZAC e EÇA DE QUEIROZ, ou os romances piegas de M. DELLI, os dramas humanos de DICKENS e TOLSTÓI, as tragédias de DOSTOIEVSKY, os paradoxos de CHESTERTON e OSCAR WILDE, a poesia de GONÇALVES DIAS, CASTRO ALVES, ALVARES DE AZEVEDO, OLAVO BILAC, AUGUSTO DOS ANJOS, RAUL DE LEONI, HERMES FONTES, etc.

Nesse ambiente eu era um iniciado bisonho, mas, ainda assim, com uma pretensão nada modesta: a de fazer poesia. Coisas que nos acontecem na adolescência, quando a imaginação, como dizia CHESTERTON, se esforça por enfiar nossa cabeça no céu, ao contrário da lógica, que quer trazer o céu para dentro da cabeça. Na verdade eu não era um poeta, apenas fazia versos. Por isso mesmo, bem cedo o bom senso me chamou à realidade, fazendo-me perceber que, para a literatura, mais vale uma boa autocrítica do que toda uma bagagem literária de mau gosto. Assim, não só o aspirante a poeta mas, de um modo geral, o literato que eu pretendi ser, naquela fase de definição vocacional, acabou cedendo o lugar a um frio profissional da lei, que tal é, há mais de trinta anos, o que diuturnamente faço com o meu diploma de advogado.

Esta introdução era necessária, seja para situar no tempo as minhas relações com o cidadão e poeta ANTONIO DAMASCENO BEZERRA, ou simplesmente DAMASCENO BEZERRA, como ficou conhecido, seja para explicar as razões que me levaram a escolhê-lo como meu patrono, nesta Academia. É que ele foi, também, um dos meus companheiros de rdeação, em "A República", naqueles idos

de 1937 a 1939. Era, precisamente, o mais velho de todos nós; nascido a 22 de setembro de 1901, segundo ANTÍDIO DE AZEVEDO (discurso em nome de OTONIEL MENEZES, na Academia Potiguar de Letras, a 20.04.55), ou 1902, segundo GUMERCINDO SARAIVA (estudo em "Tribuna do Norte", de 03.06.73), estava, em 1937, em vias de completar 35 ou 36 anos. Parecia, porém, muito mais idoso, como se já estivesse, por exemplo, na casa dos cinquenta, e isto era conseqüência, certamente, não só de sua vida boêmia, sob o permanente efeito de bebidas alcoólicas, como das precárias condições de sua economia doméstica, que o obrigavam a viver mal alimentado e mal vestido.

Guardo bem nítidas a sua imagem e as impressões que sua personalidade deixou no meu espírito de adolescente. Alto e esguio, caminhava com o corpo esticado para trás, como se em marcha militar, as pernas bem tesas, pisando duro. Atencioso e bem-humorado, tinha, porém, um espírito irônico e franco, principalmente em matéria de julgamento literário. Situado ao nível dos poetas mais conhecidos e prestigiados da época, como OTONIEL MENEZES, PALMIRA, CAROLINA e JAYME WANDERLEY, EDINOR AVELINO, RENATO CALDAS e outros, era às vezes consultado por autores jovens, mas nunca hesitou em dizer a verdade sobre um mau poema, sem a preocupação do falso estímulo. Eu mesmo experimentei a decepção desse tipo de julgamento, e, se na época isto me deixou ressentido, mais tarde reconheci que foi um serviço por ele prestado à literatura, em nome do bom gosto, e a mim próprio, em nome do bom senso.

Sua presença em "A República" vinha de 1929. Para ali fora levado pela mão do Governador Juvenal Lamartine (ver estudo de GUMERCINDO SARAIVA), um governante esclarecido, que se preocupava com o estímulo aos intelectuais da terra. Mas trabalhou, também, no jornal político "A Razão", mantido pelos partidários de Lamartine e José Augusto Bezerra de Medeiros, líderes do movimento perrequista no Estado, enfrentando os liberais da Revolução de 1930. Na campanha que se travou para as eleições de 1935, destinadas a eliminar o regime de intervenção federal, implantado por aquela Revolução, esse jornal oposicionista foi mais de uma vez empastelado pela Polícia. DAMASCENO BEZERRA testemunhou algumas dessas violências, que também punham em risco a vida das pessoas, mas, embora não fosse nenhum herói de capa e espada, nem nenhum jagunço mau-caráter, não abandonou o seu posto, nem pulou pela janela. Foram aqueles, aliás, tempos de muita bravura e coragem, em que muito se lutou pela liberdade política no Estado, como o demonstra EDGAR BARBOSA em seu livro "História de uma Campanha". Mas, bravura e coragem da oposição, que a cada violência sofrida voltava, sempre, no dia seguinte, com ardor redobrado. Fizeram época, a essa propósito, os artigos vigo-

rosos de BRUNO PEREIRA, em português castiço e candente, e de ELOY DE SOUZA, habilíssimo manipulador da linguagem política.

Mas essa atividade jornalística foi um acidente na vida de DAMASCENO BEZERRA, do ponto de vista de sua realização pessoal. Servia, apenas, para assegurar-lhe os meios de subsistência. O que ele era mesmo era um poeta. Poeta e boêmio, total e exclusivamente. A sua própria atividade poética era tão dispersiva e desordenada quanto a sua boemia: os versos eram escritos em qualquer lugar, geralmente na redação dos jornais ou em bares e botequins de má fama, como, dentre outros, o "Passo da Pátria", o "Tatajubeira" e o "Mangueira do Alecrim", citados por GUMERCINDO SARAIVA. O autor nunca se empenhou seriamente em guardar esses versos para a posteridade, pois, embora tenha chegado a anunciar a existência de um livro prestes 'a sair', segundo observação inserida abaixo do poema "Dias de Sol", que daria o título a esse livro, nunca chegou a fazê-lo. Informa GUMERCINDO SARAIVA que, em 1945, ele lhe pedira ajuda para publicar outro livro, denominado "Terra Encantada", confessando ser apenas parte de sua obra, pois não tinha tempo para procurar dezenas de poemas divulgados por jornais que se perderam através dos tempos. E acabou sem publicar mais esse, manifestando GUMERCINDO a convicção de que ele jamais desejara fazê-lo.

Esse mesmo estudioso da obra de DAMASCENO BEZERRA relaciona os vários periódicos de que ele se utilizou para a divulgação de seus poemas: "O Prego", em 1914, "O Garoto", em 1915, "O Olofote", em 1918, o "Fon-Fon", em 1920, o "O Trovador", em 1924, o "Diário de Natal", importante jornal católico da década de 20, "A República" e a revista "A Cigarra", a partir de 1929, o jornal "O Gráfico" e a revista "Milho Verde", em 1939. Nota-se, pois, que suas criações poéticas começaram muito cedo, entre os 12 e 13 anos de idade, e, sabendo-se que ele faleceu a 14 de outubro de 1947, concluí-se que sua atividade literária abrange um período de 33 anos. Entretanto, toda a produção que se conhece, em alguns casos apenas pelo título do poema, guardado pela memória ou mencionado em trabalho escrito de algum admirador, consiste em 14 sonetos, 04 poemas em versos de ritmo diversificado, 06 quadras e a letra de uma antiga modinha, intitulada "Encantos da Boemia", musicada por Olavo Botelho, por volta de 1924 (ver GUMERCINDO SARAIVA).

Final, de que espécie é a poesia de DAMASCENO BEZERRA? Um poeta lírico, sem dúvida, como líricos são todos os boêmios. "Lírico delicioso, sem rival entre todos", assim o julgava o seu contemporâneo e também grande poeta lírico, OTONIEL MENEZES (estudo sobre Ferreira Itajubá, na "Revista da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras", 1970). Marcada pela influência

de OLAVO BILAC, a poética de DAMASCENO BEZERRA afina com o bom estilo parnasiano. Sua rima é em geral fácil e simples, sem artifícios vocabulares, fluindo com a naturalidade das criações espontâneas, como partos sem dor. Recordo-me de que o vi, certa vez, na redação de "A República", escrever um soneto — "O Riacho", que saiu limpo e escorreito como se tivesse sido reproduzido de memória, mas hoje está, infelizmente, perdido nas páginas do jornal, lá para os idos de 1938.

Mas, nesse lirismo, não é freqüência a presença da mulher, embora seja ela o tema de um dos seus melhores poemas — o soneto "Insaciável" —, que termina com estas duas belas estrofes:

"Vamos amar, agora, que me queres!
Esquece tudo e todos nos meus braços,
Quase cansados de enlaçar mulheres. . .

Que eu sinta em ti o aroma dessas flores,
que colhi, e o calor desses regaços,
onde, dez vezes dez, morri de amores".

Entretanto, em três excelentes quadrinhas é ela duramente julgada:

"Por hábito a mulher mente
E em tudo se contradiz:
— Sente e não diz o que sente.
— Diz e não sente o que diz.

Que os santos são imperfeitos,
Afirmo (e não sou incrêú).
E a causa dos seus defeitos
É haver mulheres no céu.

Não pense assim quem quiser,
Que eu penso desta maneira:
Tão pouco vale a mulher
Que Deus não tem companheira".

O tema do amor aparece, ainda, no soneto "Versos a uma Freira", sob a forma de um incitamento profano aos que o sacrificam em nome da castidade:

"Nascestes para o amor, para o deslumbramento
Em que ele faz viver mundos e gerações.
Tens — o teu olhar o diz — o espírito sedento
De liberdade e sol, de gozos e emoções.

Sei que buscsa em vão, no teu recolhimento,
Este mundo esquecer, fugir-lhe às tentações.
Ah! Que longa e sombria é a noite do convento
Para o teu pobre corpo exausto de orações!"

Algumas imagens e impressões da natureza são excelentemente descritas, como, por exemplo, no soneto "Lagoa de Extremoz":

"Serena, estanque, límpida, uniforme,
Sob o pálio da noite erma e tranqüila,
Sonhando lendas a lagoa dorme".

Apesar de, como boêmio, ser um personagem da noite, que é a hora das serestas, ele dizia não gostar das sombras, como nestas estrofes do soneto "Dias de Sol":

"Dias de sol! Quanto eu vos amo, quanto
Vosso fulgor me incita, me seduz
E penetra, espalhando vida e luz,
Da minha alma no mínimo recanto!"

"por isso, ó noites e manhãs sombrias,
Fujo de vós e exalço os claros dias,
A cantar, no esplendor da mocidade".

Da Justiça, no soneto "Verdade", sua conclusão é melancólica, porque, mesmo perante ela,

"O ouro transforma a lei e o poder tudo aplaca".

A inspiração de AUGUSTO DOS ANJOS aparece no soneto "Evolução", onde ele pergunta:

"Que forma tomará meu pobre corpo, quando
A alma que nele vive abandonar o abrigo
E, as sombras do segredo eterno penetrando,
Noutros mundos buscar seu prêmio ou seu castigo"?

E responde:

"Lama e pó, como sou, hei de cumprir o artigo
Da Lei que rege a morte, à lama e ao pó voltando,
E, no ventre da terra, há de se dar comigo
O que se dá com todo animal miserando.

Depois de atravessar da corrupção as fases,
Dará vida a milhões de outros seres ou cousas
O meu ser, transmudado em líquidos e gases”.

Algumas quadrinhas que ficaram na memória popular, no melhor estilo do gênero :

“Parece peta, parece
Mas é verdade patente,
Que a gente nunca se esquece
De quem se esquece da gente”.

“Comigo é bem diferente,
Comigo a cousa é assim:
Eu me esqueço de repente,
De quem se esquece de mim”.

“Na calma que me rodeia,
Amo a luz, amo a verdade,
E não troco a glória alheia
Pela minha liberdade”.

Muitas de suas quadras e trovas foram feitas de improviso, às vezes para pedir uma “chamada”, na mesa de um bar, como nesta, dirigida a ANTÍDIO DE AZEVEDO, a quem antes saudara com um soneto para pedir-lhe um empréstimo de dez mil réis:

“Caro Antídio de Azevedo,
Há tempos usaste fraque;
Antídio não é segredo:
Manda me dar um conhaque”.

É claro que a poesia de DAMASCENO BEZERRA já não impressiona, hoje, com a mesma força que a fez compreendida e admirada pelos seus contemporâneos. É que, como disse recentemente JOÃO CABRAL DE MELO NETO, em conferência na Universidade Federal do Rio Grande do Norte, a poesia evoluiu. A existência das escolas e correntes literárias bem o comprova. Isto não significa que a evolução se dê, sempre, para o melhor no sentido de uma perfeição progressiva, nem que as criações do passado devam ser desprezadas, simplesmente porque inspiradas em outras concepções estéticas. O que ocorre é que a literatura e a arte, em certos momentos da história, adotam novas técnicas de elaboração e passam a ser julgadas segundo novos critérios de valor. Daí ser preciso avaliar cada corrente ou escola em função de sua época e dos

valores estéticos então aceitos. Nisso consiste a principal tarefa da história literária: situar no seu tempo as criações artísticas e descobrir como as julgaram os seus contemporâneos.

Por essa razão é que, para melhor entender a poesia de DAMASCENO BEZERRA, procurei transportar-me àquela fase de sua existência em que pode acompanhar, ao vivo, sua atividade poética. Dir-se-ia que esse reencontro no tempo acabaria trazendo, para o meu julgamento, o fator emocional, pelo acervo de lembranças afetivas que ele desperta. Mas, quem pode julgar um poeta de forma isenta, livre das pressões da sensibilidade? Quem pode fazê-lo, sem amar a poesia? Por isso é que FERNANDO PESSOA podia dizer a WALT WHITMAN, saudando-o:

“Não sou indigno de ti, bem o sabes, Walt,
Não sou indigno de ti, basta saudar-te para o não ser. . .

JUVENAL ANTUNES (*)

EDINOR AVELINO

Não vos vejo, amigos. Vivo experimentando a “solidão dos morros”, a que se referia Itajubá. A angústia da cegueira, por via da grave, rude e dolorosa antecipação, a sentir, e humanamente, tentei exprimi-la:

O CEGO

Sabe que, perto, a vida espande, cheia
de luz e cor, de graça, festa e encanto.
Sabe que é um ser misérrimo, entretanto,
na tenebrosa senda em que tateia.

Embora rogue ao céu clemente e santo,
uma esmola de luz, da luz que anseia,
a mesma treva torturante e feia,
diantes dos olhos, sente, em todo canto.

O sonho de enxergar — nele perdura.
Pensa numa miragem fugidia,
que perpassa na sua desventura.

Coitado! nada vê, nada aprecia,
e da existência pela noite escura,
em vão espera que desponte o dia.

(*) — Discurso de posse de Edinor Avelino, lido por seu filho, Advogado e Poeta Gilberto Avelino, na sessão de 22 de maio de 1975.

Domina-me, inclusive, uma conjuração de males que me persegue a vida.

Todavia, a vossa generosidade, Srs. Acadêmicos, houve por bem em propiciar ao meu espírito — vocacionalmente à simplicidade afeito, a grandeza maior desta noite.

Por não não mais ver, resta-me edificar uma ponte luminosa entre o meu e o coração de cada um de vós, levando, afinal, a permanente mensagem da minha profissão de fé:

REVELANDO-ME

No vário turbilhão dos homens todos, venho
com esta fé imortal de ser, sempre, direito.
Por vilezas subir, se é preciso, o rejeito,
ainda que me seja o mundo mais ferrenho.

Doutrino a dignidade a que me torno afeito,
no empenho de vencer, neste espontâneo empenho.
E se pensando, assim, coisa alguma eu obtenho,
apraz-me obedecer a um salutar preceito.

Vós outros que me olhais, às vezes, no tumulto
das ruas, pensativo, humilde, esquivo e magro,
um nobre coração, sabeí que, em mim, oculto,

que, sereno, a abençoar este viver tão agro,
só às forças do bem sirvo e presto o meu culto
e à glória da poesia eterna me consagro.

Agradeço, portanto, à Academia a bondade inexecedível de haver-me colocado entre os seus nobres pares, ocupando a Cadeira n.º 35, que tem, na qualidade de Patrono, o insigne JUVENAL ANTUNES.

O PATRONO —

Poeta por excelência. Admirável figura de espadachim romântico e irreverente. Exímio construtor de lirismo fino e brando, e ágil artífice de notáveis epigramas.

Pela arte da sátira, que cultivava com singular talento, não haveria exagero em dizer-se que Juvenal Antunes foi, entre nós, o nosso Emílio de Menezes.

Patrono e Fundador não se renderam jamais à advertência, contida no meu soneto.

SOLILÓQUIO

Horas inteiras, como um doido, cismo.
Diz-me a razão, em sua sã doutrina:
Edinor, a tristeza te alucina,
basta de madrigais, de romantismo.

A vida é toda de utilitarismo.
Segue a lei que, no mundo, predomina,
do contrário terás a tua ruína.
Escuta a minha voz, jamais sofismo.

Não! Repudio o bem deste conselho
e abençoô a atração que determina
o culto, no favor do qual me ajoelho.

Não descerei da torre do idealismo.
Mas, refletindo sobre a minha sina,
horas inteiras, como um doido, cismo.

Ainda, Patrono e Fundador diríamos, hoje, juntos, o meu

PREDESTINAÇÃO

Em busca da beleza, os poetas fazem, pelas
plagas do sonho augusto, o seu itinerário,
na predestinação, no ideal de percorrê-las,
peregrinando, além do mundo tumultuário.

Nas coisas meditando, absortos, no cenário
da vida universal, para, melhor, dizê-las,
quando é preciso, vão, num vôo extraordinário,
à altura iluminada e excelsa das estrelas.

Entretanto, os alveja o ódio, a inveja inconsciente.
E para crer num gênio estranho que os vigia
e, sempre, os acompanha e os leva, rudemente,

da desventura para o fundo e escuro pego,
basta lembrar que, entoando a eterna melodia,
Camões tem fome, Tasso é louco e Milton cego.

A sensibilidade de Veríssimo de Mélo nos diz, sobre Juvenal Antunes — em “Patronos e Acadêmicos”:

“Era homem de repente fulminantes, epigramas ter-
ríveis, a propósito de tudo e de todos, deixando anedo-
tário delicioso nesse sentido.

Publicou apenas dois livros, que são considerados em nível muito inferior ao seu fabuloso talento. Foram eles “CISMAS” (1909 — Natal), e “ACREANAS” (1922 — Acre). Mas deixou inéditos, além de um livro “CARTAS À LAURA”, versos inumeráveis e cartas que dariam para encher vários outros volumes”.

E eis falando — formidável brado, o erudito Esmeraldo Siqueira, no seu “UM BOÊMIO INOLVIDÁVEL”:

“Não é de estarrecer e digno de lástima que ainda permaneça ignorado da maior parte do Brasil o nome de um poeta como este? Mesmo no pequeno Rio Grande do Norte, quantos conheciam bem Juvenal Antunes até antes de começarmos a fazer-lhe justiça?”

Ainda, Esmeraldo:

“Clamaremos, apesar de tudo. Lutaremos pela causa daquele que, inobstante descrente da glória, tanto lhe faz jus. Ele dissera em verso:

“Ninguém pode contar na humana lida
nem com um minuto, ao menos, do futuro”.

“Tudo morre, por mais que seja forte:
Morre o amor, morre a glória, morre tudo.
A vida é um pseudônimo da Morte”.

“A forma simples — acentua o consagrado Autor de “Caminhos Sonoros”, se lhe adpta sem esforço aos sentimentos e às idéias, com uma naturalidade que só os verdadeiros poetas possuem. Como a água corre da fonte, assim lhe brotava dalma a poesia”.

— “talvez tenhas razão... Também supponho
Meditando no nosso encantamento,
Que tudo neste mundo é simples sonho,
Que tudo passa, como passa o vento.

Esta felicidade de momento,
Este ambiente de calma e céu risonho,
Vem dar-me sempre a idéia, que afugenta.
De outro cenário, trágico e medonho.

Preparemos o espírito, querida,
Para o mudar desta feliz bonança
Na escura, na terrível tempestade...

Foi sempre assim, e assim será na vida:
Quimeras, ilusões, sonho, esperança.
Desenganos cruéis e realidade!"

E, pergunto-vos, quem haveria de resistir àquele "elogio" de sabor nitidamente chapliniano?

Escutai-o:

"ELOGIO DA PREGUIÇA"

Bendita sejam tu, preguiça amada,
Que não consentes que eu me ocupe em nada.
Mas, queiras tu, preguiça, ou tu não queiras,
Hei-de dizer, em verso, quatro asneiras.
Não permuto por toda a humana ciência
Esta minha honestíssima indolência.
Está na Bíblia esta doutrina sã:
Não te importes com o dia de amanhã.
Para mim, já é grande sacrifício
Ter de engolir o bolo alimentício.
Ó sábios! Dai à luz um novo invento:
A nutrição ser feita pelo vento.
Todo trabalho humano em que se encerra?
Em, na paz, preparar a luta, a guerra.
Dos tratados, e leis, e ordenações,
Zomba a jurisprudência dos canhões.
Juristas que queimais vossas pestanas,
Tudo o que legislais dá em pantanas,
Plantas a terra, lavrador? Trabalhas.
Cresce o teu filho; é forte, é belo, é louro.
Mais uma rez votada ao matadouro.
Pois, se assim é, se os homens são chacais.
Se preferem a guerra à doce paz,
Que arda depressa a colossal fogueira
E morra, assada, a humanidade inteira,
Não seria melhor que toda gente,
Em vez de trabalhar, fosse indolente?
Não seria melhor viver à sorte,
Se o fim do mundo é sempre o nada, a morte?
Queres riquezas, glórias e poder...

Para que, se amanhã tens de morrer?
Qual mãe feliz, o mísero sendeiro,
Sob o chicote e as pragas do cocheiro,
Ou seus antepassados que, selvagens,
Comiam livremente nas pastagens?
Do trabalho por serem tão amigas,
Não sei se são felizes as formigas.
Talvez o sejam mais, vivendo em farras,
As preguiçosas, pálidas cigarras.
Ó Laura! Tu te queixas que eu, farcista,
Ontem faltei à hora da entrevista,
E que ingrato, volúvel e traidor,
Troquei o teu amor por outro amor;
Ou que, receando a fúria marital,
Não quis pular o muro do quintal. . .
Que me não faças mais essa injustiça!
Se, ontem, não te fui ver, foi por preguiça.
Mas, Juvenal, estás a trabalhar!
Larga a caneta e vai dormir, sonhar. . .”

Cumpre-nos, por fim, refletir sobre a beleza desta verdade:

“Aqueles que amamos e que perdemos já não estão onde estavam, mas estão sempre onde estamos”.

Palavras à minha cidade —

Dentro da noite, escuto o vento, é o leste, o vento mais forte da minha cidade. E, pela voz do vento, levo o meu canto ao coração do meu povo — no centenário da cidade:

MACAU

A minha terra, calma e boa, trago-a
nas cismas de saudade em que ando atento,
contemplando-a com os olhos cheios d'água,
nos grandes vôos do meu pensamento.
É das mais ricas terras pequeninas,
apraz-me repetir, quando converso:
possui alvas e esplêndidas salinas,
as melhores salinas do universo.
Vejo as ruas compridas, os sobrados,
e em meio à nitidez do azul sidéreo,
saudando os horizontes afastados,
a alva torre do antigo presbitério.

Lembro-a nos dias belos e fagueiros,
com o seu ambiente ventilado e quieto.
entre papoulas, morros e coqueiros,
na singeleza mística do aspecto.
Lembro-lhe a enseada, o mangue, que pompeia,
um sugestivo ponto de abrigar,
a costa se alongando, o alvor da areia,
o velante farol de Alagamar!
Vejo as ribas, por onde, cismarento,
eu costumava demorar-me dantes,
cantando de lirismo e sentimento.
em frente das maretas escachoantes.
Com o anseio de partir, sedenamente,
por sobre as ondas turvas e bravias,
cheio do arrojo do meu sonho ardente,
das aventuras e das travessias,
eu demorava a meditar, no porto,
olhando as velas no afanoso tráfico,
como um piloto concentrado, absorto,
no abismamento do êxtase geográfico!
Plagas dos devaneios, a abençoá,
minha alma, em pobres versos comovidos.
Imagem do passado, ilusão boa,
enganosa ilusão dos meus sentidos.
Do que a beleza estética, o bulício,
a atração da mais linda capital,
sei que ao meu coração é mais propício
o seu recolhimento provincial.
Ilha do bom destino, fantasia,
rosa do litoral belo e risonho,
que, ao doce luar, desmaia e silencia,
espiritualizada para o sonho.
Conduzo-a na retina, por onde ande.
Macau, canção do meu amor, doce ária.
Meu sentimento que se tornou grande.
lá na tristeza da angra solitária.
Ninho embalado no rumor da brisa.
Terra de níveas garças e de moinhos.
Cidade nobre, que se prismatiza
entre miragens e painéis marinhos!
que, no amoroso amplexo, ao mar se estreita,
na imperturbável paz do seu viver,
sempre fidalga, sempre satisfeita,
disposta para a todos receber.
Trecho da natureza, que decanto,
porto das algas, pouso das baleeiras,

ilha saudosa, plácido recanto,
berço das minhas afeições primeiras.
A minha terra, calma e boa, trago-a
nas cismas de saudade em que ando atento.
contemplando-a com os olhos cheios d'água,
nos grandes vôos do meu pensamento.

Afinal, despeço-me de vós, e agradeço ao eminente escritor
Veríssimo de Mélo — meu irmão pelo pensamento e pelo ideal, a
saudação carinhosa que me fez em nome da Academia Norte-Rio-
Grandense de Letras, homenageando-o nestes versos:

Nalma trazendo o sonho, a nobreza e a ternura,
habitado a lutar modesto e satisfeito,
nutrido no saber, mais se afirma e fulgura,
digno do nosso aplauso e do nosso respeito.
Pensando, sempre, em ser exato e ser direito,
sobre os assuntos faz apreciação segura,
com a linguagem bonita e a força do conceito,
na sua projeção no campo da cultura.
Em razão do valor com que se evidencia,
pela obra cultural que realiza, a contento,
é um líder prestigioso em nossa Academia.
Na mensagem moldada em seu estilo belo,
assim, comprova e eleva o seu merecimento,
o vibrante escritor Veríssimo de Mélo.

Muito obrigado.

SAUDAÇÃO A EDINOR AVELINO (*)

VERÍSSIMO DE MÊLO

Integra-se, hoje, nos quadros efetivos desta Academia o poeta Edinor Avelino, o cantor lírico de Macau, voz das mais puras, sensíveis e significativas da nossa Poesia, em todos os tempos.

A lembrança da nossa indicação para saudá-lo, no instante solene de sua posse, talvez tenha uma justificação: Ao lado daquelas formosas virtudes que ornaram seu talento, Edinor sempre foi homem extremamente modesto, quase humilde. Daí não ter escolhido um dos valores mais altos desta Academia para recepcioná-lo, — como ele o merecia — preferindo confrade bem mais modesto, mais simples, a fim de que o ato não assumisse proporções que não se coadunam com o seu temperamento recatado, inenso às manifestações ruidosas.

Faça-se a vontade do poeta ilustre, embora a distinção, que muito nos honra, nos coloque numa altura que não sabemos se poderemos alcançá-la.

Eleito em 1967, ao ser ampliado o número de trinta cadeiras desta Academia para quarenta, por unanimidade, Edinor demorou-se cerca de oito anos para se decidir a tomar posse. Havia igualmente motivo justificado: Ele está praticamente cego, — declaração que fazemos com a mais profunda tristeza, — pelo que o representa, nesta solenidade o seu filho dr. Gilberto Avelino, advogado também poeta e de finíssima cepa, que acaba de ler o seu expressivo discurso de posse.

(*) Discurso pronunciado em sessão da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras, de 22 de maio de 1975.

Lamentando, embora, a ausência física do poeta, temos presente o seu mais lídimo representante, Gilberto Avelino, autor de vários e substanciosos poemas, e — quem sabe? — um nobre e futuro acadêmico. Esperemos apenas que Gilberto, vitorioso na advocacia, continue o itinerário do seu ilustre pai. Sobram-lhe sensibilidade artística, amor à cultura e às letras, bom gosto e refinamento de verdadeiro espírito de escol.

Considerações de um leitor

Se um leitor devoto — nada mais do que um leitor, — pode ter permissão para interpretar um grande poeta, então que nos releve as considerações que iremos tecer em torno da obra e do homem Edinor Avelino.

A cidade luminosa de Macau, de povo extrovertido e amante da música, com suas praias, salinas e recantos pitorescos, deve ter exercido influência dominadora na formação de Edinor. Cremos que foi Manoel Rodrigues de Melo quem esboçou nesta Academia, anteriormente, paralelismo entre os homens de letras norte-rio-grandenses nascidos no litoral e os do sertão. Enquanto os primeiros, os que viveram sempre nas proximidades do mar, são mais românticos e mais poetas, os outros, os do Seridó e os do Oeste, se inclinaram mais para os estudos históricos, políticos e sociológicos. Relembrem-se, entre os últimos, um José Augusto Bezerra de Medeiros, um Juvenal Lamartine de Faria, um Amaro Cavalcanti, um Manuel Dantas, um Brito Guerra. E entre os nascidos no litoral, um Lourival Açucena, um Segundo Wanderley, um Ferreira Itajubá, um Gotardo Neto, um Jorge Fernandes, todos natalenses e todos poetas, nascidos entre o Potengi e o Atlântico.

Que atração misteriosa terá exercido o mar sobre o espírito dos homens que se criaram ao embalo de suas ondas, ao amavio acalentador dos ventos alíseos? Quem estuda a formação do povo português, dos nossos ancestrais, sabe que foi o mar, a fascinante atração do mar, que afinal determinou a maior epopéia dos séculos XV e XVI, com as grandes navegações e conseqüente conquista das terras da Ásia, África e América. O espírito aventureiro e romântico dos conquistadores lusos, daqueles que fizeram a grandeza de Portugal, no passado, está intrinsicamente ligado ao mar. O mar foi a motivação e o caminho da penetração portuguesa, da expansão da cultura portuguesa no mundo. O mar nos deu "Os LUZIADES", o maior poema épico da nossa língua.

Essas considerações talvez nos ajudem a esclarecer alguma tendência na formação do poeta Edinor Avelino, nascido em Macau, habituado desde a infância e juventude ao contacto do mar, convivendo com homens do mar, ouvindo suas estórias, lendas e aventuras. A forte impressão atlântica iria, mais tarde, impregnar a

poesia de Edinor, como se constata através dos poemas "Diante do Mar", "Heróis do Mar", "Lembrança da Praia", "Macau", "O Farol", "Lenda do Mar", "Icarai" e tantos outros. Influência que o Padre Jorge O'Grady de Paiva também vislumbrou em seu excelente ensaio sobre o poeta, publicado no livro "NA SEARA DAS LETRAS, DA FÉ E DA CIÊNCIA".

Pedimos permissão para reler aqui, por ser bastante representativo desse aspecto da poesia de Edinor Avelino, apenas o soneto "DIANTE DO MAR":

"És o gigante, filho de ermas plagas,
Monstro invencível. Criação longeva.
Mar soturno, que a praia extensa alagas,
na beleza da luz, no horror da treva.

A caminhar, desde a época primeva,
o teu próprio destino, em vão indagas
e há soluço de mágoa, que se eleva
do sombrio interior das tuas vagas.

Vives, de vez em quando, em gestos rudes,
revoltado, espalhando o teu bramido,
a subir e a descer nas amplitudes.

Vendo-te, azúleo mar, que a areia invades,
suponho que, em ti mesmo, convertido,
corre o pranto de todas as saudades".

Qualquer soneto de Edinor Avelino é assim: Uma Jóia, uma obra de ourivesaria, perfeita na forma e de conteúdo superior e brilhante. Na nota bio-bibliográfica que escrevemos sobre ele, no 2.º volume do livro "PATRONOS E ACADÊMICOS", frisávamos a respeito dos sonetos: "Edinor é o nobre artista do verso. Talvez o mais delicado, o mais minucioso ourives das rimas e da métrica em nossa terra, atualmente. As palavras que ele seleciona, algumas estranhas, são incrustadas nos versos menos pelo frio sentido que expressam e mais pelo som de cristal ou brilho diamantino que possam produzir. O conjunto é sempre uma obra de arte, perfeita e acabada, onde não falta a chave de ouro, à antiga. A poesia de Edinor é conceituosa, expressa os sentimentos superiores, exalta a virtude, o patriotismo, a varonilidade, condenando o vício, a descrença, o desamor".

Dois outros temas abordados magistralmente por Edinor, que não são comuns entre os nossos poetas, foram o sono e o silêncio. Temas que revelam, em certa época, a condição existencial do poeta ilhado na cidade marítima, distante dos centros de movimentação

intelectual e sem estímulo de qualquer natureza. É preciso ter sofrido a solidão de muitas noites desertas para poder sentir e expressar o silêncio como Edinor o fez, em seu poema imortal "Apologia do Silêncio". É preciso ter sofrido na carne a solidão dos dias imutáveis, para poder cantar o sono, como ele o fez, neste soneto raro da poesia brasileira:

EM LOUVOR DO SONO

Quando, após o tenaz labor — dorido e lasso,
o corpo exige o auxílio eficaz de um remédio,
vamos pedi-lo ao sono e o sono bom, concedo-
na esplêndida maciez do seu doce regaço.

Há no sono o refúgio e o alívio do cansaço.
Eu, sempre, o bendirei. É por seu intermédio
que os pezares deslembro e amortço o meu tédio,
Sono, embriaguez divina em que me satisfaço!

Descanso à diligência e à incerteza da vida,
Deliciosa quietude, extrema suavidade,
em que a alma se compraz — de si mesma esquecida.

Doçura, languidez que os sentidos invade,
Milagrosa atração. Gênio que nos convida
a uma espécie de encanto e de felicidade.

O poema "Apologia do Silêncio" é uma das obras-primas de Edinor Avelino. Nele o poeta se monumentaliza. Atinge, possivelmente, as mais altas culminâncias do seu estro. Não é um poema para todo mundo gostar, entender, recitar. É construção mental de cunho elevado, de profunda filosofia vivencial. O poeta escuta os silêncios, os vários silêncios que nos envolvem pela vida a-fora, e vai tecendo os fios mágicos de suas impressões grandiloquentes, através de alexandrinos densos e sonoros, como estes:

"És a paz e és, também, a origem do mistério
transcendental, que alarga o manto sobre nós.
Eu, para interrogar o teu segredo etéreo,
horas inteiras fico emudecido e a sós.

Que sejas, para alguns, esquisito contraste.
Quanto a mim, buscar-te-ei no abandono onde imperas,
Serenidade, bem que já te perpetuaste
no infinito evoluir dinâmico das eras".

O poema é longo. Constitui-se de doze estrofes, terminando assim:

“Em ti se vai lembrar a existência passada.
Ao justo dás sossego e dás remorso ao réu —
e subirá melhor, por tua imensa escada
a alma da gente em prece — em direção ao céu.

Desse trivial rumor da turba inglória, isento,
dentro de ti, silêncio, eu me detenho e estudo,
na profunda abstração do meu entendimento
o livro universal da grandeza de tudo”.

Henrique Castriciano, num elogio supremo, disse de “Apolo-
gia do Silêncio”: “Este poema vale um livro!”

Algumas Confidências

Em duas visitas que lhe fizemos, há poucos dias, em Natal, recolhemos do poeta algumas confidências que nos parecem valiosas para apreciação mais penetrante de sua arte.

Apesar de viver pregado à cama ou à rede, cego e quase paralítico, Edinor tem espírito alevantado, conversando, sorrindo, relembando episódios de sua mocidade, sem se maldizer. Ele sabe que a vida é luta desesperada de todos os dias, mas nos diz que “é preciso ter paciência”. Que lição de humildade e de grandeza cristãs nos dá esse homem, duplamente enclausurado, mas que ainda crê na vida e exalta a existência!

A nossa conversa, de início, vai seguindo vários caminhos. Do que ficou para o passado mais distante, — ele nos diz, — não esquece nada. Os fatos mais novos, porém, logo se apagam de sua lembrança.

Confessamos a Edinor que Otoniel Meneses, entre os poetas contemporâneos, é aquele cuja arte poética mais se aproxima da sua, pelo aspecto formal excessivamente trabalhado. Ele nos diz que Otoniel foi seu “irmão de arte e do sonho”. Viveram juntos em Macau e Natal. Foram sempre bons amigos, tendo a ele dedicado o poema “Dentro da Noite”, onde descreve encontro inesquecível com o cantor de “Jardim Tropical”. Mas nos espanta ao declarar que Otoniel não tinha, como ele, a preocupação constante da forma, seguindo os cânones da arte de Hermes Fontes. Otoniel se insurgia contra os rigores das normas do poeta sergipano, o qual jamais rimava palavras de uma mesma categoria gramatical, chegando ao cúmulo de utilizar rimas em ar, er, ir, or e ur no lindo soneto “Lenda Russa”. Para Edinor Avelino, seus modelos

maiores, em metrificaco, foram Bilac e Hermes Fontes. Seu livro "SÍNTESES" obedece integralmente  orientação da arte poética do último.

Ao indagarmos por que razão não publicou outros livros, pois sabemos que escreveu bastante na imprensa, Edinor nos diz que foi "um bocado boêmio" e não se interessou. Já agora, tudo se torna muito mais difícil. Não pode rever sua obra com os próprios olhos. E ao ouvir a leitura de um soneto ou outro poema seu, fora do livro, sente o sabor de algo inédito. Todavia, não gostaria de publicar mais nada que não fosse rigorosamente examinado por ele. Observe-se que, ainda hoje, quem assim procede, jamais teve o desejo de produzir poesia em massa. Entretanto, nos seus dias bons de lazer, vai fazendo seus versos, suas trovas, gênero este último a que raramente se dedica. A propósito de sua defcincia visual, cujo diagnóstico se dividiu entre glaucoma e atrofia do nervo tico, ele nos recita curiosa quadra inédita.

Vive o cego insatisfeito.
Seu maior tormento, em suma,
 amar e não ter direito
de escolher mulher nenhuma.

E ainda motivado pela sua dolorosa condição de vida, nos brinda com uma segunda trova inédita, maravilhosa, onde ele divisa o derradeiro caminho  sua frente:

Neste suplício tremendo,
sem a luz dos olhos meus,
vou cantando, vou sofrendo,
vou seguindo para Deus.

Procuramos saber do poeta qual dos seus poemas, o que mais o toca  sensibilidade, mais o agrada. Ele menciona o que dedicou  sua terra, "MACAU", poema que inspirou todo um livro ao escritor Walter Wanderley, "MACAU NA POESIA DE EDINOR AVELINO", edição Pongetti, 1967, homenagem das mais enternecidas ao grande poeta norte-rio-grandense. Mas Edinor ainda nos fala, com ternura, de sonetos seus como "No Sertão" e "Royal Cinema", ambos do livro "SÍNTESES", os quais recordam uma quadra feliz de sua vida de outrora.

Dados Biográficos

José EDINOR Pinheiro AVELINO — seu nome completo — filho do Major Emídio Bezerra da Costa Avelino e d. Maria Irinia Pinheiro Avelino, nasceu a 17 de julho de 1898, em Macau,

RN. Após as primeiras letras naquela cidade, estuda em Natal com o prof. Francisco Ivo Cavalcanti, fazendo todos os preparatórios no Ateneu Norte-Rio-grandense. Poderia ter ingressado numa universidade, fora do Estado, se tivesse condições favoráveis na época. Logo, porém, inicia atividades profissionais e constitui família, ao mesmo tempo em que colabora em jornais e revistas da Província, como "Folha Nova", "Beira-Mar", e "A Idéia", em Macau; "A Cidade", no Açu; "O Mossoroense", em Mossoró; "A Imprensa", "A República", "A Opinião" e "O Democrata", em Natal. No Rio de Janeiro, colabora na "Ilustração Brasileira", "A Manhã", "Seleta", "Rio-Jornal" e vários outros jornais e revistas do país. A convite do seu primo Georgino Avelino, demora algum tempo no Rio de Janeiro, trabalhando na imprensa e vivendo a cidade grande. Mas logo se desencanta de tudo e regressa a Macau. Sua destinação irremediável era a Província.

Exerceu os cargos de Auxiliar da Delegacia de Recenseamento em Mossoró, escriturário do Serviço de Profilaxia Rural em Natal e Açu e se aposenta como agente do IAPETEC, em Macau. Durante muitos anos manteve curso particular de alfabetização, em Macau, prestando serviços relevantes à mocidade que teve a ventura de receber os seus ensinamentos.

Casado com d. Marcionila Cabral Avelino, teve do consórcio quatro filhos: Gilberto, Gracilde, Violeta e Maria. Esta última, casada com o sr. José Teixeira de Carvalho, já lhe deu dois netos: André e Augusto Carlos. Há cinco anos, Edinor enviuvou. Com grande carinho, fala-nos da ajuda que hoje recebe dos seus filhos.

Aí estão, em traços rápidos, dados essenciais da vida simples, recatada e sem ambições do poeta Edinor Avelino. Como os homens que ingressam nesta casa valem muito mais pelo que produziram de bom e duradouro, no campo literário, do que pelo brilho que alcançaram na vida pública, Edinor deve ser considerado, sem favor, um dos grandes nomes que ornamentam esta instituição de cultura. Sua obra, ainda esparsa na imprensa norte-rio-grandense, merece cuidadosa recolta e revisão, trabalho que esperamos seja feito ainda com a assistência do poeta, o qual, apesar de sua doença, conserva total lucidez e pode prestar mais este útil serviço às nossas letras.

Poesia por amor à própria Poesia

Em breve discurso, com que saudou, certa vez, seu amigo Max Planck, prêmio nobel de 1919. Alberto Einstein nos falava das várias categorias de cientistas que conheceu, nem todos se dedicando à ciência por amor à própria ciência. E afirmava que, no dia em que um anjo do Senhor descesse para expulsar do templo

da ciência todos aqueles que pertencem às categorias mencionadas, isto é, os que não se dedicaram à ciência por amor à própria ciência, — o templo quase ficaria vazio. Mas restariam apenas alguns fiéis, — uns de eras passadas e outros do nosso tempo. Entre estes últimos estaria, para ele, Max Planck.

Assim também, parafraseando Einstein, podemos afirmar: No dia em que o mesmo anjo do Senhor descer ao Templo da Poesia Norte-rio-grandense, com idênticas e saneadoras intenções, poucos, raros e genuínos poetas ficarão entre os que se dedicaram à Poesia por amor à própria Poesia. Edinor Avelino, sem dúvida, permanecerá entre estes últimos, pelo seu próprio mérito. E é por saber de tudo isto que nós admirados e exaltamos o poeta que hoje ingressa na Academia Norte-Rio-Grandense de Letras, para honrá-la e dignificá-la, com a legenda imperecível do seu nome e de sua obra.

JUVENAL LAMARTINE, UM PIONEIRO

NILO PEREIRA

Recordo o Natal dos meus tempos de estudantes: — uma cidade lírica, desprevenida, às vésperas de grandes transformações. O governo de José Augusto Bezerra de Medeiros deixava u'a marca de renovação. Sabíamos todos como esse admirável homem público ironizava homens e fatos. Conhecia toda gente pelo nome todo. Popular, sem ser popularesco, era o democrata puro. Seu poder caricatural, sua “verve”, suas anedotas, algumas que são, hoje, verdadeiros subsídios políticos e até histórico — bem razão tinha Prosper Mérimée quando dizia que na História o que ele mais estimava era a anedota — davam a impressão de ser a outra face da política, aquela que o governador Antônio José de Melo e Souza encarava: a sizudez, certa distância do palco da vida, até onde esse palco, transformado em teatro de Molière, era uma sátira, uma crítica de costumes. Tanto José Augusto quanto Antônio de Souza — diferentes por temperamento foram a seu modo momentos altos da vida pública norte-rio-grandense.

Os estilos republicanos conservavam no Dr. Antônio de Souza certo ar de conselheiro de Estado; enquanto no Dr. José Augusto se amaciavam num cetiscismo amável, e em cantador, quase mágico. Foi assim que, como estudante, em Natal, senti a transição que ia começar e na qual o estadista Juvenal Lamartine de Faria seria o fecho de ouro pelas inovações e pioneirismos do seu governo, cujas mudanças e perspectivas da História permite que as vejamos, hoje, mais profundas do que toda uma revolução — a de 1930 — que o afastou do poder.

Nesta cidade que começava já a transformar-se, nós, estudantes, seríamos talvez as melhores testemunhas dos últimos momentos da chamada República velha. O tempo nos daria a visão objetiva dos acontecimentos. E aquele homem austero, parecendo de poucas palavras, refletindo um tanto a fisionomia do seu sertão, talvez mais um economista, um jurista e um sociólogo do que um político na expressão menos nobre da palavra, ficava entre a sizudez de Antônio de Souza e a irreverência de José Augusto como quem, numa síntese de temperamentos e de idéias, estivesse destinado a ser, como foi, o pioneiro de tanta coisa, o governante que, como já tive ocasião de dizer, adiantou-se em trinta anos nas iniciativas e nas realizações a que ligou para sempre o seu nome. Sociologicamente, em 1930, estávamos em 1960: — o Dr. Lamartine avançava no tempo, abria caminhos que permitiram a Natal ser, no segundo conflito mundial, cidade do mundo, estrategicamente dotada de privilégios que ele, o estadista, soube vislumbrar.

O pioneirismo do Rio Grande do Norte é a maior recompensa da sua pequena extensão territorial. A geografia aqui, deixou-se dominar quase sensualmente pela História. Nossos homens de governo, políticos, estadistas, escritores, poetas, jornalistas, juristas, cientistas, e outros que, em tantas atividades, deram impulso ao comércio e à indústria, compreenderam bem que um destino singular dava ao Rio Grande do Norte prioridades que se refletiram, não poucas vezes, na vida do Brasil e na própria vida internacional.

Nós, estudantes, éramos testemunhas desse mundo que aqui se criava; e nem sequer nos apercebíamos disso. Tudo parecia o rumo inflexível das coisas. Não podíamos sentir nem penetrar o mistério que há no cotidiano. Governos se sucedem. Plataformas políticas aparecem. Mas aos que estão começando — e esse era bem o nosso caso — todas essas sugestões surgiam como se fizessem parte duma fatalidade hitórica: — o tempo.

Mais do que o tempo havia o espaço cultural e histórico. O Dr. Lamartine situa-se nesse espaço e não seria de outro modo que venceria o tempo, as limitações provincianas da rotina, os horizontes que parecem aspas nos estilos estabelecidos.

A grande mudança de Natal viria com os hidro-aviões que se aninharam no Potengi como em leito nupcial, fecundando os novos tempos. Natal nascia internacionalmente das águas, desvirginadas pelos pássaros migradores.

Jorge Fernandes, no seu LIVRO DE POEMAS, editado pela "Fundação José Augusto", 1970, Introdução de Veríssimo de Mélo, dedicou um poema ao *Jahu* e três outros, numerados, aos aviões que chegavam: — cada um deles era u'a "marmota", "cevando o vento", caminhando para a cena final — o leque que as suas asas abriam nas águas lustrais. Diz o poeta:

Depois desce no Rio Grande numa pirueta danisca
Desembestado, espalhando a água
E fica batendo o papo, cansado de voar.

Essa fase da aviação natalense — documentada por João Alves de Melo — foi uma das perplexidades de minha vida inicial de jornalismo. Entrevistei Italo Baldo. Dele guardo um cartão com autógrafo. Não esqueço a famosa oração que, em praça pública, proferiu Dom José Pereira Alves, saudando o aviador português Sarmiento de Beires, lembrando que a temerária aventura trazia de volta a advertência do velho do Restelo, “um velho de aspecto venerando”.

O Dr. Lamartine era o homem talhado para este momento histórico. Para essa revolução. Um feliz destino o conduzia a esse privilégio, que não o surpreenderia, porque era para todas essas antecipações que o seu espírito estava preparado.

Parnamirim, cujo descobrimento se deve ao Coronel Luiz Tavares Guerreiro, cujo descobrimento Luís da Câmara Cascudo, no seu livro HISTÓRIA DA CIDADE DO NATAL, fez de Natal — repita-se — uma cidade do mundo. Mas, foi o Dr. Lamartine quem anunciou e concretizou essa primazia.

O HOMEM PÚBLICO

No seu discurso de posse, nesta Academia, Veríssimo de Mélo traçou o perfil perfeito e acabado do seu antecessor, o eminente Presidente desta Casa, Juvenal Lamartine de Faria. O homem público domina por assim dizer as atividades literárias e estéticas que, de resto, não faltaram ao grande governante.

Sua Carreira política é também a do jurista que convém lembrar sempre. Creio que, entre os diversos ramos do Direito, o Direito Civil seria talvez da preferência dos seus estudos, que permanecem em Pareceres de grande atualidade, como o que se refere ao voto feminino, que levaria o Rio Grande do Norte a um pioneirismo de universal ressonância.

Era uma inovação na sistemática constitucional essa valorização da mulher e sua participação na vida política. Sua exclusão ainda era um preconceito. Mas o Dr. Lamartine foi um grande vencedor de preconceitos. Rompia com a tradição provinciana guiando, ele próprio, como Presidente do Estado, o seu automóvel. Mas sabia conservá-la nas linhas mestras da sua formação sertaneja, da qual nos deixou páginas de sabor telúrico: uma evocação simples, mas sempre sociológica, da sua gleba, que nele permaneceu viva e fiel como substância das coisas essenciais.

Tinha o arrojo do reformador, ainda incompreendido, como todo aquele que inova e abre caminhos. Como político e jurista, par-

lamentar preocupado com os novos tempos, alargou o campo do Direito Civil e Constitucional no capítulo fundamental dos direitos e dos deveres, até colocar a mulher no plano da construção político-social pelo direito do voto. A lição do Rio Grande do Norte terminou sendo uma lição nacional. E mais do que isso: — latino-americana.

Não é necessário recordar aqui a sua carreira política pelas datas e pelos cargos e mandatos que desempenhou. Iniciando sua vida como Juiz de Direito do Acari, dir-se-ia que o magistrado marcaria muitas das suas decisões, quando estivesse no governo do Estado. Deputado e senador, talvez sem gosto pela oratória parlamentar, era o homem público a quem seriam confiadas soluções jurídico-políticas da maior importância, como a intervenção federal no Estado do Rio, quando, na sua condição de jurista, esteve à altura de Amaro Cavalcanti, como salienta Veríssimo de Mélo.

Não sei se erraria manifestando, neste rápido perfil do homem público, uma impressão que é, pelo menos, a que me resta da leitura do que ele deixou, principalmente da sua memorável plataforma de governo — que os mais eminentes políticos brasileiros tanto aplaudiram — como das suas Mensagens à Assembléia Legislativa: — o Dr. Lamartine me parece um economista ou um cientista da Economia intensamente preocupado com o destino do Estado, analisando a sua produção, o problema do sal, do açúcar, do algodão, da pecuária, e nisso podendo ser citado — como assinala Veríssimo de Mélo — ao lado dum Felipe Guerra, dum Eloy de Souza, dum Manuel Dantas, dum Tavares de Lira e tantos outros, para os quais os graves problemas da estiagem eram desafios cíclicos que a açudagem e a irrigação podiam em parte resolver. A questão saía, assim, da esfera dramática das nossas queixas e das nossas dores para um enfoque sociológico e uma restauração de energias humanas, num sistema em que o Estado fosse parte direta na preservação dum patrimônio comum — o homem abandonado do Nordeste, na solidão do seu heroísmo secular. Um heroísmo euclideo.

No seu livro O RIO GRANDE DO NORTE NO SENADO DA REPÚBLICA, Imprensa Universitária, Natal, 1968, o Dr. José Augusto escreve que o maior filho que até hoje Serra Negra deu para o serviço do Rio Grande do Norte foi Juvenal Lamartine de Faria.

Não bastava, decerto, que assim fosse, porque o Presidente Lamartine, além de prestar tais serviços como homem público, mostrou que o campo de ação em que se moveu lhe dava novas dimensões — as do político que via antecipar-se o desenvolvimento através de medidas e realizações que podemos conhecer e analisar melhor desde a sua plataforma de Governo — diferente dos estilos convencionais até a exaustiva demonstração do que foi a sua administração pioneira, no seu livro O MEU GOVERNO, Rio, 1938, no qual, após os contactos que teve com a cultura européia, revela quanto o seu espírito se enriqueceu com os dados comparativos que pode obter no

exílio entre as nossas realidades e as outras, que lhe ofereceram o espetáculo duma civilização adiantada e múltipla.

Registre-se que nesse livro a ênfase dada à política educacional e sanitária completa, por assim dizer, tudo quanto havia escrito nas suas *Mensagens*, voltadas mais para o futuro do que para o presente.

Recordando Goethe, quando disse — “A glória não é nada; a ação é tudo” — podia acrescentar serenamente: “Tudo podem me negar, nunca que fiz um governo de ação construtora era todos os departamentos da administração pública”. Dom Marcolino Dantas, Bispo de Natal, que o chamou “Presidente realizador”, parece ao Dr. Lamartine a palavra insuspeita que ressalta no político o homem de ação, que soube ser. De modo que se a glória não é nada, já não seria ela que nos levaria a recordá-lo, mas a ação, o pioneirismo que o levou a fazer uma revolução maior do que a de 1930.

TRÊS VEZES PIONEIRO

Pioneiro do voto feminino, seria também pioneiro da aviação civil. Fundador do Aero Clube de Natal, cuja direção técnica foi entregue ao comandante Djalma Petit, construiu vinte campos de aviação no Interior do Estado. Numa época, como esta nossa, em que a Comunicação e a Informática alcançaram tanta importância nas relações humanas, do Presidente Lamartine podemos dizer que iniciou essa fase no Rio Grande do Norte. Bastava isso para representar uma revolução, que para a nossa economia e o nosso progresso não seria menor do que a revolução internacional do avião, ou hidroavião, que, em Natal, em dias já remotos, assinalava uma civilização que teria em Parnamirim o seu remate como ponto estratégico do segundo conflito mundial.

Mas há um outro pioneirismo que nem sempre vejo assinalado; — o entrelaçamento entre o Estado e a Igreja, no sentido de ser o clero, no Interior, um instrumento eficaz de esclarecimento. Pioneiro — vale a pena acentuar desde já, duma relação temporal-espiritual sem jamais pretender tornar os padres em economistas, políticos, sociólogos, ideólogos, reformadores e muito menos agitadores: — o que deles queria o Presidente do Estado era uma colaboração que ia exercer-se do púlpito, sem sair dos Evangelhos.

Na *Mensagem* do Presidente Lamartine, à Assembléia Legislativa do Rio Grande do Norte, datada de 1929, o assunto é tratado através de dois ofícios que marcam uma época: — o que o governante inovador dirige ao Monsenhor Alfredo Pegado de Castro Cortez e a resposta do eminente Vigário Geral.

No ofício ao Monsenhor Pegado, depois de várias considerações que tanto honram o seu alto espírito de homem público, diz o Presidente Juvenal Lamartine:

“Força moral e social de primeira grandeza, a cujo influxo o Brasil deve grande parte de sua formação histórica, plasmando-lhe a fisionomia social e enrijando-lhe a fibra moral, a religião está de tal forma identificada com as suas justas aspirações da nacionalidade que seria puerilidade pretender sequer negá-lo.

A época atual, de inegável pressão econômica, exige a participação das forças religiosas no movimento de redenção econômica do país, base de sua independência política e de sua existência autônoma.

Prova disso está no movimento cooperativista, de caráter religioso que, em nosso Estado, como nas demais unidades da Federação, está promovendo um desenvolvimento e circulação mais rápida da riqueza nacional. Educando o povo na prática da economia e na gênese do espírito de associação, que, em qualquer país, são as pedras angulares da prosperidade nacional.

Tomo a liberdade, portanto, de solicitar por intermédio de V. Excia., a participação do Clero deste Estado no problema do acréscimo de nossa produtividade agrícola.

No púlpito, em todos os lugares onde se exerça o poder de irradiação do catolicismo em nossa terra, pela palavra, pelo estímulo, pode o sacerdote transformar-se hoje em dia, para felicidade nossa, em um fator de notável força econômica no Estado.

Como deve ser do conhecimento pessoal de V. Excia., estão isentos de quaisquer impostos de exportação, no próximo exercício, todos os cereais, frutas e legumes plantados em nosso meio.

Por sua vez anuncia-se promissor o inverno deste ano, de forma que é lícito esperarmos um acréscimo de nossa produção agrícola.

Para que ela, porém, corresponda aos nossos anhelos coletivos de progresso econômico e de fortuna material, o auxílio do catolicismo será inestimável e altamente benéfico aos superiores interesses da coletividade norte-rio-grandense.

Convicto de que V. Excia., e o Clero do Estado não regatearão a sua solidariedade a essa campanha sobretudo oportuna e imprescindível, preveço-me da oportunidade para, por seu intermédio, levar às forças religiosas de nosso Estado a minha palavra de agradecimento e de alta consideração”.

O ofício do Dr. Lamartine é datado de 14 de dezembro de 1928. Logo no dia seguinte o governador do Bispado Monsenhor Alfredo Pegado, responde ao Presidente considerando a sua mensagem um “valioso documento”. Finalizando a sua resposta, que é uma exaltação do gesto do governante, que procura as forças espirituais para o incentivo do progresso econômico e social, diz o Monsenhor Pegado:

“De antemão, posso afirmar a V. Excia. que o Clero deste Bispado há de vir trazer ao governo econômico e operoso de V. Excia. o concurso solicitado: é uma obrigação moral que ele deve assumir. Para isso, levo ao conhecimento de V. Excia., que enviarei circunstanciada circular ao Clero deste Bispado, acompanhado de um exemplar da carta de V. Excia., e todos nós do Clero e das forças religiosas uniremos vontade, trabalho e esforços para atendermos ao honroso apelo de V. Excia., a quem agradeço por todos, as altas provas de distinção”.

Hoje, que a Igreja é solicitada a colaborar no desenvolvimento, sinônimo de paz, como disse o Papa Paulo VI, esses dois documentos se mostram antecipadores, nos termos justos e oportunos em que estão escritos, duma época em que o Clero pode, realmente, prestar os melhores serviços à comunidade.

Três vezes pioneiro — do voto feminino, da aviação civil, da colaboração do Estado com a Igreja na obra ingente do desenvolvimento, o Presidente Lamartine — que possibilitou a criação das Dioceses de Caicó e Mossoró, como lembra Veríssimo de Mélo — põe na sua Mensagem um problema dos nossos dias com toda a força de insuspeição que o poder político dava ao apelo, que é uma alta compreensão da nossa vida e do nosso destino.

A POLÍTICA MODERNA

Político eminentemente moderno, atualizado, vidente a sua primeira *Mensagem* à Assembléa Legislativa, da qual a Revista CIGARRA, fundada por Adherbal de França, transcreve trechos em seu primeiro número, Natal, novembro de 1928, o Presidente Lamartine saberá colocar a problemática do Estado nos diversos enfoques em que então se apresentava.

A política moderna é duma complexidade cada vez maior, dirá. Mas não se arreceia de enfrentá-la e de realizá-la. Será esse, de resto, o seu destino: vencer essa complexidade. Sempre se antecipando nas idéias e soluções, escreve que as nossas dificuldades não vêm do meio físico. mas do abandono das nossas terras. Daí falar na educação do trabalhador rural, no sentido de despertar nele “a ambição para uma vida de mais conforto e bem-estar”, estimulando-o ao trabalho com a ajuda do poder público.

Mas é assim que resume, inicialmente, o seu governo:

“A exploração intensiva dos vales e terras húmidas do litoral, o desenvolvimento do crédito agrícola e o me-

lhoramento de meios de transporte são serviços que cabem nas forças do Estado e do nosso povo e que, sem tardança, devemos e podemos executar”.

Sentimos aí o administrador que sabe ver o tempo que irá marcar com a sua presença pioneira de homem de Estado, responsável, perante a História, por um período de transição política, na qual os últimos marcos plantados pelo estadista norte-rio-grandense seriam definitivos.

Ele estava escrevendo uma História que começava pelo passado, mas era já o futuro — a conquista de tantos ideais que são, hoje, o desenvolvimento da Região num quadro que somente o pioneirismo podia traçar.

Caberia ao político moderno e renovador, que era Juvenal Lamartine, não somente olhar os problemas econômicos, nos quais, segundo depoimento lúcido do Dr. José Augusto Bezerra de Medeiros, era autoridade incontestada, mas criar, em projeto seu como Senador da República, uma Base Aérea em Natal, que seria de fundamental importância para os destinos das Nações, na segunda guerra mundial.

No livro PATRONOS E ACADEMICOS, Editora Pongetti, Rio de Janeiro, vol. II, pág. 109, escreve Veríssimo de Mélo: — “Conhecedor arguto dos problemas econômicos e sociais do Rio Grande do Norte, jornalista de expressão espontânea e clara, político de atividade fecunda, administrador de idéias avançadas, durante o seu governo de dois anos e nove meses, no Estado, espalhou o progresso e projetou o nome da terra além das fronteiras do país”.

O ESCRITOR

Como intelectual, ex-Presidente da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras, era escritor de expressão exuta e segura, como podemos ver no seu livro VELHOS COSTUMES DO MEU SERTÃO, editado pela “Fundação José Augusto”, 1965. A fibra do sertanejo, com a qual soube resistir, bravamente, ao vendaval de 1930, está nos ensaios desse livro telúrico, ao qual também se liga pelos trechos escolhidos o nome do seu ilustre filho, o escritor Oswaldo Lamartine.

Personalidade complexa, do Dr. Lamartine pode-se dizer que o que fez, fez bem. Fez com olhos antecipadores. Como estadista que surpreende pelos métodos inovadores.

Pela concepção dum Estado capaz de ser grande — maior do que muitos dos maiores — no pioneirismo do seu governo, da sua política moderna. Este é o seu grande legado. As novas gerações terão de ver nele um homem da geração nova, inserido nos problemas

atuais, na cosmovisão da vida contemporânea, inclusive no estilo em que se exprimia, muito mais de palavras e de realidade do que de imagens e frases feitas.

“UM PRÍNCIPE DO RENASCIMENTO”

Assim escreveu Edgar Barbosa no seu livro *IMAGENS DO TEMPO*, edição da Imprensa Universitária, Natal, 1966: — Juvenal Lamartine reuniu as duas superioridades que perpetuam a memória de um cidadão numa democracia: — sua intelectualidade e sua bondade própria, que na verdade o projetam em nossa História com as virtudes de um príncipe do Renascimento”.

O protetor da inteligência merece ser lembrado nesta hora em que não apenas o político ressalta através do tempo. E foi n'A REPÚBLICA que ele implantou uma verdadeira escola de jornalismo. E não apenas isso: — deu a muitos jovens oportunidade a que surgissem com os seus artigos, seus ensaios, seus poemas. Essa escola tinha nomes como Cristovão Dantas. Aduato da Câmara, Edgar Barbosa, Antônio Bento, Otacílio Alecrim, Luiz Torres, Dioclécio Duarte, Damasceno Bezerra, João Maria Furtado, Heráclio Vilar, Lélío Câmara, Edgar Dantas e outros.

Nunca poderei esquecer o convite que, em 1930, recebi de Adherbal de França — o inesquecível Danilo — para escrever n'A REPÚBLICA: convite depois reforçado por Aduato da Câmara. Era um jovem estudante que se iniciava no grande jornal, no qual Pedro Velho havia deixado a semente do espírito e não apenas do ideal político que o moveu. Vinha eu das lides jornalísticas no antigo DIÁRIO DE NATAL, jornal da Diocese. Escrevia o que me pareceu sempre — como me parece até hoje — o melhor da vida intelectual: — as sugestões que vêm do Espírito, as coisas que a Igreja indicou como eternas e eu desde cedo recolhi; e que hoje me animam nos embates das ideologias deste mundo conturbado. Que ia eu escrever n'A REPÚBLICA, onde Edgar Barbosa — que está entre os maiores da época — havia publicado um artigo famoso sobre o Pan-sexualismo de Freud?

Na Revista “CIGARRA”, que Adherbal de França fundou e que é, hoje, uma fonte da nossa história social e intelectual, Z. Ballos (o nosso Virgílio Trindade) fez o perfil de vários intelectuais do tempo. Cada um deles, em alguns casos, chega a ser um capítulo da nossa vida cultural. São sonetos que, muito à maneira de Virgílio Trindade, inseparável da graça, da “verve”, do chiste, fixam personalidades, tendências, ofícios, comportamentos pessoais e intelectuais. Sobre Edgar Barbosa escreveu:

Tão pequenino veio, um dia, da famosa
E açucareira terra onde nasceu Poty,
Que n'A REPÚBLICA ouviu de uma voz cavernosa:
— Grupo escolar, menino? É mais adiante, ali...

Mas mostrou, com talento e pena vigorosa
Não ser mais um Pacheco a aterrissar aqui
E vai, semanalmente, à Veneza do Rosa

À conquista, também, de canudo e rubi.
No "diário" da vida escreveu este ano
Um capítulo feliz de puro romantismo,
Como cena final de um filme americano...

Mas, lá na redação, é jornalista, só,
E entra logo a enfrentar desde o Pan-sexualismo
De Freud ao algodão do nosso Seridó.

Este era um tempo que só podia existir como um mecenato intelectual. E o Mecenas era o "príncipe do Renascimento", o Presidente Lamartine, que dava todo o seu estímulo à cultura sem distanciar gerações.

Não parecia aos nossos olhos — pelo menos dos mais jovens — que 1930 fosse um ano tormentoso, quando tinha todas as aparências duma fase de construção literária e estética. Foi o ano em que, precisamente para celebrar um século de romantismo, Adherbal de França promoveu a "Temporada Literária de 1930". Vi-me de repente conferencista numa noite, em salão nobre da Prefeitura. Falei sobre "O Espírito das Lendas", ao lado de grandes nomes. Foi a minha primeira conferência, de público. O Presidente Lamartine animava esses empreendimentos. O Prefeito Omar Ó Grady cedia prazerosamente a Prefeitura para essas tertúlias. E era tudo, em conjunto, um sistema de forças atuando no sentido do principado renascentista, escondendo as mudanças que iriam se operar na política nacional.

Quero prestar, aqui, o meu mais comovido preito de amizade e mesmo de gratidão a Adherbal de França, o Danilo que é, sem favor, o iniciador da crônica social em Natal e no Nordeste, o escritor realizado no estilo do cronista mundano, em quem predominava o gosto da inteligência e da sensibilidade. Nos seus "Instantâneos", da Revista "CIGARRA", dele disse Z. Ballos:

Para salvar a nossa pobre gente
Do reumatismo, febre, escarlatina,
Ecsema, enxaqueca, dor de dente
Já está quase doutor em medicina.

Já podia ter certo o seu doente,
Porém na colossal Guanabarina
O cérebro ao jornal fez de presente
E o coração passou a uma menina . . .

Foi quando o Presidente feminista
Quis trazer o rapaz, que (desafio)
Logo pôs-se a pensar nesta Revista.

E singrando de novo o Potengi
Após "vida profana" lá no Rio
Veio outra vez aos gerimus daqui.

Na redação d' A REPÚBLICA vi mais duma vez o Presidente Lamartine. Não se pode dizer que fosse sorridente como José Augusto Bezerra de Medeiros. Era amável. Simples. Acolhedor. Vi Damasceno Bezerra fazer versos de circuntância. Vi Otacílio Alecrim, um irreverente, discutir com Adauto da Câmara sobre pontuação. Vi Luiz Torres redigir uma Nota sobre a *Geografia Humana* de Jean Brunhes.

Um dia escrevi um artigo intitulado "Contra a Revolução". Era um pequeno ensaio obviamente tímido sobre idéias de Joseph de Maistre e de Jackson de Figueiredo. Adauto da Câmara publicou-o na primeira página d' A REPÚBLICA. Era a consagração. Mal me atrevi a sair à rua. Sobretudo temi sair à rua nos dias críticos da revolução de 1930. Seria contra essa revolução de lenço vermelho que eu havia perpetrado o trabalho talvez demasiado afoito para a minha idade?

Sendo redator do DIÁRIO DE NATAL, escrevia n'A REPÚBLICA com um certo cuidado nas idéias. Cuidado em mim mesmo. Não queria que Ulysses de Goes — que tanto confiava em mim me considerasse "sagrado" num jornal e "profano" no outro . . .

Tudo isso, hoje, faz parte da nossa vida. Uma vida que o tempo vai fazendo cada vez mais breve. A figura do Presidente Juvenal Lamartine se fixou para sempre diante de todos — os mais velhos e os mais moços — como um homem público que nos dava a mão. Que amava as coisas da inteligência. Que estimava ver o jornal oficial mais um jornal de homens consagrados ou de estreitantes do que simples instrumentos da publicidade dos atos de governo. E, na verdade, um dos melhores atos do seu Governo era esse: — estimular a cultura. O contraditório ano de 1930 marcou para mim esse encontro entre a vida pública e a vida intelectual. Não era em vão que um Mecenas nos ia deixar essa lição e abria esse horizonte. Um dos raros Governos a dar apoio aos intelectuais.

INESQUECÍVEL MOMENTO

Ao receber Veríssimo de Mélo nesta Academia, recordei o que representou para mim, ao tomar posse nesta ilustre Casa de Henrique Castriciano, a presença do eminente estadista, o Dr. Juvenal Lamartine de Faria, na cerimônia que, por gentileza do governador Sylvio Pedroza, se realizou no Palácio do Governo. Acompanhava-o o Dr. Varella Santiago, que tantos serviços prestou ao Estado, inclusive na administração do nosso homenageado desta noite.

Cuido ver o eminente Presidente na assistência, com os seus óculos escuros. Não tive coragem de citar o seu nome: — a emoção da hora me dominava. Ali estava o governante a quem, como estudante pobre em Natal, tanto devia, inclusive o acesso à vida intelectual mais intensa e de maior repercussão, n'A REPÚBLICA. Só lhe pude agradecer em carta essa homenagem, da qual posso dizer que não sei de maior que tenha recebido na minha vida.

Assim o revejo: — o homem forte, afirmativo, sereno, amável, incentivador dos mais jovens. A sua figura humana ultrapassava naquele momento as reservas do meu coração. Como ultrapassa, hoje, o poder de evocá-lo. Direi apenas que ele escreveu capítulos da História do Rio Grande do Norte e do Brasil. E que a sua herança política e cultural é o testemunho duma geração, que o conheceu e que, agora, reconhece melhor — com a perspectiva que a História cria a sua grandeza de homem público três vezes pioneiro. Dele se orgulha o Brasil, neste centenário, que o traz de volta como a doação do espírito público às causas do futuro, que foram o seu passado e são o nosso presente.

PALAVRAS DO REPRESENTANTE DE FAMÍLIA

OSWALDO LAMARTINE DE FARIA

Meus amigos:

Que minhas primeiras palavras sejam de agradecimento ao escritor Nilo Pereira pela generosidade de sua fala moldada em alfenim de amizade. É também para esta casa e as casas que hoje aqui se ajuntaram em um mutirão de saudade pois todas eram também suas casas.

Os depoimentos sobre os muitos eles que viviam nele, na fala e na pena de José Augusto, Dinarte Mariz, Cascudo, Edgard Barbosa, Paulo Viveiros, Hélio Galvão, Manoel Rodrigues, Veríssimo de Mélo, Djalma Marinho, Bertha Lutz e Aluizio Alves — já se encontram na Fundação José Augusto para virar letra de forma.

Cada homem que passa deixa para as gerações vindouras sementes, mudas ou árvores plantadas do seu trabalho. É a herança que recebemos dos que dobraram a curva da estrada.

Semeando braúnas ou coentro, chantando marcos de granito, ou riscando os chãos em dunas de areia assentando posses com mourões de aroeira ou apenas fincando forquilhas para sustentar uma latada, onde descansar as canseiras do viver, apascentando rebanhos ou tangendo sonhos. Divulgados ou inéditos — na escrita, na fala, no traço ou no rabisco. Lembrados ou deslembrados. Cada homem que passa — dizia eu — fez como pôde ou como soube os rastros que norteram os seus rumos.

E como dizer aos que estão chegando ele era assim — sem tropeçar nos cipós da efetividade? Reconstituam o tempo em que viveu, o mínguido orçamento do Estado, a sua geografia sócio-econômica, a presença mirim dos órgãos federais, a ausência de escolas superiores e a inquietante previsão metereológica da política nacional em tempo de sucessão. Pesem, meçam e analisem. Como teria sido o seu governo deslocado no tempo para antes ou depois de 30? O que ele fez, tentou fazer, ou deixou de fazer. E, sem fel, ranço, açúcar nem afeto — concluem: se foi um acomodado, um retrógado ou um antecipado...

Este é o testamento que ficou para cada um de nós. E que Deus nos permita saber rastejá-lo, segui-lo ou compreendê-lo — mas sobretudo acrescentá-lo.

E é esta a nossa gratidão a cada um de vocês — pesosa ou instituição que hoje veio aqui para lembrar o seu nome.

PALAVRAS DE AGRADECIMENTO (*)

MAX DE AZEVEDO

Coube a mim, como filho de Antônio Antídio de Azevedo, ser o intérprete da família nesta sessão, em que lhe são tributadas as homenagens póstumas desta Academia de Letras.

Em poucas palavras, tal como as condições emocionais me permitem, tentarei desincumbir-me da delegação que me foi atribuída.

Certamente, não me cumpre analisar o trabalho literário ou o valor intelectual do homenageado, até porque o assunto fugiria à minha especialização.

Um aspecto, no entanto, devo referir, por considerar sobretudo significativo na apreciação de sua capacidade e de sua inteligência. Quero aludir ao fato de não ter tido Antídio de Azevedo qualquer escolaridade regular.

Nascido e criado na zonal rural, filho de pais pobres, irmão mais velho de uma família numerosa, as circunstâncias não lhe ofereceram o ensejo de freqüentar nenhuma escola, mesmo que fosse de nível correspondente à alfabetização.

Assim, aprendeu a ler e com o próprio pai, numa fazenda, às vezes ajudado por um primo, estudando quase sempre à noite, à luz do candeeiro, aproveitando para isso as poucas horas que lhe sobravam da faina diária, do amanho da terra, do trato do gado. Citava, muitas vezes, como uma das maiores emoções de sua vida, o momento em que, a partir das síbalas, conseguiu formar as primeiras palavras.

Discurso proferido por Max Cunha de Azevedo, na sessão de 09 de abril de 1976, da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras — Natal — Rn.

Somente atingida a idade adulta, quando passou a residir na cidade, em Jardim do Seridó, é que veio a burilar os seus conhecimentos nas aulas particulares do professor João Falcão, cuja memória sempre reverenciava com carinho.

A partir dessa rudimentar instrução, conseguiu Antídio de Azevedo, graças ao esforço próprio, atingir nível intelectual de relativa expressão, em geral alcançado por detentores de diploma universitário.

É, na verdade, admirável que uma pessoa a quem não foram proporcionadas oportunidades educacionais, que não contou sequer com os estímulos culturais do meio ambiente, uma pessoa cujos conhecimentos foram adquiridos nas circunstâncias já referidas, tenha se tornado capaz de produzir sonetos como, por exemplo, “Mãe”, “Santa”, “Almas Irmãs”, “Pequena Santa”, “Natal”, “Irmã de Caridade”, alguns publicados não só no Brasil como em outros países de língua portuguesa.

Senhores Acadêmicos.

Minhas senhoras. Meus senhores.

Se não me cabe falar sobre o aspecto intelectual da vida de Antídio de Azevedo, ninguém mais que os seus familiares conheciam melhor a grandeza de sua alma, a sua bondade, o seu espírito humanitário.

Ele era realmente um homem bom e humano. Os mais necessitados, que acorriam à sua porta e que hoje não mais o encontram, têm afirmado isso repetidas vezes. Aliás, em um dos momentos raros de inconformidade, ele próprio expressa esse sentimento numa de suas trovas:

“Quisera ser Deus um dia,
bastava mesmo um segundo,
porque neste eu varreria,
toda a miséria do mundo”.

Em razão de sua bondade é que, decoridos cinco meses do seu falecimento, a viúva — sua prima da mesma idade, os filhos, os netos, os agregados à família, embora confortados pela fé nos desígnios superiores e pela solidariedade recebida, padecem ainda o sentimento de sua ausência como uma constante inflexível. Por outro lado, os seus bisnetos, pequeninos como são, e na doce ingenuidade que caracteriza as crianças, reclamam a sua falta e pedem que ele volte. É que Antídio de Azevedo, de temperamento aparentemente seco, era, no entanto, afetuoso.

A sua afetividade, aliás, fluía dos seus versos. Isso é o que se depreende de uma série de sonetos para os quais se inspirou quando

noivo. Os olhos azuis e meditativos a que então se referia, não eram outros senão os daquela que o acompanharia durante cinqüenta e nove anos de vida conjugal e da qual se despediria, ao último ensejo, tratando-a carinhosamente por “Dona Alice”.

Por sua vez, o amor filial que nele existia, fonte inspiradora do soneto “Mãe” — um dos primeiros que produziu, acha-se expresso igualmente noutros dos seus versos, como nas duas trovas que seguem:

“Eu nunca esqueci na vida,
que longa se vai tornando,
as frases da mãe querida,
às vezes me consolando”.

“Procurei-te, ó mãe, na terra,
andando de déu em déu:
— Quem tanta bondade encerra,
só pode estar lá no Céu”.

Nesta outra quadrilha, fala ainda o seu coração cheio de afeto:

“Quem parte — parte chorando.
Quem fica — chora também.
Só fica ou parte cantando
aquele que não quer bem”.

Os que privavam do convívio diário com Antídio de Azevedo, conheciam de perto a firmeza de sua amizade e a sua dedicação ao próximo. Demonstração disso era a visível consternação de que se deixa possuir ante a perda dos amigos, sobretudo daqueles cuja amizade trazia consigo de longas datas, inclusive da mocidade, vivida em Jardim do Seridó.

Poucos dias antes de ser surpreendido pela doença fatal, mostrava-se ele sumamente penalizado com as precárias condições de saúde de um velho amigo e compadre a quem visitara — Manoel Ribeiro Dantas.

Ao mesmo tempo, revelava-se profundamente sentido e até mesmo amargurado com o falecimento de outro amigo — Manoel Modesto de Medeiros, especialmente pelo fato de isso ter ocorrido antes que o fosse ver no hospital.

Mas, Sr. Presidente e Srs. Acadêmicos, deve ser particularmente ressaltado aqui, neste instante, o alto apreço que Antídio de Azevedo reservava a esta Academia de Letras e outras instituições culturais.

Prova do que se afirma está certamente no fato que ocorreu, sete dias antes do seu passamento, numa das duas únicas vezes em

que, por força da doença que o prostrara, viera a perder a lucidez. É que o subconsciente o transportara a esta instituição e o levava a sentir-se como se estivesse na Biblioteca desta Casa de Cultura, referindo-se à ampliação do acervo, à presença do mestre Câmara Cascudo como autor de muitas das obras ali existentes, elogiando a dedicação e capacidade administrativa do então presidente Manoel Rodrigues de Melo.

Nesses delírios, não faltaram as referências também a escrituras, processos e outros documentos, ora relativos ao cartório a que serviu durante tantos anos, ora atinentes à Prefeitura de Jardim do Seridó, onde ficou igualmente registrada a sua passagem.

Ao que parece, os fatos acima citados demonstram a preocupação que lhe era própria de bem servir à coisa pública e a exata noção de responsabilidade de que era possuidor.

Excelentíssimas autoridades
Minhas senhoras. Meus senhores.
Senhores Acadêmicos.

Por ter sido bom e humano, dedicado aos seus familiares, amigo leal; por ter sido paradigma de devotamento à coisa pública, um modelo de amor ao trabalho; por ter sido, enfim, um denodado membro desta Academia de Letras, creio que Antídio de Azevedo fez jus às homenagens que lhe são prestadas nesta hora, razão por que sua família, aqui presente, declara-se, de público, plenamente agradecida.

Permitam-me, todavia, os ilustres membros desta Casa, que este agradecimento se faça de modo especial ao insigne orador desta solenidade, o doutor Mariano Coelho, um dos maiores entre os melhores amigos do homenageado.

JUVENAL LAMARTINE — HOMEM DE PENSAMENTO E AÇÃO (*)

JOÃO BATISTA CASCU DO RODRIGUES

A presença do Rio Grande do Norte mobiliza os que participam desta adesão espiritual as celebrações do centenário de nascimento de Juvenal Lamartine de Faria, estendidas a um dos planos mais significativos da moldura nacional — esta cidade do Rio de Janeiro.

A Federação Brasileira pelo Progresso Feminino e o Centro Norte-Riograndense constituem os pontos irradiadores desta identidade comum, na visualização mais viva e condutora de imagens sucessivas desse filho do Seridó, dotado de múltiplas dimensões.

No tempo histórico, o seu itinerário assinala Serra Negra — a terra natal, com estágios intermediários em Caicó, na capital do Estado e nas capitais dos Estados mais próximos — Paraíba e Pernambuco. São os horizontes do menino e do jovem tocados pela busca dos conhecimentos básicos e destinados à realização de sua vida profissional. O Recife, com a sua Escola de Direito, significa a oportunidade de conquista dos elementos instrumentais necessários às atividades de magistrado e administrador. Na grande matriz nordestina do pensamento brasileiro, ganha os títulos de melhor aluno e orador de sua turma, merecendo prêmio de viagem à Europa. Fica-lhe, porém, na alma de homem do sertão aquele chamamento

(*) Discurso pronunciado a convite da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino, no Centro Norte-Riograndense do Rio de Janeiro, em 10 de setembro de 1974.

vindo do próprio Seridó, no registro de outra forma de “imposição de natureza cósmica” — acentuada pelo seu contemporâneo José Augusto Bezerra de Medeiros.

A prerrogativa de conhecer o Velho Mundo substitui pelo retorno imediato ao Rio Grande do Norte, onde lhe caberiam os contornos de toda a sua vida pública, como servidor da Justiça, detentor de mandato popular na Câmara Federal, em sete legislaturas sucessivas, no Senado e estadista consagrado por sua obra de governo — inovadora, revolucionária e antecipadora do futuro.

Ressalta Hélio Galvão, em trabalho ainda inédito, relativamente à atuação de Juvenal Lamartine na magistratura estadual, não apenas a caracterização episódica de que se tenha revestido, em sua jurisdição na Comarca de Acari e, cumulativamente, em todo o território seridoense. Atribui a esse trânsito circunstancial validade por si mesmo, pois “não pode deixar de ter sido o curso de preparação para a atividade política, esta sim, que iria empolgar os anos de vigor e produtividade de sua vida”.

Na velha Escola de Tobias Barreto, sentira e participara do “grande e profundo movimento de idéias” e ainda mais de “uma renovação que tornou o Recife o centro de melhor cultura — da época no Brasil”. Tais influxos muito propícios à imaginação e ao espírito de Juvenal Lamartine, conforme as impressões já sublinhadas, convocam-lhe o interesse para a ação, o exercício e a continuidade no jogo fechado da elaboração partidária de então; muito mais, fundamentalmente, ensejam a inspiração e o adestramento para os grandes entreveros do Parlamento Nacional, na larga e movimentada cena dos primeiros anos da República.

Sem embargo disso, é no convívio com a realidade composta — homem, terra e instituições locais, que ele se torna equipado para o dia-a-dia da militância política e da permanência como ator expressivo e reconhecido no quadro amplo dos legisladores federais. Elementos todos do seu ordenamento básico, como homem público, que se completa como o governante de mandato interrompido e alongado na ampla perspectiva dos efeitos alcançados e das respostas encontradas para os desafios que enfrentou e venceu.

Concentram-se, nele, predominâncias tônicas que o acompanham por toda a existência, ou refletem a força precursora de atitudes e determinações de sua grandeza humana, no sentido da construção histórica e na evidência dos caminhos culturais abertos pela sua sensibilidade marcante de parlamentar e consciência exata de administrador. Em Juvenal Lamartine estão presentes o analista profundo das secas, o vanguardeiro dos direitos políticos da mulher e o pioneiro da aviação civil no Brasil.

No tratamento de situações tão diferenciadas, presente-se sempre nele a marca da observação mais justa e adequada, acentua-se o seu espírito universal e vislumbra-se a solução encontrada antes

do consenso das pessoas e das organizações. Em sua ótica de identificação das secas cíclicas, transpõe a indicação eminentemente de conotação hidráulica e detecta o problema, totalmente, em sua abrangência, porquanto, como reconhece, “é também social, político, econômico e sobretudo humano”. Amante, como se proclamava, do seu Estado, do “espírito liberal do Brasil e pensamento luminoso da América” tudo fizera para que o Rio Grande do Norte se colocasse “na vanguarda das unidades brasileiras que melhor compreenderam a justiça das reivindicações do feminismo construtor, dentro das fronteiras da Nação”. Com a instituição de uma política aviatória em seu governo, salienta que, “no Brasil, assume aspectos mais importantes do que em qualquer outra nação americana, seja como instrumento de unidade orgânica da nacionalidade e intercâmbio cultural, seja como factor da vitalidade econômica, cada vez mais acentuado”. Enfim, em Juvenal Lamartine se achava “o Governador que compreende a vocação da terra” — no julgamento preciso do acadêmico Humberto Peregrino.

Iniciativas essas que se inscreveram em sua plataforma governamental e depois reiteradas no documento de defesa de seu período administrativo — a da concessão do voto feminino e da viação aérea, no Rio Grande do Norte estão intimamente relacionadas com o seu estilo de homem público. José Augusto, ainda uma vez, afirma que nenhum dirigente estadual, na República Velha ou Primeira República, “a elle sobrepunha no conhecimento dos problemas vitais da região e na procura das soluções por eles reclamados, na ânsia de ver a gente nordestina cada vez menos sofredora e a participar de um melhor quinhão de bem-estar no seio da família brasileira”.

Na esfera parlamentar, Juvenal Lamartine tornou-se o sustentáculo maior da campanha do sufrágio feminino no país. Também no âmbito do Poder Legislativo Federal participaria do momento histórico da preciação do Código Civil de 1916. O ante-projeto não propusera a incapacidade da mulher casada, pertencendo à Comissão Revisora, designada pelo Governo, a incidência da limitação estabelecida, fechando o debate prévio em torno da matéria. De parte de Clóvis Beviláqua, pois, nenhuma objeção fora levantada em referência ao tratamento da incapacidade civil da mulher brasileira.

Desde a época do Recife, Clóvis Beviláqua representara para Juvenal Lamartine “o mais notável de todos os professores da velha escola” e ainda o último muito se vincularia à tramitação do projeto do Código Civil, na Câmara dos Deputados, como relator do instituto da posse. Nessa difícil e honrosa incumbência, haveria de confessar Juvenal Lamartine sua compreensão sobre “a tortura de um parecer”, com tempo para elaboração e apresentação de apenas vinte e cinco dias. É que, no caso dele, o telegrama do Secretário

da Comissão Especial — Deputado Nicanor do Nascimento levou quatro dias da expedição, no Rio de Janeiro, à sua recepção, em Natal. Concorria para reduzir ainda mais o exíguo prazo conferido à circunstância de residir no centro do Estado, e para onde viajara naquela ocasião. A 10 de fevereiro de 1913, todos os pareceres parciais foram conhecidos pela citada Comissão Especial dos 21 representantes da Nação. No ponto mais vulnerável do conjunto de dispositivos entregues ao seu exame, avultava a redação do atual art. 505 do Código Civil, encerrando conteúdo doutrinário considerado termos contrastáveis, razão pela qual havia sido apresentada emenda supressiva pelo Senado, no tocante à parte final do dispositivo contestado. Deveu-se a Juvenal Lamartine, notadamente, a persistência do ponto de vista adotado pela Câmara, com “a sua defesa, certamente brilhante, como ainda qualifica Hélio Galvão — mas sobretudo veemente, que o sustentou e o manteve, trazendo-o para o corpo vivo da lei”.

De outra feita, Juvenal Lamartine submeteu à consideração da Câmara dos Deputados projeto de reorganização dos cursos jurídicos, recebendo de Clóvis Beviláqua amáveis comentários, em carta particular, francamente em tom informal. Sugeria então o jurisconsulto cearense que se repensasse em relação a alguns aspectos do plano curricular de autoria do parlamentar norte-rio-grandense. Assunto de elevada magnitude mereceu reflexões profundas e significativas de Aureliano Leal, publicando obra que lhe dizia respeito. Finalmente, no campo fértil de suas idéias e ações de legislador, já no Senado Federal, ainda Juvenal Lamartine coloca em evidência a apresentação de um projeto para a construção de um aeroporto em Natal, uma base para hidro-aviões em Fernando Noronha e um poderoso farol aéreo nos rochedos de São Pedro e São Paulo.

Nas duas Casas do Congresso Nacional passou mais de vinte anos como representante eleito pelo seu Estado, em atividades que desenvolveu intensa e fecundamente. No quadrante norte-rio-grandense repousavam, permanentemente, os seus cuidados e atenções maiores. Dir-se-ia que o centro do seu mundo vivencial, o reencontro consigo mesmo, as próprias raízes estariam sempre fortemente impregnadas de conteúdo humano inserido no quadro das potencialidades da terra, das disponibilidades de seu povo e da força organizada do seu trabalho construtivo. Participante do Poder Executivo, na qualidade de Vice-Governador, de 1903 a 1905, faltava-lhe a oportunidade de governar plenamente o Rio Grande do Norte. Iniciada a grandiosa missão não a concluiria, sob os melhores impulsos que tinham marcado a preparação do seu caminho de administrador superiormente identificado com os disgnios e compromissos pessoais de saber conduzir-se.

Desde logo, no Governo do Estado, manifesta aquela característica diferente que o singularizara em sua plataforma — o de estadista confundido com o economista, imprimindo dimensões novas aos ajustamentos administrativos que introduziu na engrenagem de sua movimentação e sistemática de utilização do poder. Noutras palavras, buscava alcançar os objetivos fundamentais de seu governo, com a adoção de práticas modernizantes, de métodos novos e processos emergentes da crença nos valores básicos e necessários à edificação da obra administrativa programada — aquela saída descrita magistralmente pelo Acadêmico Nilo Pereira. Cabe repetir, *saída* “da esfera dramática das nossas queixas e das nossas dores para um enfoque sociológico e a restauração de energias humanas, num sistema em que o Estado fosse parte direta na preservação dum patrimônio comum — o homem abandonado do Nordeste, na solidão de seu heroísmo secular”.

Do curto período que lhe foi dado para administrar o Rio Grande do Norte — dois anos e nove meses — a síntese informativa elaborada por seu insigne filho — escritor Osvaldo Lamartine — é de quantas conhecidas aquela mais fixativa e densa, nos dados biográficos apensos ao livro de seu pai — “Velhos Costumes do meu Sertão”, publicado pela Fundação José Augusto, em 1965. Dí-lo, textualmente:

“Na sua administração promove a renovação dos serviços públicos. Moderniza o fisco, as meses de renda e a contabilidade pública, cria núcleos Reiffazen e Luzzi em Santa Cruz, Acari, Caicó e Natal; reorganiza e melhora material e intelectualmente a Imprensa Oficial; conclui o Hospital de Crianças (ex-Instituto de Proteção à Infância, hoje Hospital Infantil Varela Santiago) e o Leprosário São Francisco de Assis, com isolamento de mais de 90% dos hansenianos recenseados; promove o melhoramento da rede escolar com aumento da matrícula em 82%; reorganiza e reaparelha a Polícia Militar, que assume enérgica luta contra o cangaço; eleva para 6.200 Km. a rede rodoviária e constrói pontes de concreto na estrada Natal-Seridó; é dado o passo inicial para a recuperação dos vales úmidos com a drenagem do rio Azul (Ceará-Mirim) e do Maxaranguape; promove a importação e revenda de cultivadores de tração animal para a lavoura; faz, por intermédio do Dr. Joaquim Ignácio de Carvalho Filho, a pesquisa, coordenação e registro, em livros próprios, das cartas de datas e sesmarias, abrangendo a primeira coleção (1659-1824) 1053 datas de sesmarias e a segunda (1659-1829), 537; realiza, em 29-1-1930, o “I Congresso Econômico do Rio Grande do Norte”; cria o Aero-Clube com funcionamento anexo da Escola

de Pilotagem sob o comando de Djalma Petit e mais 30 campos de pouso nos principais municípios do Estado; prestígia e oferece condições para o estabelecimento regular das companhias de aviação civil (Sindicato Condor, Aeropostale e Panair); instituiu o voto feminino, passando o Rio Grande do Norte a ser o primeiro Estado de raça latina onde as mulheres tiveram os seus direitos políticos reconhecidos”.

No Governo do Município de Natal, o Prefeito Omar O'Grady segue o ritmo administrativo do Presidente do Estado, dotando a capital do Rio Grande do Norte de equipamentos diversos. A cidade dos Reis Magos encontra na execução do Plano Palumbo melhoramentos sensíveis, com calçamento a paralelepípedo em larga faixa da Ribeira e Cidade Alta; construção e iluminação da Avenida Getúlio Vargas; reforma do Cais Tavares de Lira; e construção do Estádio Juvenal Lamartine, cujo nome escolhido para batizar o conjunto utilizado pela Liga de Desportos Terrestres do Rio Grande do Norte lembraria sempre — com acerto e justiça — a figura excepcional de um governante criativo e modernizante.

Corresponde, outrossim, a fase de 1928 a 1930, segundo a lúcida e autorizada observação do Acadêmico Manoel Rodrigues de Melo — a “um período na história da cultura do Rio Grande do Norte que merece destaque especial”. Evidentemente, confere o Presidente da Academia Norte-Riograndense de Letras a sua coincidência “com a ascensão de Juvenal Lamartine ao governo do Estado”. Volta-se, então, o Presidente do Rio Grande do Norte ao encontro dos meios e estímulos indispensáveis, “com as virtudes de um príncipe do Renascimento”, conforme a ele se referiu o Acadêmico Edgar Barbosa. No livro de defesa de sua administração, oferece Juvenal Lamartine depoimento valioso e definitivo:

“Convencido de que o meio intelectual de Natal já comportava um órgão de publicidade de maior tiragem e com maior número de páginas, para divulgar os trabalhos literários de um grupo de estudiosos de assuntos jurídicos, sociais, econômicos e históricos, reorganizei a Imprensa Oficial e melhorei material e intelectualmente “A República”, órgão do Partido Republicano Federal e jornal rico de tradições, que, desde a sua fundação até a vitória da Revolução de 1930, mantivera uma mesma e ininterrupta elevação de linguagem, por mais ásperas que fossem as pugnas em que estivera empenhado”.

Afastado do poder, o seu exílio foi cumprido em Paris, regressando três anos depois ao Rio Grande do Norte. O antigo líder político permanece fiel ao compromisso de servir ao seu Estado,

atuando em instituições representativas da classe rural, das atividades culturais, da comunidade, enfim. Presidente de todas as entidades ao alcance do seu esforço e de sua colaboração, é encontrado na Federação Rural, Instituto Histórico e Geográfico, Academia Norte-Rio-Grandense de Letras e no Rotary Club de Natal. Também não se escusa de participar da “I Conferência das Classes Produtoras”, em Araxá-Minas Gerais, como líder da delegação do Rio Grande do Norte.

Ao ingressar na Academia Norte-riograndense de Letras, escolhendo Amaro Cavalcanti para o seu patrono, Juvenal Lamartine fez-lhe o elogio, como homem de pensamento e de ação. Ambos seridoenses, guardavam alguns pontos de identificação como homens de espírito e de luta. Um laureado no Recife, o outro em Albany. Lamartine, membro da Comissão Especial dos 21, no projeto do Código Civil como Amaro também fora da Comissão Especial dos 21, no projeto da Constituição de 1891. Ambos representantes do Rio Grande do Norte nessas missões de alto relevo na vida política e legislativa do País. Mas, de um — Amaro diria o outro, Lamartine, no discurso de posse na Casa de Henrique Castriciano, o que, indistigavelmente, também a ele se ajustaria:

“Outro que não possuísse a sua fibra de trabalhador incansável, teria procurado o repouso tão justo para uma vida já longa de atividades e de lutas. A luta, porém, o remoçava, dando-lhe energias novas; era um poderoso tônico para a sua inteligência e para o seu organismo de sertanejo forte e rijo”.

De minha parte, agora, evocando Juvenal Lamartine, no centenário do seu nascimento, não sei de responsabilidade maior do que possuir como cenário esta Casa do Rio Grande do Norte, portanto como pano de fundo a Biblioteca Amaro Cavalcanti, numa legenda que encerra o seu exemplo de trabalhador intelectual como “nenhum foi, mais do que ele, o produto do seu próprio esforço”.

É tempo de confessar que não tive a ventura de conhecer, pessoalmente, Juvenal Lamartine. Perseguiu a sua trajetória, porém, alguns anos antes de sua morte. Em 1951, escrevi a reportagem da viagem experimental que significava a conquista do empenho ferroviário de Mossoró estar ligada a Souza, na Paraíba. O sonho dos pioneiros da estrada de ferro até os sertões do São Francisco, merecendo “um volume inteiro sobre a necessidade e benefício a tirar-se” da mesma — na opinião do engenheiro norte-americano Ralph Soper, participante igualmente da memorável campanha. No Clube de Engenharia desta cidade, na imprensa do país — aqui e no Rio Grande do Norte, especialmente, estavam fixados os balizamentos da “penetração leste-oeste — como assinala o Prof. Gilberto Osório de Andrade — e cujas molas andaram sempre retesadas nas cogitações preliminares doutras ferrovias nordestinas, como

a Estrada de Ferro Central do Rio Grande do Norte, a Rede Viação Cearense e a da Paraíba: todas visando, ao longe, o grande “rio da unidade nacional”.

Na Câmara dos Deputados, Juvenal Lamartine declarava, corajosamente, que o projeto Meira e Sá “teve parecer favorável da Comissão de Obras Públicas desta Casa, depois disso desapareceu, sendo infrutíferas todas as buscas feitas no arquivo da nossa Secretaria com o fim de encontrá-lo”. Colocando acima de tudo os interesses do Rio Grande do Norte — bem mais alto que a sua própria condição de Secretário da Câmara, a explosão daquelas palavras — pronunciadas com veemência e destemor — incendiava de todo o espírito de luta de homem do sertão que encarnava plenamente”.

“Será possível explicar fatos dessa ordem que vão até o desaparecimento de pareceres por causas diversas de feitiços, urucubacas, caveira de burro ou poderes outros de ato de oculismo, de mágicas e — **poderosas forças ocultas?**”

Noutra oportunidade — e aí mais demorada e captadora a minha disposição de pesquisador — focalizei a sua figura com as impressões que dele conlhi em longos cinco anos de busca em fontes escritas e orais sobre a concessão dos direitos políticos da mulher brasileira. Prefiro, ainda agora, repetir expressões contidas no meu livro “A Mulher Brasileira, Direitos Políticos e Civis” — também a ele dedicado — desde que o considerara “grande pioneiro da cruzada”. Entretanto, tal posição fora atribuída a Getúlio Vargas, em discurso do candidato Juscelino Kubitschek, proferido numa das praças de Natal, em 1955. Para Juvenal Lamartine não haveria outra alternativa senão a de responder em artigo de jornal, re-colocando as coisas nos pontos certos e coerentemente tranqüilo, havia mais de vinte anos, da verdade final, quando se escrevesse a história da nossa evolução política, justiça lhe seria feita.

“Participante ativo desses acontecimentos” — ainda são palavras incluídas na citada obra — reproduzo a seu respeito a informação da homenagem das “feministas francesas, em Paris, no início de seu exílio obrigado pela revolução vitoriosa, num dos mais fechados clubes da “Cidade-Luz”, presidido pela Duquesa de Uzés. Passava a hora crítica do sufrágismo naquele país, logo após o Senado ter negado a concessão do voto municipal às mulheres, motivando, em tal oportunidade aquela advertência inconstante da deputada Lady Astor, da Inglaterra”, com a proclamação dos méritos do líder feminista brasileiro.

Registrei, por último, na atitude das mulheres da França, associadas no tributo prestado a Juvenal Lamartine, a homenagem recebida pelo Rio Grande do Norte, identificado com a sua “pe-

queza geográfica”, contrastável com a sua grandeza histórica, traduzida na própria concessão dos direitos políticos à mulher e — como resumiu Lauro Sodré — “provada no largo passo audaz que traça regra e norma à Federação”.

Na fidelidade a essa destinação histórica do nosso Estado, vive o episódio do voto feminino toda a sua expressão humana mais consagrada na Dra. Bertha Lutz, sintetizando todos os seus momentos na condução serena, frutuosa e integrativa desta sua Federação Brasileira pelo Progresso Feminino. Nenhuma mulher tem sido, no Brasil, mais representativa da continuada luta pelos seus direitos do que ela, agora com mais de meio século de atividades da instituição que criou e preside perpetuamente. Nenhuma mulher também fez mais do que a Dra. Bertha Lutz pela mulher do mundo inteiro, desde que todos os princípios básicos de igualdade entre homens e mulheres foram inscritos na Carta das Nações Unidas, por sua iniciativa como líder das representantes latino-americanas na Conferência de São Francisco. Nenhum título, contudo, dessa cidadã universal ficaria tão próximo à consciência cívica do Rio Grande do Norte do que ser qualificada como cidadã norte-riograndense. Esta é a mensagem que, em sintonia com o sentimento histórico do nosso Estado, transmito no seio do Centro Norte-Rio-grandense do Rio de Janeiro com a idéia nascida no espírito do General Dióscoro Vale e um dos condutores da manifestação da singular honra que caberá ao Governo e Povo do Rio Grande do Norte, ao incorporá-la ao patrimônio de sua grandeza cultural.

No Brasil não são raros os exemplos das pequenas comunidades “perdidas no silêncio do passado sem história”, conforme pontifica Pedro Calmon — pois somente conta o registro de sua geografia. No Rio Grande do Norte, a História tornou-se sedutora da Geografia, como expressão de “maior recompensa da sua pequena extensão territorial”. Não há, portanto, marca mais viva e fixadora senão através do seu pioneirismo — lembrado de forma inconfundível pelo Acadêmico Nilo Pereira.

Juvenal Lamartine de Faria foi, com sua vida de pioneiro consciente e ousado, o homem público que soube viver, ambiciosamente, tantas predestinações do Rio Grande do Norte. As impressões que deixou aos pósteros estão permeadas dos seus gestos e suas palavras — acrescentando o Acadêmico Dioclécio Dantas Duarte, em depoimento pessoal — “principalmente dos seus exemplos, que contagiavam aqueles que o cercavam. E tudo isto fazia sem perder o amor pelas letras. Tudo Juvenal Lamartine fazia com amor, com paixão e com sinceridade, sem o que nada de duradouro se pode realizar na vida. Homem de pensamento e de ação, Juvenal Lamartine deixou um traço luminoso na existência”.

Ei-lo na própria significação de sua personalidade integral — no vigor da obra de estadista e de descobridor das realidades do futuro da nacionalidade, no heroísmo de sua tragédia humana — até seus últimos dias, no fulgurante sobre os horizontes da vida, com a visão anoitecida e as claras manhãs do sertão à espera daquele espectador exuberante de ação, no bojo de pequeno avião de treinamento.

Juvenal Lamartine de Faria é legenda gloriosa, neste centenário do seu nascimento e, no tempo que há de correr, permanecerá como expressão marcante da vivência espiritual do Rio Grande do Norte, porque estabeleceu elementos balizadores de novas e definitivas conquistas históricas — como homem da terra a seu serviço e do seu destino grandioso.

REGISTROS

NOSSOS MORTOS

Reverenciamos, nesta breve nota, a memória dos companheiros que mais recentemente desapareceram.

Nestes quarenta anos de vida acadêmica, vinte e nove confrades faleceram, deixando-nos grande saudade, mas suas cadeiras não ficaram vazias. Outros, mais novos; vieram juntar-se a família acadêmica norte-rio-grandense, dando assim continuidade à instituição que nesse sentido é imortal. Os nomes dos que nos deixaram, suas obras, os traços principais de suas personalidades persistem na nossa lembrança, nas nossas palestras acadêmicas, nos nossos reencontros informais.

Mais recentemente, privou-se a Academia de cinco dos seus fundadores e de um dos seus acadêmicos substitutos. Foram eles: Waldemar de Almeida, Adherbal de França, Dioclécio Duarte, Edgar Barbosa, Carolina Wanderley e Antônio Antídio de Azevedo.

WALDEMAR DE ALMEIDA (24-8-1904 — 26-5-1975) foi o grande animador da música erudita no Rio Grande do Norte, fundando o Instituto de Música, difundindo o canto orfeônico nos nossos estabelecimentos de ensino, instalando curso de piano por onde passaram algumas das maiores expressões da vida musical do Estado e até do país. Conferencista, fundou a revista musical "SOM", com outros companheiros, sendo ainda professor de música no Recife, onde também instalou cursos de piano e formou pianistas de renome nacional. Pessoalmente, era um homem encantador pela sua palestra viva e bem humorada, defendendo seus pontos de vista com sólida convicção e jamais fazendo concessões de qualquer natureza no que se refere à música erudita brasileira. Bacharel em direito pela Faculdade de Direito da Universidade Federal de Pernambuco, foi contudo, durante toda a vida, compositor excelente, professor de piano, semeador do bom gosto artístico na Província. Faleceu em São Paulo, a 26 de maio de 1975, tendo sido, porém, sepultado em Natal.

ADHERBAL DE FRANÇA — (5-1-1895 - 27-5-1974) Adherbal de França destacou-se como jornalista brilhante e cronista, sendo o verdadeiro iniciador da crônica social no Rio Grande do Norte.

Dirigiu "A República" e fundou, com outros companheiros, o "DIÁRIO DE NATAL", durante a segunda grande guerra, jornal que depois passaria à cadeia associada e ainda hoje circula na cidade. Durante mais de quarenta anos, Adherbal (ou Danilo) registrou os fatos da cidade, com isenção, sem destilar amarguras ou recalques, sempre fiel às linhas que se traçou de ajudar ao progresso da cidade, em todos os sentidos. Publicou "VIDA PROFANA" e deixou inédito "HISTÓRIA DE UM JORNAL", condensando sua experiência num grande matutino do Rio de Janeiro. Ao lado de Luís da Câmara Cascudo, estruturou os primeiros passos da nossa Academia, lembrando nomes que iriam constituir a instituição.

Adherbal de França faleceu no dia 27 de maio de 1974, em Natal.

DIOCLÉCIO DANTAS DUARTE — (16-10-1894 — 22-12-1975) — Dioclécio Dantas Duarte foi sobretudo o político, o jornalista a serviço das causas democráticas, o brilhante orador e conferencista. Fundou jornais e foi eleito deputado federal em várias legislaturas, tendo ocupado os mais altos cargos da administração do Estado, como Secretário da Agricultura, Secretário Geral do Estado, diretor de "A República", "A Razão", do "Diário de Notícias" do Rio de Janeiro, ao lado de Orlando Dantas.

Americanista, municipalista, animador do Cooperativismo no Estado, teve sempre atuante presença na Câmara Federal, apresentando projetos que se converteram em leis e beneficiaram o Estado a região nordestina.

Faleceu no Rio de Janeiro a 22 de dezembro de 1975.

EDGAR BARBOSA — (15-2-1909 — 6-8-1976) Professor, magistrado, jornalista dos mais brilhantes de nossa terra, estilista renomado, Edgar Barbosa, fundou a Faculdade de Filosofia de Natal, que depois seria integrada à Universidade. Foi uma vida fecunda pelas palavras, idéias e sentenças que disseminou, visando o desenvolvimento do Rio Grande do Norte. Jornalista político, marcou uma das mais agitadas campanhas partidárias do Estado com um livro importante "HISTÓRIA DE UMA CAMPANHA" (1936), publicando ensaios sobre temas jurídicos e literários do melhor conteúdo, sempre com o traço inimitável do seu estilo. Dirigiu "A República" e colaborou em quase todos os jornais do Estado, nestes últimos cinquenta anos. Honrou a magistratura, foi professor de grandes méritos e semeou seu espírito privilegiado através de livros, estudos e ensaios. Faleceu Edgar Barbosa em Natal a 6 de agosto de 1976, sendo, entretanto, sepultado no Ceará-Mirim, sua terra natal.

CAROLINA WANDERLEY — (4-1-1891 — 25-8-1976) — Carolina Wanderley ao lado de Palmira Wanderley foram as duas presenças femininas que iniciaram a nossa Academia. Ambas poe-

tisas da melhor inspiração, marcaram mais de quarenta nos de vida literária da Província com os seus versos, com a sua poesia.

Carolina Wanderley foi professora do Estado, lecionando no Açu, — sua terra natal — e nesta capital, no Grupo “Frei Miguelinho”. Colaborou em jornais e revistas do Estado, publicando dois livros de poemas “ALMA EM VERSOS” (1919) e RIMÁRIO INFANTIL” (1926). Ali ficaram condensados o seu espírito de encantamento pela vida, seus sonhos e esperanças nem sempre realizados. A forma dos seus sonetos era impecável. Modesta, humilde, viveu os últimos anos de sua existência num quase exílio em Natal, falecendo a 25 de agosto de 1976.

ANTÔNIO ANTÍDIO DE AZEVEDO — (13-6-1887 — 5-11-1975) — Antídio de Azevedo, tabelião público em Jardim do Seridó — sua terra natal — e nesta capital durante mais de quarenta anos, homem de vida ilibada e exemplar pai de família, foi um cultor da poesia dos mais dedicados. Publicou vários livros, como “PIRILAMPOS”, “ZELAÇÕES”, FAGULHAS” e outros, e teve participação ativa em instituições de cultura de nossa terra, como a Academia de Trovas, Diocésia, Instituto Histórico e por último na nossa Academia.

Durante alguns anos emprestou a sua preciosa colaboração a diretoria da Academia, sempre pontual e prestativo, menos interessado em projetar-se e mais pelo desejo de servir. Colaborou em jornais e revistas dentro e fora do Estado, escrevendo versos e artigos. Foi um homem de bem a toda prova, cuja ausência muito lamentamos. Faleceu Antônio Antídio de Azevedo no dia 5 de novembro de 1975, em Natal.

ACADÊMICO RAIMUNDO NONATO DA SILVA

A Academia Norte-Rio-Grandense de Letras, com muita alegria, recebeu os originais do trabalho escrito pelo historiador Arlindo de Souza, sob o título “Raimundo Nonato” (Temas Luso-Brasileiros).

Era, realmente, propósito da direção desta Revista inseri-lo neste número de aniversário. Entretanto, como se trata de um estudo bem extenso, de mais de 100 páginas, ultrapassou o orçamento destinado para esta publicação.

Mas, sem sombra de dúvida, por ser de considerável valorização pesquisadora, contendo até um “Roteiro biográfico, e bibliográfico” acerca do eminente confrade, resolveu-se editá-lo, ou em forma de livro, ou mesmo no próximo número da Revista, fazendo-se uma separata, para maior divulgação da vida e da obra literária do renomado escritor Raimundo Nonato da Silva, que tanto honra os quadros desta instituição cultural do Rio Grande do Norte.



Trabalhos gráficos executados pela Editora Universitária da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, sendo Reitor da Universidade o Professor Domingos Gomes de Lima e Diretor da Editora Airton de Castro. Terminou-se de imprimir em novembro de 1976.

1970-1971
The Federal de Rio Grande do Sul, Brazil, in 1970
a 1970-1971
1970-1971



